



Sylvio E. de Podestá  
projetos recentes





O significado de um livro, muitas vezes,  
extrapola em muito seu conteúdo.

Este, por exemplo, expõe meus projetos sob  
o olhar carinhoso e gentil do Alenquer, Bahia  
e Cacá, através de seus textos, do meu filho  
Marcelo, com sua afinada percepção gráfica e  
sua sutil interpretação dos projetos.

Os projetos, por sua vez, são acompanhados de  
alguns textos, ora técnicos, ora íntimos e cheios  
de pequenas histórias, que foram vistos e revis-  
tos pela Rita, filha querida. Podemos observar  
que nas fichas técnicas sempre contei com a  
colaboração ou a parceria de vários arquitetos,  
dentre eles meu também querido filho Pedro,  
no momento em Londres, por sua conta e risco.  
Para juntar todas essas peças a coordenação  
da Gaby, minha eterna companheira na AP.

Outros amigos perguntam como está indo o  
novo livro, quando sai? Outros ajudam no seu  
custeio e ainda tecem elogios numa forma gra-  
ciosa de apoio. Outros, pai e mãe, lembram que  
quando o livro sair não esquecer o exemplar  
para que a biblioteca sobre o filho esteja  
sempre atual.

É muito bom poder fazer mais  
um livro e poder agradecer.



**Obrigado à todos.**

Belo Horizonte, setembro de 2008.

Todo mundo deveria ter um arquiteto de estimação. Para entender os espaços vazios, os plenos, os que significam alguma coisa e, até, os desprovidos de qualquer significado.

Assim, cada um de nós poderia conviver com o estimado sonhador de traços e aprender, nessa cidade belo-horizontina - aldeia e universo -, ou brasiliense, ou manauara, ou soteropolitana, o significado do espaço, em suas dimensões urbanísticas (estas que dizem respeito a todas as pessoas) e individuais (que só querem falar da intimidade, oposto da coisa pública, embora com ela conviva em todos os seus momentos).

De um lado, poderíamos aprender, enquanto isso é possível, o sentido de tudo o que se relaciona ao patropi em que nos debatemos. De outro, ganharíamos o amplo sentido de uma casa: plena, improvável e ao mesmo tempo possível. A casa que poderia ter sido e fincou seus alicerces nos desenhos de um livro - e a que poderá um dia existir à beira da praia, no parque do Cerrado, na mata da Ubajara. Ou na imensidão de qualquer grande metrópole.

A cidade e as casas. Objetos que se completam. (O exercício da arquitetura, sabemos, se faz na liberdade das curvas, ângulos, retas, convergindo para a realidade urbanística coletiva e individual, intransferível e de todos.)

E é disso que este livro trata, diga-se agora, antes que se alongue à exaustão um intróito meio por sobre o auto-referenciado: este livro trata da criação de espaços que transformem as nossas cidades e suas casas em algo melhor do que este cinza repetitivo, imposto como paisagem pela falta de imaginação e a onipresença da insensibilidade.

Daí a importância e a necessidade de termos, democraticamente, cada um de nós, o seu arquiteto de estimação. Quando nada - e já seria tudo - para criar lugares que precisamos e precisaremos, sempre, como cidadãos universais das aldeias que habitamos.

**Carlos Alenquer**

*Belo Horizonte, 24 de setembro de 2008*

© AP Cultural  
 © Sylvio Emrich de Podestá

coordenação geral  
 Gaby de Aragão  
 projeto gráfico e diagramação  
 Marcelo Aragão de Podestá  
 revisão de textos  
 Rita Aragão de Podestá  
 impressão e acabamento  
 Rona Editora

## índice

VOLTADO PARA A PULA DE  
 ABOLIÇÃO DO EDIFÍCIOS TEM  
 PAREDES LOCAL.

página

08. [pretexto] arquitetura pode e está na mesa do bar  
 10. arquitetura e madureza  
 14. arquitetura de um recém-chegado

UMA RUA INTERIÇA QUE LIGA  
 TODOS OS ACESSOS AMENÇA O  
 IMPACTO DO TRÂNSITO, FUNDO-  
 NADA COM UMA GRAVE FAIXA  
 DE ACUMULAÇÃO. NÁ TAMBÉM  
 SE LOCALIZAM PONTOS DE ÔNIBUS  
 E TAMBÉM SEUS ESTACIONAMENTOS  
 QUANDO NECESSÁRIO.

COM ESTES DOIS OUTROS  
 ESPAÇOS CONTRA SE O  
 (2) BARRIO FRONTAL QUE  
 ALÉM DA QUANTIDADE  
 AMBIENTAL AMENÇA  
 A PASSAGEM GRANDE  
 AVENIDA/CAMPUS

SANTA ADELA COM AV.  
 TAMBÉM TEM DE FRENTE  
 A PRIMEIRA PARTE DO  
 (2) BARRIO FRONTAL DO CAMPUS

A DE ABOLIÇÃO COM  
 ADELA, UM PEQUENO  
 PARA A COMUNIDADE  
 DA ABOLIÇÃO. (1)

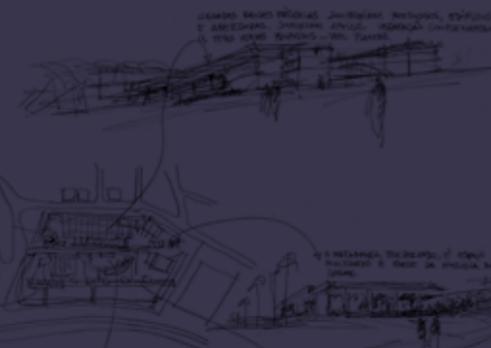
A AVENIDA TAMBÉM TEM SE VOLTADO AS GRANDES CONSTRUÇÕES DO CAMPUS ABC,  
 E QUE DISSIMILA COM AS CONSTRUÇÕES EXISTENTES NAS SUAS MARGENS.

PARA NOS QUE ESTÁ SENDO PROPOSTO UM GRANDE BARRIO FRONTAL (ONDE SE LOCALIZA O  
 (1) COMO FORMA DE EVITAR ENCHENTES NO CAMPUS. CONTROLE DE ACESSO AOS ESTACIONAMENTOS  
 (ESPECIAIS) COMPLEMENTAM A PROTEÇÃO. VERIFICAR QUE A COZA REFERENCIAL DE TODA A IMPLANTA-  
 DO CAMPUS É 740,5, BEM ACIMA DE UMA POSSÍVEL INUNDAÇÃO. PROTEÇÃO ENTÃO PARA  
 GARAGENS.

página

## principais projetos

[1992]	18	Edifício Direcional
[1994]	24	Edifício Premo
[1998]	30	Casa Luis Carlos e Denise
[1998]	36	Itaú Power Center e itaú Power Shopping
[1999]	42	OuroShopping
[2002]	50	Sede Grupo Corpo
[2003]	56	Casa Luis Eduardo
[2003]	66	Habita Sampa
[2003]	70	Campus Lagoa do Piauí
[2003]	80	Show Auto Mall
[2003]	86	Garagem Barcos
[2003]	92	Campus Pampulhinha
[2004]	100	UNISINOS
[2004]	108	CRMMG
[2005/06]	116	UFABC
[2006]	124	CBTU [MetrôBH]
[2006]	130	Allegro Piano Bar
[2006]	136	Casa Sydney e Karla
[2006]	142	Casa JJ
[2006]	146	Memorial Chico Xavier
[2006]	152	Museu do Avião
[2006]	158	Gráfica Rona
[2007]	164	Mercado de Blumenau
[2007]	170	Sede da CAPES
[2007]	176	Teatro de Londrina
[2007]	184	TRT
[2007/08]	192	Casa Crucilândia



página

198 outros projetos  
 230 currículo

outros

## [Pretexto] Arquitetura pode e está na mesa do bar

Cláudio Lister Marques Bahia

Três arquitetos e amigos em uma mesa de bar - fórum dilatado de existência e Arquitetura. Vendo e irritado assim por gentes e seus lugares, fico surpreendentemente contente com a arquitetura que me faz lembrar de coisas nunca sabidas mas que sempre estiveram dentro de mim, e de coisas que irritam nossas discussões arquiteturais sobre a vida, as pessoas e as próprias coisas, inclusive aqui publicadas. Coisas desta vida e da outra que motivam nossa responsabilidade de arquiteto e afetiva minha sincera amizade por Sylvio Podestá e Cacá Brandão. Instigado por nossas conversas sobre Arquitetura, algumas vezes irritadas pelos deslocamentos a que nos obriga os amigos. Vendo e lendo neste livro: este texto, esta casa, este mercado, este teatro, este edifício, esta universidade, este comércio, estes poderes lugares, este memorial, este bar; coisas destas pessoas e de outras - Luiz Carlos e Denise, Chico Xavier, Corpo, Londrina, Piau, Blumenau... não descrevo a arquitetura do Sylvio, entretanto aventuro-me no pretexto de sua ação arquitetônica e no texto do Cacá que, para além da profissão de arquitetos, me instigam vida e outras arquiteturas celebradas, inclusive rotineiramente no bar Via Cristina e no carnaval de Ouro Preto. Somos muitas mesas de bar e carnavais - estados de espírito possíveis em qualquer lugar, estabelecimento ou época do ano, por se tratar da tribuna do espírito livre pensar - essência dos arquitetos e dos amigos. Neste pretexto, ou melhor, nesta mesa de bar, imbuído deste estado de espírito arquitetônico, convido generosos camaradas arquitetos e filósofos, também irritados com a vida comum, que aqui debruceem, reflitem e projetem cotidianos outros - Rossi, Tschumi, Rapoport, Gadamer, Merleau-Ponty, Cacá Brandão, Alicia Pena, Altino Caldeira, Higina Bruzzi, Sylvio Podestá... e eu, que descubro nas discussões com eles, nesta mesa ou em outro carnaval, que a Arquitetura não pode ser constituída mas descrita e riscada - riscos de vida. Realidade e pessoas. E trago também para esta tribuna livre a discussão de que a Arquitetura é: uma manifestação absolutamente coletiva inseparável da formação da civilização, objeto permanente universal necessário onde edifício é dado

real remetido à experiência concreta do sujeito no mundo, ambiente propício à vida e intencionalidade estética. Neste sentido, difiro a Arquitetura de outras artes e ciência por dar forma concreta à sociedade, e ainda estar intimamente relacionada à natureza. Rossi, um dos nossos camaradas de mesa, determina que a arquitetura dos edifícios não representa mais que um aspecto de uma realidade mais complexa de uma estrutura particular, mas seria, ao mesmo tempo, o dado último verificável dessa realidade mais concreta - a cidade. Nesta perspectiva, considero e caracterizo, da mesma maneira, os edifícios como fatos urbanos, vida urbana e tempo urbano.

Debruço também sobre outras nossas irritadas discussões, registradas neste livro e em outros guardanapos, panos de mesa de bar e parangolés de carnavais, em que defendo a ideia do edifício como um símbolo arquitetônico cuja função de representação não é uma mera referência à instituição Arquitetura, mas suplência daquilo que lhe é honrado. Desta forma, recuo o edifício à Arquitetura, pois somente esta lhe confere o caráter de representação, porque não é a sua experiência pétreia que lhe confere significação, pois esta condição física em si não tem significado, mas é exatamente na Arquitetura que se dá o seu significado. Abandono a ideia de edifício como um signo artificial arquitetônico, mas o defino em seu sentido para a memória, intento de conservação e permanência.

Procuro pelo discurso arquitetônico dos edifícios, não somente pelo entendimento das transformações históricas, mas, em uma ideia mais antropológica, quando busco o entendimento do processo de interações cotidianas da Arquitetura dentro do ambiente cultural, no qual a própria Arquitetura foi criação e criatura. Num significado mais tradicional do termo cultura - processo de transmissão de valores de uma determinada sociedade num determinado tempo. Observo que, recentemente, a palavra cultura apresenta um esgotamento de seu significado, restringindo-se a uma discussão particular da vida social como também no estado mental do

desenvolvimento de uma sociedade, concebida como um modo vida cultivado. Porém, a discussão sobre a Arquitetura como fato cultural sempre foi entre nós, uma forma de tomar consciência do nosso próprio destino, o que fez com que ela estivesse intimamente associada à discussão sobre a nossa própria identidade. E, assim, pelo processo cultural a que a manifestação arquitetural está organicamente ligada, procuro sempre a dilatação do termo cultura, entendendo o edifício como uma obra de arte quando não representa apenas uma solução estética de uma função ou um uso arquitetônico, mas quando é configurado simultaneamente pela sua finalidade a que deve servir e pelo lugar que deve ocupar no todo de uma conjuntura espaço-temporal. Observo também que, em nossas irritadas discussões, relacionamos o homem ao ambiente construído considerando, por exemplo, os edifícios como obras de Arquitetura que fundamentam e organizam o tempo e espaço da existência humana. Isto entendendo que a Arquitetura não é abortada das coisas, mas mediadora da existência e que nesta mesa de bar está confirmada na ação do Sylvio e na argumentação do Cacá.

**Cacá pode e está aqui.**

**Sylvio Podestá. Aqui. Arquitetura**

## Arquitetura e madureza <sup>(1)</sup>

Carlos Antônio Leite Brandão

*Escola de Arquitetura da UFMG*

O que preside a maioria dos projetos que se seguem é a compreensão do lugar e a instauração de diálogos entre ele e o objeto arquitetônico. Entenda-se “lugar” não apenas como o sítio físico, mas também como o contexto espacial, histórico e cultural que o envolve ou que por ele é sugerido.

Há vários modos de constituir-se esse diálogo. Um é contrapor-se ao existente e inaugurar o debate e a assimetria até alcançarmos um acordo de ordem mais elevada e complexa, como os que eu e meu amigo Sylvio almejamos ao redor da mesa de um bar, ao cair da tarde, seja para escapar da banalidade dominante, seja para submeter à prova as antigas certezas nossas e de nossos interlocutores e ver até que pontos elas resistem. Sobre este princípio da contraposição fundaram-se as vanguardas e a arquitetura moderna, como a obra de Niemeyer: o Edifício Niemeyer, o Hotel de Ouro Preto, as obras de Diamantina, Brasília e Pampulha, são formas de dizer não ao contexto pré-existente que encontramos na Praça da Liberdade, na cidade colonial, no Planalto Central e num funcionalismo estiolado em resoluções convencionais e carente de qualquer imaginação. O pós-modernismo, enquanto consciência crítica do moderno e promovido pelo Sylvio e Éolo Maia, dentre outros, recusou o não absoluto do modernismo e trouxe à cena o diálogo com a tradição, com o contexto, com o vernáculo e com a cultura dos lugares, como fundamentado em Jane Jacobs, Hassan Fathy, Aldo Rossi e Carlos Nelson. A arquitetura moderna também foi rica quando dialogava com a cultura. Mas, para ela, esta cultura era a universal, uma vez que, após as duas guerras mundiais, os problemas colocados e suas soluções também eram universais, como o da habitação em larga escala, só possível de ser resolvido mediante o recurso à produção industrial em série.

Ambos os movimentos, moderno e pós-moderno, fossilizaram-se quando suas arquiteturas deixaram de tensionar-se no debate com a cultura, caíram num figurativismo irrelevante e num esteticismo

esvaziado do propósito ético, humano, cultural e ambiental que faz a arquitetura distinguir-se tanto do mero alojamento quanto das “belas artes”, academicistas ou de vanguarda. Infelizmente, é este mesmo esteticismo narcísico e pueril que domina grande parte tanto das releituras minimalistas do moderno quanto das extravagâncias, inclusive no que se refere aos custos, dos espetáculos desconstrutivistas e performáticos de toda espécie.

A arquitetura, contudo, não é espetáculo, mas decoro, conveniência ao local, à história e aos usos, promotora e facilitadora da ação humana, individual ou coletiva, e não da mera contemplação. Ela se sabe instrumento para a vida de mortais, pressionados por carências de toda ordem: econômicas, simbólicas, imaginárias e afetivas. São com essas carências mortais que ela tem de se haver, de compreender e dialogar.

\*\*\*

Aproximando-se do pedestre e das casas do entorno, a escala do Edifício Direcional abaixa-se na entrada e atenua a concisão volumétrica, os talhos fortes que recortam os vazados na alvenaria acima e a oposição entre a solidez do granito e a transparência dos cristais. Trabalhando os elementos pré-moldados (como lajes, vigas e painéis) e a expressão da estrutura, a concisão volumétrica e a sisudez aparente do material também são suavizadas no projeto para a PREMO, em cujo terreno, estreito e limitado, providencia-se uma abertura para o contexto e para o espectador através do eixo de acesso. A mesma ênfase na estrutura, combinada com a dada também à luz natural, verifica-se no Itaú Power Center, onde a preservação das chaminés no meio do estacionamento traz à era da prestação de serviços as origens da nossa história industrial.

A integração entre interior e exterior define os partidos da Casa-pavilhão Beatriz e da Casa Luis. Integração que se obtém pela transparência dos grandes panos envidraçados, pela apreensão visual do entorno e por uma das constantes mais presen-

tes na obra do Sylvio, nesta e nas fases anteriores: a criação de eixos de articulação entre o edifício e o entorno, os quais servem tanto para disciplinar a distribuição dos espaços e a paisagem quanto para conferir aos lugares a ordem da arquitetura, claramente transmitida ao fruidor.

Disciplinar os percursos é a geratriz da planta do shopping projetado no anel de Ouro Preto. Mimetizando o traçado da cidade colonial, o espaço evolui segundo várias perspectivas distintas e sucessivas, compassadas por alusões às torres sineiras, cujas verticais, ainda hoje, ritmam o casario horizontal. Situado em terreno difícil, este shopping serve também como articulador urbano e foco aglutinador das atividades desenvolvidas pela UFOP e pelo hospital próximos. A Ouro Preto recuperada no Botequim Allegro é a da geometria dos cristais, a qual dá forma à sua cobertura de forragens verdes e serve para os terraços explorarem as vistas panorâmicas da Rua São José. Vidro e aço conversam com os filetes de pedra e com a madeira em que se esculpiu a cultura construtiva local. Eles nos dizem que Ouro Preto é cidade de todos os séculos, inclusive o XXI: suas ruínas estão mais grávidas de futuro do que do peso do passado. Daí emerge a leveza desse botequim, um pouco mais sofisticado do que aqueles em que Sylvio e eu costumamos conversar para discutir a arquitetura e a cidade contemporâneas.

Grávida de intervenções e ampliações futuras e colorida como as pinturas de Frida Kahlo (1907-1954), a Casa John-John é diminuta em relação ao terreno, mas já projeta sobre todo ele o eixo de ipês amarelos que o disciplina cosmicamente. Aqui, Sylvio combina as texturas dos materiais com a lisura das vistas, a rugosidade da madeira velha com a atemporalidade dos ladrilhos hidráulicos e com o neoplasticismo dos volumes cúbicos que nos lembram Rietveld e Oud.

Combinações bem mais complexas são exigidas para o Museu do Avião, no Rio de Janeiro. Um pórtico materializa o eixo de acesso que nos leva a admirar os aviões expostos em um espaço aberto e neutro. São

eles, e não a arquitetura, que devem ser admirados. E o arquiteto sabe conte-lo na sua função de suporte, e não mais. Como as insígnias aeronáuticas, os volumes distribuem-se simetricamente em relação àquele eixo, de forma a combinar a lagoa, os shoppings, os condomínios, o clube militar, a pista de pouso, o museu e todos os seus anexos. Passando do ar para a água, uma leve estrutura pousa sobre a construção da antiga Garagem de Barcos, em Furnas, para controlar a luz do sol que a ilumina e para estabelecer o diálogo entre as duas temporalidades. A mesma intenção concebe o paisagismo, o qual preserva o antigo pomar.

Dois Campus, em Caratinga e Teófilo Otoni, sintetizam as maiores prioridades desta fase mais silenciosa e calma da obra de Sylvio. Nela, a obra de arquitetura é apenas mais uma, e não a única, personagem que se apresenta no teatro do espaço. A lagoa e suas vistas, a mata do vale preservada, o solo sobre o qual se elevam os módulos construtivos, a luz ofuscante e que a orientação e a cobertura humanizam até providenciar o conforto do aluno na sala de aula, o vento que é conduzido pelo edifício até baixar-lhe a temperatura em até dez graus evidenciam o diálogo construído em Caratinga entre o artifício dos pré-moldados e a natureza virgem. Os eixos reguladores também se apresentam para conformar todo o espaço, seja enfatizando seus focos (como a Praça do Angico), seja gerando pérgulas e trepadeiras das quais bem se poderia colher e comer o maracujá. Desviando-se do ritual axonométrico, micro-paisagens e micro-lugares criam ambiências propícias ao ato fundador de uma escola: duas pessoas conversando sob uma árvore onde um ensina sem saber que está ensinando e outro aprende sem saber que está aprendendo. Como os bons diálogos em volta de uma mesa de bar. Diálogos, inclusive, com um futuro complexo com cinemas, auditórios, hotéis e chalés imaginados desde já para completar o conjunto. Em Teófilo Otoni, a falta de caráter comum às periferias de nossas cidades sugere que o edifício tenha mais expressão. O eixo da via pré-existente que corta a

praça cívica dá partida ao paisagismo retilíneo, às passarelas de frutas e à construção totalmente industrializada, feita de perfis metálicos assentados pela mão de obra local. A orientação, os brises e a cobertura servem ao controle ambiental, tal como os volumes dispostos assimetricamente para otimizar as delícias do vento que passa em território tão quente. O frescor deste vento traz com ele o mesmo ato fundador da “escola”, mencionado acima, e o deposita na Praça da Árvore.

O diálogo com o contexto, inspirado no Sulacap em Belo Horizonte, é o ponto de partida do projeto para o Conselho Regional de Medicina, cujo pórtico enquadra a Igreja de Santa Tereza ao fundo e lembramos que a cidade é um todo cujas partes deveriam conversar entre si. As marcações e a equilibrada articulação entre as horizontais e verticais fortes liberam espaço para um jardim intermediário que serve não só às vistas da cidade quanto também aos favores do sol e do vento. Ouro Preto, Ipatinga, Caratinga, Teófilo Otoni e Belo Horizonte: as Minas são muitas, como as do ouro (século XVIII), as da terra (século XIX) e as da indústria (século XX). Suas várias vozes ecoam juntas neste início do século XXI e cumpre ao arquiteto multiplicar-se por vários estilos e por várias correntes, de modo a que o coro delas constitua-se na voz polifônica de nosso tempo. Não lhe serve mais o estilo pessoal: ele tem de ser múltiplo e várias, saber desfazer-se e recompor-se de outra forma, a cada instante e cada projeto, com outra voz, com outro traço, com outra imagem. Seu pensamento, hoje, deve ser plástico e móvel, como o vento que sopra nas asas nos pés de Mercúrio.

Os eixos norte-sul e leste-oeste definem a ocupação do terreno e a distribuição das unidades no projeto da UNISINOS (RS). Paralelas a estes eixos, elevam-se as passarelas e as estruturas metálicas, as quais evocam uma atmosfera futurista hi-tech sobreposta às ruínas de um ginásio pré-existente, ao término da linha de metrô e aos incícios de uma área de preservação ambiental que daí se descortina.

Dois tipos de estrutura, a metálica e a pré-moldada, conversam entre si no prédio da Gráfica Rona e com os ipês, aroeiras e quaresmeiras que oferecem ambientes e lugares de encontro contrapostos aos da linha industrial. Sobre aquelas estruturas, os sheds inclinam-se para direcionar o vento e a luz do sol. Em função dessa luz também são abertos os vãos permitidos pela nova estrutura metálica do Show Automall, até converter um amorfo galpão onde se amontoavam carros em um lugar amplo onde os fluxos são organizados e o vazio adquire forma, espírito e disciplina.

“Disciplina” é a palavra que ressoou três vezes no ouvido de Chico Xavier (1910-2002) ao ser instruído à beira de um rio em Pedro Leopoldo (MG) e iniciarse na mediunidade. Sylvio a interpreta como o modo pelo qual o espírito se infunde na paisagem e na matéria para fazê-la arte, cultura, natureza humanizada. No Memorial Chico Xavier, a disciplina se faz círculo em torno de um poste que joga sua luz no ponto onde aquele rio passava e as instruções foram recebidas. O número de suas colunas abertas ao rio, à paisagem, aos homens e às mulheres do bairro vizinho coincide com os setenta e dois anos da vida de um médium generoso. Suas palavras, instrumentos da cura, circulam pelo chão sob a marquise da colunata. Um eixo de ligação, tanto física quanto espiritual, une o conjunto ao bairro e propicia ao Memorial fazer-se foco de um parque para uma cidade que dele carece. Branco e silencioso, o projeto ergue-se sobre a quadra pré-existente que serviu-lhe de base para a implantação e sobre a vida de alguém cujo brilho maior foi recuperar nos outros o brilho que haviam perdido. Foi para o céu.

É este mesmo céu que os funcionários vêem de seus gabinetes e escritórios projetados pelo arquiteto goiano para o concurso Sede da CAPES, em Brasília. Feita em parceria com Humberto Hermeto, a proposta se compõe de dois blocos separados por um vão onde o vento do Planalto Central passa e nos refres-

ca na praça interna, a qual funciona como hall de encontro, de acesso e de distribuição da circulação. O mesmo céu, com sua luz épica, vaza através dos sheds dos escritórios e sobre as circulações verticais.

Numa região amorfa onde duas vias margeiam a rodoviária e as antigas fábricas, cumpre ao projeto de Sylvio e Humberto para o concurso do Teatro de Londrina buscar uma ordem mais precisa, contemporânea e abstrata, como as esculturas de Amílcar de Castro, tão caras e influentes no trabalho dos arquitetos mineiros dessa geração. Assim, o conjunto é composto por dois volumes geométricos, recortados em planos triangulares definidos a partir de exercícios processuais tridimensionais. Ligando estes volumes, o espaço estruturado por grandes eixos de circulação cria um foyer integrado à praça e às árvores, ao contrário dos ambientes que predominam nas casas de espetáculo, geralmente divorciadas do teatro maior da vida. Daí descortina-se a cidade.

Também desenvolvido através de maquetes processuais e também contrariando o edital do concurso, de forma proposital, o projeto do Tribunal de Trabalho, em Goiânia, (Sylvio, Humberto e Igor), constitui-se de dois prismas separados. Um deles é um grande paralelepípedo sobreposto aos galpões existentes e que deveriam ser destruídos após a ocupação do novo projeto. Placas servem para controlar o vento, a temperatura, a iluminação e o ritmo plástico das fachadas. Também o projeto para o Mercado de Blumenau é definido pela necessidade contemporânea de otimizar ao máximo os fatores ambientais e poupar nossas energias. O projeto sintetiza-se na cobertura de sheds que filtram a luz solar, o ambiente e o clima do edifício, sem prejudicar as insolações e conforto das edificações vizinhas, como a vila com a qual o Mercado interage. Na agência de publicidade construída na Barragem Santa Lúcia, em Belo Horizonte, a vizinhança é um aglomerado de ocupação irregular. O prédio cúbico não nega esta vizinhança. Ao contrário, abre-se para ela e para as cores novas

1. Este estudo conta com a colaboração das reflexões desenvolvidas também junto à nossa pesquisa “Arquitetura, Humanismo e República”, patrocinada pelo CNPq, e que encontram-se melhor sistematizadas em nosso site <http://www.arq.ufmg.br/ahr> e na revista eletrônica Interpretar Arquitetura (<http://www.arq.ufmg.br/ia>).

com que se vai pintando o casario pobre. São estas cores e o samba da favela que atravessam a transparência das paredes de vidro do cubo para contaminarem o espaço fluido, amplo e livre dos andares landscape.

\*\*\*

É passada a época dos grandes manifestos e das grandes revoluções, como aquela de quarenta anos atrás e da qual somos filhos. Desconfio que Sylvio presente que as grandes mudanças fazem-se, hoje, em silêncio, devagar, sem alardes, de modo a abalarem a estrutura profunda do sistema, e não as superfícies de um mundo por demais liso, neutro e achatado na dimensão de sua imagem e aparência, sem espessura e sem densidade, como domina na arquitetura contemporânea. É passada a época dos arrebatamentos e das paixões que não se deixam decantar. Chegamos à madureza, à idade da raça dos que não se limitam a lutar e ganhar, como disse Cecília Meireles (1901-1964), e precisam aprender a bem passar. “Deus me deu um amor no tempo de madureza”, diz Drummond em Campo de Flores. Neste tempo, o mundo deixa de ser um “vácuo atormentado, um sistema de erros”. Ele também tem manhãs que me sorriam, e eu não via. Tem crepúsculos maravilhosos, como o deste azul belorizontino, onde as mãos aprendem a projetar e a acariciar com paciência, sabendo que os limites de nossas mortais possibilidades não vão além da distância demarcada por nossos braços estendidos. No tempo da madureza, as angústias vividas e os sonhos alardeados espremem-se em silêncio para decantar o vinho que merecemos e para encontrar o mundo que perdemos. No crepúsculo, vibra um sabor que é privilégio de maduros, “que se aprende no limite, depois de se arquivar toda a ciência herdada, ouvida. Amor começa tarde.” (Drummond, Amor e seu tempo). E o vinho da arquitetura também. Há que merecê-lo, e saboreá-lo. Como Sylvio vem fazendo e, aqui, o estende ao leitor. ■

## Arquitetura de um recém-chegado

Marcelo Aragão de Podestá

A arquitetura provavelmente deveria ser mais discutida, nas escolas, nos jornais e entre as pessoas – que falam de música, de cinema e de outras artes – para cultivarmos, junto com outros ensinamentos, uma cultura arquitetônica que nos permitisse compreender melhor o nosso ambiente e cobrar mais daquilo que nos influencia tão profundamente.

Saber ver a arquitetura não é algo muito simples e muito difuso por aí. Assim como não é fácil entender de cinema, de artes plásticas e de tantas outras. É necessário mergulhar nos discursos, na história, contemplar as mudanças e os produtos destas mudanças; analisar os contextos, habituar-se às ferramentas... No entanto, quando nos deparamos com um quadro ou escutamos uma música acontece de nos sensibilizarmos profundamente sem que haja muitas explicações para isso.

De maneira parecida, sentimos a arquitetura, porque cada discurso, cada traço que divide uma área no papel (ou no computador, digamos) se traduz em espaço; espaço que nos rodeia, que percorremos, e habitamos.

Se talvez as fachadas nos lembrem uma escultura, é na relação com o ambiente e no jogo de formas e linhas e vazios do espaço interior que a arquitetura se manifesta, e onde, mesmo que inconscientes, apreendemos de forma definitiva o discurso arquitetônico. Este carrega consigo as concepções e formas de seu tempo, e se por acaso nos encontramos vivendo em um apartamento fastfood (de produção em série) ou numa redoma de vidros verdes, não só os arquitetos merecem as críticas, mas nós mesmos.

Porem, saber ver aquilo que está contido em um projeto, uma planta, um croqui ou perspectiva exige experiência e, aí sim, uma boa dose de cultura arquitetônica. Os detalhes técnicos, da altura, espessura, encaixes estão descritos ali nas plantas sem grandes desafios. Mas a habilidade está em conseguir extrair dos esboços as etapas do processo, as sobreposições e tentativas da

idéia que se forma e se transforma em perspectivas e em desenhos. Criar a imagem mental do espaço, levantar na imaginação as paredes, os recortes e os vazios, atravessar linhas, vigas, curvas, para então projeto pronto na cabeça, caminhar ao longo dos espaços imaginados, para sentir as distâncias, as nuances de luz, a alusão das formas, observar e fazer parte da vista que se projeta pela janela.

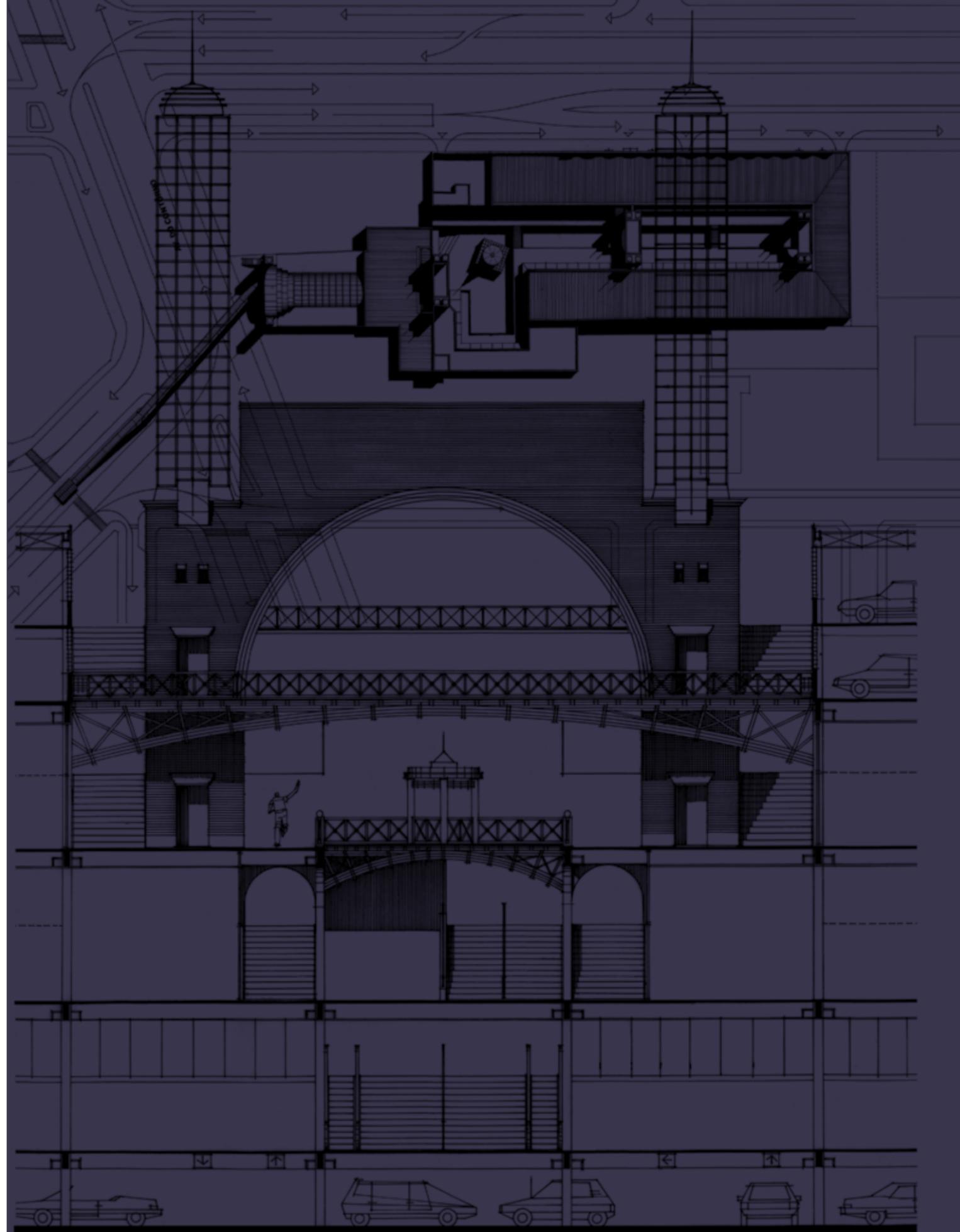
Ajudam-nos as maquetes em 3D e os tours virtuais, aos leigos e aos clientes mais difíceis. Mas não há tour que traduza os fluxos do olhar e das sensações de quem entra num ambiente, o percorre e o habita. Talvez, saber ver a arquitetura só mesmo fazendo.

E transformar em livro esse universo de desenhos, propostas e rabiscos tem um quê de imaginar esses percursos, outro desafio, de buscar dar formas àquilo que é muito mais para ser vivido.

Particularmente, devo confessar, comecei pelos croquis (tão abundantes nesse livro), com o esforço de não transformá-los em texturas, ampliando-os até explodirem na folha, ou cortá-los e sobrepô-los, até me acostumar com os projetos e decifrar melhor a sequência das plantas, as fotos (nem sempre as melhores) mais significativas.

Operei sem censuras, mas também não completamente ingênuo. Alguns projetos conheço pessoalmente, ou os vejo por aqui em maquetes e plantas; de outros acompanhei alguns processos e os resultados que provocaram nos ânimos (telefonemas, viagens, serões noturnos). E, como não, alguns desenhos e conversas de bar, inclusas as outras presenças deste livro.

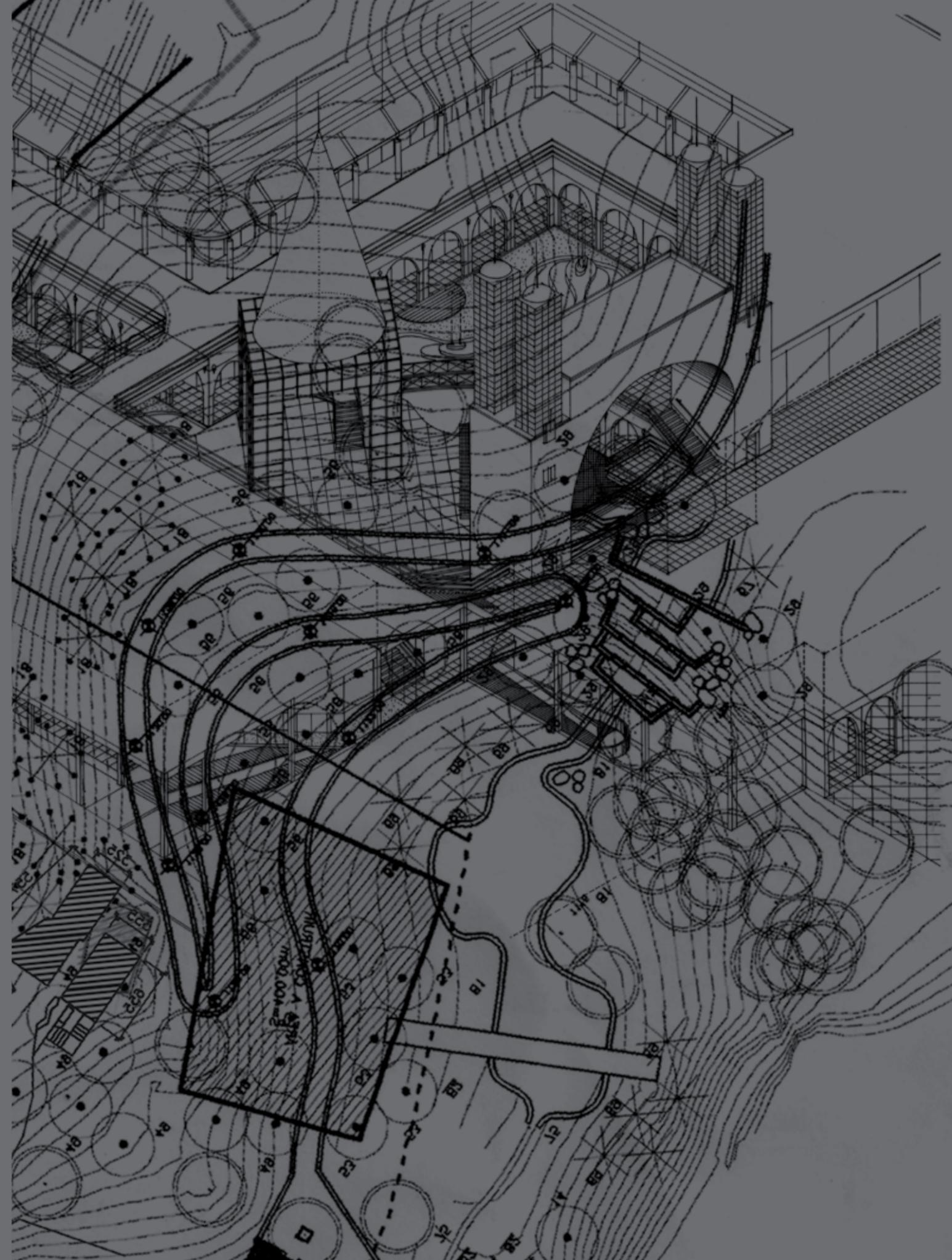
O resultado não é uma forma de ver a arquitetura, mas pretende contribuir para transmitir uma, aquela dos riscos e rabiscos que, se por acaso expandi demais e quase os transformei em textura, certamente falam por si só. Boa arquitetura.



[1992]	18	Edifício Direcional
[1994]	24	Edifício Premo
[1998]	30	Casa Luis Carlos e Denise
[1998]	36	Itaú Power Center e itaú Power Shopping
[1999]	42	COOPEROURO - Shopping ouro Preto
[2002]	50	Sede Grupo Corpo
[2003]	56	Habita Sampa
[2003]	66	Casa Luis Eduardo
[2003]	70	Campus Lagoa do Piau
[2003]	80	Show Auto Mall
[2003]	86	Garagem Barcos
[2003]	92	Campus Pampulhinha
[2004]	100	UNISINOS
[2004]	108	CRMMG
[2005/06]	116	UFABC
[2006]	124	CBTU [MetrôBH]
[2006]	130	Allegro Piano Bar
[2006]	136	Casa Sydney e Karla
[2006]	142	Casa JJ
[2006]	146	Memorial Chico Xavier
[2006]	152	Museu do Avião
[2006]	158	Gráfica Rona
[2007]	164	Mercado de Blumenau
[2007]	170	Sede da CAPES
[2007]	176	Teatro de Londrina
[2007]	184	TRT
[2007/08]	192	Casa Crucilândia

# 27

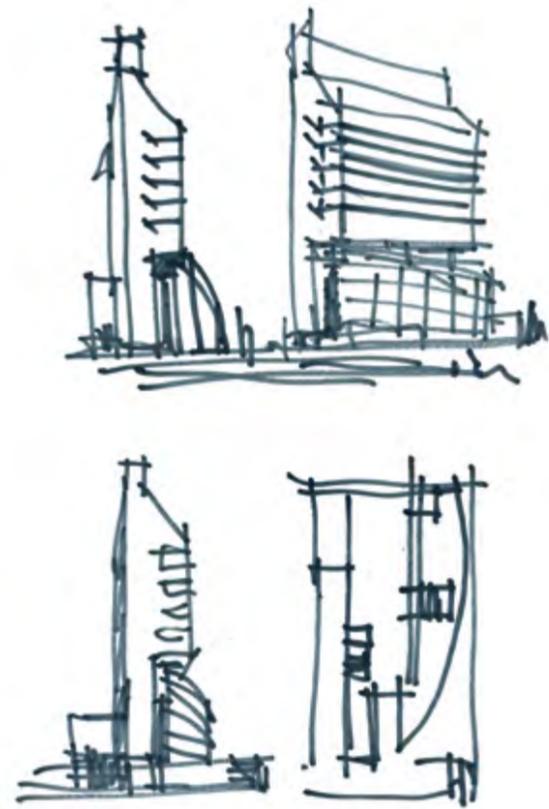
principais  
projetos



Sylvio E. de Podestá



construção Direcional Engenharia Ltda.  
 cálculo estrutural Aldeir Pantaleão  
 jardins Júnia Lobo  
 iluminação Iluminar  
 área do terreno 450,00 m2  
 área construída 2.380,00 m2  
 fotos Daniel Mansur e  
 Sylvio Emrich de Podestá



data

1991

obra 1993/94

## Edifício Direcional

localização

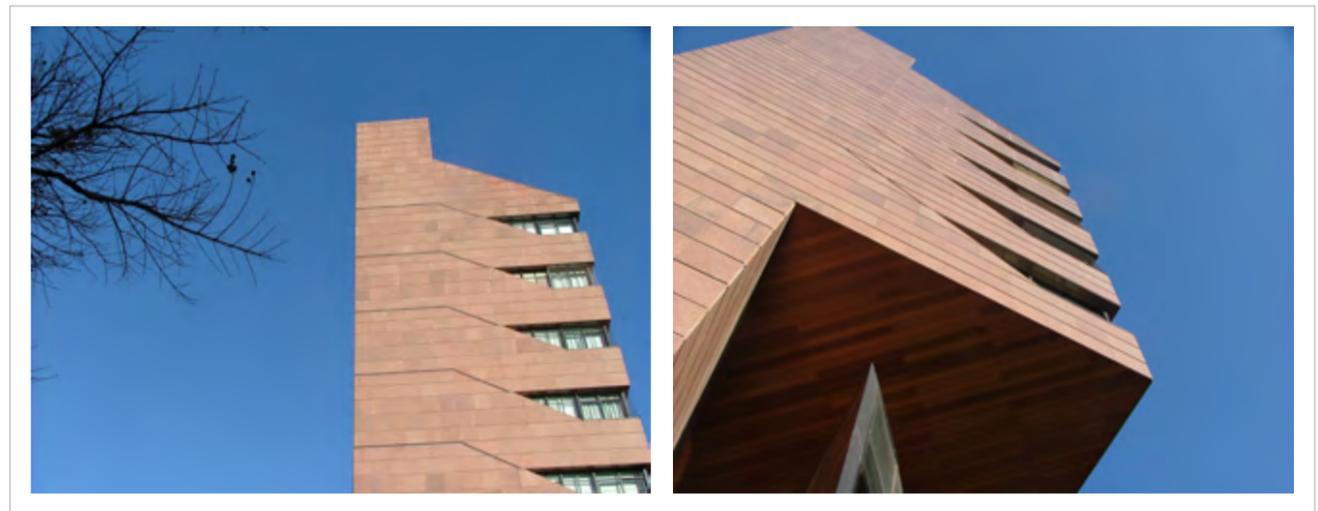
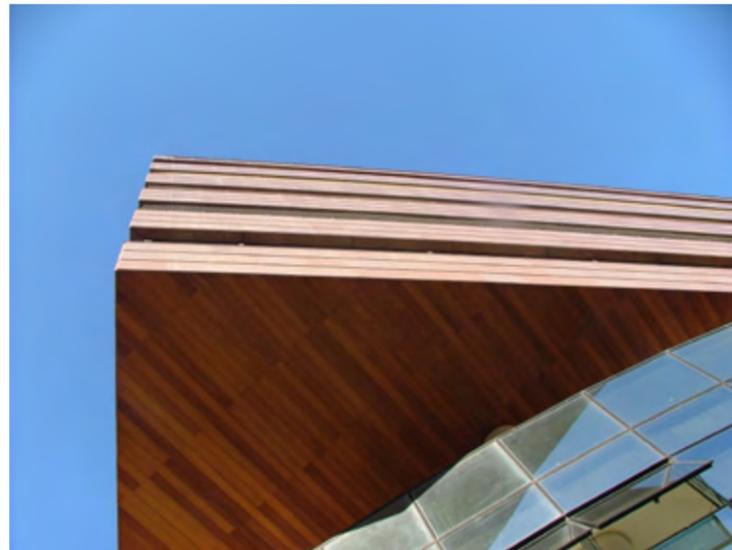
Belo Horizonte | MG

# 01

arquitetos

Sylvio Emrich de Podestá

Júlio Araújo Teixeira



## Edifício Direcional

Ao exigir o uso misto de comércio e residência em alguns zoneamentos, a legislação municipal impõe determinadas regras quase inflexíveis na composição deste modelo, que na grande maioria dos casos, tem produzido prédios que nos fazem repensar a validade destes controles.

Jencks, no seu livro "Bizarre Architecture", Academy Editions, Londres/1979, nomina estes objetos de "bizarre juxtaposition" e apresenta vários exemplos de boas e más soluções, mas sempre fica uma sensação de que uma parte foi feita antes da outra ou que ali trabalharam mais de dois profissionais em momentos e lugares diferentes.

A estruturação deste edifício passou por estas dificuldades: incorporar dois usos distintos, caracterizar suas imagens individuais, suprimir o "bizarro" e dar à construção final personalidade.

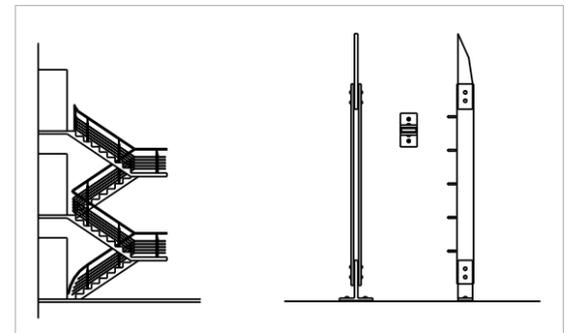
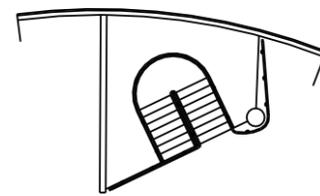
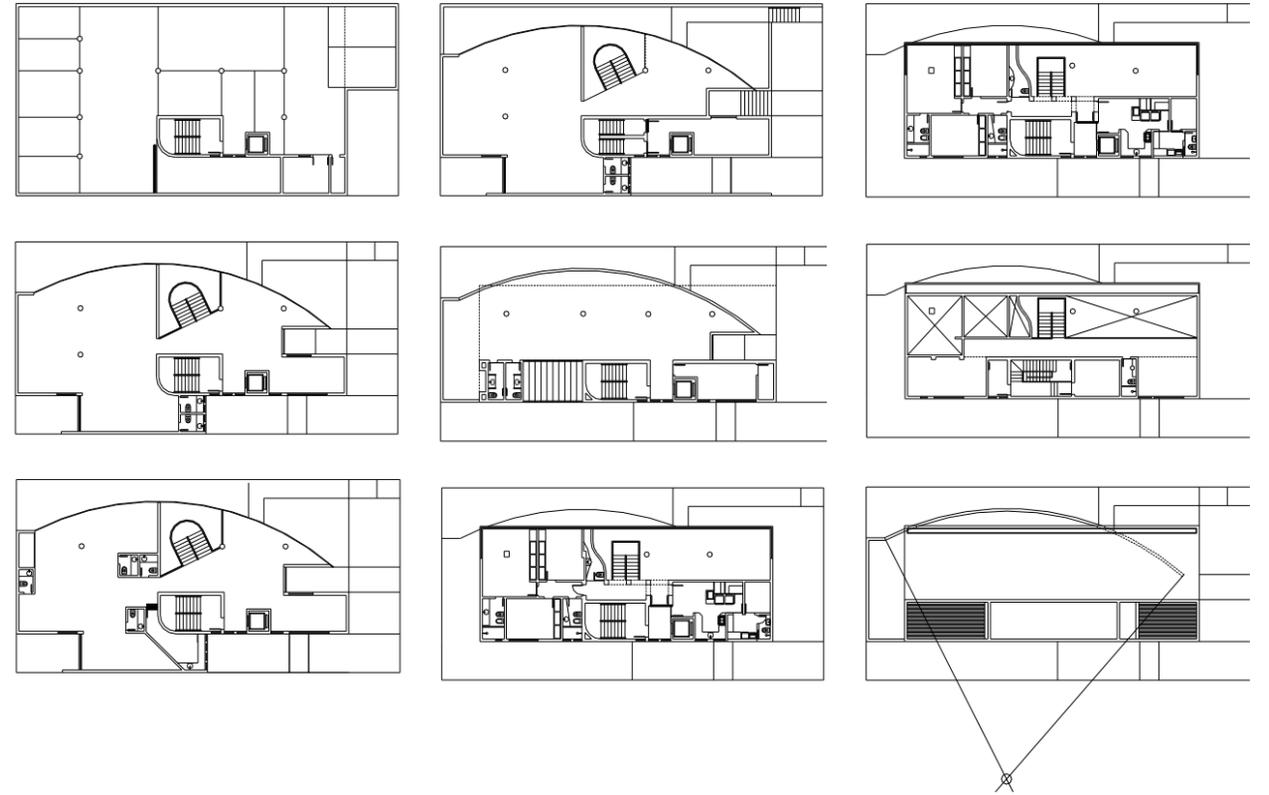
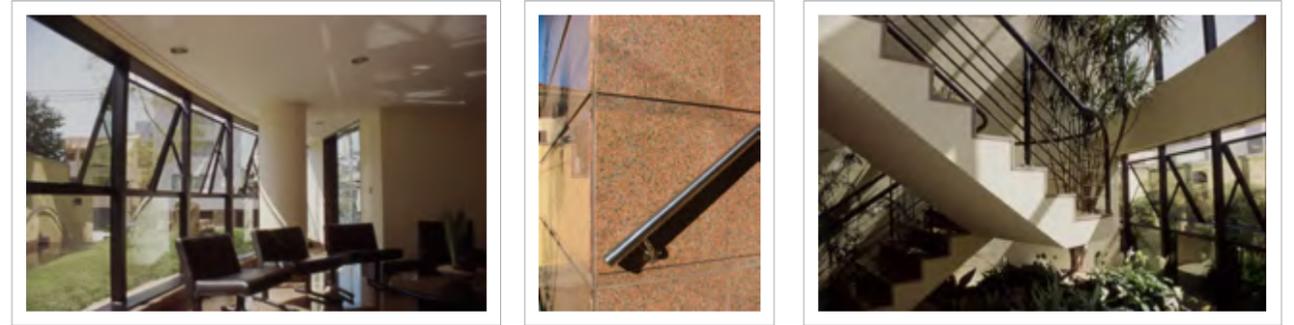
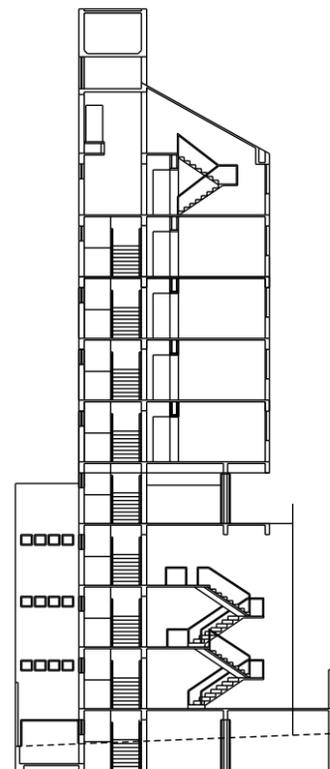
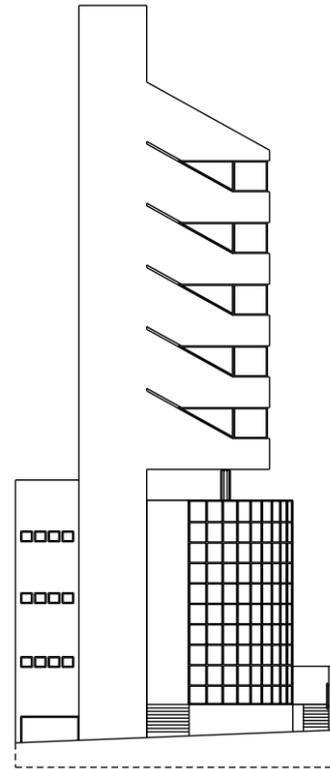
Este edifício abriga a sede da construtora na sua parte comercial, que o ergueu de forma a traduzir a imagem de contemporaneidade com que ela tentava impor aos seus clientes.

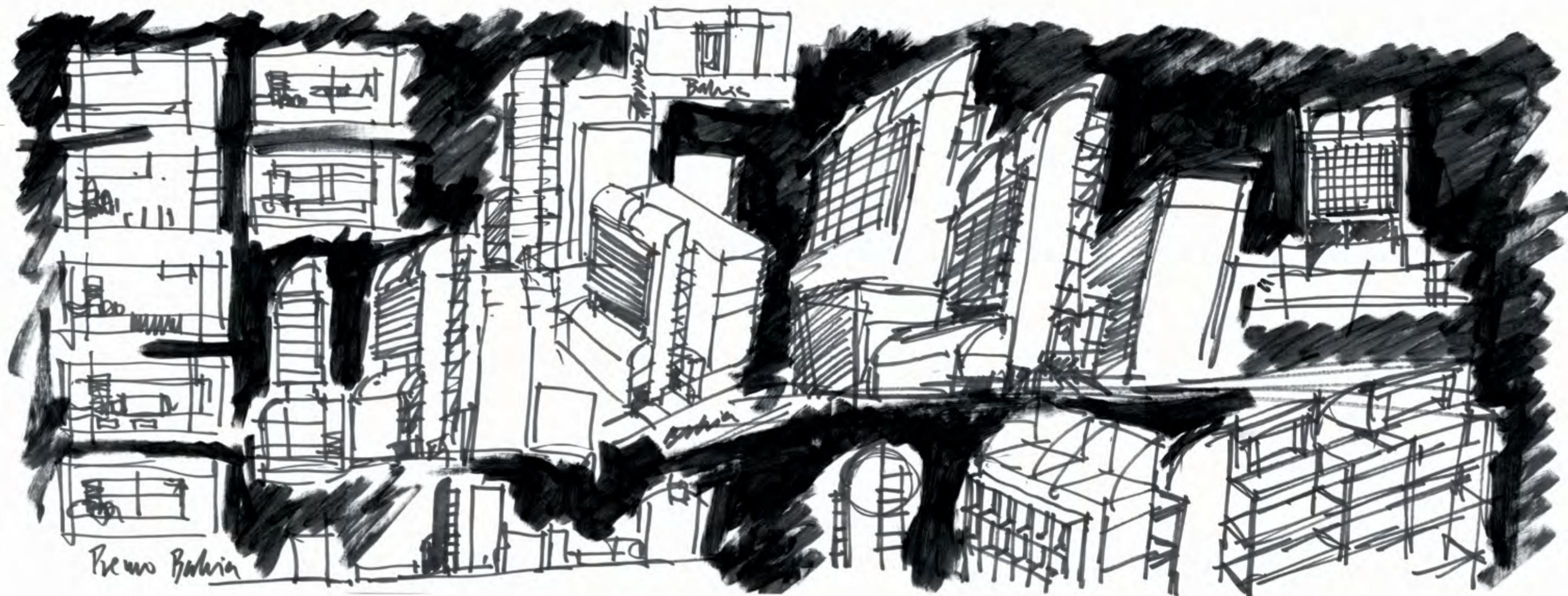
Um subsolo semi-enterrado foi necessário em respeito ao lençol freático. Logo acima três níveis, a loja ocupada pela construtora, pilotis e cinco pavimentos com uma unidade residencial por andar, sendo o último, duplex.

Estruturado em concreto armado, na sua leitura externa é possível perceber o domínio da solução estrutural, visível nos pavimentos acima do pilotis com a adoção de balanços, desenhada na medida exata da independência dos volumes. No revestimento da torre principal, reforça-se esta leitura no desenho do assentamento do revestimento e do formato das esquadrias laterais. Esta solução sugere leveza ao conjunto, reforça suas independências mas dá à relação dos dois acoplagem conveniente.

A diferenciação das funções é reforçada pelas formas e pelos revestimentos internos: um, pedra, sugerindo proteção e, o outro, vidro espelhado e em curva, margeado por um jardim, sugerindo transparência.

Está localizado em um bairro que passou por mudanças recentes no seu tipo de assentamento, verticalizando-se e sugerindo, a tempo, que se repensem estes novos objetos de forma a estabelecerem, desde já, padrões de excelências para os futuros empreendimentos. Este, um dos primeiros, procura induzir os conceitos de qualidade necessários, dando a estas inevitáveis substituições tipológicas qualidades acima das existentes.





Sylvio E. de Podestá



localização  
Belo Horizonte | MG

data  
1994

proprietário Premo Engenharia Ltda.  
 prevenção e combate à incêndio Segurança Engenharia  
 área do terreno Ltda. 393,00 m<sup>2</sup>  
 área 2.544,42 m<sup>2</sup>

arquiteto  
Sylvio Emrich de Podestá

# Edifício Premo

colaboração  
Mateus Moreira Pontes

# 02



## Edifício Premo

Este edifício tem valores implícitos, percebidos pela história do lugar, sua rua e seus vizinhos.

O lugar antigamente ocupado por casas geminadas, art déco, era a sede da Premo, para mim a primeira, onde éramos recebidos pelo Renato e, estudantes, conhecemos da pré-fabricação em concreto, roubamos seu tempo e eventualmente sua biblioteca com revistas nórdicas e outras brasileiras que sempre contaram com o apoio da Premo/Renato: Informador das Construções (que veio no futuro dar apoio a Revista Vão Livre, precursora da Pampulha) e da Arquitetura e Engenharia do saudoso Godoy, uma das mais importantes revistas da arquitetura brasileira no farto período modernista. Que o digam Eduardo Mendes, Rafael Hardy, Sylvio de Vasconcellos e o então menino Fernando Graça, além de vários outros. Nossa AP também recebeu grande apoio enquanto viveu.

A rua da Bahia, cenário boêmio intelectual de Belo Horizonte e ali vizinhos, Academia Mineira de Letras, Associação Mineira de Imprensa e seu famoso Bar da AMI, Igreja de Lourdes dos casamentos da sociedade, o BDMG, marca imponente e registro da arquitetura institucional e declarado contraponto ao neogótico da igreja vizinha. Escola de teatro, grupo escolar e outras peças arquitetônicas datadas do início da construção da cidade, assim é a rua.

Ortogonalmente, Rua dos Timbiras, parte da quadricula do Projeto inicial de Aarão Reis onde estados se cruzam com tribos e nações indígenas, vizinho de fundos, um edifício residencial projetado por Álvaro Vital Brasil.

As casinhas geminadas apenas lembravam sua origem e sua preservação, feita de modo documental, foi conduzida pelo arquiteto Jorge Askar. Os primeiros estu-



dos sofreram mudanças de forma a não interromper a visão volumétrica do edifício do Álvaro, reduzindo a altura do fundo e curvando a cobertura do 2º. Pavimento. Destas observações resultou a volumetria final.

Garagens no subsolo, dois salões com generoso acesso lateral onde se pretendia localizar a sede da empresa, o pilotis e oito andares compunham a edificação.

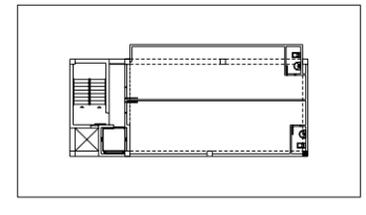
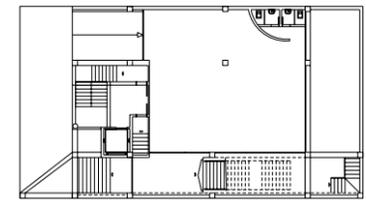
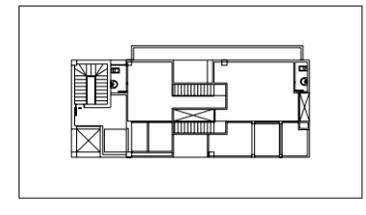
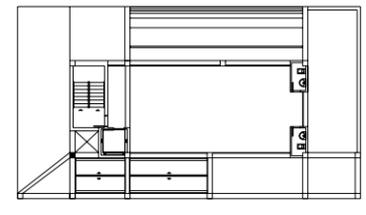
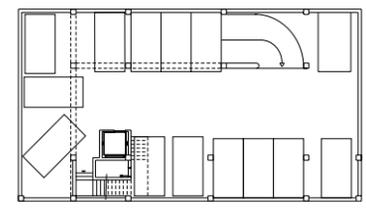
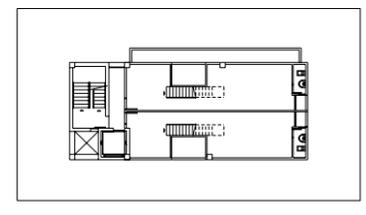
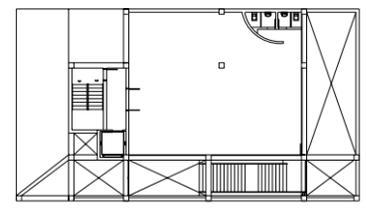
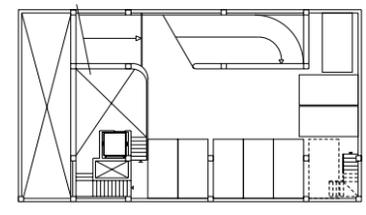
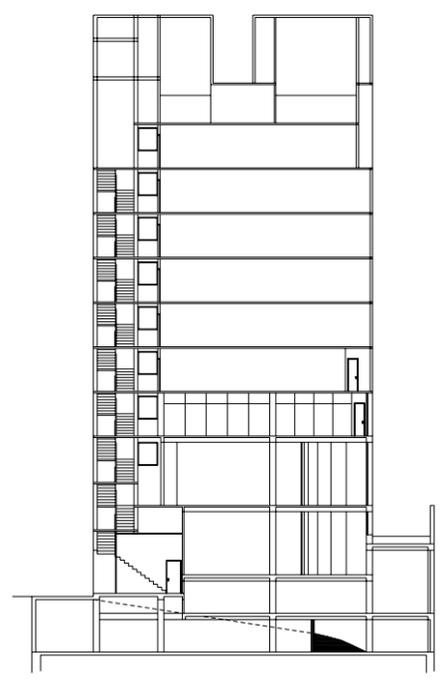
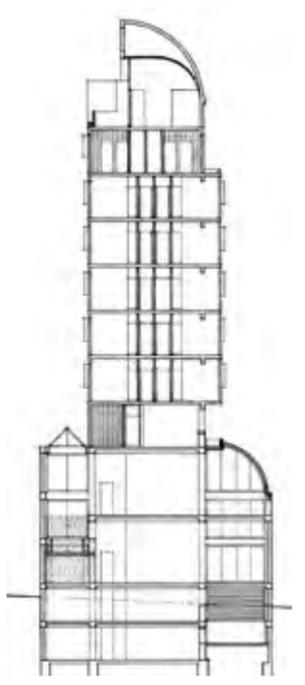
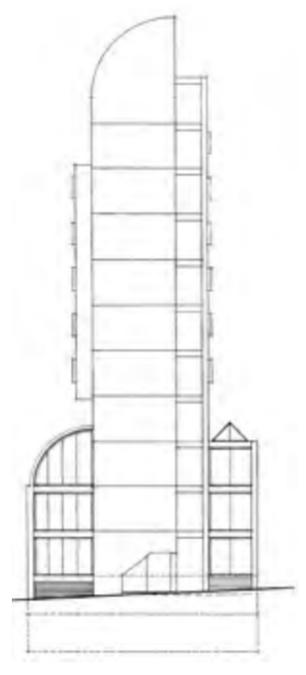
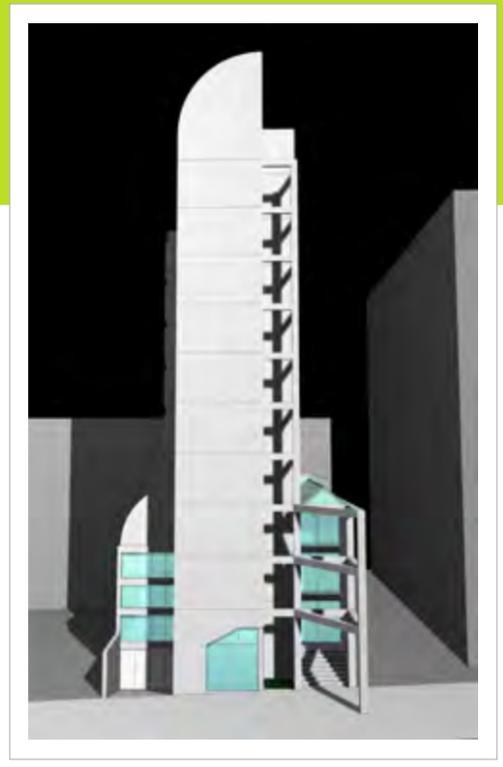
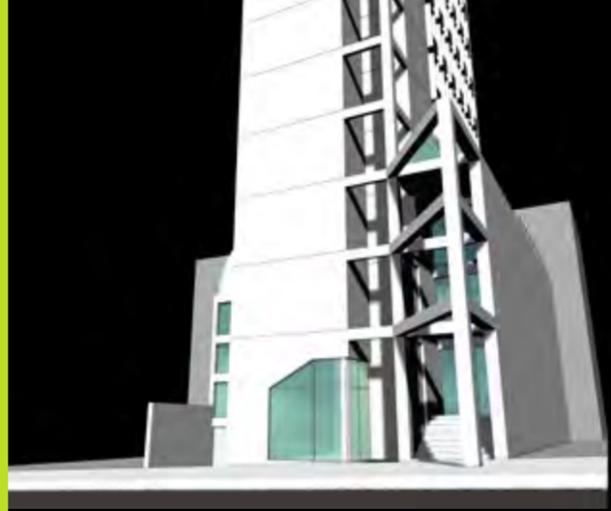
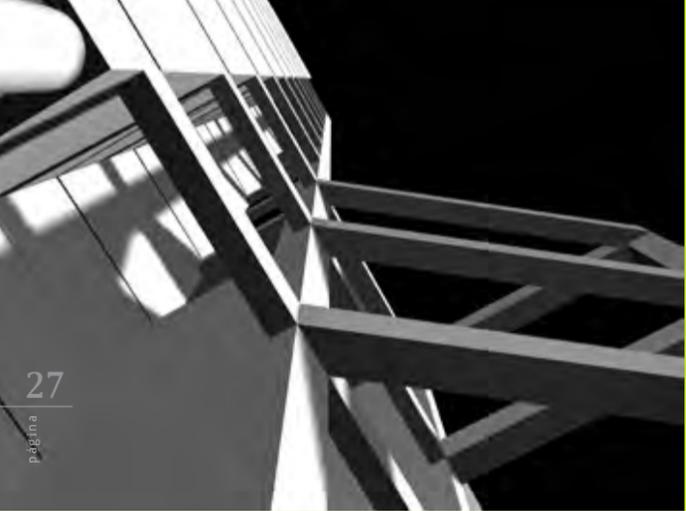
Não só estas densas particularidades conduziam o projeto mas também o ineditismo de se construir um edifício totalmente pré-moldado, vertical e com a aplicação de painéis de vedação em concreto, em terreno exíguo, de complicada estratégia construtiva, seja no seu canteiro de obras, na locação de grua ou chegada de componentes.

O mercado inicialmente sugeria uma ocupação comercial que no processo foi repensada como ocupação mista, moradias a partir do 3º. piso. Não foi construído e uma decisão baseada provavelmente na economia da época, basta retrocedermos a estes tempos.

Hoje tem-se uma visão mais clara da sua genealogia ocupacional e pode-se voltar a pensar novamente no seu desenvolvimento.

Publicá-lo significa reforçar a importância deste tipo de projeto e confirmar que, definitivamente, a cidade não é de um só arquiteto. As inserções, sejam elas quais forem, devem ser resultado da leitura de todo o contexto macro e micro onde se localiza, do respeito aos vizinhos e da capacidade do novo objeto de registrar seu tempo em permanente diálogo com seus antecedentes.



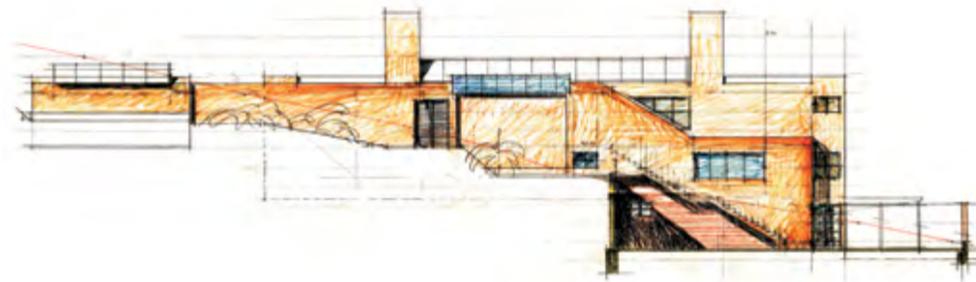


Sylvio E. de Podestá

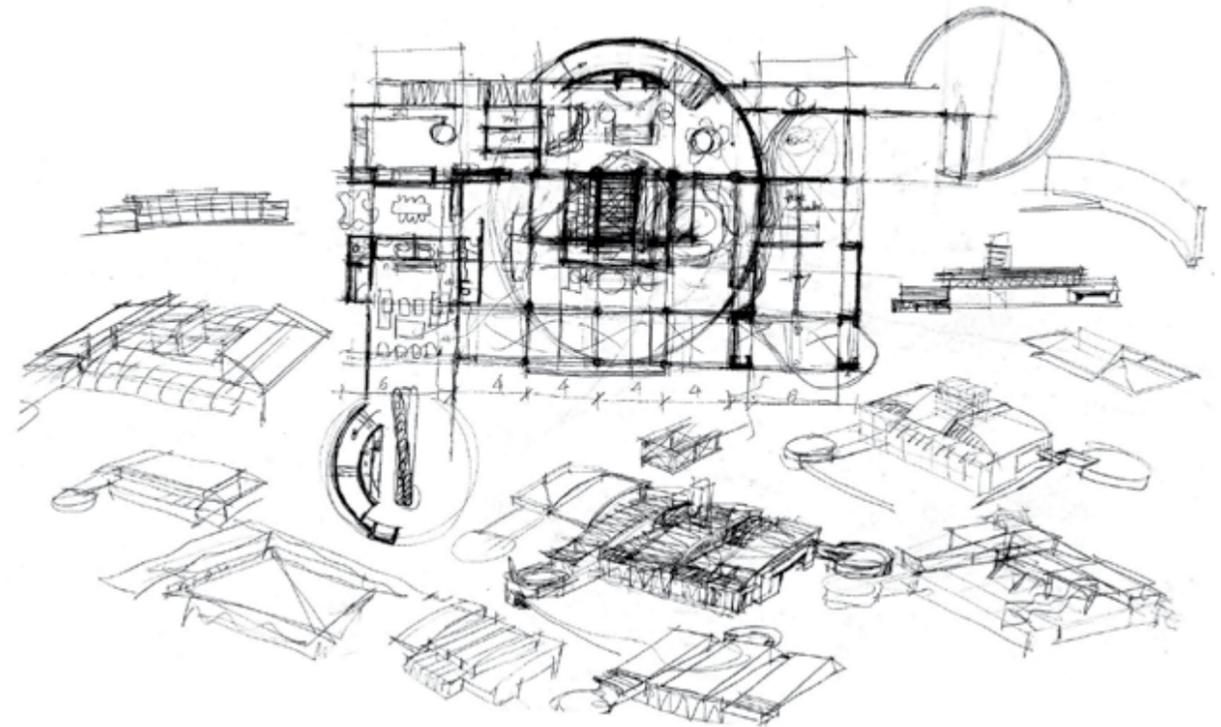


localização  
Condomínio Vila Castelo  
Nova Lima | MG

data  
**1998**  
obra 1993/94



interiores Cícero Gontijo e Maria luiza A. Rocha de Siqueira  
construção Plante Engenharia Ltda.  
área do terreno 3.000,00 m2  
área 650,00 m2



## Casa Luiz Carlos e Denise

arquiteto  
Sylvio Emrich de Podestá  
colaboração  
Mateus Moreira Pontes

# 03





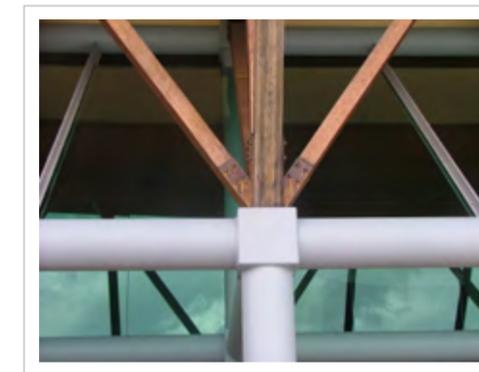
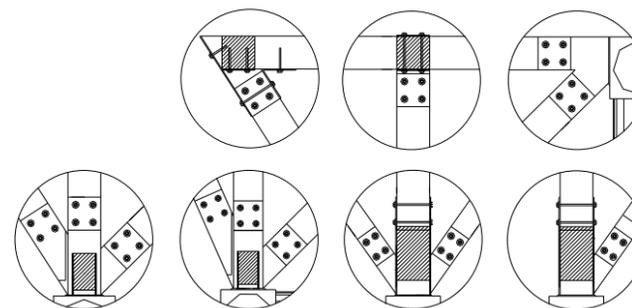
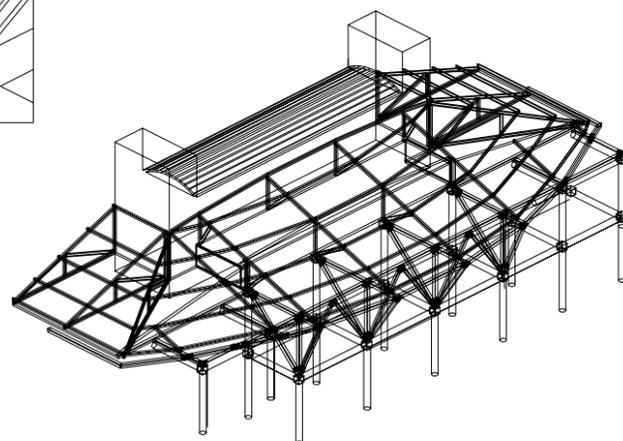
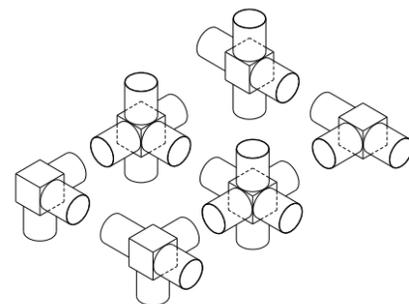
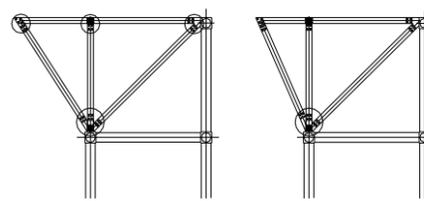
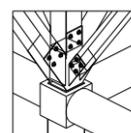
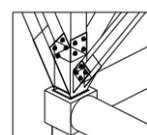
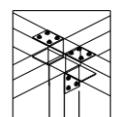
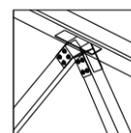
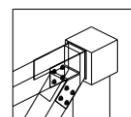
## Casa Luiz Carlos e Denise

Ele, um cliente recorrente, um dos proprietários da empresa Microcity, projeto meu com a colaboração de Benedito Fernando Moreira e ela, grande incentivadora do projeto Microcity, famosa por sua leitoa à pururuca, por sarau e festas, proprietária das pimentas Pimentinha e da clínica Anima, formam um casal com características tais que fizeram com que neste projeto modificasse minha forma de abordagem projetual vistas nas propostas mostradas nas diversas casas até aqui apresentadas.

Meus projetos residenciais quase sempre se apresentam com uma espécie de "corpo fechado", totalmente amarrados em uma idéia volumétrica que responde pelos diversas querências dos diversos tipos de proprietários, mas com um resultado que se assemelha a uma escultura, acabado, dentro de uma proposta fechada, com direito a um reducionismo tipo logomarca, que indica seus principais elementos e como se interagem.

Esta residência interrompe este procedimento, é totalmente aberta e de tal forma que vem permitindo variações desde o anteprojeto: modificação da cobertura, acréscimo do solarium do casal, aumento da piscina e área do bar molhado e outros, sem que se perca o que substancialmente dirigiu sua concepção.

Acredito que isto só é possível por ser um projeto aberto como estou nominando. Aberto mas não significando ausência de eixos estruturais, racionalidade quanto ao uso do aço, da madeira, dos pisos, mas aberto porque pode receber acréscimos e modificações não sujeitas a uma volumetria forte e definitiva como são outros tantos.



Identifico a causa desta mudança de raciocínio projetual à própria relação com os proprietários e a diferença de abordagem que cada um dá aos aspectos referenciais que querem conquistar ora em conjunto, ora individualmente- nesta sua nova residência. Este diferencial é que permitiu o uso casado da estrutura metálica inferior com o elaborado desenho da estrutura de madeira superior, que suporta a cobertura; do uso do vidro laminado, sem esquadrias, transparente e que escancara a paisagem em frente, mas que se recolhe em venezianas no escurecimento dos quartos na parte superior. Da grande sala de música com suas peças de coleção e home theater, ligadas ao estar como a esperar por grandes festas, ao recolhimento do apartamento do casal em outro extremo e nível, bem como o escritório/consultório na parte posterior, sugerindo estudo.

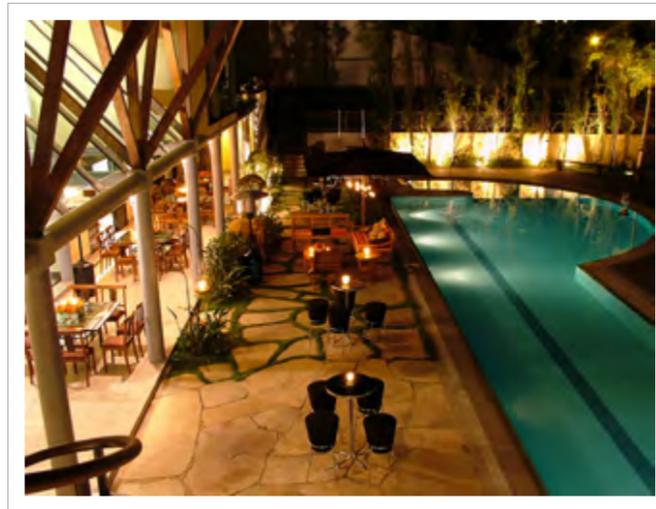
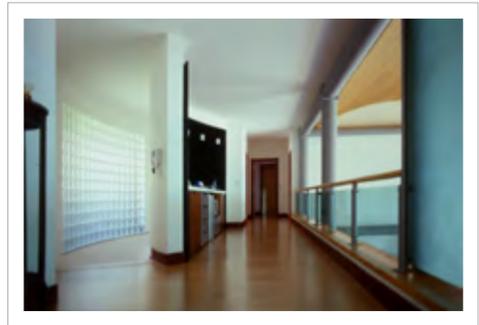
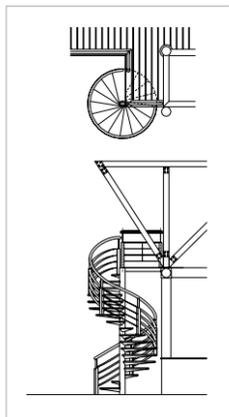
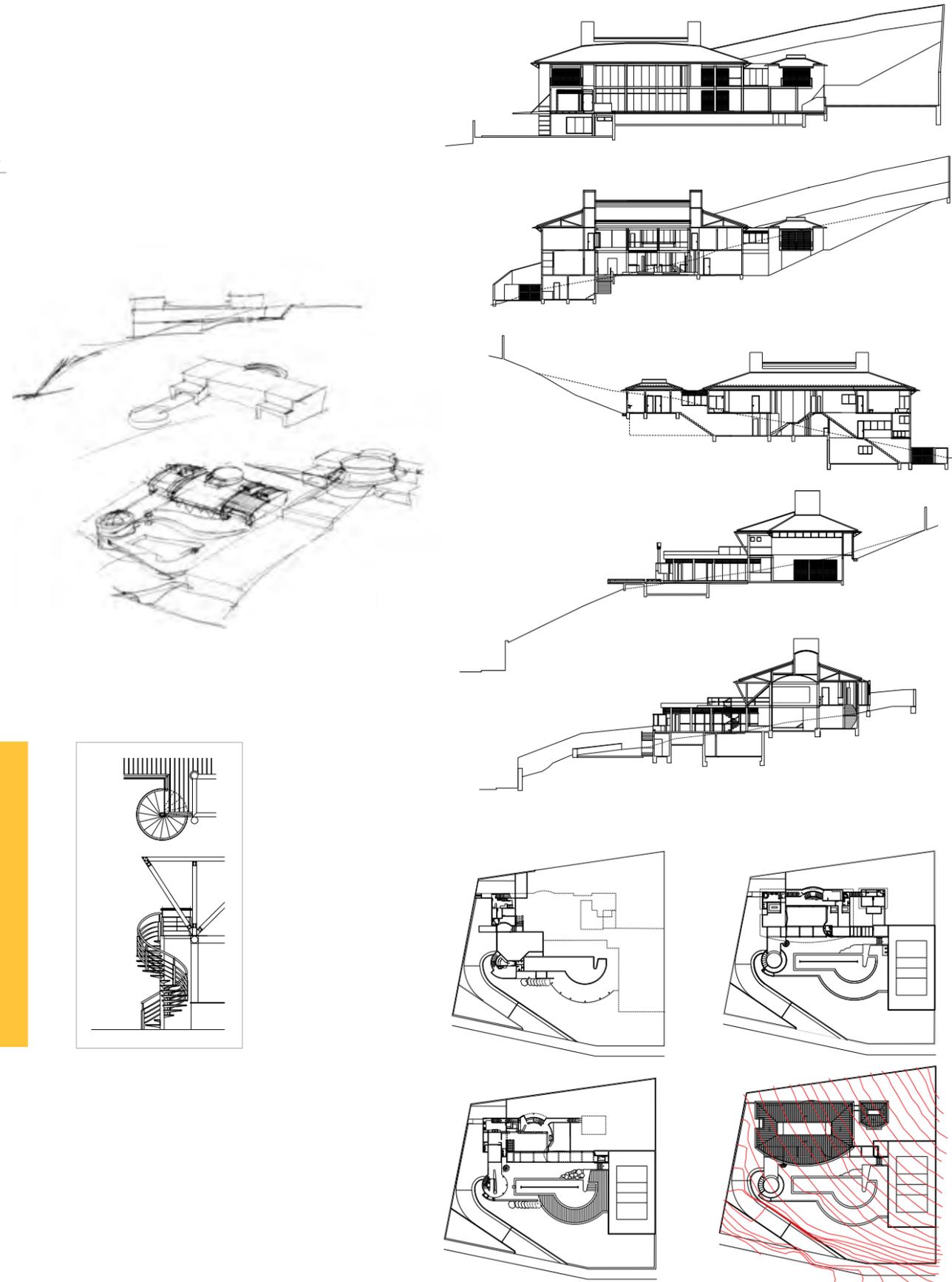
Nota-se, observando as plantas, que a todo momento se tem equipamentos que podem ser utilizados separados ou prontos para participarem de encontros mais numerosos. Que distintas atividades podem ser etariamente praticadas e sua mistura acontecendo apenas quando querida e necessária.

É definitivamente uma casa sujeita a prática da alegria, de festas, mas também para o uso naqueles feriados nacionais, onde o corpus vai morosamente se espriar pelo grande deck panorâmico, contemplar a montanha à frente, abrir a long neck geladíssima, ouvir o som distribuído pelos diversos ambientes e esperar a noite vir caindo bem devagar, as luzes do jardim surgirem e olhar para a casa e gostar de estar ali.

Aí, subitamente, um pergunta ao outro: como que vamos limpar aquele vidro lá em cima? Esquece, é por ali que entra o sol e a lua (olham eles novamente), um dia eles nos contam!

A este texto, inicialmente publicado no livro *Sylvio E. de Podestá - CASAS*, pags.192 a 199, AP Cultural, 2000, podemos acrescentar que sobre esta casa para um eterno clima de bons momentos, memoráveis encontros, novas amizades e a generosidade de seus proprietários para com ela enquanto objeto e lugar e para com seus visitantes/amigos.





projeto executivo, detalhamento, obra	BHZ Arquitetura e Gerenciamento
coordenação BHZ	Emmerson Ferreira
equipe	Danilo Matoso, Argus Saturnino, Renata Rocha, Tiago Esteves G. da Costa, Bruna Crhistofaro e Mateus Pontes
proprietário shopping	Condominio Itaú Power Shopping
estrutura pré-moldada de concreto	Premo Engenharia
estrutura metálica	Codeme, Techneação e Metform (steel deck)
área Itaú Power Center	120.000,00 m2 (Wal Mart, Sam's Club, Leroy Merlin e Itaú Power Shopping)
área Itaú Power Shopping	75.000,00 m2 (28.00,00 m2 de ABL)
estacionamento	3.3000 vagas (1.800 cobertas)
cinema	1.600 assentos
fotos	Fábio Cançado e Sylvio Emrich de Podestá



data  
1998

obra 1998/2003

localização Contagem (das Abóboras) | MG

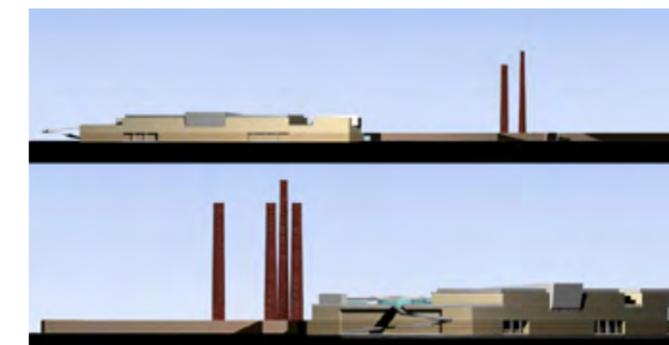
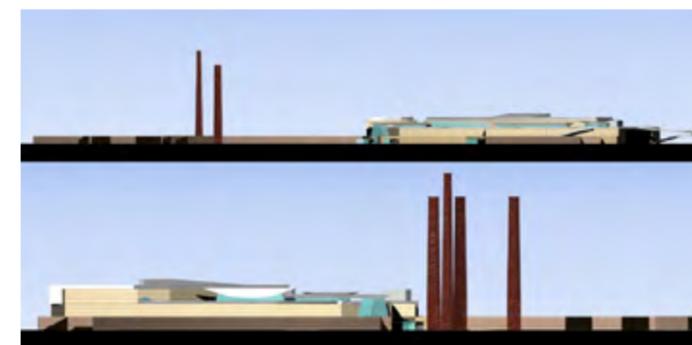
# Itaú Power Center e Itaú Power Shopping

Sylvio Emrich de Podestá  
Maurício Meirelles  
colaboração  
Mateus MoreiraPontes

arquitetos



# 04



## Itaú Power Center e Itaú Power Shopping

Inaugurado em outubro de 2003, a construção do shopping no local da antiga fábrica de cimento Itaú, de onde preservou-se as chaminés, marco urbano e histórico industrial de Contagem, o Itaú Power Center tem como característica principal a concentração de operações comerciais diversificadas e de grande porte. Um grandioso centro de compras, lazer, alimentação e entretenimento, localizado em uma área de grande influência geográfica, populacional e estratégica, confluência da Belo Horizonte, Contagem e Betim e abrangendo 35 cidades num raio de pelo menos 100km, com população estimada de 3 milhões de pessoas.

Existem também, acessos locais e regionais como a via expressa, anel rodoviário, BR-381 e 040 e metrô com estações vizinhas, que garantem o fluxo necessário ao sucesso do empreendimento.

Esse conjunto de fatores, hoje realidade, transformaram a região em marco urbano, seja do ponto de vista comercial e, mais importante, como um dos primeiros empreendimentos comerciais em substituição às antigas atividades industriais ali localizadas que se transferem para outro local, modernizando suas plantas e possibilitando que sejam implantados novos locais de serviços, mais convenientes por estarem localizados dentro de uma densa malha urbana, resultado do imenso crescimento do lugar.

Tanto as chaminés e a sede da antiga fábrica, restauradas e tombadas pelo patrimônio histórico da cidade - trabalho conjunto dos arquitetos, municipalidade, empreendedor e patrimônio - hoje são símbolos gráficos e urbanos do Power.

O projeto de implantação, fluxos, estacionamentos e docas diversas proposto foi acompanhado de grande modificação no trânsito local, resultado do estudo de impacto, que contemplou melhorias diversas nos fluxos e acessos gerais.

As âncoras externas, previamente localizadas pelo projeto de implantação, compõem o conjunto onde participa o shopping, um projeto de 75.000m<sup>2</sup> de área construída, divididos entre 300 lojas, 3500 vagas de estacionamento e área de alimentação. O destaque está no design arrojado e moderno que privilegia conforto e beleza sem descuidar do custo operacional.

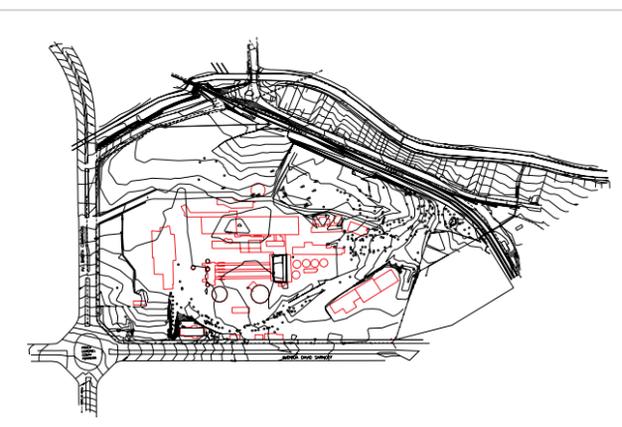
A obra é basicamente de concreto com cobertura metálica, ou seja, a estrutura principal é pré-moldada em concreto e a secundária, grandes e pequenas coberturas, guarda corpos, escadas, passarelas, em aço e vidro. Vedações em concreto celular, gesso cartonado, granito para os pisos de mall.

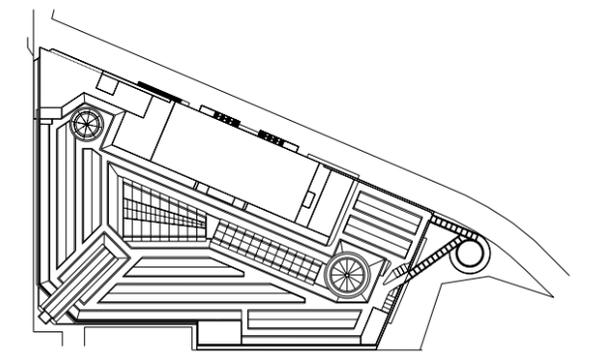
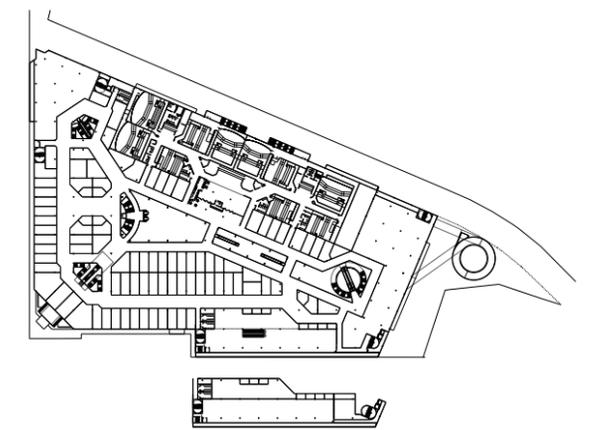
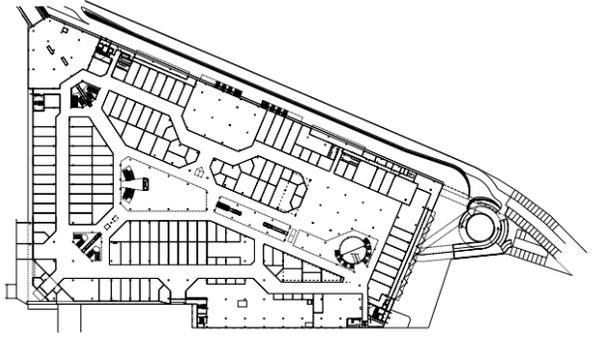
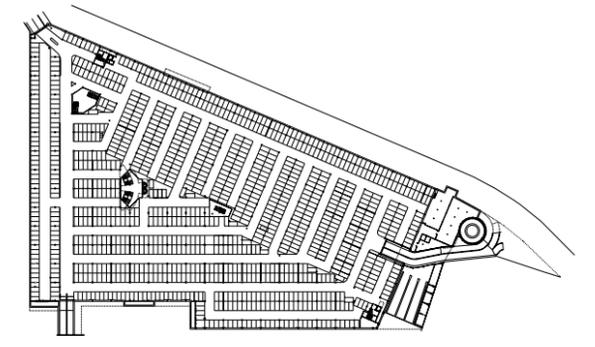
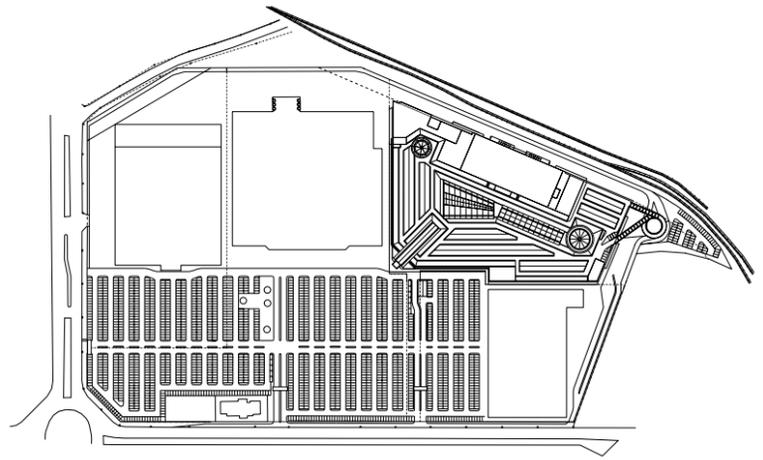
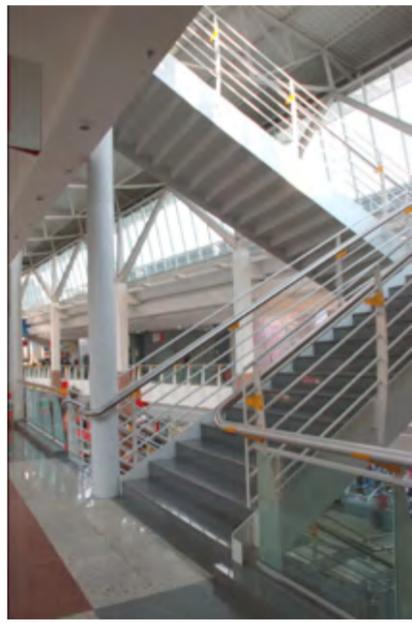
A arquitetura procurou aliar ao processo construtivo acabamentos duráveis que permitissem desenhos não muito rebuscados (pisos) e tetos curvos, suaves e claros.

O mix, ou a distribuição dos espaços comerciais, norteou os fluxos direcionados, praças, acessos, luzes zenitais, de forma a compor a estratégia proposta pelo tipo de empreendimento, ou seja, o estímulo à permanência, compra e sociabilização que acontece nestes espaços em contrapartida às ofertas externas. Praças de alimentação, cinemas, jogos e acontecimentos diversos cumprem a função complementar ao de compra direta.

Externamente, o grande espaço dramático, vazio e inegavelmente fora da escala urbana - o estacionamento - permite grandes eventos comerciais e de lazer/culturais.

Urbanisticamente grandes estacionamentos frontais causam impactos visuais, climáticos e são soluções que futuramente devem ser revistas, podendo ser ocupados por outros tipos de âncoras, principalmente ligadas ao lazer, convenções, exposições, formando uma cidadela com características menos danosas e menos impactantes, onde os carros não precisam necessariamente serem vistos e outros tipos de transportes sejam mais utilizados.





Sylvio E. de Podestá



**proprietário** Cooperativa de Consumo dos  
Moradores da Região dos Inconfidentes

**consultorias**

Mix básico recomendável: Atrium Consultorias e Planejamento de Shoppings

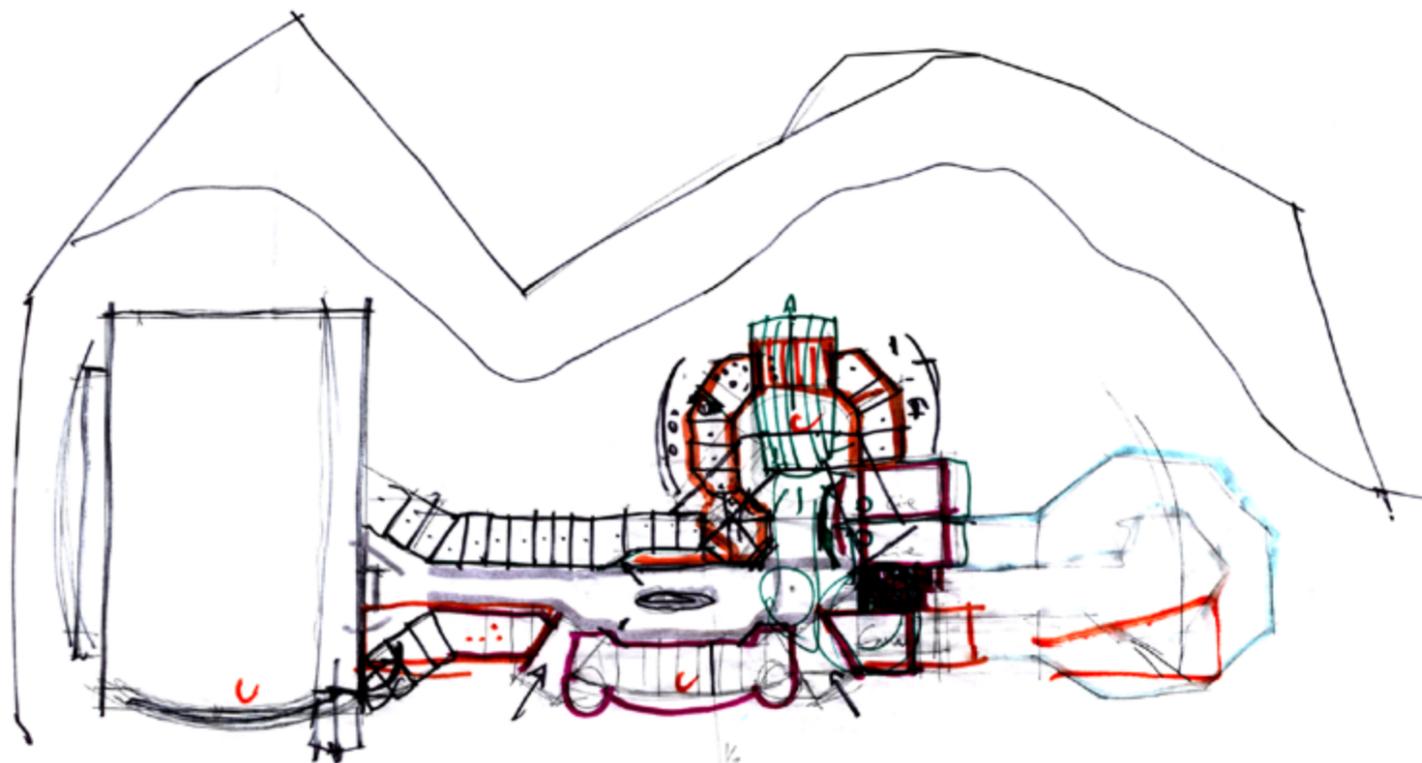
Consultoria técnica: Paranas

Ar condicionado, ventilação

forçada, ventilação natural: Protherm

área do terreno 45.000,00 m<sup>2</sup>

área 000,00 m<sup>2</sup>



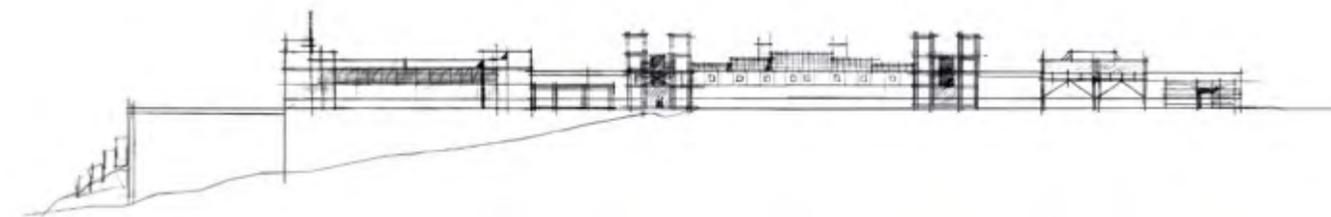
# 05

data  
1998/99

localização  
Ouro Preto | MG

Sylvio Emrich de Podestá  
Maurício Meirelles  
**colaboração**  
Jonas Schetino  
Mateus Moreira Pontes  
Flávio Lúcio Nunes de Lima

arquitetos



## Shopping Ouro Preto

Cooperativa de Consumo dos Moradores da Região dos Inconfidentes





## OuroShopping | CooperOuro

A publicação deste projeto interessa no sentido de prestar informações sobre as diversas abordagens que devem ser consideradas em um empreendimento desta natureza e, informar também, que shopping center não é necessariamente sinônimo de mau gosto, de pastiche, de abordagens pós-modernas que, quase sempre, prevalecem em projetos destes edifícios.

Os primeiros shoppings brasileiros são cópias tardias de shoppings americanos principalmente da década de 60, que ainda hoje, servem, como base para projetos “atuais”.

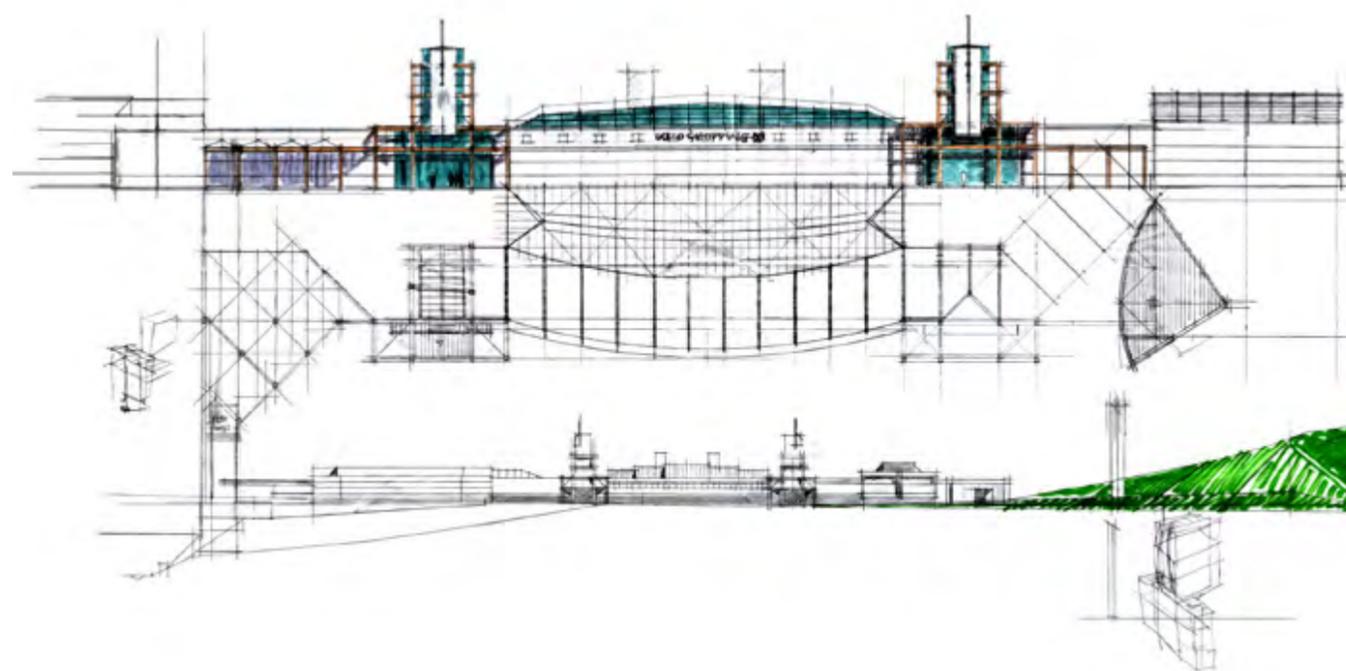
O terreno, área de 45 mil m<sup>2</sup> às margens da BR-356, contém centralmente um platô com 10 mil m<sup>2</sup> ladeado por uma elevação com área aproximada, também, de 10 mil m<sup>2</sup>, tem toda sua área restante em declives com 20 a 25% de inclinação. Na rodovia frontal ao terreno, localiza-se um túnel que é parte integrante de acessos projetados pelo DER, incorporando uma nova pista que permitiria acesso direto a Ouro Preto. Todos estes fatores topográficos e de engenharia de tráfego conduziram à implantação proposta.

Estabeleceu-se uma cota ideal e geral para todo o projeto - Hipermercado e Shopping Center - baseada na maior área plana existente, também cota média da Rodovia.

Esta definição gera cortes na elevação direita e aterros localizados, principalmente, na lateral esquerda do terreno cuja sondagem revelou-se impenetrável.

Estabelecido este platô principal, localizou-se primeiramente o Hipermercado na parte esquerda do terreno devido a facilidade de acesso às docas de abastecimento, acessos de serviços e outros. Como grande âncora, o Hiper estabelece assim a localização do Shopping que se inicia a partir dele, margeia o limite do platô proposto na sua parte posterior e, aproveitando sua geometria e vistas, define o local da Praça de Alimentação, outro importante espaço do projeto além da possibilidade de expansão a partir desta articulação.

As docas e parte do Hipermercado se situam sobre aterro, o que sugere a criação de um subsolo parcial onde se localizam diversos serviços como: apoio a funcionários, refeitórios, vestiários, expansão de depósitos, garagens, dentre outros, amenizando o volume de aterro necessário. Esta implantação nordeste/sudoeste-sudeste/noroeste além de dar maior visibilidade ao empreendimento, permite o tratamento bioclimático de seus espaços internos, diminuindo substancialmente o custo final do empreendimento.



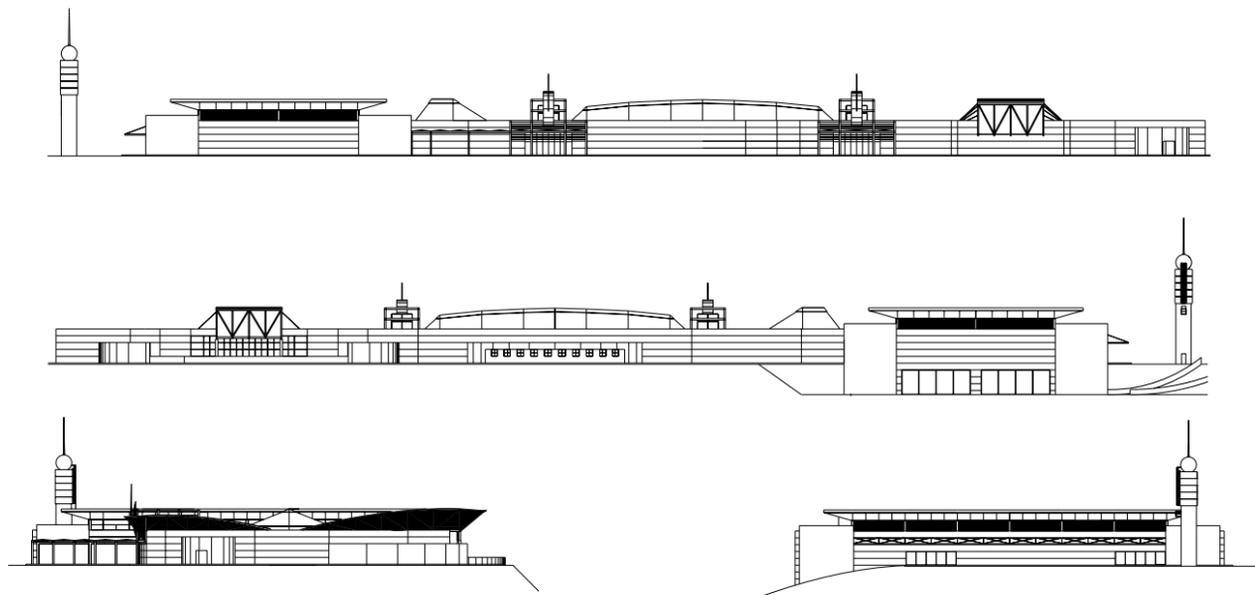
O projeto partiu das seguintes premissas básicas:

- a. Melhor cota de implantação em um terreno com 60% de sua área em declives acentuados;
- b. Melhores condições de acessos diferenciados - serviços Hipermercado, estacionamentos gerais, estação intermodal;
- c. Insolação e ventilação que possibilitem tratamento bioclimático dos seus espaços internos;
- d. Visibilidade do empreendimento como um todo, principalmente da Rodovia, sendo que a localização frontal do estacionamento funciona como incentivador das facilidades que lhe convém e, definição do Hiper como importante âncora do empreendimento, com caráter próprio sem contudo estar desvinculado urbanista e arquitetonicamente do conjunto.

- e. Elementos de arquitetura como coberturas metálicas plásticas e convenientes às suas funções - iluminação e ventilação zenital naturais, estética externa e interna do mall- além de torres alusivas à arquitetura de Ouro Preto, pontuando as principais entradas do Shopping e ampliando a mídia visual do empreendimento. Caixa d'água geral e totens rodoviários complementam esta visibilidade.

Externamente, além das questões técnicas, o Hipermercado tem tratamento semelhante ao do Shopping, utilizando-se de materiais mais elaborados e design arrojado, eliminando a antiga caixa/galpão, contrária aos serviços hoje fornecidos e esteticamente incompatível com o estímulo que a arquitetura deste tipo de local deve provocar. Facilidade de acessos de serviços e de usuários com estacionamentos fronteiros e hall coberto para carrinhos antecedendo o acesso ao prédio e funcionando também como porte cocherê. Ligação interna Hiper/Shopping através de praça e portas envidraçadas provocando também estímulos e troca de público.





A sua estrutura tem modulação conveniente à implantação dos serviços e da área de vendas, com poucos pilares, facilitando lay-outs e operacionalizando a loja. A estrutura é mista (pré-fabricada na área de serviço e check outs e metálica na grande loja) agilizando a sua construção.

Iluminação natural e artificial adequada, pisos monolíticos, cores claras, etc., criam conforto ambiental (térmico e acústico) e visual (limpeza de percurso, desenho estrutural, etc.).

O gerador da construção foi o percurso do mall que foi estudado de forma a permitir visadas múltiplas, adequadas ao seu funcionamento, estimulando e evitando monotonias, fruindo aos poucos. Sugere ruas da cidade de Ouro Preto e em particular a São José, definindo em suas extremidades praças que poderiam ser reconhecidas como "Praça do Chafariz" junto ao Hiper e "Largo da Alegria" para a Praça de Alimentação. Estas ricas analogias formais também podem ser vistas na parte externa da construção onde "casarios" compõem o corpo do Shopping e "torres" e coberturas se destacando da massa continua construída.

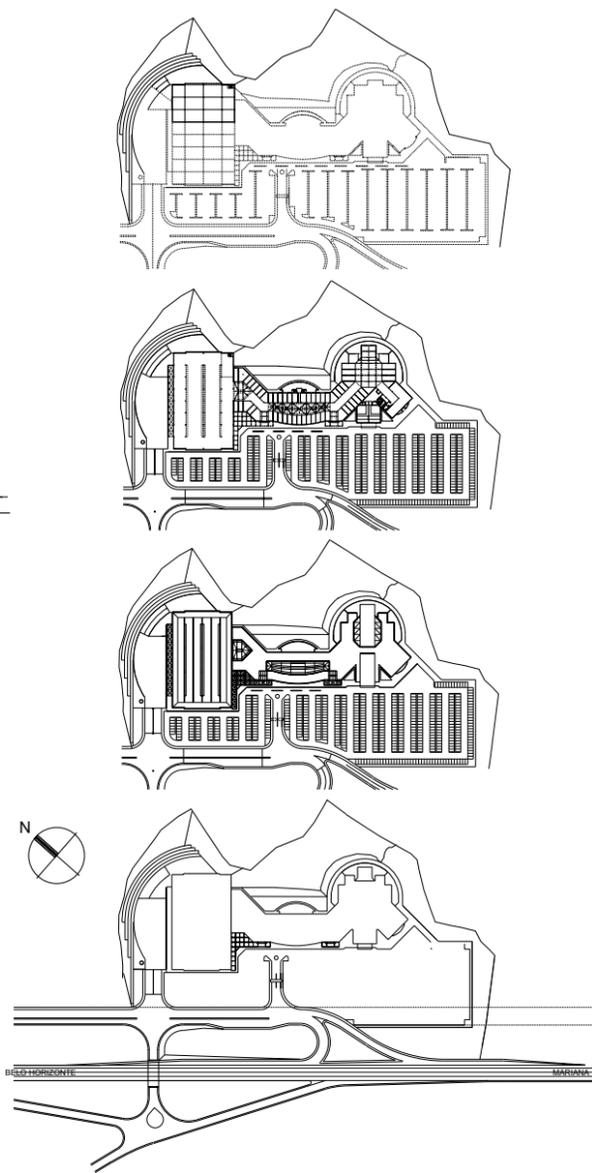
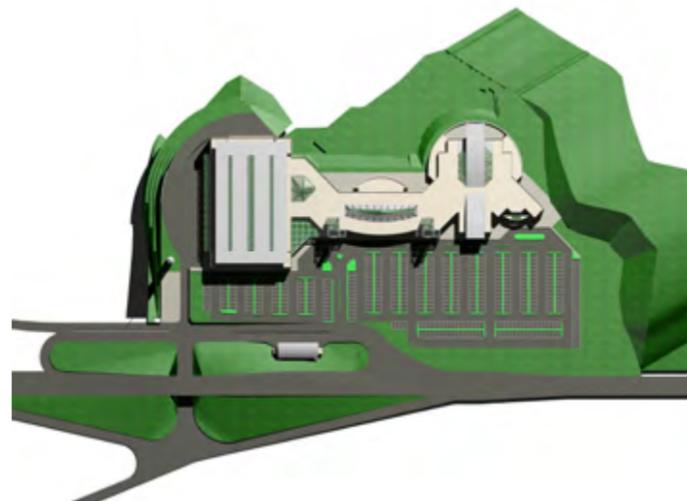
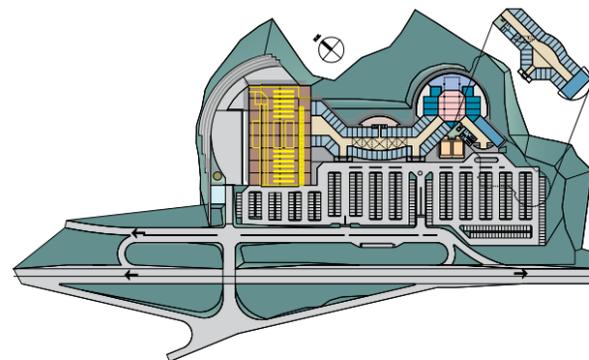
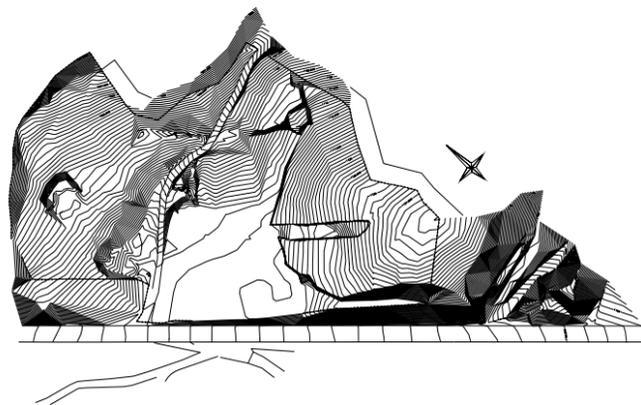
A bela paisagem que se estende na parte posterior do terreno é resgatada pela inclusão do terraço panorâmico contíguo à Praça de Alimentação e, em contrapartida, pousado sobre este platô, a construção também se harmoniza com a serra que ladeia a Rodovia, vendo-se ao longe o Pico do Itacolomi, símbolo natural da cidade.

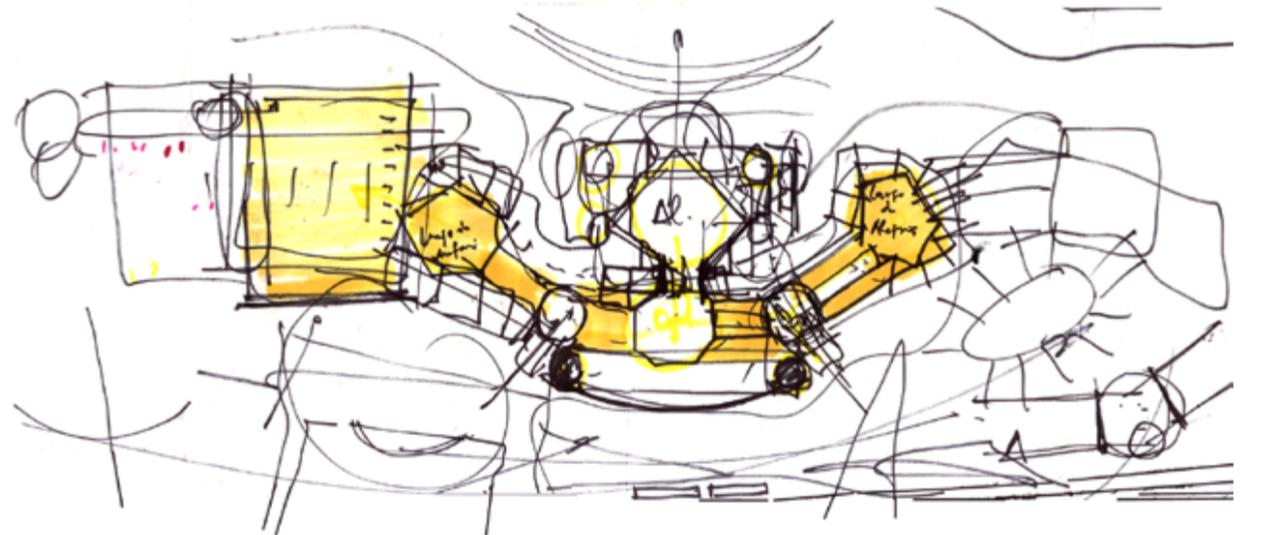
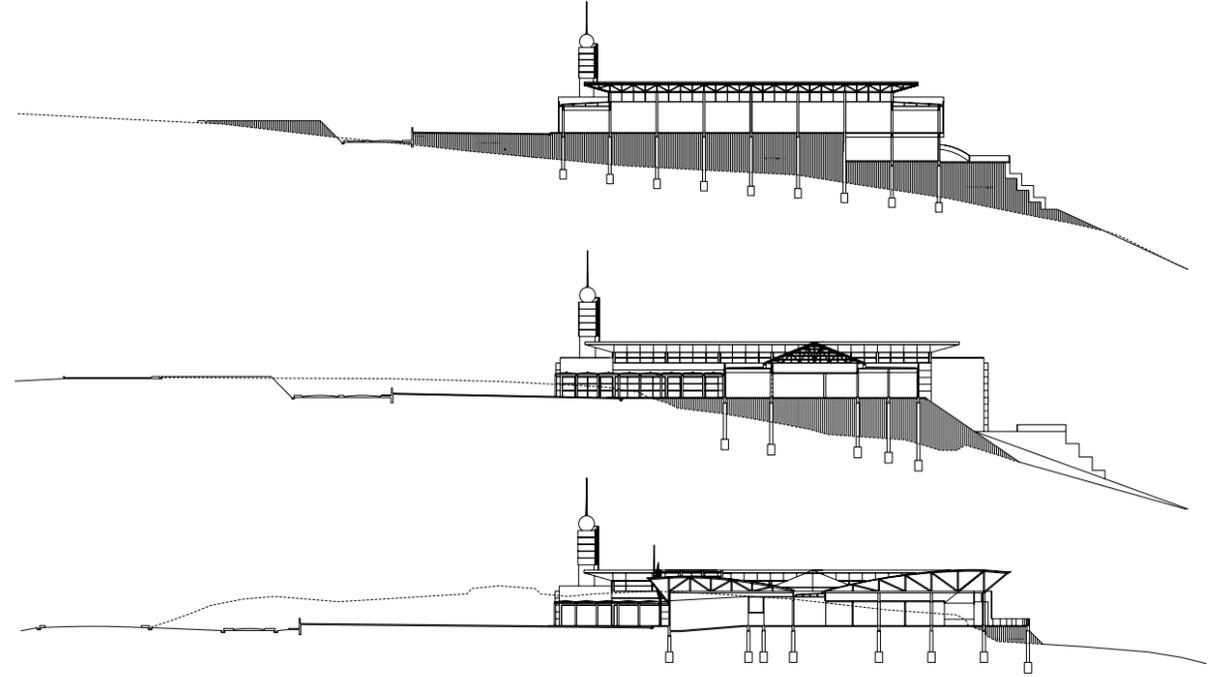
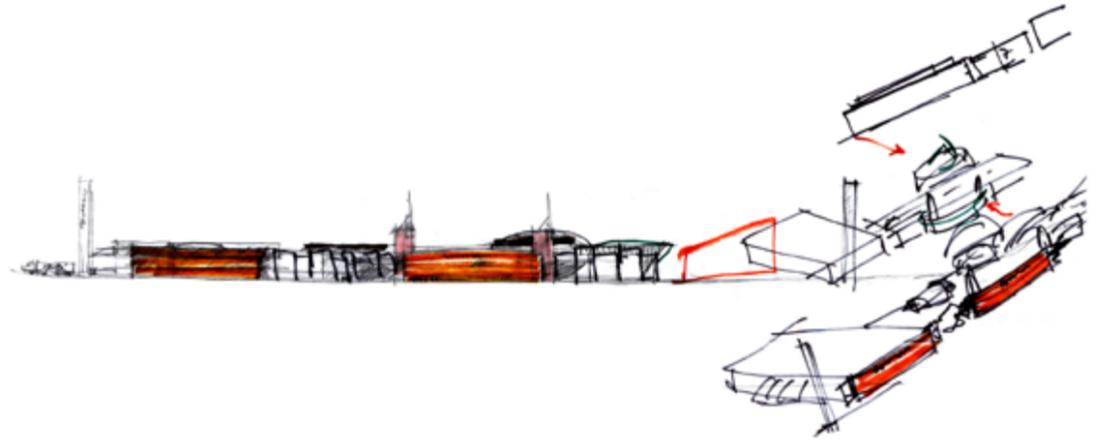
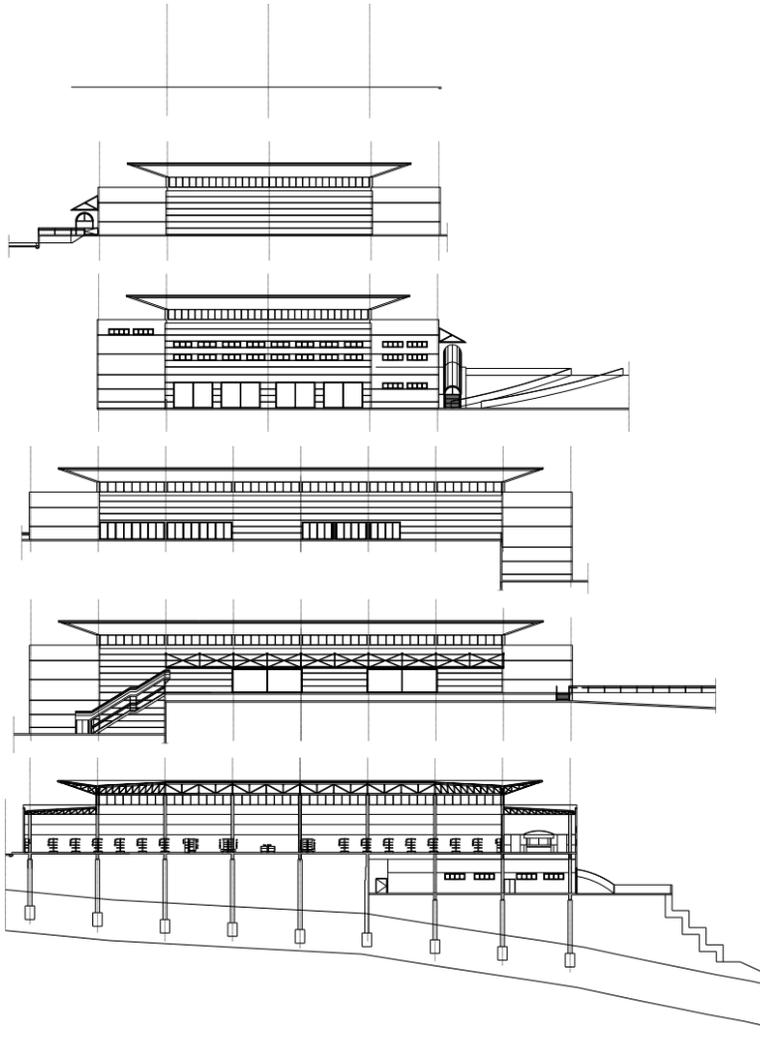
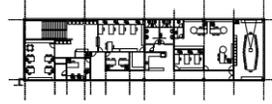
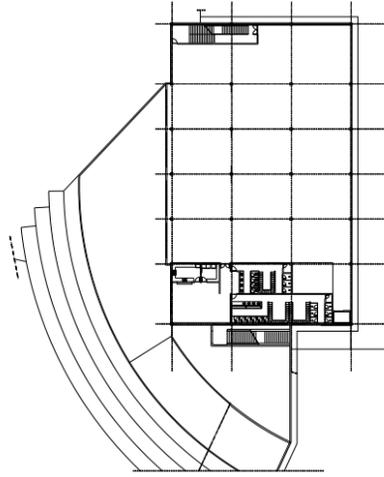
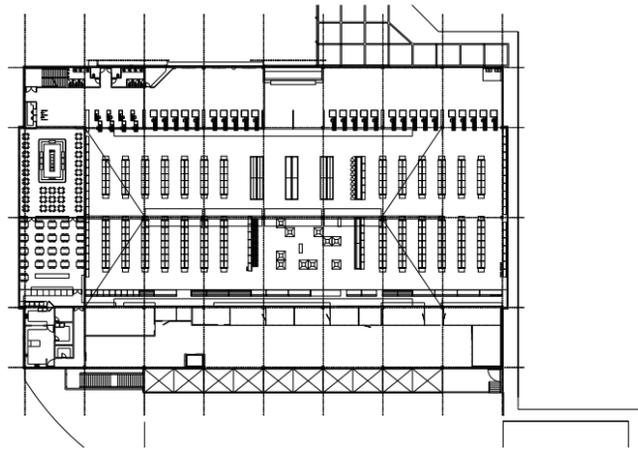
A modernidade do empreendimento está neste respeito à cultura local sem, no entanto, fazer da sua arquitetura uma cópia "pastiche" mas, retirando do passado o que ele tem de rico e incorporando o marketing mercadológico, novos materiais e desenhos de arquitetura que dêem suporte a estas atividades.

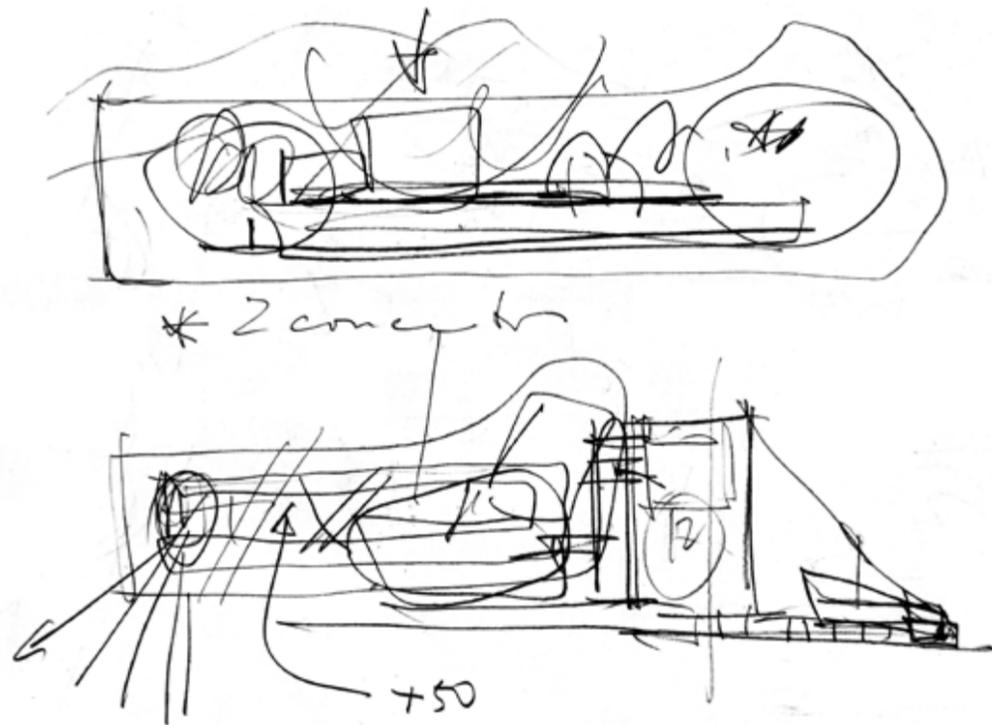
Com o corte na elevação localizada à direita do terreno, abre-se a possibilidade imprescindível do uso dos espaços remanescentes do terreno para o entretenimento como eventos de grande porte, carência real da cidade, aproveitando parte do estacionamento como platéia e os taludes como pano de fundo natural. Numa segunda etapa, esta área deveria ser ocupada por uma expansão planejada sendo que o estacionamento deveria crescer de forma vertical ou com a anexação de terreno contíguo.

Entre a faixa reservada ao DER e a pista de acesso aos estacionamentos foi proposta uma plataforma de espera de ônibus intermunicipal, urbano e semi urbano, com estacionamento simultâneo de quatro unidades, contendo ainda instalações sanitárias e pequenas lojas (banca de revistas, lanches, etc.).

Prevista uma implantação de maior porte em terreno vizinho ao empreendimento com criação de estacionamento para ônibus de turismo, oficinas e abastecimento.



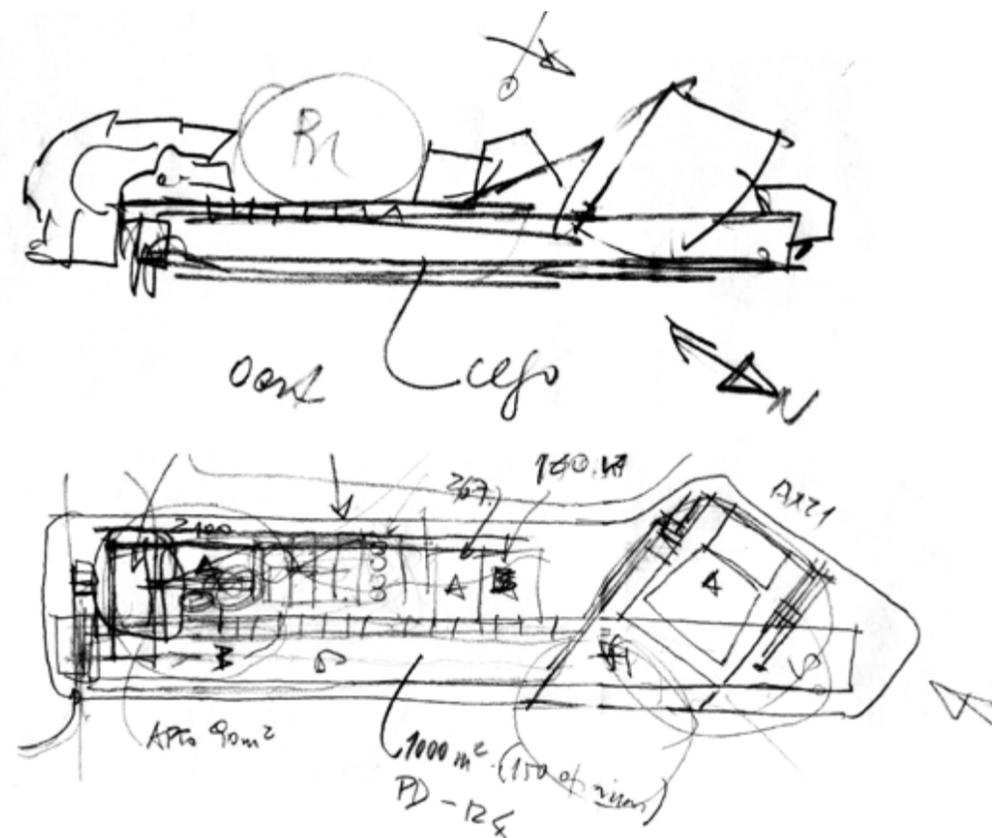




# Sede Grupo Corpo

área do terreno 16.700,00 m2

Concurso Nacional de Projetos



Sylvio E. de Podestá 

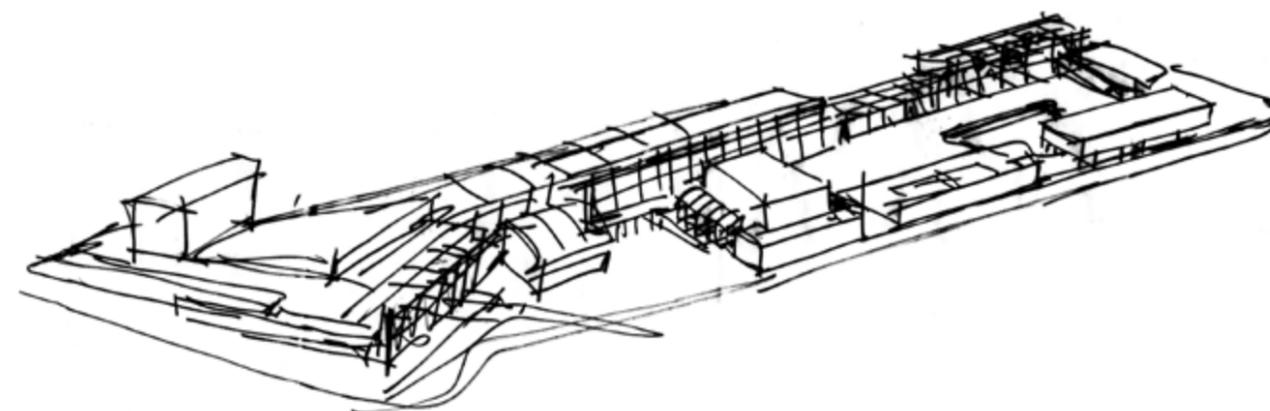
# 06

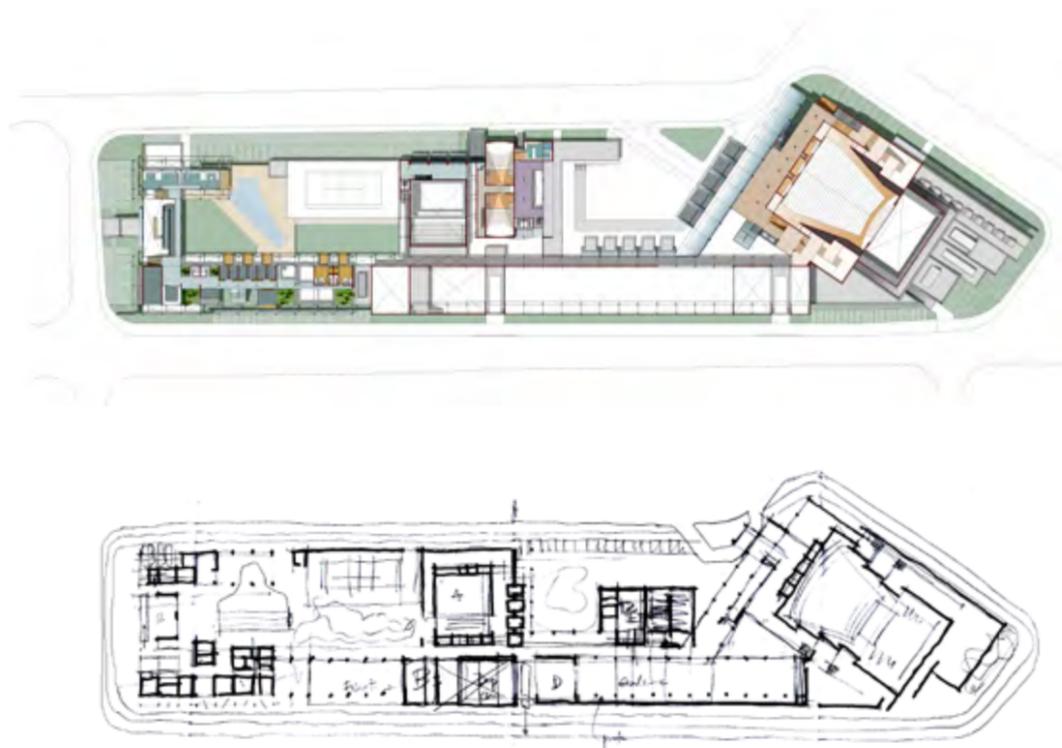
localização  
Vale do Sol  
Nova Lima | MG



arquiteto  
Sylvio Emrich de Podestá  
colaboração  
Mateus Moreira Pontes

data  
**2002**



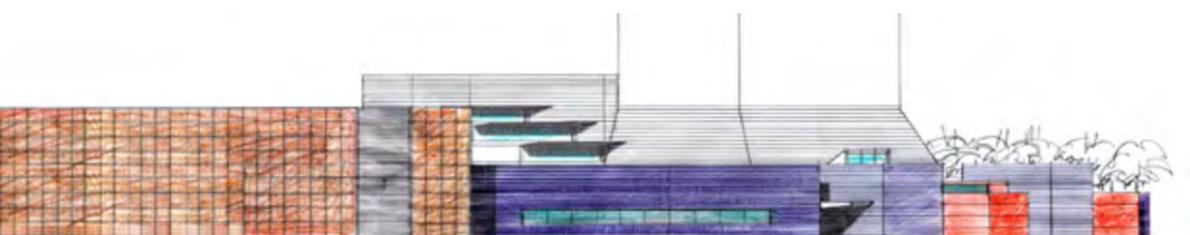
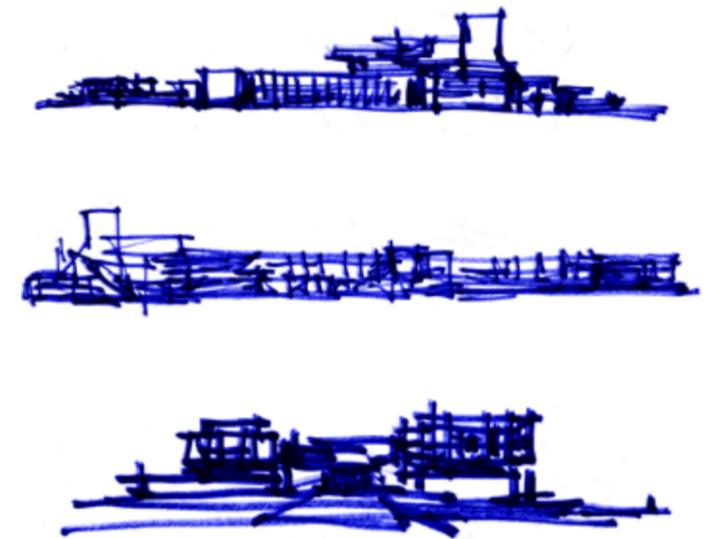
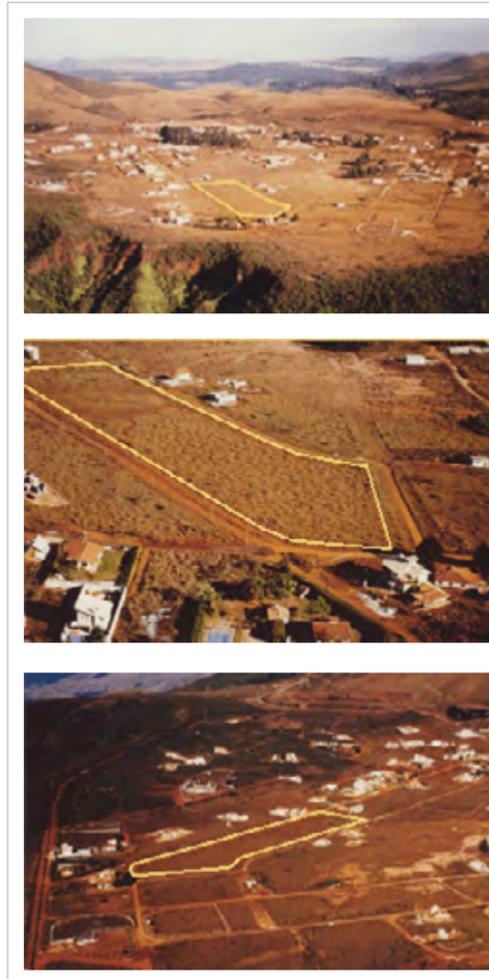


### Sede Grupo Corpo

E importa também ao arquiteto, naqueles sucessivos processos de escolha a que afinal se reduz a elaboração de um projeto, ter sempre presente, como "lembrete", o seguinte:

*arquitetura é coisa para ser exposta à intempérie e a um determinado ambiente;*  
*arquitetura é coisa para ser encarada na medida das idéias e do corpo do homem;*  
*arquitetura é coisa para ser concebida como um todo orgânico e funcional;*  
*arquitetura é coisa para ser pensada estruturalmente;*  
*arquitetura é coisa para ser sentida em termos de espaço e volume;*  
*arquitetura é coisa para ser vivida.*

Lúcio Costa



## O corpo como platéia

Como nas artes, a arquitetura é um jogo entre espaços funcionais e imaterialidade, entre vazios e cheios regados a jardins e sombras.

É bem possível resolver os espaços funcionais exigidos para a sede do Grupo Corpo na forma de um escritório racional mas, tal abordagem não se justificaria para um sítio agreste, mas generoso, onde a construção da paisagem privada se faz tão necessária quanto os espaços funcionais e assim foi concebida, destacando-se dois momentos:

Paisagismo térreo exuberante com inclusão de árvores de porte, mudança da topografia plana, vazios de pilotis, sombreando a Praça do corpo.

Vazios e jardins superiores protegidos por brises e pérgulas, possibilitando luzes e sombreamento controlados.

São vazios conceituais que diferenciam e categorizam os espaços, ricos em virtualidade e funcionam como coadjuvantes dos espaços funcionais.

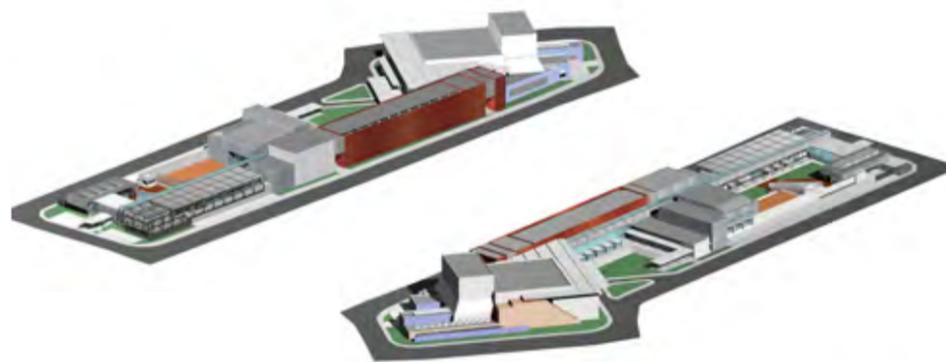
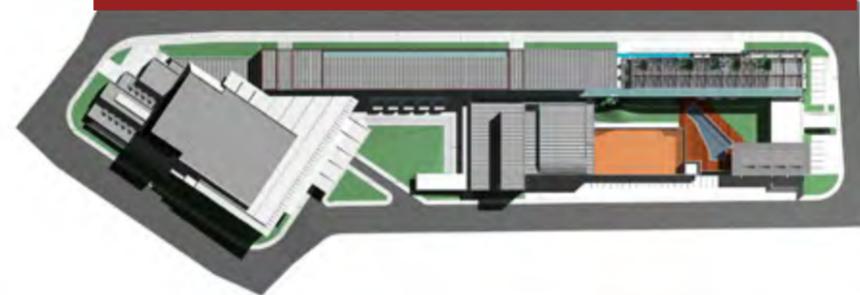
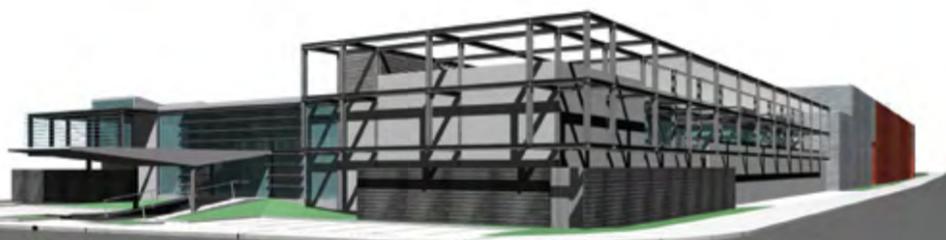
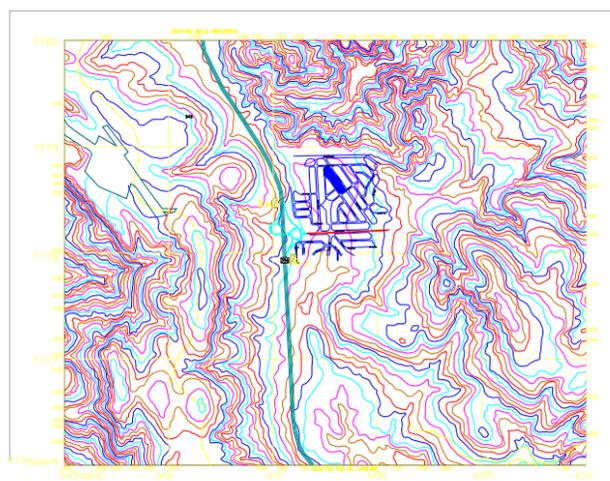
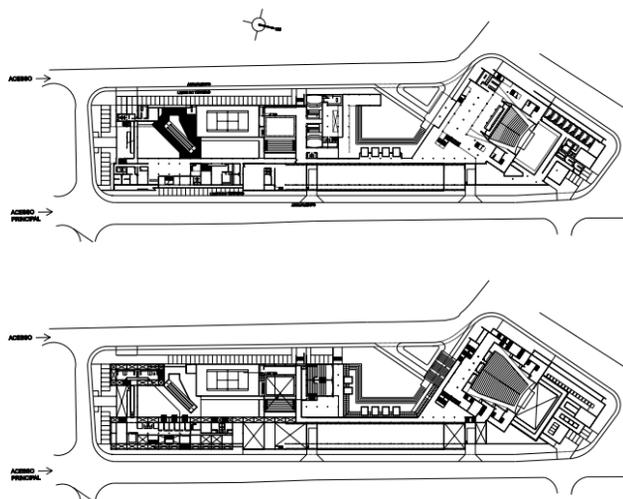
É no conceito utilizado na sede que se inicia uma leitura linear que vai destes vazios e ausência de matéria fosca, concreta, se fechando em estúdios, depósitos, galerias, cinemas, até o brilho metálico e a transparência do vidro do grande teatro.

Vazios e jardins painéis de concreto painéis de SAC painéis de aço galvanizado (inox ou alumínio), ou seja, do vazio conceitual ao brilho do espetáculo, numa leitura óbvia e didática que diz da possível ocupação imediata (setor a) e da futura (setor b).

Evitou-se uma leitura linear, racionalidade programática. Propõem-se surpresas, vazios visuais no lugar de visões ortogonais, emolduradas por aberturas seletivas.

Criar matéria e paisagem, fluxos horizontais e verticais recheados de estímulos, não é um caso de "gosto", simples mudança de cenário; é estréia de peça nova em temporada que se inicia.

*Arquitetura é coisa para ser vivida.*



Sylvio E. de Podestá



# 07

**Habita Sampa** Concurso Nacional de Projeto  
 Projeto Cônego Vicente Miguel Marino



área terreno 9.426,03 m<sup>2</sup>  
 área projeto 8.541,60 m<sup>2</sup> (240 unidades habitacionais, Departamento de Patrimônio da Prefeitura e Centro de Capacitação)  
  
 localização  
 São Paulo | SP  
  
 data 2003  
 arquitetos  
 Sylvio Emrich de Podestá  
 Mateus Moreira Pontes

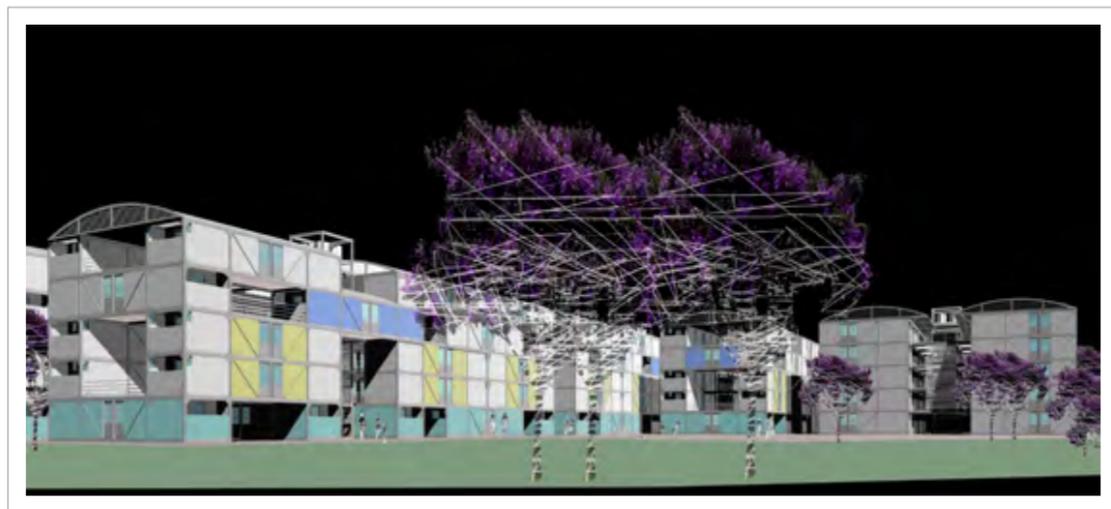
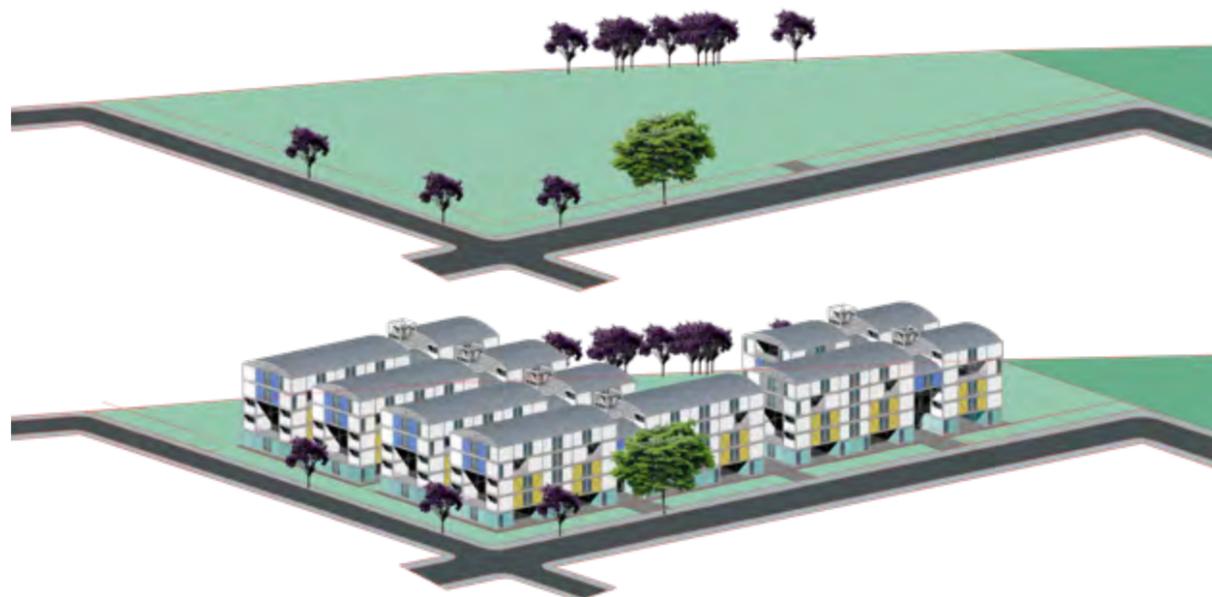


## Habita Sampa

Este projeto é um desenvolvimento lógico e aplicado do sistema proposto para o 2º. Prêmio Usiminas Arquitetura em Aço (1º. Prêmio - 1999) no qual repetimos textualmente alguns conceitos adotados, apenas formatando o sistema para esta nova situação proposta pelo concurso, além de algumas modificações de material e montagem propostas pela equipe Usiminas e maior desenvolvimento dos painéis elétricos e hidráulicos projetados pelo engenheiro Absalão de Carvalho.

Inicialmente, uma citação de Le Corbusier que dizia que “a casa deve ser uma máquina de morar com economia e eficiência industriais: é preciso criar o espírito de casas em série; o estado de espírito de construir, residir e conceber casas em série”, cuja

defesa deste primado da indústria sobre o artesanato baseava-se em três argumentos principais: barateamento e massificação das construções, qualidade intrinsecamente universal e abstrata e, finalmente, a possibilidade da máquina substituir o homem em algumas horas, reduzindo sua jornada de trabalho nos fazia pensar que não bastava apenas observar este princípio - que contém particularidades que poderíamos adotar como premissas para um projeto industrializado - mas não incorrer novamente no erro de uma arquitetura imposta, facilmente provocada pelo caráter emergencial da falta crônica de moradias, permitindo que o conjunto de indivíduos da comunidade atendida percam seu caráter particular, seus projetos individuais e independentes.



Podemos perceber em Lauro Cavalcanti (Casas para o Povo, Dissertação de Mestrado, 1987) três tendências de como se aborda normalmente a questão habitacional no Brasil e acredito que em vários outros países:

1. Corrente idealista, que defende uma postura industrial em relação à moradia. Processos de construção seriada suprimindo rapidamente a demanda por casas populares.

Renomeio essa corrente chamando-a de apicultura ou “casas de abelhas a guiza de moradias” o que provoca o aparecimento em nossas cidades dos horripilantes conjuntos habitacionais periféricos, com casinhas de duas águas colocadas lado a lado num interminável e monótono conjunto amorfo.

Acredita-se que a criatividade dos moradores aliada às suas reais necessidades incorporam a esta monotonia outros valores, os reais.

2. Corrente pragmática, defendendo uma intervenção mínima em termos construtivos. Deixa a cargo da própria população o projeto e execução de suas moradas. Atuações em pequenas e médias escalas.

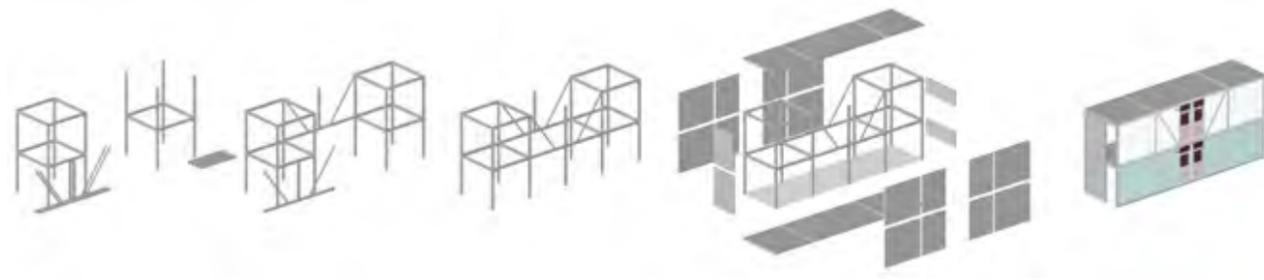
Os famosos mutirões que aparentemente suprem demandas de populações de baixíssima renda. Metodologia emergencial que aproveita do descanso ou desemprego do cidadão e o coloca a trabalhar em causa própria, algo meio paternalista e abusivo. Alternativa que deveria ser substituída pela melhor formação da pessoa, emprego e acesso ao crédito, ou seja, incorporá-lo definitivamente à sociedade que pertence.

3. Corrente tecnicista que busca fundamentalmente racionalizar processos construtivos no sentido de possibilitar maior produção de moradias. Ocupa-se de sistemas construtivos não entrando no mérito de sua organização espacial.

Outra forma preocupante de suprir demandas: números. Se estas são historicamente as formas mais comuns de abastecer as cidades de moradias em escala, sente-se então a necessidade de um estudo sobre o que já foi historicamente conquistado em outros formatos, sobre os engodos e deficiências de planos passados e, frente a estas premissas, estabelecermos o que seria um conceito/conclusão para os dias de hoje.

Temos certeza de que resolver a habitação pura e simplesmente é o mais falho dos caminhos e sugerimos, frente a este grande erro, a criação de um sistema completo de produção em escala de componentes de montagem de moradias que atinja diversos segmentos e que, sob o ponto de vista industrial/comercial, possa suprir as necessidades de uma indústria tipo.

Baseamos na real constatação de que equipamentos complementares às moradias como mobiliários e utensílios são adquiridos em prestações, até por quem não tem onde morar, a casa deveria participar deste sistema de acesso (crédito, mesmo subsidiado) e a demanda seria na capacidade (mínima que seja) de endividamento.



Processo simplificado de montagem de 2 módulos sobrepostos - torres e viga atirantada montadas em fábrica - painéis de concreto celular para vedação e laje - esquadrias moduladas



## O Sistema

Para tanto, a criação de um sistema, que é a combinação de partes que concorrem para um resultado como o proposto, deve ser formado por:

1. Construção: fabricação do produto base (aço); transformação do produto base em manufaturado (estrutura e componentes); componentes acessórios ou agregados que formatam o objeto como um todo e/ou o particulariza (vedações, acabamentos, etc.); centro de montagem dos elementos manufaturados com os elementos acessórios e agregados; transporte de componentes e/ou produtos acabados dos centros de montagens ao sítio; sítio ou local da instalação do produto final do sistema construtivo mais montagem;
2. Venda e instalação de conjuntos;
3. Arquitetura, urbanismo, gerenciamento: firmas terceirizadas para projetos de montagem de conjuntos, fundações e gerenciamento da construção, montagem e urbanização.



apartamento tipo 2



apartamento tipo 3



apartamento tipo 1 (quintinete)

## Módulo básico

Consiste no módulo básico que, agregado (componentes) ou multiplicado gera os diversos tipos de múltiplos.

1. Valores individuais e urbanos, valores simbólicos e funcionais:

“Eliminar a distância entre as imagens mentais dos arquitetos e a vida real de uma sociedade que, na maior parte dos casos, não se conhece quanto a seus sistemas de valores, seus esquemas estéticos, seus códigos de comportamento possibilitando o uso pelos diversos tipos de pessoas, dando-lhes chance de manifestações diversas”.

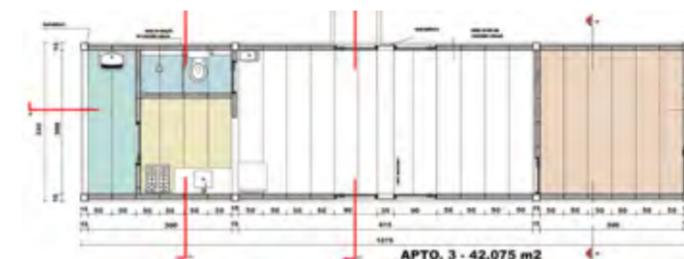
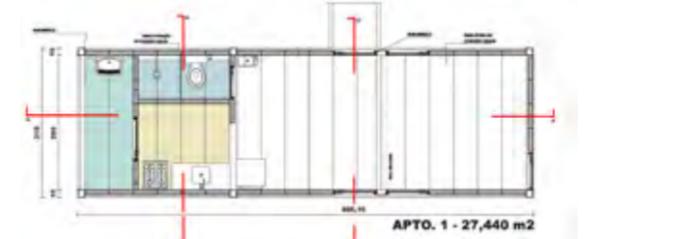
2. O módulo integrado ao contexto urbano:

O módulo básico é um componente da estrutura macro. Esta estrutura é formada por todos os elementos que circunscrevem a vida social: espaços públicos, promotores de relações sociais; edifícios para a saúde, a cultura, a educação produção, etc. É tão somente uma parte do sistema, e deve se integrar às soluções totais. A implantação conveniente, urbanisticamente correta, deve procurar suprir todos os elementos que verdadeiramente compõem uma vida em sociedade.

## A habitação

O sistema proposto procura estabelecer um processo semelhante ao sistema adotado pelas montadoras de veículos automotores.

Há uma estrutura de base – repetível na horizontal e na vertical – que estabelece de forma modular a sustentação da habitação e define o conjunto de componentes de divisões internas e externas.



## Características básicas

A criação de um sistema permite que se estabeleça um “padrão” antes da montagem do conjunto horizontal/vertical.

Módulos básicos – com 27m<sup>2</sup>, 37m<sup>2</sup> e 42m<sup>2</sup>.

Fechamentos e divisões com qualidade industrial, alta produtividade (cadeia produtiva).

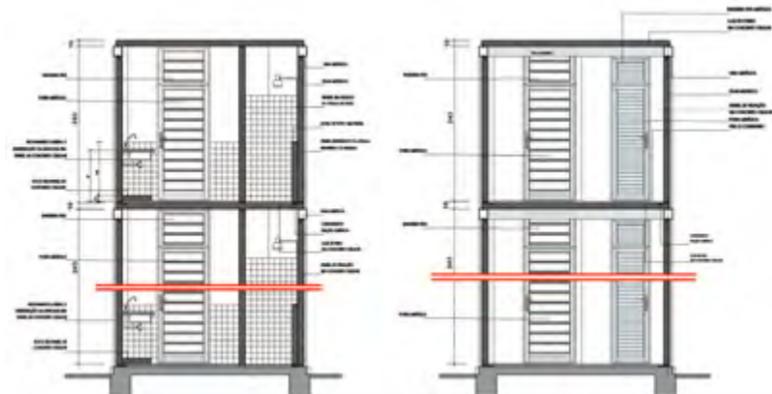
Possibilidade de transporte de peças acabadas (módulo básico) para unidades individuais e semi-acabadas no caso de verticalização.

Possibilidade de financiamento total da unidade ou por partes, direto com os fornecedores/montadores.

Custo controlado da unidade pretendida e garantia da sua qualidade por um longo período, eliminando materiais de qualidade duvidosa e tecnicamente mal produzidos.

Como o MÓDULO BÁSICO é um produto de mercado e não de uma classe específica, ele permite ser industrializado de forma a aproveitar sua base teórica e estrutural (como o chassis do automóvel) para outros equipamentos (mesma família) e suprimindo as demandas de apoio, CCR, etc..

Fornecedores de subprodutos como caixas d’água, fossas, coletores solares e células fotoelétricas, centrais de lixo, estações de tratamento de esgoto e água, etc.. Garantindo a qualidade de seus produtos por tempo determinado e compatível. Incorporam-se as qualificações ISO, sejam elas técnicas, ambientais, etc., de forma a permitir cobranças de performances e, se for o caso, serem substituídas, reparadas ou mesmo indenizadas.



Possibilidade de desmontagem, mesmo vertical, mudança de sítio por necessidade de remoções como desapropriações e outras.

Estrutura, lajes, vedações e acabamentos, estrutura metálica

A estrutura do MÓDULO BÁSICO (pilares e vigas) é formada por perfis metálicos tipo caixa (chapa dobrada) e/ou perfis "I" de aço, soldados, com componentes pré-montados em fábrica ou parafusados (no caso de componentes pré-montados). Esses componentes formam um conjunto tecnologicamente comprovado 16,92 kg/m<sup>2</sup> e é um paralelepípedo estrutural semelhante a uma vierendeel tridimensional, transportável em partes.

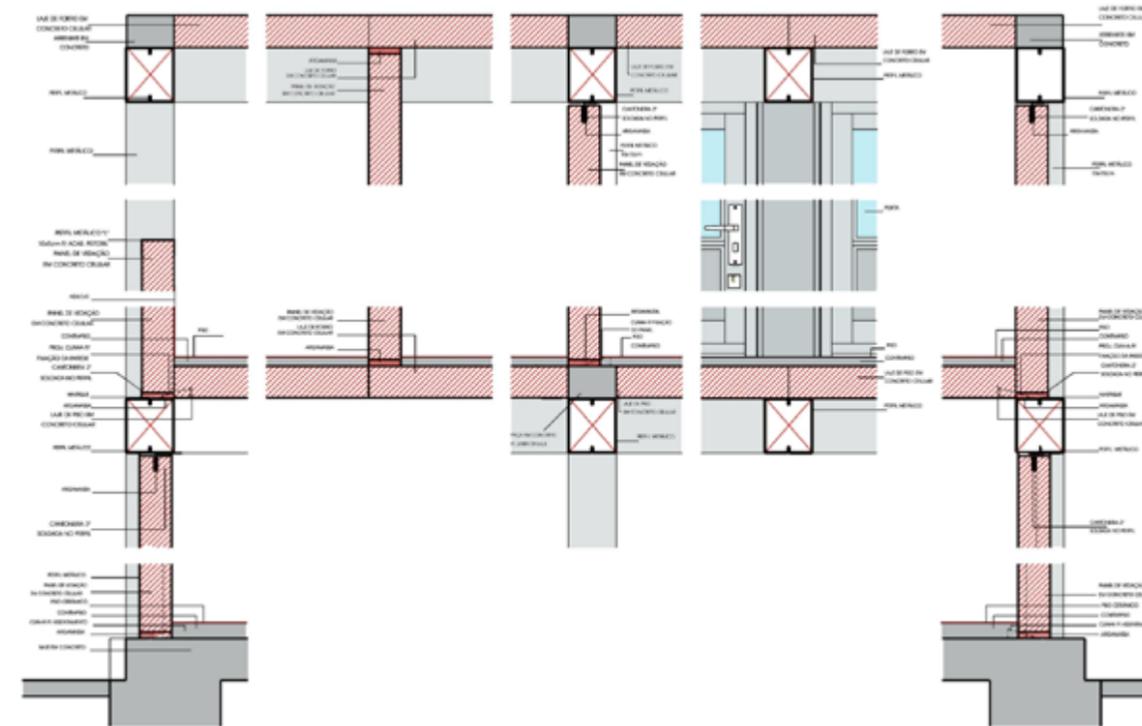
As lajes podem ser mistas, tipo decks metálicos ou os painéis armados de concreto celular autoclavados (CCA). Assentados sobre as vigas, recebem GROUTE(s) de com aço soldado à viga, contrapiso (30mm) com tela eletrosoldada e cinta de concreto de borda. Revestimento cerâmico em toda sua superfície colado com argamassa.

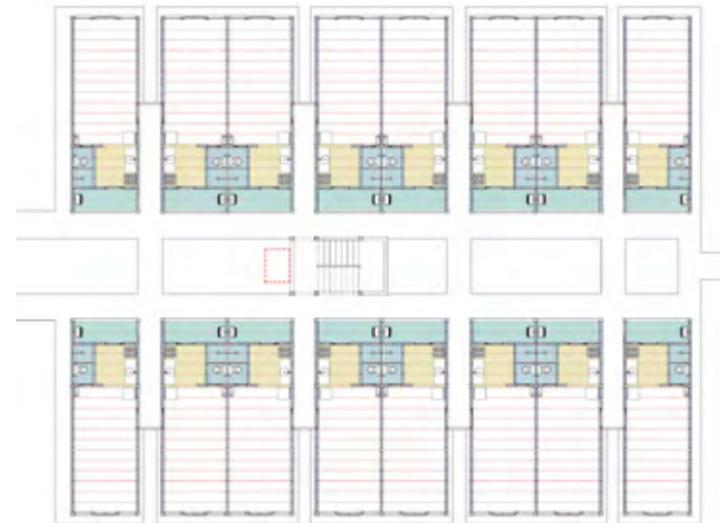
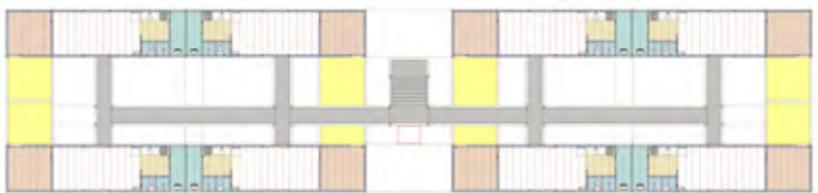
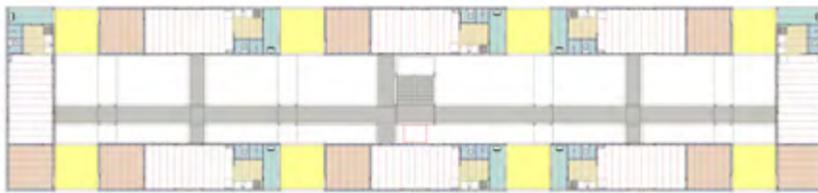
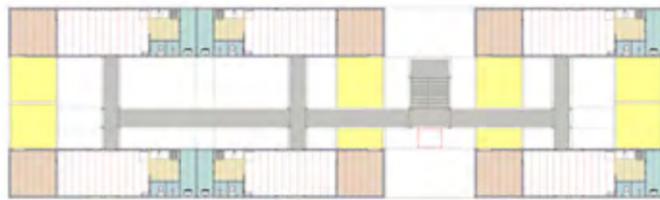
As vedações, também em painéis (piso teto) de concreto celular autoclavado (CCA), são fixadas a estrutura através de cantoneiras de chapa dobrada de (superior, lateral e inferior). Ligações estanques com uso de placa EPS, mastic e argamassa.

Painéis acabados recebendo revestimento acrílico texturizado, aplicados com rolo médio, pós-montagem. Na cozinha, serviço e banheiro recebem revestimento cerâmico até 1,10m de altura com exceção na área do Box revestida até 1,80m.

Esquadrias: perfis laminados, chapa dobrada de aço, pré-pintadas, modulares e instaladas prontas.

OBS: Os acabamentos devem ilustrar a intenção de construir uma habitação com qualidade arquitetônica, aplicação tecnológica e fácil manutenção, além do baixo custo, mas prevendo que esses acabamentos deverão ter vida útil compatível com a ideia proposta (20 anos de garantia dos fabricantes, pelo menos) e a habitação quando pronta é passível de receber certificados ISO em todas as áreas, inclusive na ambiental e de projetos.



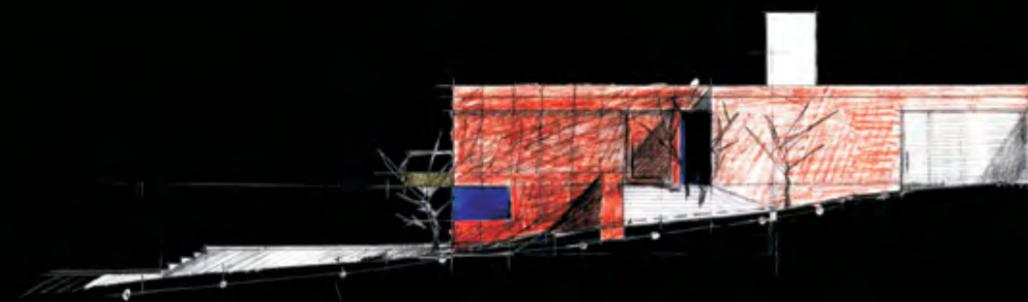


### Conclusão

O que pode ser dito é que esta proposta é uma análise de experiências e tentativas (algumas com sucesso) de diversos arquitetos, entidades, governos, etc. e, mais uma vez, como finalidade de locação social, com características e conceito coerente no que diz respeito à aplicabilidade do conhecimento (tanto social quanto tecnológico), da garantia de qualidade final do produto e de uma arquitetura que permita e desfrute de uma vida íntima e socialmente rica, com possibilidade real de convívio além de compatível com as tipologias vizinhas.

Acrescento à conclusão um comentário após o resultado do concurso: diferentemente das propostas vencedoras, espalhamos as moradias por todo terreno de forma a minimizar custos com manutenção de jardins ou áreas de lazer e deixando a administração destas áreas aos "condôminos" ou seus síndicos, eliminando-as da administração pública como se faz em qualquer outro conjunto habitacional em outras faixas econômicas.

O retorno de implantações na forma de grandes pavilhões que liberam áreas térreas formatando praças, a nosso ver desagrega tipologicamente a região e cria grandes áreas de onerosa administração, totalmente contrário ao parecer dos jurados.



área do terreno 1.361,00 m<sup>2</sup>

área 350,00 m<sup>2</sup>

# Casa Luis Eduardo

arquiteto

Sylvio Emrich de Podestá

localização

Lagoa Santa | MG

data  
2002

# 08

Sylvio E. de Podestá 



Casa Luis Eduardo

Lagoa Santa foi nas décadas de 60 e 70 o ponto de encontro da juventude motorizada de Belo Horizonte. Ali se esquiava, nadava, navegava, namorava até a manhã de segunda quando se retornava a BH. A decadência das décadas seguintes foi interrompida por uma nova corrida imobiliária com lançamentos de lotes e chácaras nas redondezas da cidade e o saneamento da orla com a criação de rede de esgoto, recuperação da vegetação, retorno de alguns bares e restaurantes com ofertas diferenciadas dos antigos barzinhos, atraindo público diverso.

Esta proximidade com BH e acesso pela Linha Verde, autopista que liga a capital ao aeroporto de Confins volta a fazer deste sítio local aprazível e de boa morada.

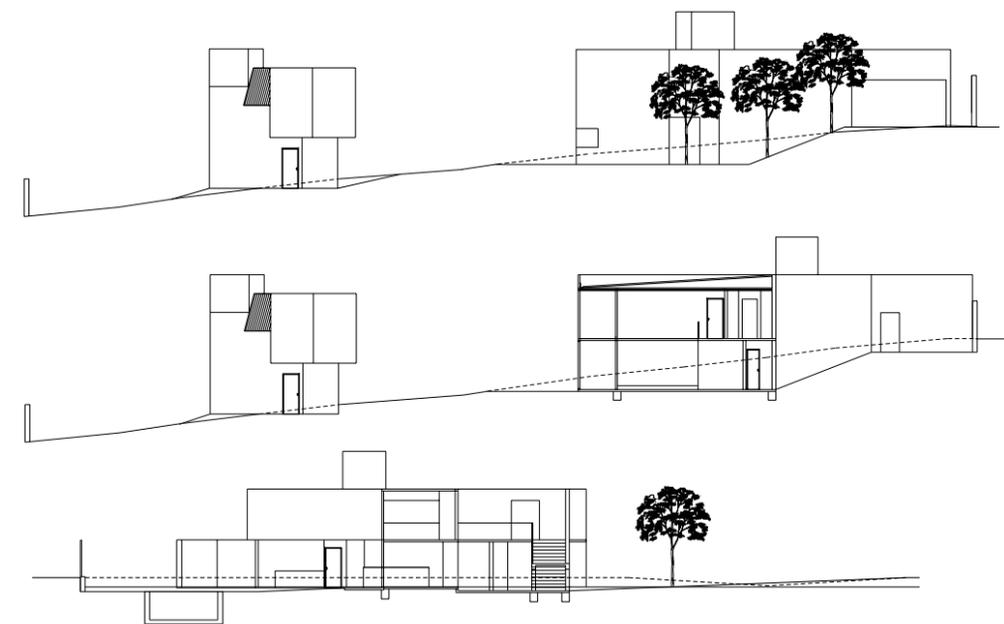
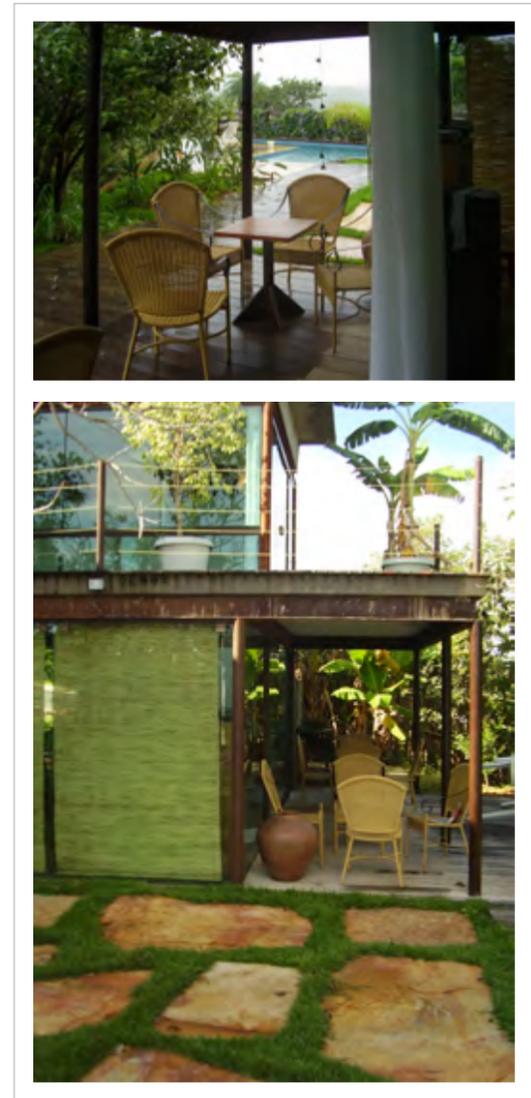
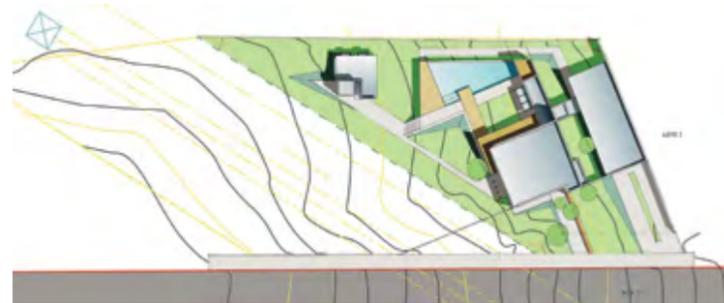
Topograficamente a lagoa é a parte mais baixa da cidade e é cercada de colinas. Numa delas, lá no alto

está a casa Luiz Eduardo, com vistas longas para as cercanias e também para a lagoa.

Acostumado a construir, o proprietário é personagem interativo do projeto que se iniciou em partes, as mais importantes, quarto, cozinha, sala, piscina e sauna. Agora caminha para a parte frontal que será acrescida de duas suítes no antigo vazio da sala. Mudança de planos. A casa dos meninos está em stand by.

Algumas dificuldades iniciais na construção, material, mão de obra e o arquiteto que esmoreceu com a dinâmica do construtor e condutor de barcos em Parati, foram resolvidas.

Uma nova etapa se apresenta e como toda casa esta também se constrói junto com a vida que se modifica, estabiliza, acumula e cria musgo.



data  
2005/06  
obra 2005/06

# 09



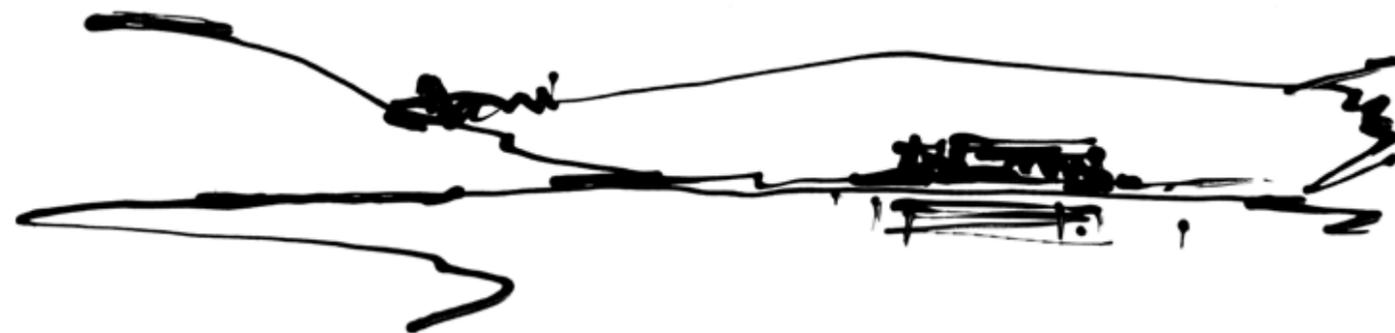
proprietário	Instituto Doctum, Faculdades Integradas de Caratinga
construção prédio A	Plante Engenharia Ltda.
estrutura metálica cálculo e montagem	Techneação Engenharia Ltda.
área do terreno	16,5 hectares
área do prédio A	1.575,00 m2



Sylvio E. de Podestá



localização  
Lagoa do Piau  
Caratinga | MG



## Campus Lagoa do Piau

Instituto Doctum, Faculdades Integradas de Caratinga

arquiteto  
Sylvio Emrich de Podestá

colaboração  
Gian Paolo Lorenzetti  
Pedro Aragão de Podestá  
Marcos Franchini Mascarenhas (estagiário)



### Introdução

Localizado em local de extrema beleza natural, estratégico em relação a região (Vale do Aço e do Rio Doce), o Campus Lagoa do Piauí nasce com identidade ecotecnológica, pretendendo o desenvolvimento de novas tecnologias (Ciência da Informação, Engenharia Civil/Sistemas Construtivos, Elétrica e Telecomunicações, etc.), da promoção do desenvolvimento Turístico e preservação do Meio Ambiente da região, por isso nada mais sintomático do que se iniciar de um projeto arquitetônico e urbanístico, com etapas de crescimento programadas em função da demanda socioeconômica, que possa oferecer alternativas de acesso a uma abordagem acadêmica que contemple as diversas facetas deste encontro eco e tecnológico.

Dividido em três módulos, o terreno caracteriza de imediato suas possibilidades funcionais.

Uma grande área plana, com vegetação inexpressiva, sugere uma ocupação mais densa. Esta área é cercada por uma exuberante paisagem formada por elevações

lindeiras e frontais que conformam um grande e belo lago (ou lagoa), parte do projeto de preservação ambiental do Vale do Rio Doce. É onde implantamos o Campus propriamente dito composto pelo Curso de Ciência da Computação e Ciência da Informação, Engenharia Ambiental e com parcerias para formação do Centro Tecnológico e Pós-Graduação.

Este projeto acadêmico amplia-se na sua oferta inicial com a criação da Universidade Livre do Meio Ambiente, um laboratório de conhecimento e manejo dos diversos tipos de ambiente e com o Centro de Estudos de Promoção Turística que aproveita da implantação no Módulo 3 de um Hotel/Escola e um Centro de Convenções com estrutura para eventos diversos.

Amplia-se também na implantação de um Centro Cultural que promoverá oficinas e mostras artísticas, preservação da memória e cultura regionais e também de um setor de Lazer e Esportes, com atividades ligadas às comunidades vizinhas na promoção de shows, campeonatos e outros.



### Malha Infra-estrutural

O Módulo 2, topograficamente plano, é quem recebe (como no circuito impresso) uma malha desenhada com eixos ordenadores onde se localizam todos os componentes (sujeitos e limpos) da estrutura de funcionamento do complexo.

Pelo solo, esgotos e águas secundárias, não potáveis, retiradas e tratadas da lagoa para suprir demandas como irrigações, lavagens, descargas e outras. Aéreas e localizadas em "canaletas" diferenciadas, as distribuições de infra-estruturas limpas como redes elétricas, água potável, cabos de lógica (fibras óticas), blindadas, compõem esta ossatura de funcionamento.

Esta infra-estrutura se alonga, secundariamente, para abastecer os setores ligados a hospedagem, monitoramentos ambientais e parte do complexo de Lazer e Esporte que tem demanda própria.



O Estudo Inicial apresentado, metaforicamente compara estas abordagens e suas funcionalidades inter-relacionadas a um circuito impresso onde as diversas funções setorizadas compõem uma única placa onde elementos como chip, processador, memória, cabos, pilhas, etc. se ajustam para cumprir o programa pretendido.





### Implantação

Estabelecida uma malha infra-estrutural, vias automotivas e de pedestres se organizam sobre estes eixos, criando acessos principais e secundários, descobertos e cobertos, diretamente localizados no solo ou sobre pilotis.

Os pilotis são fundamentais na construção da infra-estrutura como o da adoção de sistemas bioclimáticos para as principais edificações onde a quantidade de pessoas em atividades moderadas e em permanência prolongadas necessitam de conforto ambiental adequado.

Estruturados em perfis de aço que se alongam para compor a estrutura mestra das edificações ou que dão suporte as estruturas em madeira roliça que comporão passarelas, pergolados e ambientes adequados ao seu uso, estes pilotis formam uma espécie de andar de serviço aberto onde o monitoramento, manutenção e ampliação das vias e infovias é feito de forma imediata e com a precisão necessária.

Com esta estratégia projetual consegue-se uma visão clara das possibilidades de ampliações previstas e ainda de antever possíveis outros componentes pedagógicos, lúdicos ou mercadológicos que possam ser acrescentados em tempos futuros.

Edifícios funcionais, culturais, esportivos e de compras, turísticos e emblemáticos encontram nesta estrutura e nos seus alongamentos secundários um "porto seguro".

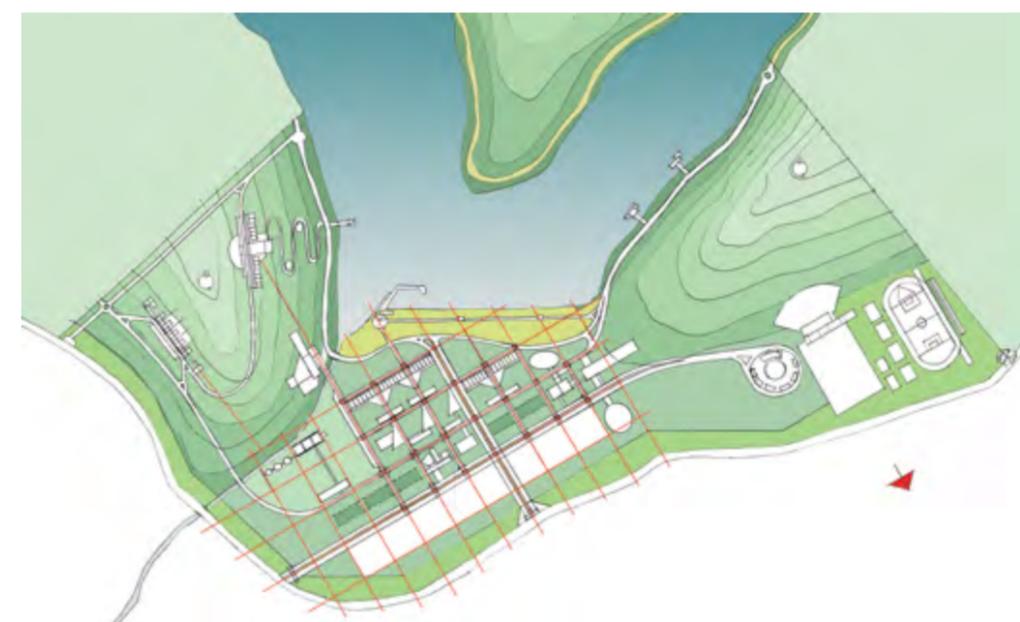
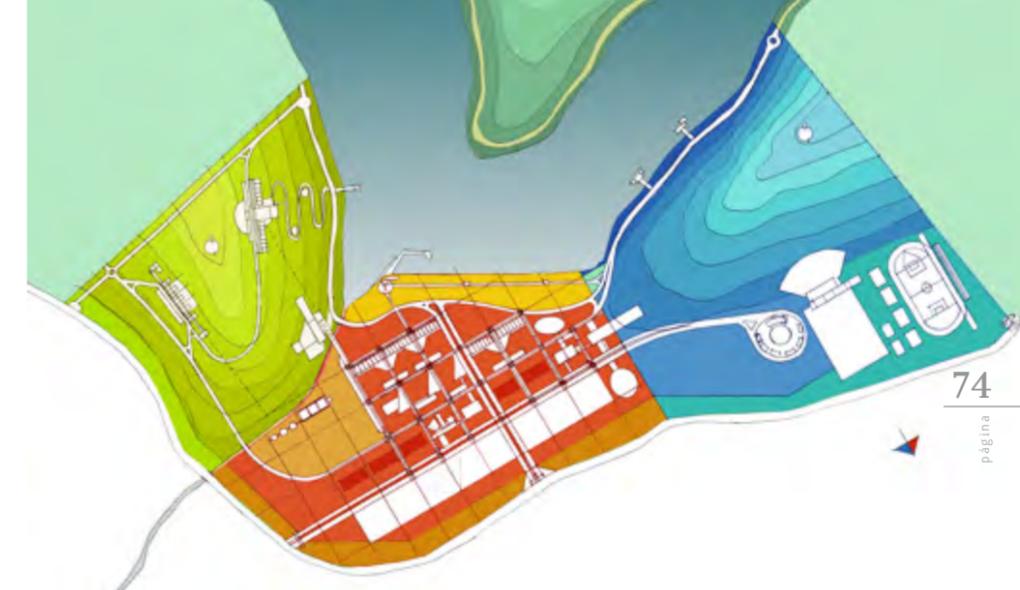
### O Projeto

As unidades passam a ter então áreas de implantação ligadas às diretrizes funcionais, sejam elas de necessidades físicas (como locomoção entre partes), estruturais (onde podem se concentrar maiores quantidades de equipamentos específicos) e todas outras que de uma forma ou de outra promovam especificidades próprias ou conjugadas.

A arquitetura desenha estas unidades procurando responder aos processos construtivos, ambientais e desustentabilidades possíveis, dando caráter próprio a cada unidade e de acordo com suas características.

O que mostramos nestes primeiros estudos são estas possibilidades diversas de uma demanda que se inicia com um plano que pode sofrer variações sem que a idéia inicial de flexibilidades diversas seja comprometida.

Acrescentamos ainda uma análise sobre a sugestão de um sistema estrutural pré-fabricado, racionalmente projetado, consagrando materiais e custos compatíveis com o empreendimento a nível econômico, de forma a controlar custos e tempos necessários; processos de sistemas bioclimáticos para conforto térmico dos espaços diversos, diminuindo demandas energéticas, revendo paradigmas relacionados com o uso da "força bruta" caracterizada pelo uso indiscriminado de condicionamentos mecânicos e propondo um processo de sustentabilidade baseado na educação, monitoramento e projetuação compatível com uma filosofia ecológica.





## Sistemas Estruturais

A adoção de uma construção racional, com componentes pré-fabricados (estrutura, piso, vedações, etc.) sejam de aço, concreto, madeira, gesso ou outros materiais tais como madeira laminada de eucalipto, por exemplo, é o que consideramos na elaboração do estudo inicial justificável, não só pela proximidade com a região que tem vocação siderúrgica, concreteira e madeireira, mas também pela concepção filosófica do projeto que prevê crescimentos baseados em Etapas acadêmicas/estruturais, ou seja, numa demanda crescente de novos espaços dentro das expectativas da instituição e, ainda, pela forma com que o estudo arquitetônico/urbanístico promove o uso de uma sistemática construtiva baseada numa malha logística de infraestrutura que é parte fundamental na concepção de todo o plano. É desta forma que, também como um sistema onde todas as peças são pré-fabricadas, a arquitetura dos edifícios passa efetivamente a ser parte do processo como um todo.



## Estrutura de aço

É portanto necessário trabalhar num sistema que tem uma concepção racional para fabricação e montagem industrializada, que utilize a estrutura de aço e os diversos componentes existentes no mercado e de acordo com seu uso, ou seja, painéis de paredes, lajes e estrutura de cobertura, compondo um conjunto conveniente ao empreendimento no que diz respeito às edificações em suas diversas tipologias.

As condições termo-acústicas são garantidas pelo uso correto dos componentes, ventilações e iluminações, promovendo o conforto ambiental adequado às necessidades do projeto como, por exemplo, vedações não estruturais que podem ser alteradas, relocadas ou mesmo subtraídas.

Além disto, a redução do tempo de construção e o aumento da produtividade são fatores determinantes no cumprimento dos cronogramas do empreendimento.



## Estruturas de madeira

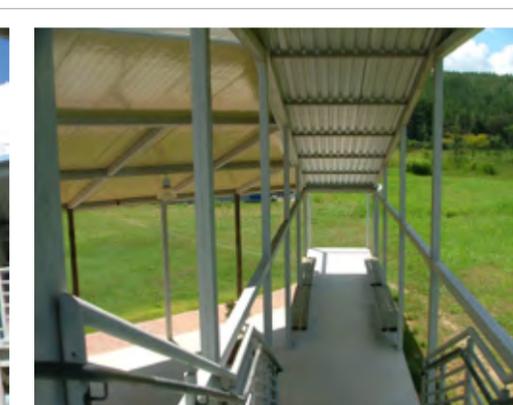
Material renovável, a madeira permite seu emprego em estruturas pré-fabricadas em condições análogas às do aço. Sua utilização é simples, conhecida e emprega mão-de-obra menos exigente, porém seu emprego exige o uso adequado levando-se em conta as dificuldades inerentes às suas propriedades.

Deverá ser utilizada em forma de troncos. A perecibilidade pode ser resolvida por tratamento adequado.

Podemos destacar algumas das qualidades que a madeira possui como boas características mecânicas devido a sua baixa densidade, condutibilidade térmica pequena, ausência de dilatação térmica, as características mecânicas pouco alteradas em função da temperatura, facilidade de ligação aos outros materiais de construção, leveza do conjunto estrutural, o que significa uma economia das fundações, possibilidade de expansão e desmontagem sem grandes dificuldades, bom desempenho em ambientes úmidos, conforto térmico e acústico, características estéticas etc.

No nosso caso, sua adoção em passarelas pergoladas, coberturas e decks, além dos fatores nominais acima, permite que o resultado visual do projeto, este mix procurado de tecnologia e qualidade arquitetônica das edificações seja enriquecido pelo “esquentamento” próprio do material, humanizando e adequando os prédios ao belíssimo local onde se localiza – Lagoa do Piau.

Também, o futuro curso de graduação em Engenharia Civil com ênfase em Sistemas Construtivos voltado para a utilização e o desenvolvimento de novas tecnologias construtivas, desenvolvimento e utilização arquitetônica de sistemas construtivos, projeto e desenvolvimento de sistemas integrados e modulares, projetos arquitetônicos utilizando novos materiais, materiais alternativos, projetos de equipamentos urbanos e ambientais tem no Campus futuro seu melhor show room e campo de pesquisa.





## Clima

O projeto previu estudos detalhados para aplicar o máximo de soluções bioclimáticas nas construções futuras, procurando amenizar grandemente o uso da "força bruta", ou seja, o uso de equipamentos mecanizados (ar condicionado, por exemplo) nos ambientes de trabalho, sem perda da qualidade do conforto ambiental.

Soluções como troca de calor induzido por áreas negativas e positivas ou mesmo com equipamentos de pequeno e médio porte podem trazer benefícios qualitativos e econômicos.

Sugerimos o uso de edificações sob pilotis (1,50m do solo) criando um andar de serviços abertos, por onde passarão todas as redes da infraestrutura necessária, além de permitir ventilação por todos os lados das edificações (inclusive, agora, por baixo) de forma a "lavar" todas suas fachadas, contribuindo para o menor aquecimento das mesmas e consequente menor transferência de calor para o interior.

Passarelas de acesso de pedestres, também sobre pilotis, com teto em madeira (eucalipto tratado) permitindo total ventilação e sombreamento no caminhar.

Por estarem as aberturas principais orientadas para o quadrante Sul/sudoeste com a vista mais agradável e estimulante (paisagem da lagoa), recomendamos a adoção de grandes panos de vidro com aberturas controladas.

Desta forma, a solução final se aproxima do ideal e permite que a arquitetura e a logística do empreendimento estejam totalmente em sintonia.

A Arquitetura e o Urbanismo são fundamentalmente modificadores do meio ambiente. Esta modificação inerente não significa degradação do meio onde pretende se inserir elementos resultantes de suas ações, mas para tanto é necessário o conhecimento de como estas ações devem se conduzir.

Discute-se muito hoje formas de dotar estas transformações do meio ambiente (urbano ou rural) em projetos sustentáveis.

Neste estudo, procuramos dar possibilidades à implantação do Campus PIAU de se aproximar o máximo possível de uma sustentabilidade coerente com sua atividade e com destaque a sua infalível transmissão em cadeia dos conceitos que, direta ou indiretamente, são absorvidos pelas comunidades envolvidas.

A característica central da sustentabilidade é sua capacidade de perdurar ao longo do tempo, mantendo padrões de vida adequados. Fatores climáticos e ambientais ligados à vocação econômica de áreas e regiões são condicionados pelos recursos naturais locais e pelas condições climáticas. Turismo e agricultura, por exemplo, são atividades econômicas diretamente dependentes do clima.

Um campus como ecossistema deverá ser diretamente configurado por suas relações com o entorno e com os recursos naturais locais, especialmente a água, a energia e as matérias-primas para materiais de construção e alimentos.

A informação e comunicação num futuro sustentável com padrões ambientais satisfatórios, será essencial para reduzir o transporte supérfluo de cargas e pessoas. Transportar informação é mais limpo e barato. Antenas parabólicas, fax, telefonia celular, internet e outros recursos da tecnologia da informação transformaram as relações cidade-campo e facilitam novas atividades econômicas, especialmente no setor de serviços, que independe de base física e de espaço em grandes aglomerados urbanos. Este fato pode viabilizar a rede de assentamentos auto-sustentável e distribuídas espacialmente de forma distinta da atual.





Sylvio E. de Podestá 

data  
**2002**  
obra 1993/94  
2ª etapa 2002/2004



proprietário Carijó Empreendimentos e Negócios Ltda.  
gerenciamento Murba Engenharia S/A  
construção SGO Engenharia  
consultoria Dry Consultoria, Acessoria e Administração de Shopping Centers  
área do terreno 4.083,00 m2  
área 15.332,16 m2

# Show Auto Mall

localização  
Belo Horizonte | MG

# 10

arquiteto  
Sylvio Emrich de Podestá  
colaboração  
Mateus Moreira Pontes



## Show Auto Mall

Projetado a partir de uma grande estrutura de concreto existente (cinco subsolos, parte do pavimento térreo e do segundo ainda em construção), elaborou-se um plano de ocupação baseado nas necessidades econômicas dos espaços, da experiência do proprietário em comércio de carros usados e do estudo de retorno econômico. Gerou um novo desenho de fluxos, de espaços comerciais, modificação estrutural dos dois últimos pavimentos após a necessária demolição de parte da estrutura de concreto, inclusive rampas de veículos, e sua substituição por estrutura metálica que permitisse espaços mais limpos, desimpedidos visualmente e, eventualmente, alguma transição de pilares. As rampas de acesso de veículos ao segundo piso foram substituídas por dois elevadores colocados entre pilares existentes de forma a permitir o rápido embarque e desembarque, necessários aos testes de direção neste tipo de negócio.

Foi preciso colocar reforços metálicos em pilares e vigas que sofreram esforços diferenciados de novas cargas ou dos vazios entre andares, necessários a novos acessos, ligações visuais entre andares e captação de iluminações zenital e natural, principalmente para as áreas comuns.

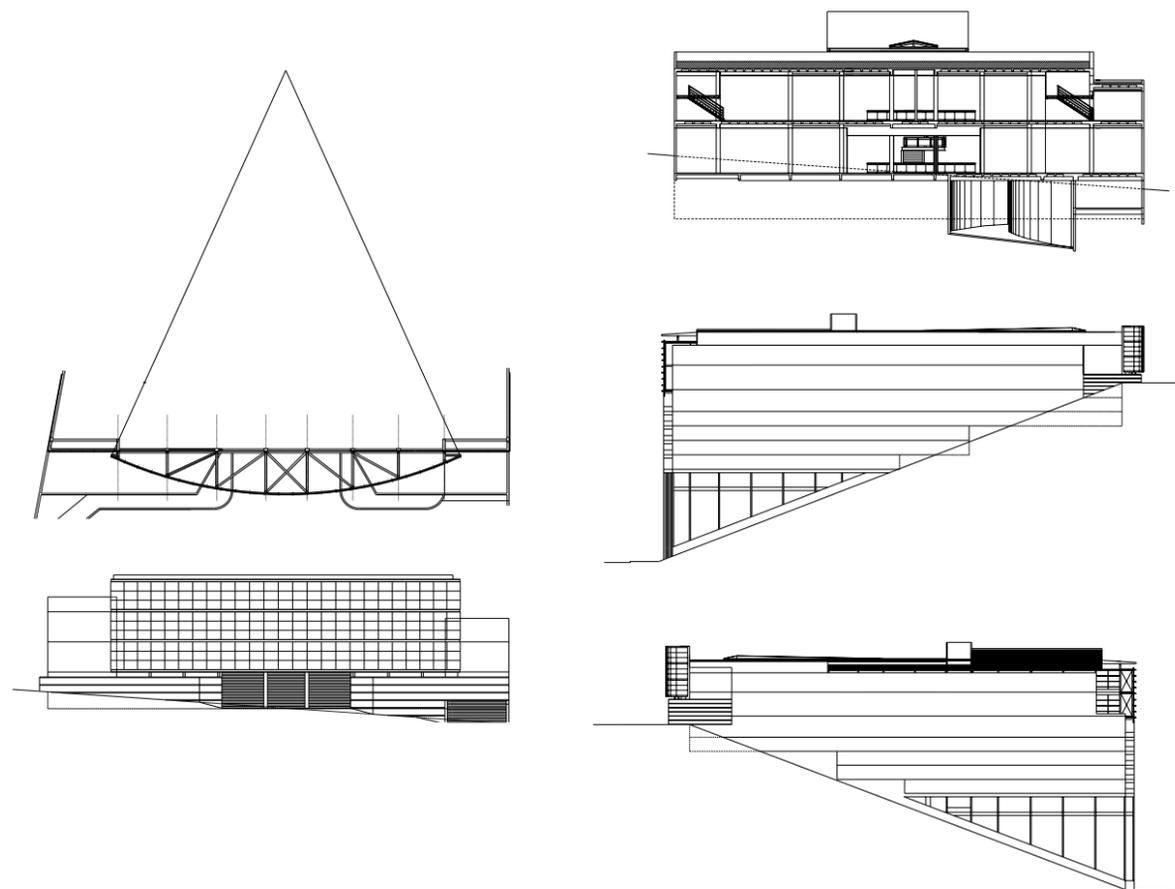
Adaptações também nos fluxos de combate e prevenção de incêndio com a locação de novas circulações verticais (escadas e elevadores), além da previsão de local para uma futura escada rolante de acesso ao piso superior.

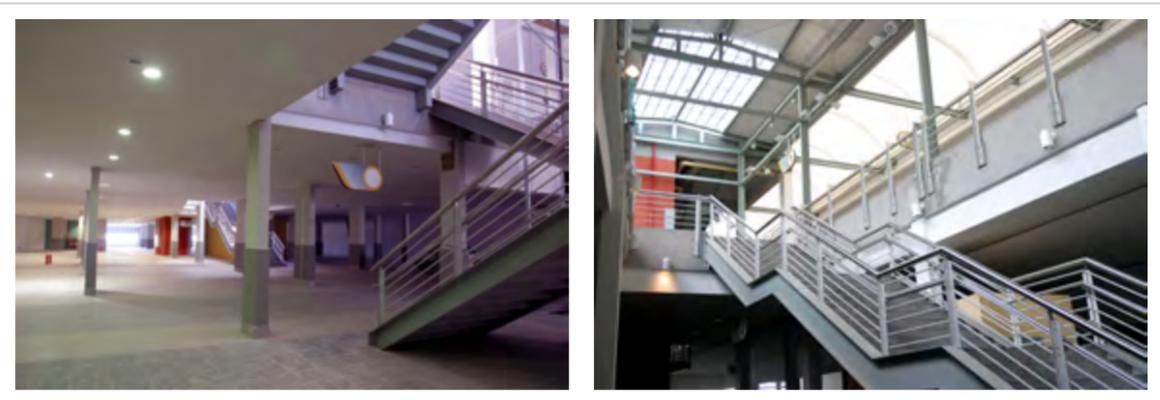
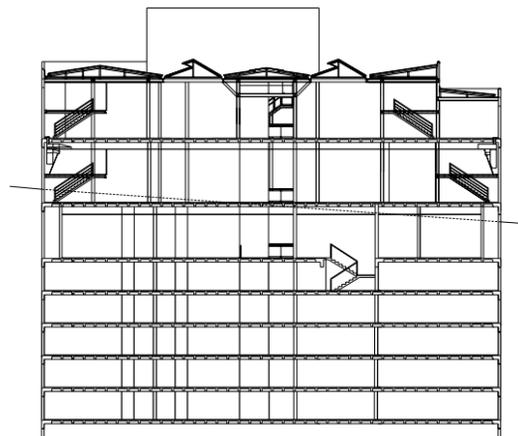
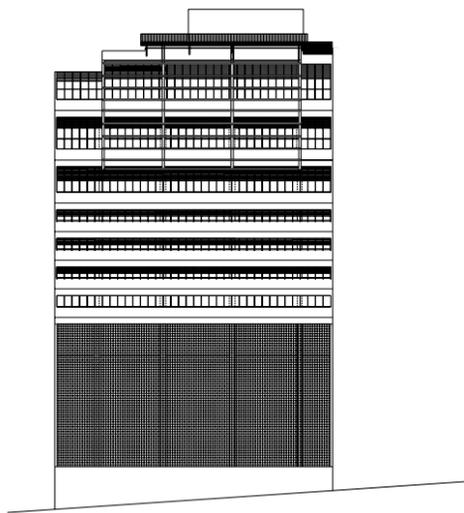
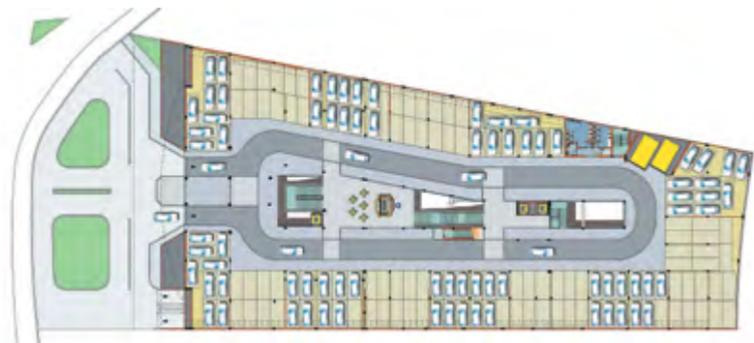
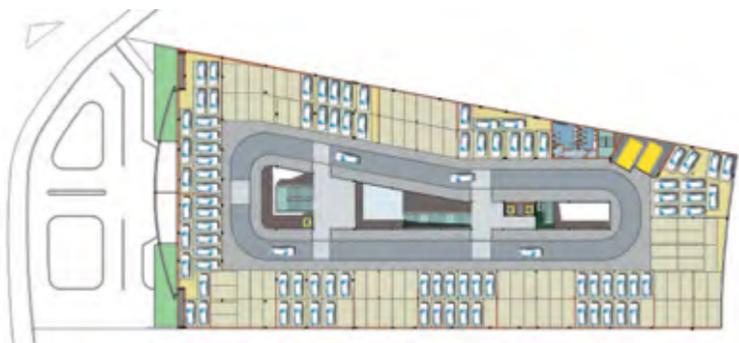
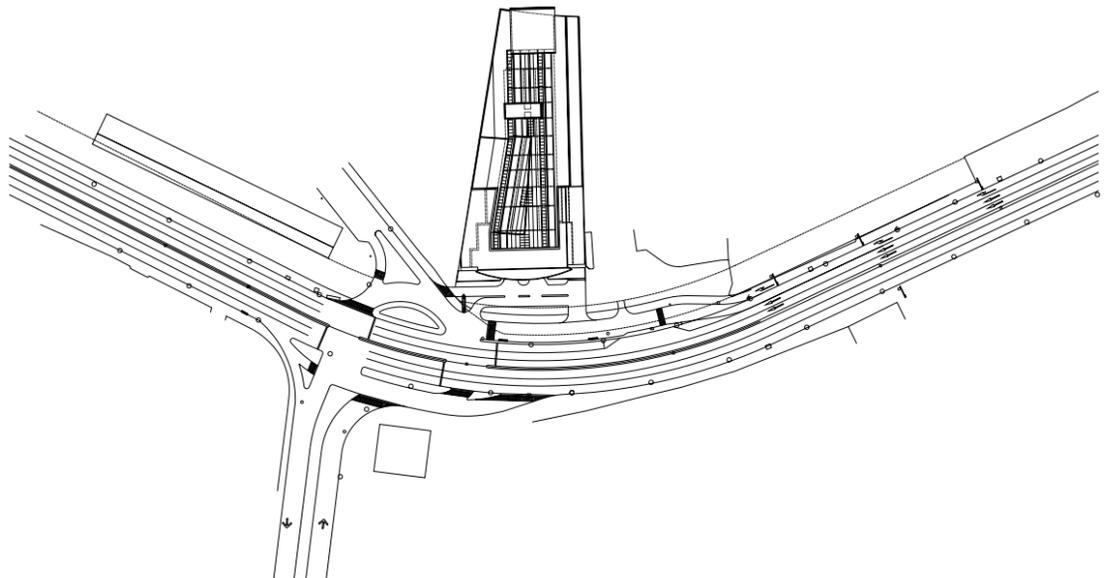
Estas reformulações também foram feitas no primeiro subsolo onde localizou-se serviços gerais e no quinto, dividido entre administração e estacionamento de funcionários e visitantes. Manteve-se ali a grande rampa circular de acesso duplo da rua a este primeiro subsolo e os demais, retas, até o quinto. Também redistribuiu-se as vagas, inserindo outras para portadores de deficiências.

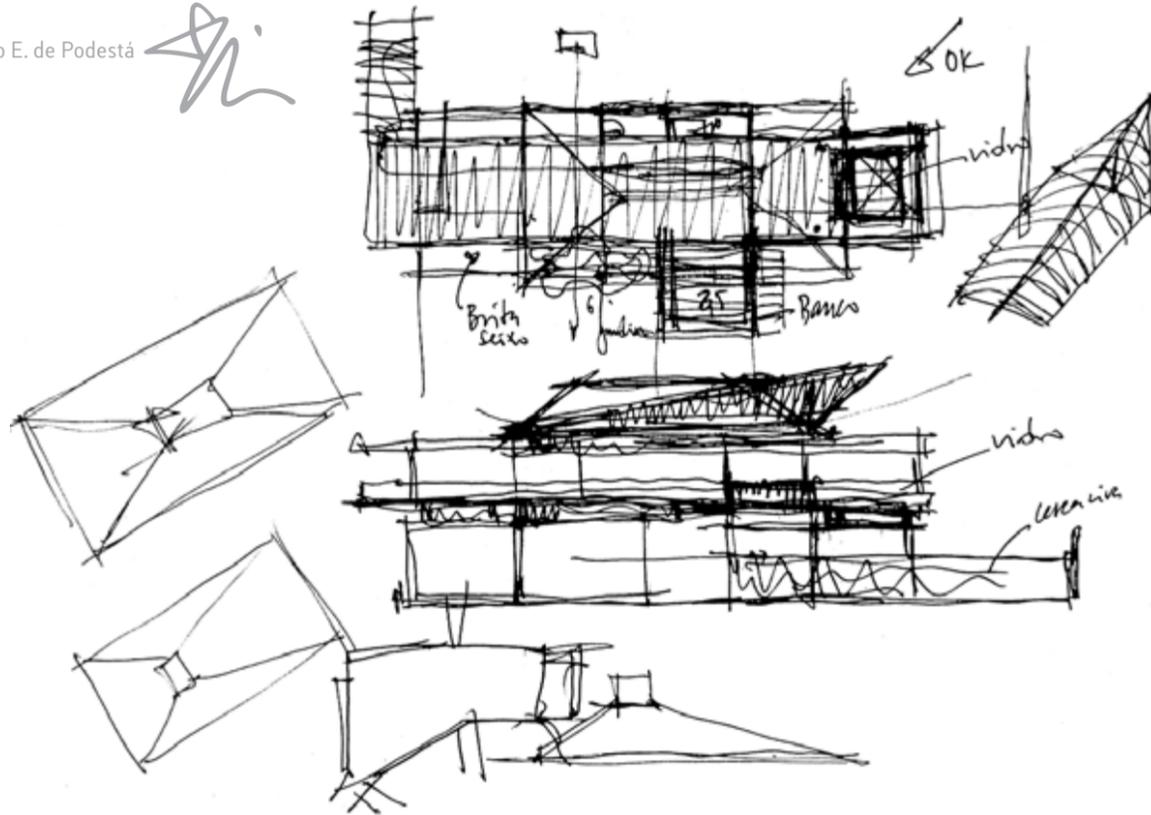
O terreno, um grande declive, está ocupado, a partir do quinto subsolo, por uma espécie de pilotis que atinge a rua de baixo. Solução estrutural de difícil acerto arquitetônico. Sugeriu-se um fechamento em tela e um paisagismo possível no sombreado que ali se forma.

Pela avenida de acesso, o edifício possuía um nível térreo abaixo do grade desta via e, o apelo visual necessário ao empreendimento, apresentava-se reprimido. A solução foi a criação de uma estrutura em metal e vidro plugada à estrutura existente, um grande outdoor, que personalizasse a edificação e lhe desse as características indispensáveis para a sua atividade principal. Este conjunto permite também a identificação do edifício no período noturno, funcionando como uma grande luminária.

Previsto para esta via um futuro alargamento frontal, reformulou-se todo o acesso ao shopping e bairro adjacente, o acesso ao bairro posterior e a criação de um retorno aliviou o localizado logo a frente.







proprietários Gilson, Cristina e meninos  
 construção Femop  
 interiores Junia Nocchi  
 perspectivas 3D João Lucas Pontes  
 estrutura metálica Techneação  
 área 255,00 m2

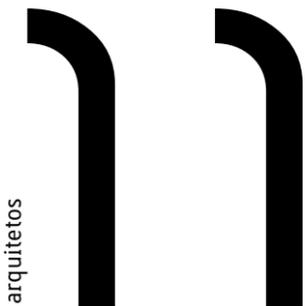


data  
**2003**  
 obra 2003/04

# Garagem Barcos

Sylvio Emrich de Podestá  
 Eduardo Tagliaferri

arquitetos



localização  
 Lago de Furnas  
 Aguanil | MG



## Garagem Barcos

O Lago de Furnas, também chamado de o “Mar de Minas”, abrange 34 municípios mineiros. Seu volume de água é sete vezes maior que o da Baía da Guanabara resultado do represamento das águas dos rios Grande e Sapucaí. Surge daí uma nova paisagem no sul de Minas com cânions, lagos, cachoeiras e praias artificiais. Diversos balneários se espalham por suas margens, a vizinha cidade de Campo Belo aproveitada da proximidade de Cana Verde e faz dali seu lazer aquático, com sítios, clubes e pousadas.

A pesca, inicialmente, era o principal foco das atividades. Vieram as transformações e hoje, além dela, diversos equipamentos de lazer públicos e privados se localizam em suas imensas margens.

Este projeto cuida da ampliação de uma garagem de barcos existente, localizada junto a uma casa de campo bastante completa, com anexos de lazer formado por home theater, jogos, varandas e churrasqueiras, piscina, hidromassagem, pomar, quadra e deck junto ao lago.

A garagem em si deveria cuidar da guarda do novo barco, jet skis e outros equipamentos aquáticos além da criação de um bar mirante com aproveitamento total da vista da lagoa, sauna e principalmente uma grande hidromassagem para que o proprietário usufruísse do seu espaço de lazer sem a coletividade dos outros locais existentes na sua casa, totalmente tomados pelos filhos, amigos e visitas, todos desejáveis.

Ampliada a garagem, construção convencional, projetamos centralmente uma espécie de contêiner metálico sobre esta estrutura térrea, liberando dois terraços laterais (lazer e hidromassagem), fechado em vidro, coberto por telhas cerâmicas e vidro laminado, onde se localiza um bar, o estar, pequeno banheiro e mini cozinha de apoio. Uma varanda em balanço amplia a idéia de mirante. Brises de madeira ajudam a proteger a incidência solar no interior.

Reformulamos os acessos e gramamos o antigo pomar, agora jardim com frutas e pássaros.

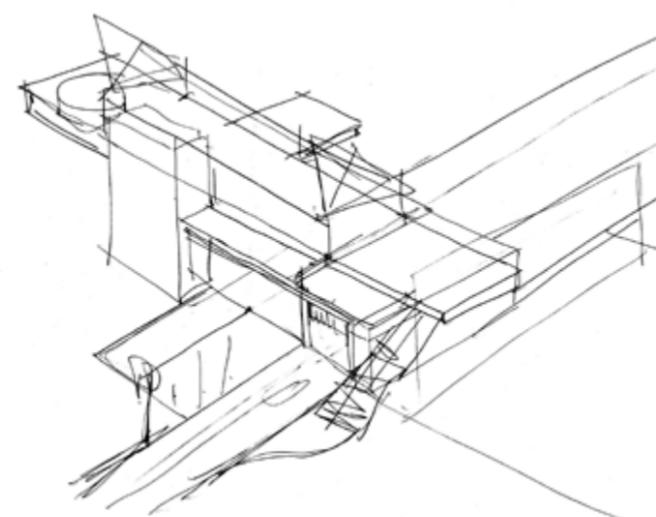
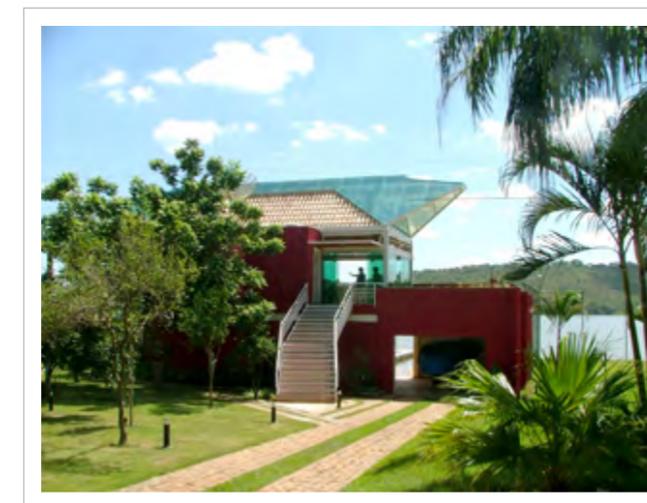
A sauna, localizamos junto à nova garagem com vistas para este pomar gramado.

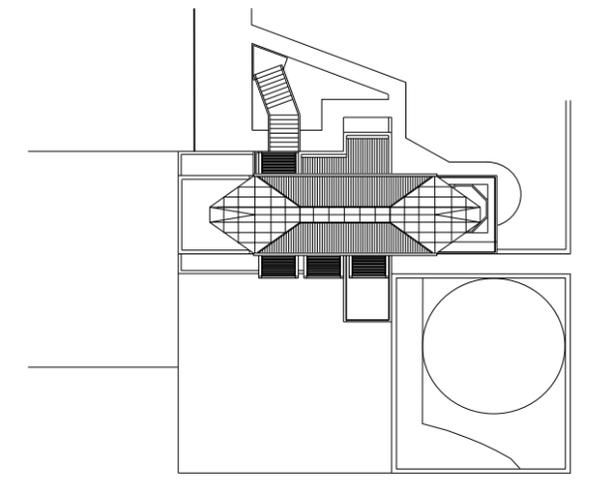
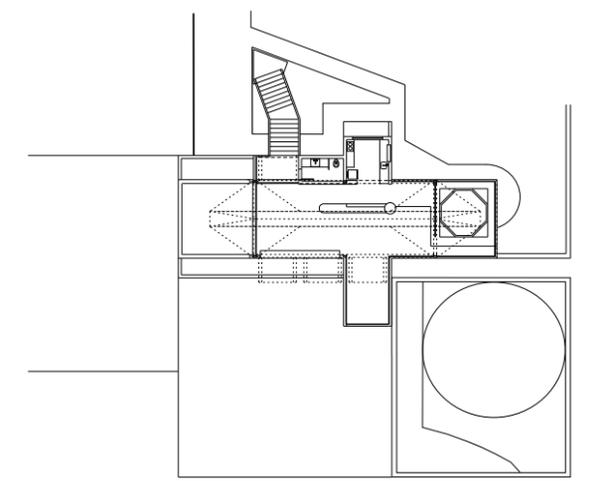
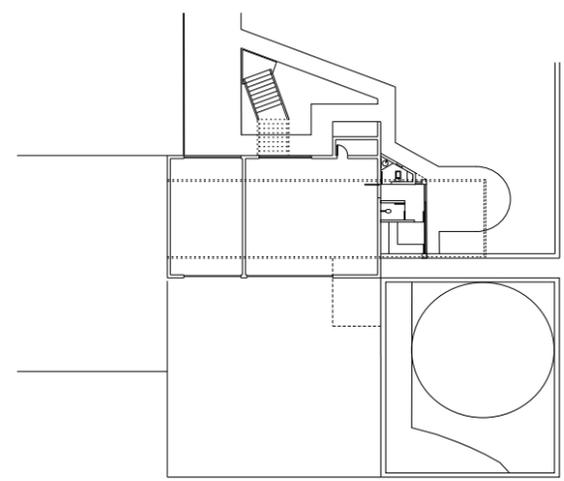
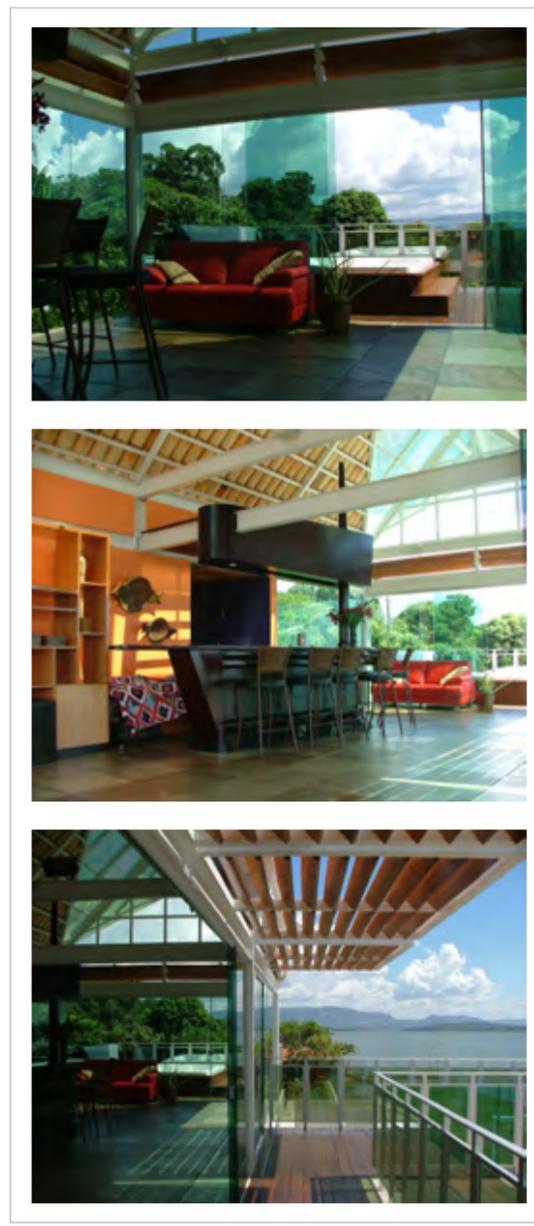
Uma nova rampa de acesso à água e uma mini praia em areia branca, acima da cota de alagamento, além de deck flutuante, dão charme a margem e ao lazer solar.

Nas noites e como queria o proprietário, esta caixa de vidro funciona como uma grande lanterna às margens do lago.

Instalou-se luzes de boate, som e um telão e acabou-se o lazer do proprietário. O local foi ocupado pelos filhos que espalham colchões na nova garagem, usam a sauna e o bar, agora boate, em festas memoráveis. Do lago, a calma lanterna pulsa com os jogos de luz e os movimentos do telão.

Os barcos? Dormem fora.







# 12

arquiteto

Sylvio Emrich de Podestá

colaboração

Pedro Aragão de Podestá

Marcos Mascarenhas Franchinni ( estagiário)

paisagismo

Eduardo Roberto Tagliaferri

construção Plante Engenharia Ltda.  
 estrutura metálica Techneação  
 esquadrias Isomax  
 área do terreno 31.491,00 m2  
 área construída 1a. etapa: 1.300,00 m2 (implantada)  
 2a. etapa: 5.200,00 m2 (implantada)  
 3a. etapa: 2.500,00 m2

## Campus Pampulhinha

localização Teófilo Otoni | MG  
 data 2003/07  
 obra 2004/07





## Campus Pampulhinha Teófilo Otoni

O crescimento das universidades privadas é fato, o que tem aumentado a demanda por espaços físicos para o setor não só na capital, mas principalmente para o interior, o que inicialmente acontece de forma improvisada com o reaproveitamento de estruturas já existentes. Dentre estas estruturas, observa-se a ocupação constante de antigas concessionárias de veículos que, de uma forma ou de outra, possuem grandes espaços livres e fáceis de serem remanejados, infraestrutura (água, luz, hidrosanitárias, etc.) com dimensões compatíveis, equipamentos e espaços aproveitáveis como I.S e vestiários, áreas administrativas, estacionamento e principalmente localização comercialmente estratégica e de fácil localização.

Este primeiro momento supre a fase implantação e fixação da imagem das novas faculdades. Entretanto, posteriormente, com o sucesso, surgem, a necessidade de crescimento, espaços físicos específicos (laboratórios, por exemplo) e a abertura de novos cursos.

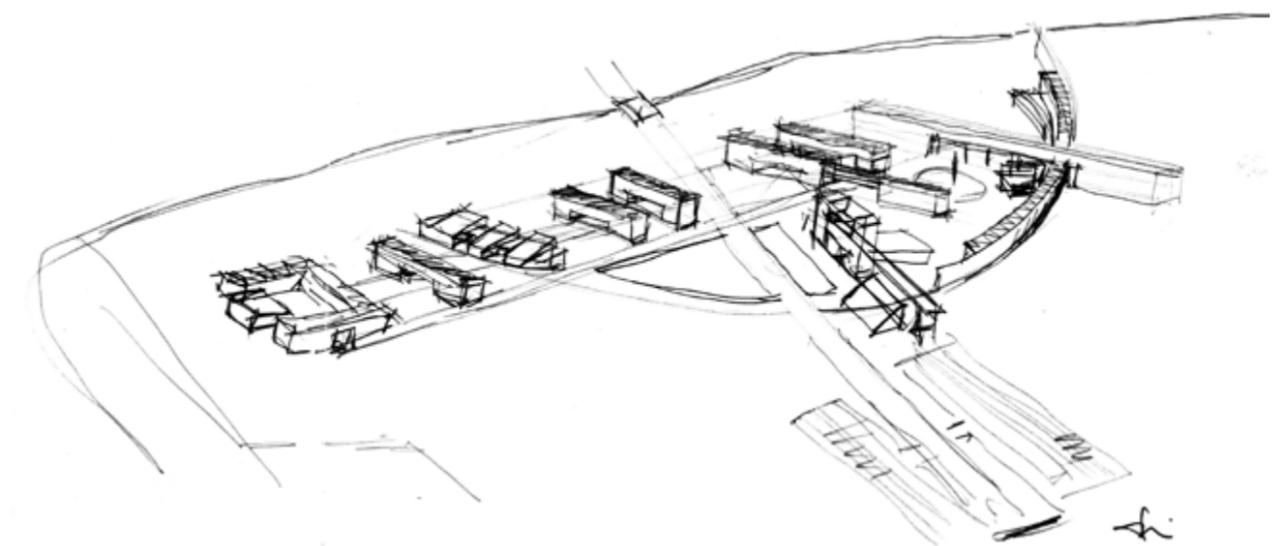
Com Campus Teófilo Otoni, vinculado a um grupo que tradicionalmente trabalha com o ensino a mais de 40 anos, em Caratinga, e que nos últimos anos estendeu seus braços por mais nove cidades, não foi diferente do que foi descrito acima.

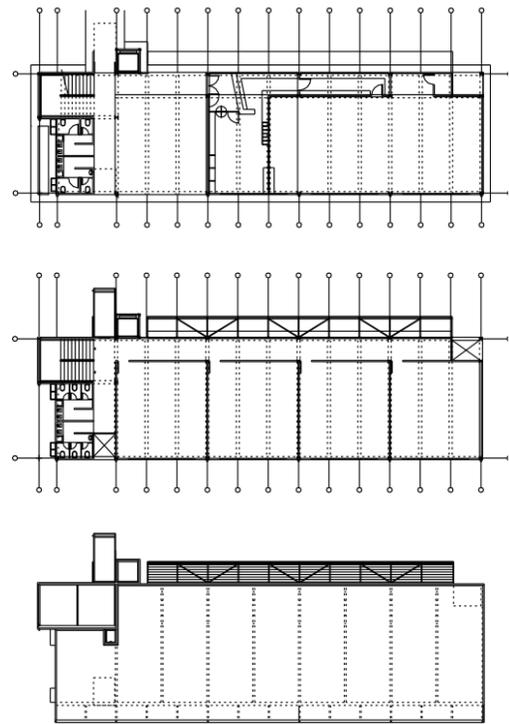


Pressionado, o grupo procurou crescer de modo planejado, o primeiro passo foi aproveitar o terreno com as características necessárias. Pertencente ao Parque de Exposições Agropecuária local, com alameda arborizada, limites definidos por um poluído córrego, rua, praça com campo de futebol municipal e uma sede esportiva e deficitária do SESI, a área era ideal para receber um futuro Campus e ainda, instalar de imediato a Faculdade de Educação Física alugando a estrutura do SESI e utilizando o campo da Prefeitura através de convênio.

Foi feito um primeiro plano diretor baseado em demandas futuras e não na mudança imediata da estrutura existente para o novo local. A estratégia aliada à construção subsidiada pelas novas matrículas e parte das mensalidades dos alunos existentes, ou seja, para cada semestre uma nova construção, fez com que alguns princípios que gostaríamos ser possíveis adotar neste planejamento, ficassem restritos ao um futuro médio/distante.

A interação entre todos os equipamentos, inclusive os espaços "não produtivos", como bibliotecas, auditórios, espaços coletivos de maneira geral, deveriam a princípio ser adaptada aos edifícios construídos até que os recursos fossem suficientes para as construções complementares.

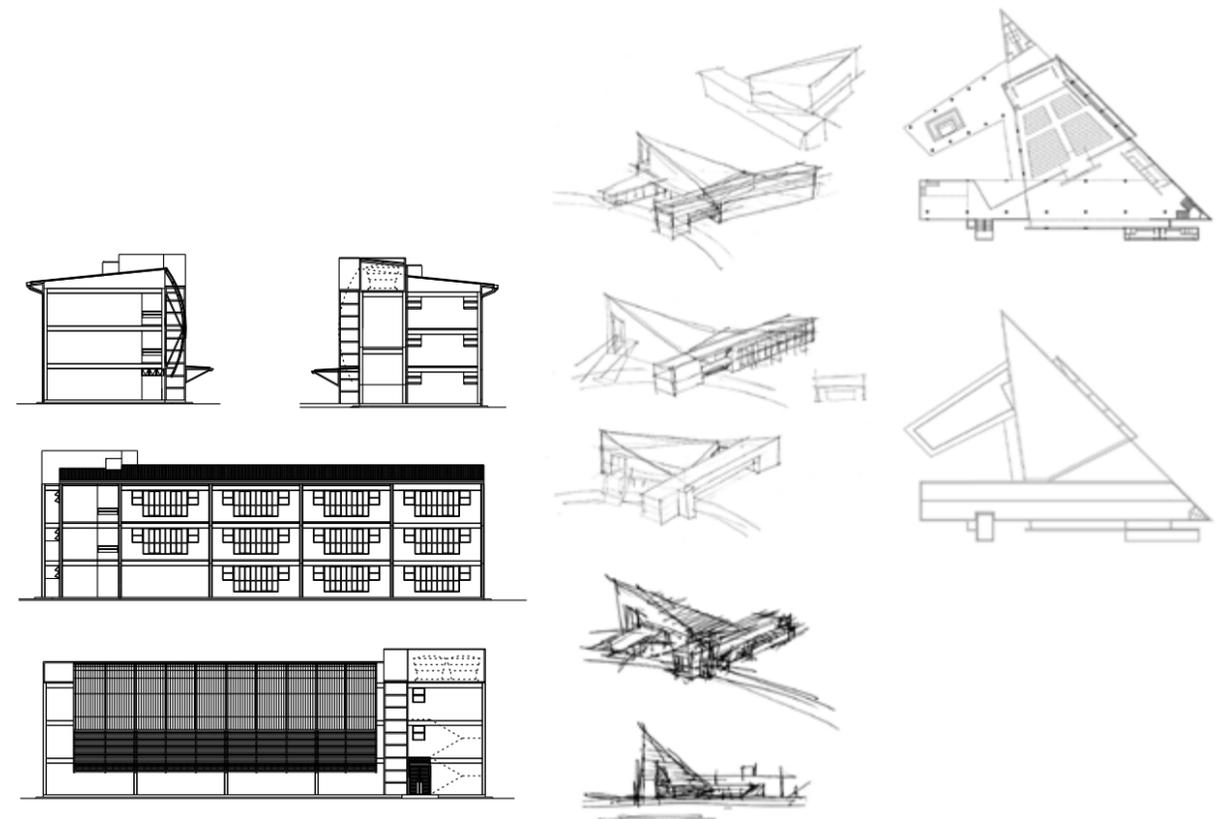
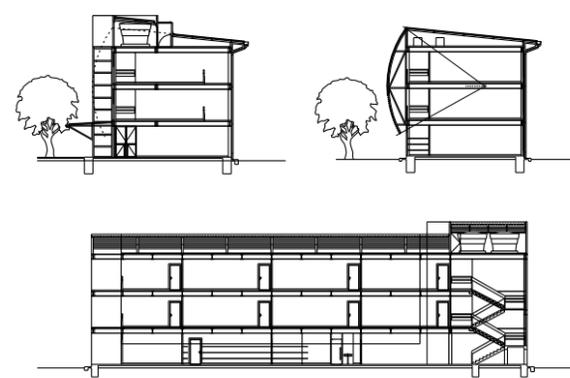
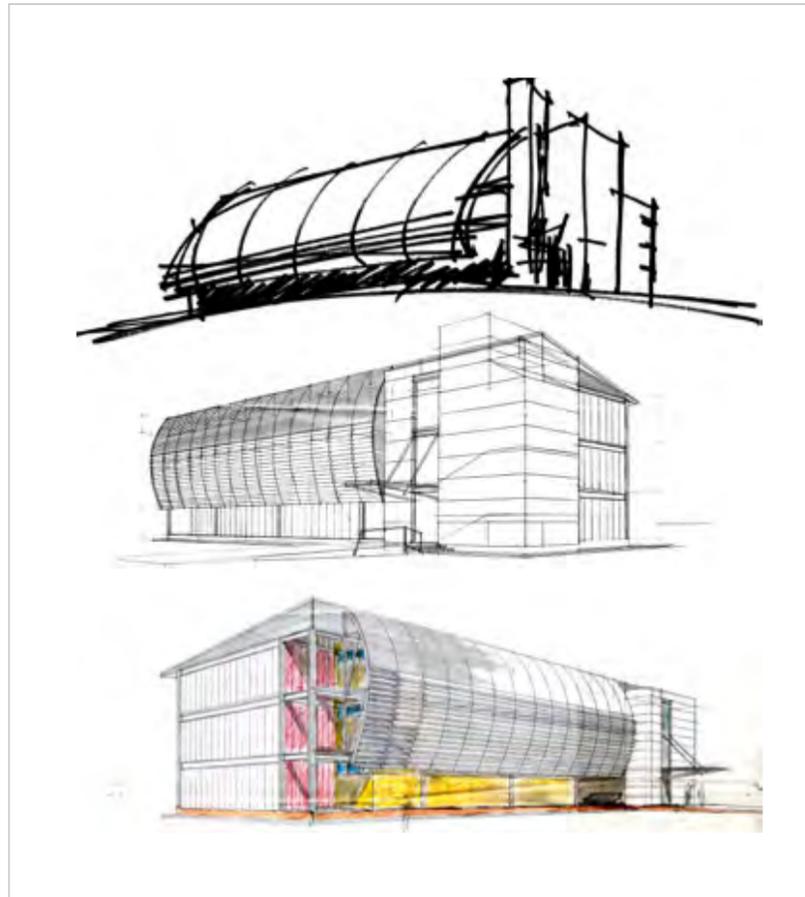


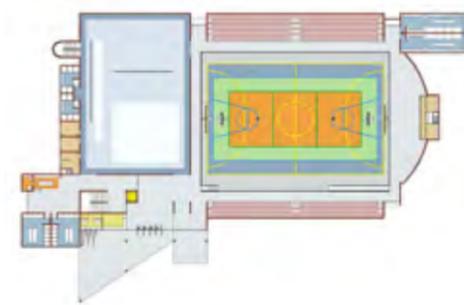
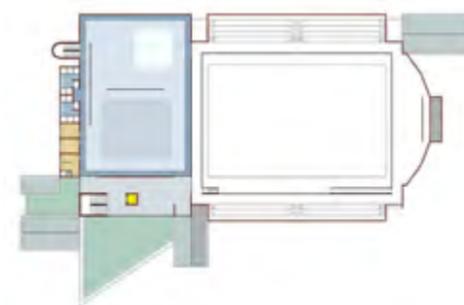
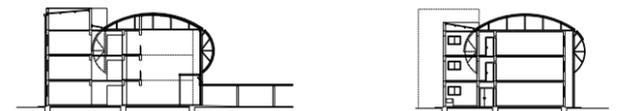
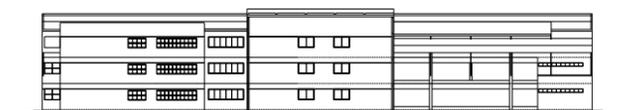
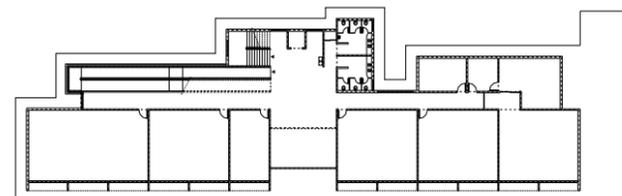
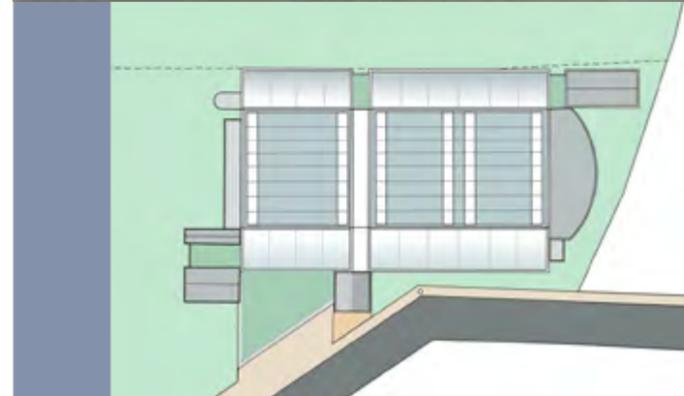


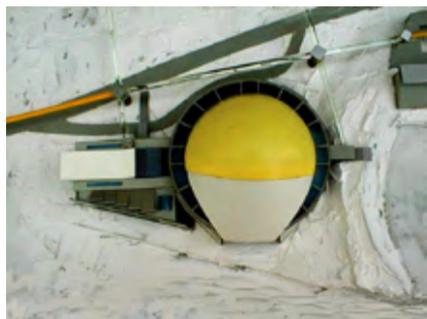
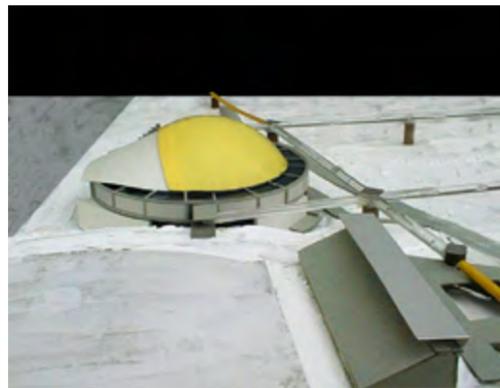
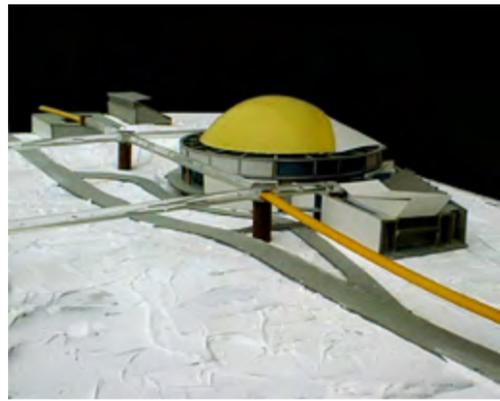
Foi feito um primeiro edifício com 11 salas com capacidade para 60 alunos cada, sendo que, as três inferiores foram transformadas em uma biblioteca provisória. Esse edifício será repetido mais três vezes e serão interligados por passarelas cobertas em todos os níveis, permitindo local elevadores suficientes para o acesso universal além de uma circulação entre classes totalmente dinâmica e protegida.

Ele contempla também o tratamento bioclimático de seus espaços, com salas voltadas para o Sul, fachada Norte protegida por um grande brise curvo e controle de entrada e saída de ar cruzado pelas salas a partir da circulação que o recebe depois de sombreado pela vegetação (ainda não plantada) que antecede sua entrada. Conseguem-se com isso uma baixa de temperatura em torno de 5 a 7 graus (o que não é suficiente para a região em alguns meses do ano) acrescidos de alguns ventiladores de teto necessários ao conforto final.

É possível que novas estratégias acadêmicas e financeiras modifiquem parte do plano original. O controle destas mudanças, como foi feito no início, será feito pela comunidade acadêmica e pela arquitetura, o que permitirá manter alguns princípios que acreditamos serem fundamentais para o futuro planejado deste novo espaço educacional.



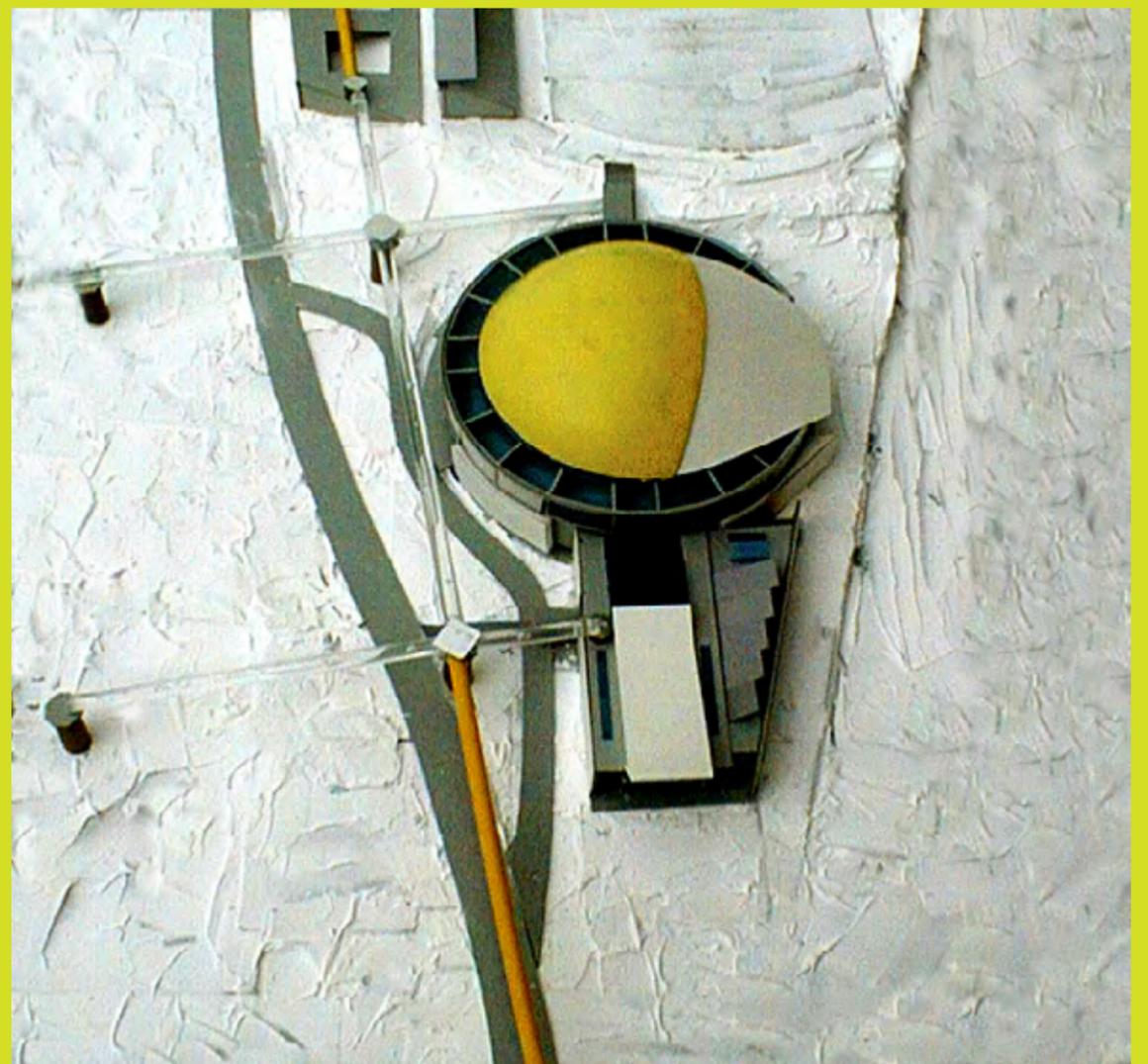




localização data  
Universidade do Vale dos Sinos 2004  
São Leopoldo | RS



Classificado na seleção preliminar de nove projetos finalistas com o número CDL13.

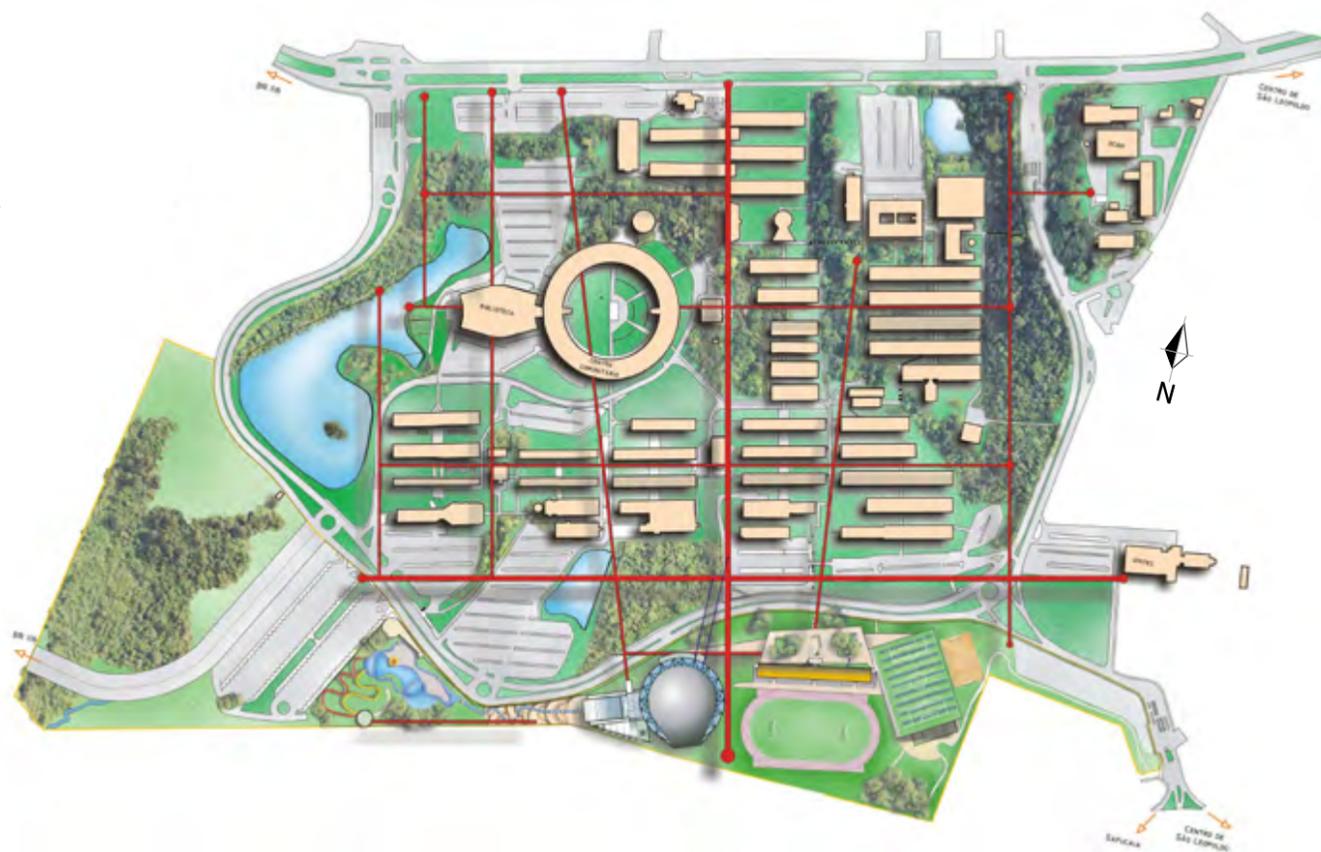


arquiteto  
Sylvio Emrich de Podestá  
colaboração

Daniel Ribeiro Corrêa, Francisco Albano Andrade,  
Gian Paolo Lorenzetti, Pedro Aragão de Podestá (arquitetos)  
e Rodrigo Andrade (engenheiro arquiteto)

# 13 UNISINOS

Complexo de Desporte e Lazer da Unisinos  
Concurso Nacional de Projetos



## Complexo de Desporto e Lazer da Unisinos

Constituir, com as edificações isoladas e de caráter arquitetônico distinto, um conjunto funcionalmente articulado e reconhecido pela unidade formal.

Dotar este conjunto de uma identidade expressiva, manifestando, no entanto, sua pertinência ao conjunto maior do Campus.

Integrar física e simbolicamente os dois conjuntos, superando a descontinuidade espacial existente entre eles.

### O espírito da coisa e as coisas do nosso espírito

O partido se estrutura sobre duas idéias-força. Uma é a criação de uma grelha de função logística, que permita a fácil circulação de pessoas, dados, mensagens, energias e fluidos entre as partes formadoras do todo mas que seja, também, significante da pertinência do Complexo Campus e do desejo de aumentar a permeabilidade e transparência desse Campus para a comunidade regional, em suma, de um convi-

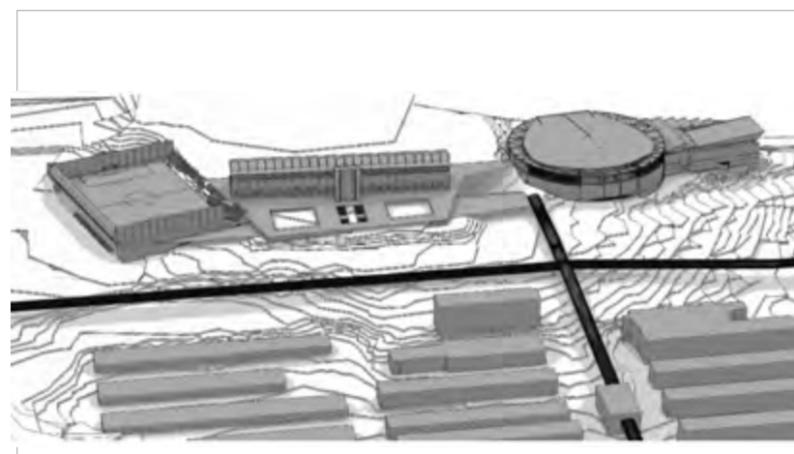
te para a integração. A outra é a implantação de uma grande praça central no Complexo de Desporto e Lazer, que articule suas partes e seja o grande espaço do encontro e da festa.

### Malha de passarelas

Um reticulado de passarelas metálicas, suspensão do chão na modulação sugerida pelo traçado do Campus, como sendo sua atualização tecnológica, forma uma grelha horizontal da qual se destacam as edificações com suas arquiteturas individualizadas e por meio da qual estas edificações diversas se integram à unidade do conjunto.

Essa grelha se organiza a partir de dois eixos principais, um sinal da cruz no fulcro do sistema, "... como quem assinala um lugar ou dele toma posse..." parafraseando Lúcio Costa.

O Cardo, partindo da Grande Praça, penetra no Campus, transpondo pelo alto a rodovia, sinalizando claramente, para os públicos interno e externo, a ligação entre ele e o Complexo de Desporto.

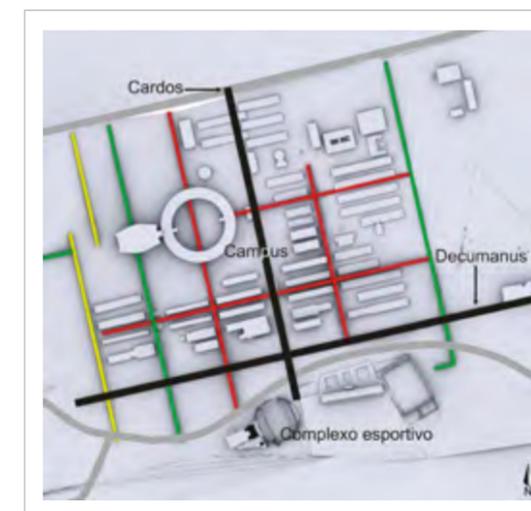


O Decumanus, ligando todos os estacionamentos, passa sobre o lago e a mata, sendo o principal modo de acesso ao conjunto.

As passarelas poderão ser implantadas gradualmente à medida das necessidades e conveniências.

Assim, ampliam-se as áreas de circulação e potencializa-se os espaços de convivência nos encontros das rampas ou escadas de acesso, onde se poderá instalar bancos e toda sorte de conveniências, como bancas de livros, de refrigerantes, painéis de informações, etc. A passarela permitirá os principais percursos protegidos dos rigores do clima, mas será aberta nos trechos em que convier possibilitar o contato maior com a natureza ou visões panorâmicas.

Conectando vários pontos do Campus com o Complexo Esportivo, permitirá que durante os percursos sejam observadas as atividades que acontecem embaixo, promovendo maior visibilidade da Universidade para os visitantes e maior percepção do conjunto para os acadêmicos. Nas estruturas da grelha serão instalados todos os dutos necessários (elétricos, hidráulicos, de comunicação, etc.) constituindo-a, com sua implantação progressiva, em alternativa de ampliação de redes e sistemas sem necessidades de escavações. O controle dos acessos e percursos nas passarelas, como num metrô, permitirá as mais variadas alternativas de chegada e saída de público aos diversos setores do Complexo, sem acesso ao Campus quando este não for desejado.

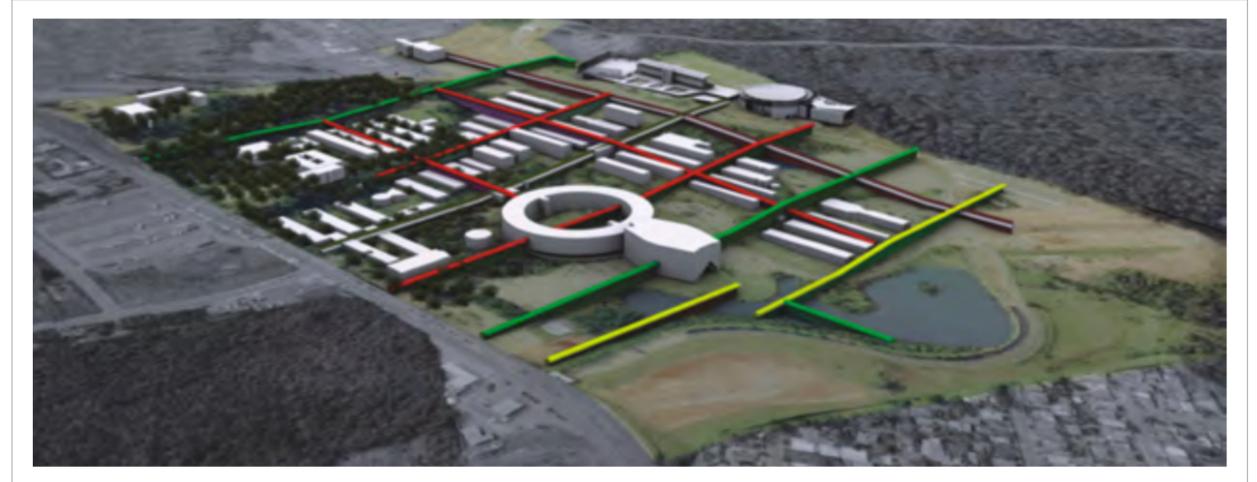




### Praça de Esportes

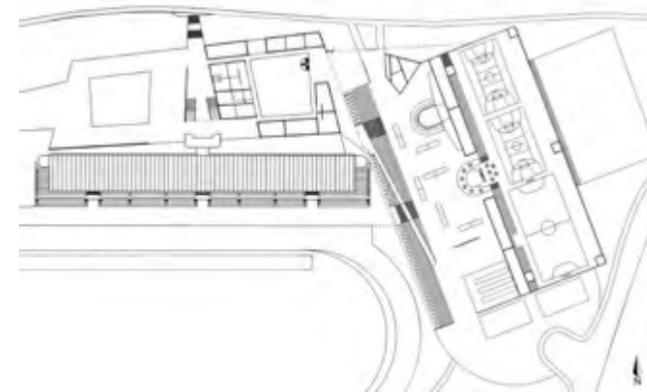
A Praça ocupa posição central no Complexo de Desporto e Lazer. Foi pensada como o grande espaço de recepção do conjunto aberto para a principal via de acesso e de grande visibilidade. É elo de ligação entre o novo ginásio poliesportivo, a administração, as arquibancadas e a Arena Multiuso que se dispõem em anfiteatro em torno dela.

Trata-se de uma grande plataforma vazada, ao nível da cobertura das áreas da administração e das passarelas, pelas quais se conecta também com o conjunto aquático e com todos os acessos, sendo o principal ponto de convergência e distribuição dos fluxos de pedestres.



### Centro Aquático

Dando continuidade ao bloco de piscinas térmicas, através de uma passarela, o clube se projeta sobre o talude existente formando platôs de permanência, com pequenas piscinas interligadas através de um "córrego" em forma de corredeira que por fim se conecta ao rio lento localizado na área de topografia menos acidentada, rodeando piscinas e lagos diferenciados através de suas profundidades. O novo espaço destinado às atividades poliesportivas se encontra sob o novo campo de futebol, suspenso a dez metros do nível da rua. Possui em seu interior três quadras poliesportivas e um espaço destinado aos esportes alternativos, pistas de skate, muro de escalada e bocha.





## Arena

Toda interferência em estruturas existentes são quase sempre traumáticas. A forma de aliviar este tratamento patológico, caso da Unisinos, foi evitar ao máximo modificar a estrutura macro existente (arquibancadas e níveis concretados e consagrados).

Mesmo assim nossa proposta sugere a demolição de pilares e lajes frontais e posteriores criando espaços livres (verticais e horizontais) próprios a um grande foyer e um palco generoso capaz de permitir sua visão ampla e suas diversas formas de uso. Essa eliminação de pilares e lajes com modulações que limitavam a visão do grande espaço do espetáculo, da possibilidade de um palco livre com pano de fundo transparente, é definitivamente necessária a nova idéia que se pretende deste lugar.

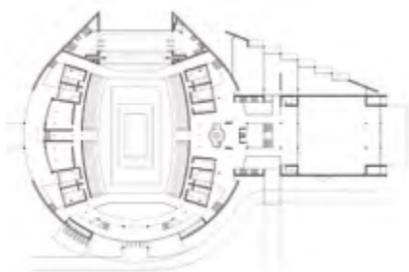
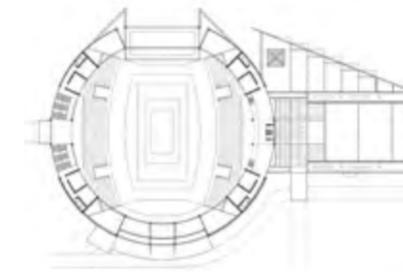
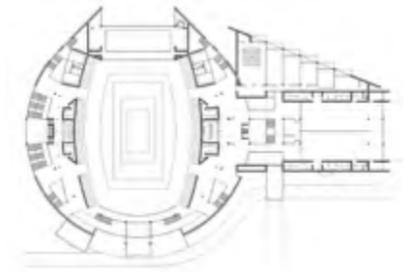
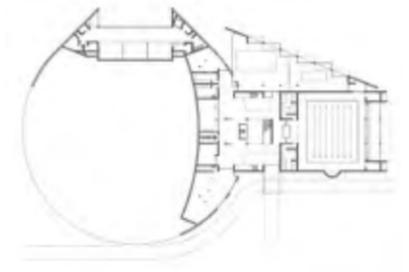
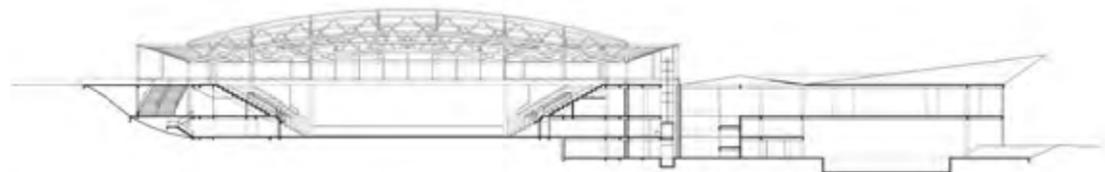
Em torno da estrutura existente lançamos uma nova e independente (metálica), circular, como um anel, com dois grandes eixos radiais e estruturais, geradoras de uma “casca” também metálica, excêntrica, com vigas treliçadas e arqueadas formando uma grande malha espacial com módulos quadrados reduzido em suas dimensões por estruturas secundárias também em treliça.

Esta abordagem estrutural, independentemente da existente, tem postura corretiva, cria novos espaços horizontais e verticais mais generosos e mais compatíveis com as atividades pretendidas e com a mínima interferência na estrutura existente que achamos possível permanecer.

Lateralmente onde se localizam as piscinas, artes marciais, jogos e outras atividades complementares, eliminamos o excesso de pilares e os substituímos por uma estrutura também metálica, mais coerente com os espaços necessários.

Este anexo, mais singelo que a arena, permite que ela figure como objeto emblemático, junto aos projetos da Praça de Esportes da nova área esportiva e também do Centro Poliesportivo.

Sem necessidade de grandes performances estruturais e de temporalidade duvidosa, criamos uma solução técnica/arquitetônica que podem vir a ilustrar o que de alguma forma toda instituição procura registrar: solidez, contemporaneidade e permanência.





Sylvio E. de Podestá



# ru

# CRMMG

Conselho Regional de Medicina de Minas Gerais



Sylvio Emrich de Podestá  
Mateus Moreira Pontes  
*editor de texto*  
Carlos Alenquer

arquitetos

local  
Belo Horizonte | MG

data  
**2004**

área do terreno 2632,50 m<sup>2</sup>  
área do projeto 6.873,00 m<sup>2</sup>





## CRMMG - Conselho Regional de Medicina de Minas Gerais

Nada mais importante na arquitetura, entendida como inserção urbana, do que a relação entre o caminho e a praça, itinerância e radiância, horizontal e vertical, terra e céu, animadores da nossa capacidade de transcender o plano moral e pragmático.

Nas grandes densidades urbanas perdeu-se a transcendência – e com ela, o vazio.

Exemplo melhor dessa capacidade de relacionar itinerância e radiância – ou sua perda – é o conjunto Sulacap/Sudameris, em Belo Horizonte (Roberto Campello, 1941) que, com suas torres, conformava a antiga praça dos Correios, compunha um pórtico simétrico que enquadrava o viaduto Santa Tereza e, mais ainda, integrava visualmente o bairro da Floresta ao Centro, num diálogo sedutor entre o centro projetado e o novo bairro que se consolidava.

É observando este aprendizado de recato e generosidade que projetamos nosso prédio. Implantado a partir de um ângulo de 22°, de uma visada da esquina do terreno nosso olhar encontra, por sobre o vale, a igreja de Santa Tereza, marco definidor do bairro e de suas características. Ali, enquadrada por um pórtico de 21,5m de altura por 19,0m de largura, a igreja é configurada a partir de uma praça levemente elevada em relação à rua, acessada por uma rampa que, ao ser percorrida, faz surgir toda a encosta do bairro, abraçando-o na perspectiva do seu pórtico.

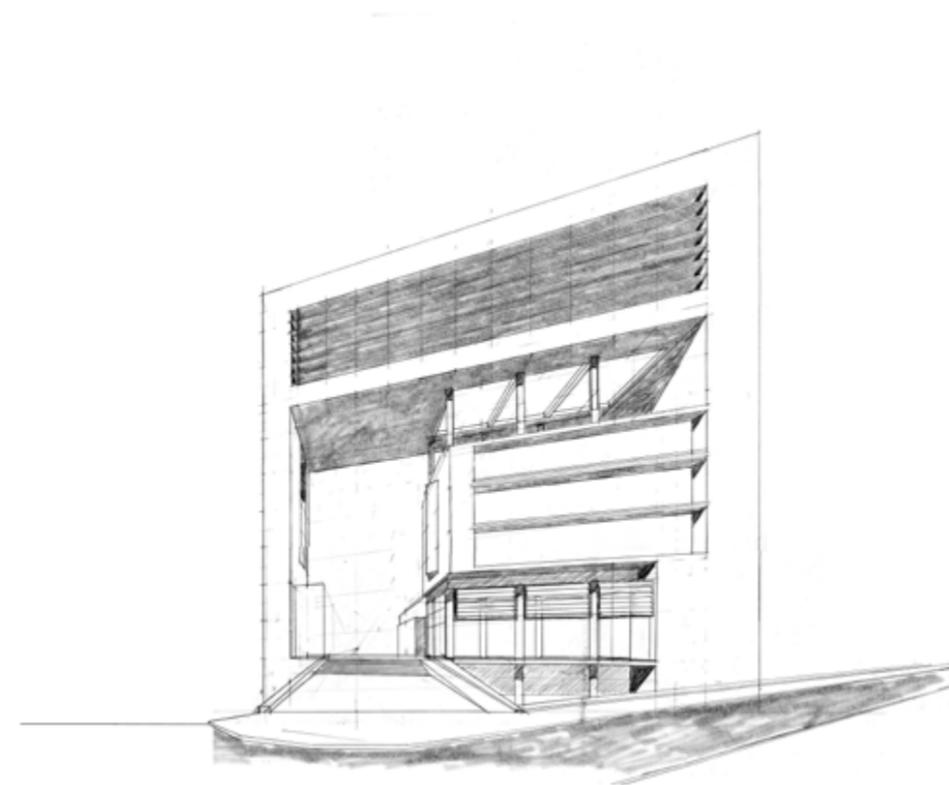
Com essa atitude de diálogo direto com seu ilustre vizinho, pretendemos ampliar a visibilidade e presença do Conselho na vida da cidade, que além desse caráter único e individual passa a participar ativamente da cena urbana, trazendo consigo uma forte identidade visual, logomarca da presença pública da instituição.

“Teu prédio é igual a mulher bonita.  
Quanto mais se vê, mais bela fica.”



Na procura desse enquadramento, o edifício gira sobre a ortogonalidade básica do terreno, liberando grandes espaços verdes em cota inferior. Por sua própria concepção, não se aproxima agressivamente das pequenas construções vizinhas com sua atual informalidade, permite acesso universal à praça, foyer, auditório e restaurante ligado a pequeno estacionamento anexo, com acesso direto pela rua Pacifico Mascarenhas.

Toda essa procura formal/urbana não teria suporte prático se não permitisse também o maior acesso possível à iluminação natural (inclusive no auditório, quando desejável), controle fácil e efetivo sobre a insolação, com possibilidades reais de tratamentos bioclimáticos, diminuição radical de carga térmica e isolamento acústico das vias de maior tráfego.





Os estudos de caráter climático feitos a partir de mapas geoprocessados (Prodabel) e dos solstícios de inverno e verão e equinócio confirmam esta certeza técnica, que se agrupa à opção vertical do edifício com vazios intermediários, resultando daí uma proposta na qual se lê claramente na composição, as áreas públicas e de uso restrito da instituição, fisicamente representadas pelos volumes resultantes.

Essa resultante contraria a estética do vidro e da transparência, inadequada ao nosso clima, que ainda faz a exígua materialidade das arestas desaparecer, fazendo com isso o edifício perder a nitidez de seus contornos e dos seus elementos construtivos (vigas, pilares, brises, lajes). É uma estética que produz prédios descomprometidos e assépticos, incapazes de oferecer limites, enquadramentos e propósitos claros que o olhar sempre requer.

O jardim, alto, entre o 3º e o 5º pavimentos, sugere uma elevação do terreno natural original, transpondo-o para cima, ampliando a oferta de verde já conquistada na exuberância dos jardins inferiores.

Uma grande platibanda superior unifica os equipamentos e serviços da última laje; junto ao volume do auditório, configura a 5ª fachada, com um tratamento adequado das coberturas, tão necessária quanto as vistas consagradas, o que permite o deleite da visão de cima, tal como os telhados coloniais, imagem que deleita nosso olhar mirante.

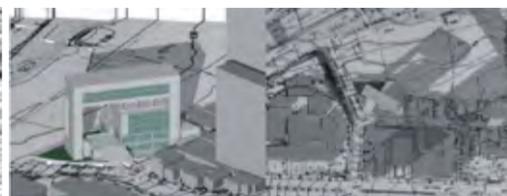
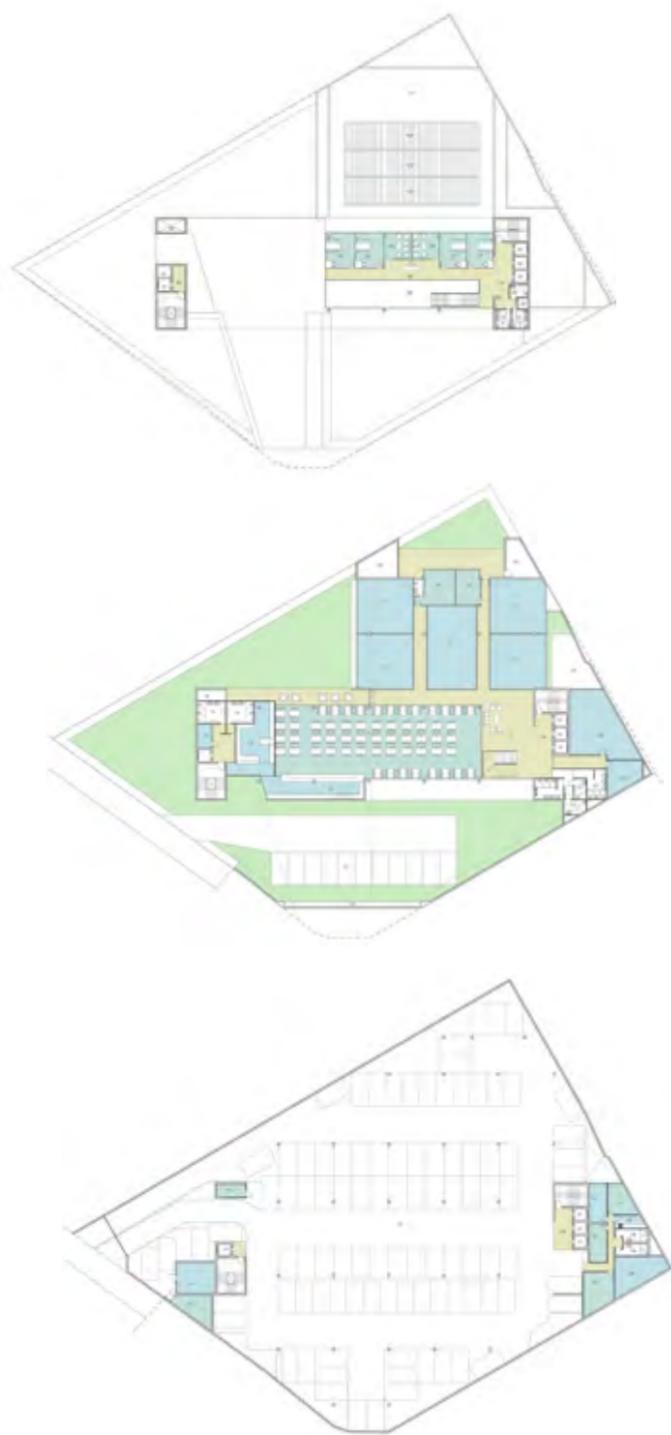
Recorrer a metáforas, símbolos e elementos novos, se por um lado torna complexa a criação arquitetônica, por outro simplifica o entendimento da combinação dos volumes decompostos em partes individualizadas; na verdade, estes retornam às formas vernaculares e lúdicas e fazem reaparecer os cheios



- em contrapartida às transparências sem janelas, formatando assim novos palcos e objetos cênicos vitalizadores dos cenários da cidade.

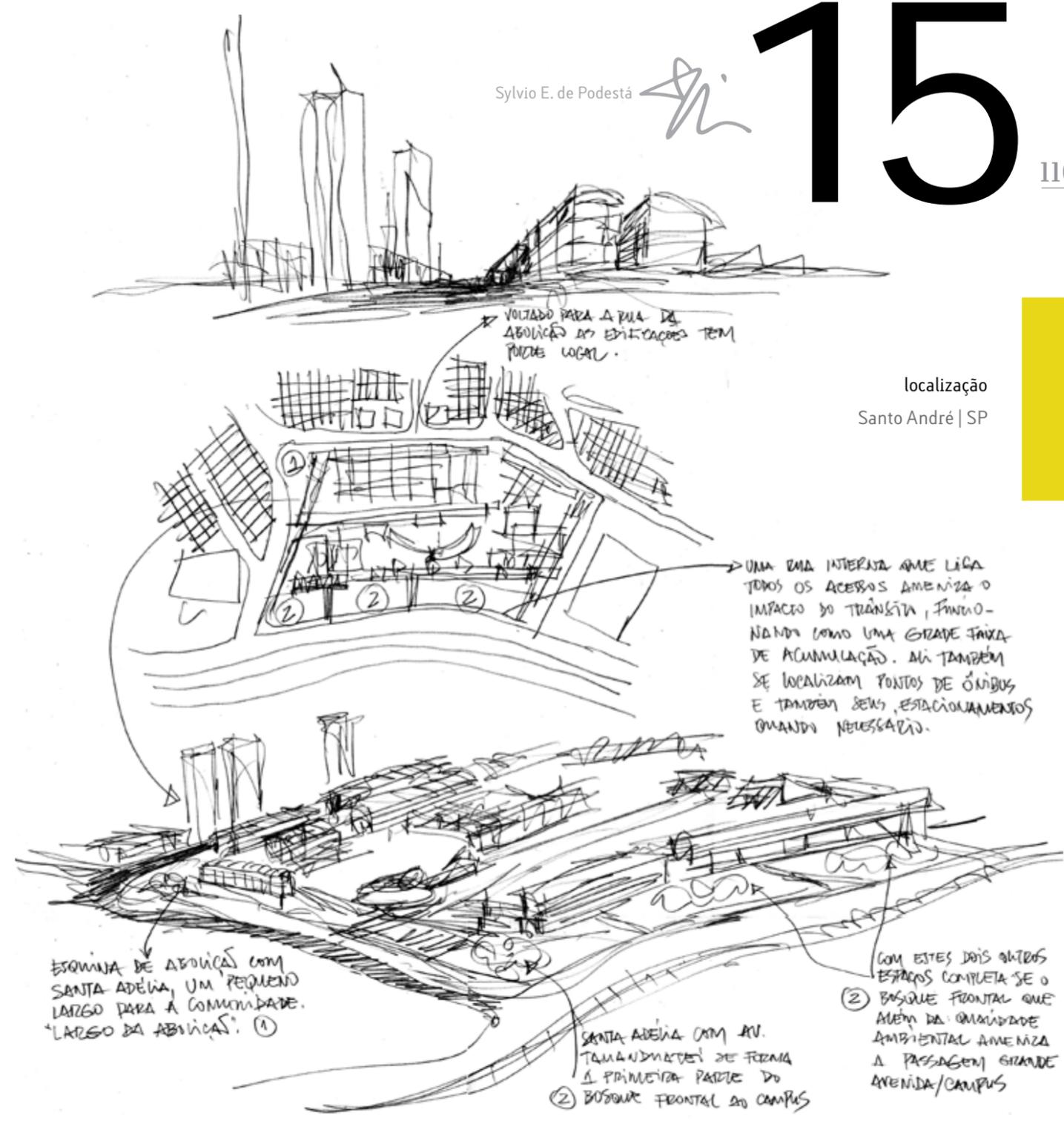
Programaticamente, os espaços se posicionam semelhantes ao fluxograma da instituição, ora priorizando, ora restringindo o acesso, de forma e tornar latente, nestes diversos acessos, as funções específicas procuradas, permitindo mesmo controles rígidos em busca da segurança necessária.





Sylvio E. de Podestá 

localização  
Santo André | SP



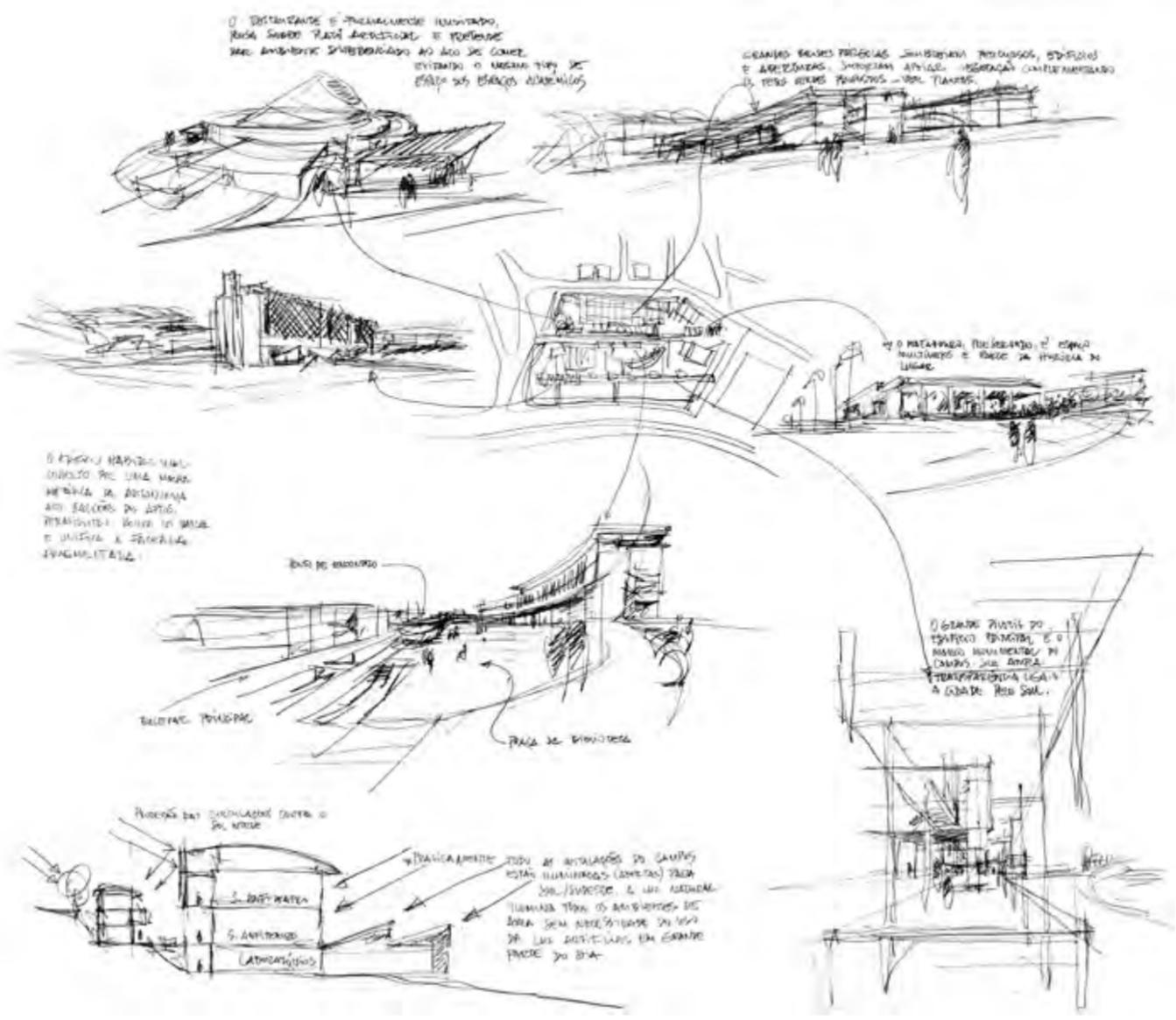
## Universidade Federal do ABC

Concurso Público Nacional

arquiteto Sylvio Emrich de Podestá  
colaboração Pedro Aragão de Podestá  
texto Carlos Antônio Leite Brandão

\* PARA A AVENIDA TAMBÉM SERÁ DE VOLTADA AS GRANDES CONSTRUÇÕES DO CAMPUS ABC, PORQUE QUE DISSOLVA COM AS CONSTRUÇÕES EXISTENTES NAS SUAS MARGENS.

\* OBSERVAR NOS QUE ESTÁ SENDO PROPOSTO UM EIXO TAMBEÉM FRONTAL (ONDE SE LOCALIZA O BOSQUE) COMO FORMA DE EVITAR ENCHENTES NO CAMPUS. CONTROLE DE ACESSO AOS ESTACIONAMENTOS (PONTOS ESPECIAIS) COMPLEMENTAM A PROTEÇÃO. VERIFICAR QUE A COTA REFERENCIAL DE TODA A IMPLANTAÇÃO DO CAMPUS É 746,5, BEM ACIMA DE UMA POSSÍVEL INUNDAÇÃO. PROTEÇÃO ENTÃO PARA AS GARAGENS.



### Projeto Universidade Federal do ABC: Espaço para o saber do século XXI

Foram dois os principais parâmetros que definiram este projeto: estabelecer uma relação de continuidade e fluidez funcional, científica e formal com o entorno urbano (tensionado entre a densidade construtiva ao norte e a área de proteção ambiental ao sul) e conferir ao conjunto e às suas partes e setores acadêmicos, administrativos e de apoio, personalidade, caráter, legibilidade, flexibilidade e dinâmicas próprias à universidade do século XXI.

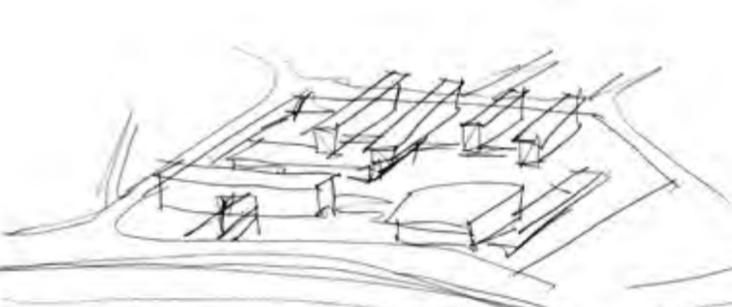
O primeiro parâmetro realiza-se arquitetônica e urbanisticamente através do grande pórtico que se abre longitudinalmente acompanhando o Rio Tamanduateí e define os espaços administrativos a oeste, de professores ao centro e de apoio a leste. Através dele, a universidade se faz permeável, acessível e transparente diante do contexto urbano e cívico no qual se insere. A UFABC, uma das primeiras universidades brasileiras deste novo século, não se concebe como um espaço isolado e fechado em relação à cidade, mas interage com ela, projeta-se nela e prolonga-a dentro de si. Assim concebido, seu



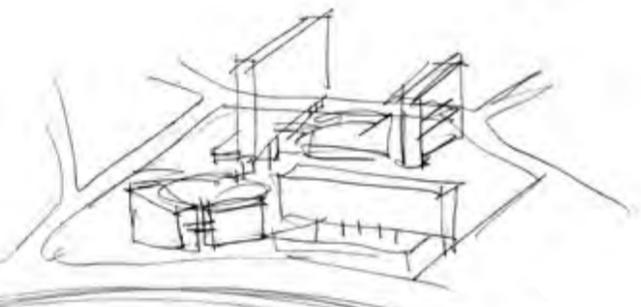
campus desenvolve o saber universitário próprio ao nosso contexto: cumpre à universidade atual reconhecer não mais ser ela a única fonte de produção de conhecimentos e competência profissional, científica e tecnológica, devendo, assim, interagir com setores da sociedade e da cidade de modo a deixar-se contaminar pelo saber produzido fora dela, misturá-lo com o que engendra dentro de si e estender esse produto, novamente, para a cidade e o país que a abriga.

Essa mesma permeabilidade também articula, mas de modo diverso, a distribuição e a concepção dos núcleos de saber, a norte. Em vez de um grande portal a demarcar a separação entre o ambiente “sagrado” do saber erudito e o outro “mundano” da vida cívica, optamos por conceber os edifícios dos laboratórios e centros de pós-graduação em escala compatível com a cidade à sua volta, não monumentais, em blocos baixos intercalados com passarelas (“bulevares secundários”) que penetram no campus, dão continuidade à vida da polis e à estrutura física da urbs de Santo André. Também aqui não se trata de uma questão exclusivamente espacial, mas da construção de uma idéia do saber contemporâneo onde encontram-se diluídas as fronteiras entre os universos da ciência, da arte, das humanidades e da cidade. (sobre o papel e o saber da universidade no contexto brasileiro e no século XXI, cf. SANTOS, Boaventura. Pela mão de Alice, capítulo 8).

Garantida essa relação de continuidade e fluidez com o que lhe é externo, os edifícios e a distribuição dos espaços da UFABC elaboram uma imagem com caráter específico e condizente com a função de uma universidade dentro da sociedade, como apontamos como nosso segundo parâmetro projetual. Por isso, sua linguagem formal diferencia-se do entorno, sem prejuízo da relação acima definida, de modo a servir-lhe tanto de ponto de referência para a vida cidadina quanto de foco visual dentro de uma estrutura urbana que ainda se consolida e deles carece. Os materiais, formas e sistemas construtivos do núcleo dos laboratórios ao norte; o pórtico ao sul; o volume trapezoidal do teatro junto ao antigo e restaurado matadouro; a elipse de convergência do prédio central da biblioteca; o funcionalismo do prédio administrativo no vértice do terreno a oeste e as coberturas dos vários conjuntos e setores constroem este caráter próprio ao campus contemporâneo onde o avançado, o prospectivo e especulativo e a heterogeneidade devem estar expressos. Por essa razão, os vários setores evitam a homogeneidade isomórfica e traduzem-se em linguagens diversas, como as escolhidas para os conjuntos dos laboratórios, da administração central, dos gabinetes docentes, da biblioteca e dos apoios (teatro, exposição, cinemas e lojas).



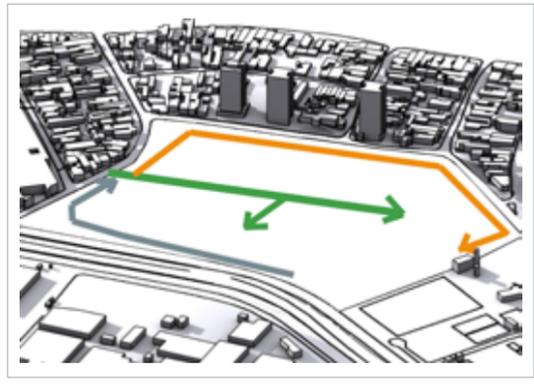
1. EVITOU-SE O CAMPUS PAVILIONAR; UNIDADES EM PRÉDIOS AUTÔNOMOS LIGADOS POR ALUNO/ALUNA QUANDO CONVIVÊNCIA INTERDISCIPLINAR



2. EVITOU-SE VERTICANIZAR: A EXPERIÊNCIA COMPROVA QUE AS RELAÇÕES ENTRE CLASSE FORAM PRECEDENTES, AMPLIAÇÕES E MANUTENÇÃO ONTOSAS.



3. RUAS, PRAÇAS E VÁRIOS VERDES. EDIFÍCIOS BARRAO, RACIÓNTAIS E/OU ICONOGRAFIA INTERLAGE COM A CIDADE, PRESERVA-SE NELA, Prolonga-a dentro de Sítio. CIDADE DA UFABC



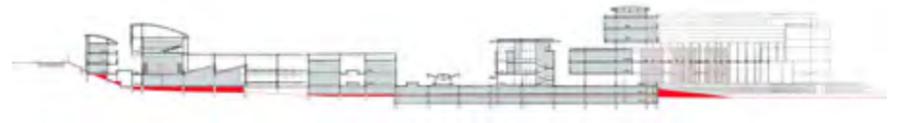
Se as linguagens que definem esses conjuntos são distintas e contemporâneas, como o saber disciplinar que permitiu os saltos da ciência e tecnologia na modernidade, elas devem, contudo, dialogarem entre si. Eis o que faz uma universidade algo bem maior que uma mera somatória de faculdades isoladas e autônomas. Esse diálogo evidencia-se ao longo dos eixos de circulação e convívio, especialmente o do “bulevar principal” que percorre o terreno de leste a oeste e define com clareza a estrutura do espaço e a setorização dos conjuntos de prédios, o que é fundamental diante da dimensão, diversidade e quantidade de áreas, atividades e usuários internos e externos. Através dele se estabelece uma zona de transição onde a mencionada tensão entre os setores norte e sul da cidade adquire um equilíbrio e ambiência adequada para transitar de um setor ao outro, com suavidade e apropriação pública e cívica. Por isso, este bulevar principal se alarga ao centro, junto ao prédio de onde se irradiam, histórica e simbolicamente, os saberes e as universidades, desde a antiga

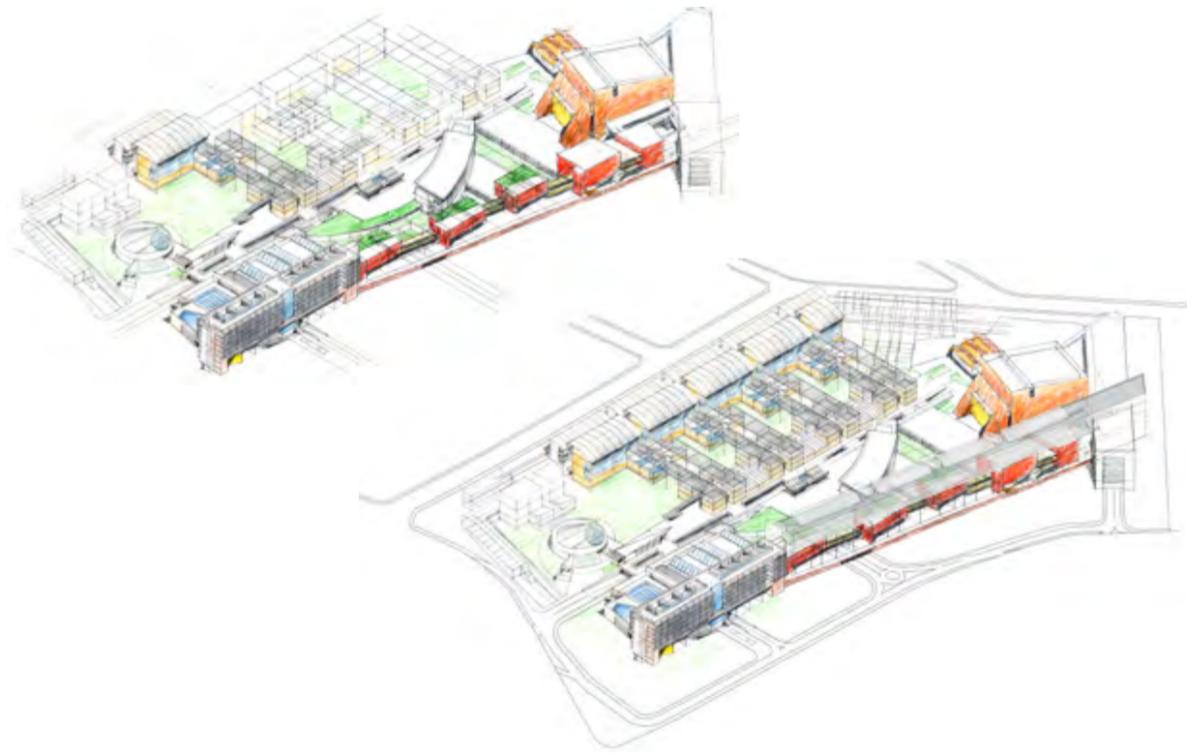
Alexandria: a Biblioteca. Junto desta, o bulevar se faz praça e centro cívico de convívio entre pessoas, idéias, projetos, saberes, experiências e disciplinas. Concluindo este eixo, nossa universidade estende-se para leste até encontrar o prédio do antigo “matadouro”, o qual revitalizamos em nosso projeto. Independente de suas qualidades estéticas, ele traduz a existência do que se transmite na tradição e na história da cidade e ao qual o saber científico que se pretenda “novo e avançado” deve manter como seu interlocutor e com ele articular-se. Conclui-se, então, o modo com que a UFABC se configura neste projeto e no nosso presente: como espaço do diálogo. Afinal, cidade e universidade nasceram juntas no século XII, enquanto espaços da liberdade e do diálogo: diálogo entre a memória e a prospecção, entre a tradição e o futuro, entre a academia e a polis e entre os vários saberes e artes que circulam dentro, mas também fora, de nossas instituições de pesquisa e ensino superior.



Do programa de necessidades

- Corpo Administrativo: Reitoria, Pró-Reitoria, Prefeitura do Campus e de Assistência ao Estudante
- Corpo Docente: Centro de Ciências Naturais e Humanas, Centro de Matemática, Computação e Cognição, Centro de Engenharias, Modelagem e Ciências Sociais Aplicadas.
- Núcleos de apoio, Estacionamentos, Residências estudantes, Refeitório, Anfiteatros, Centro Cultural, Centro Esportivo.



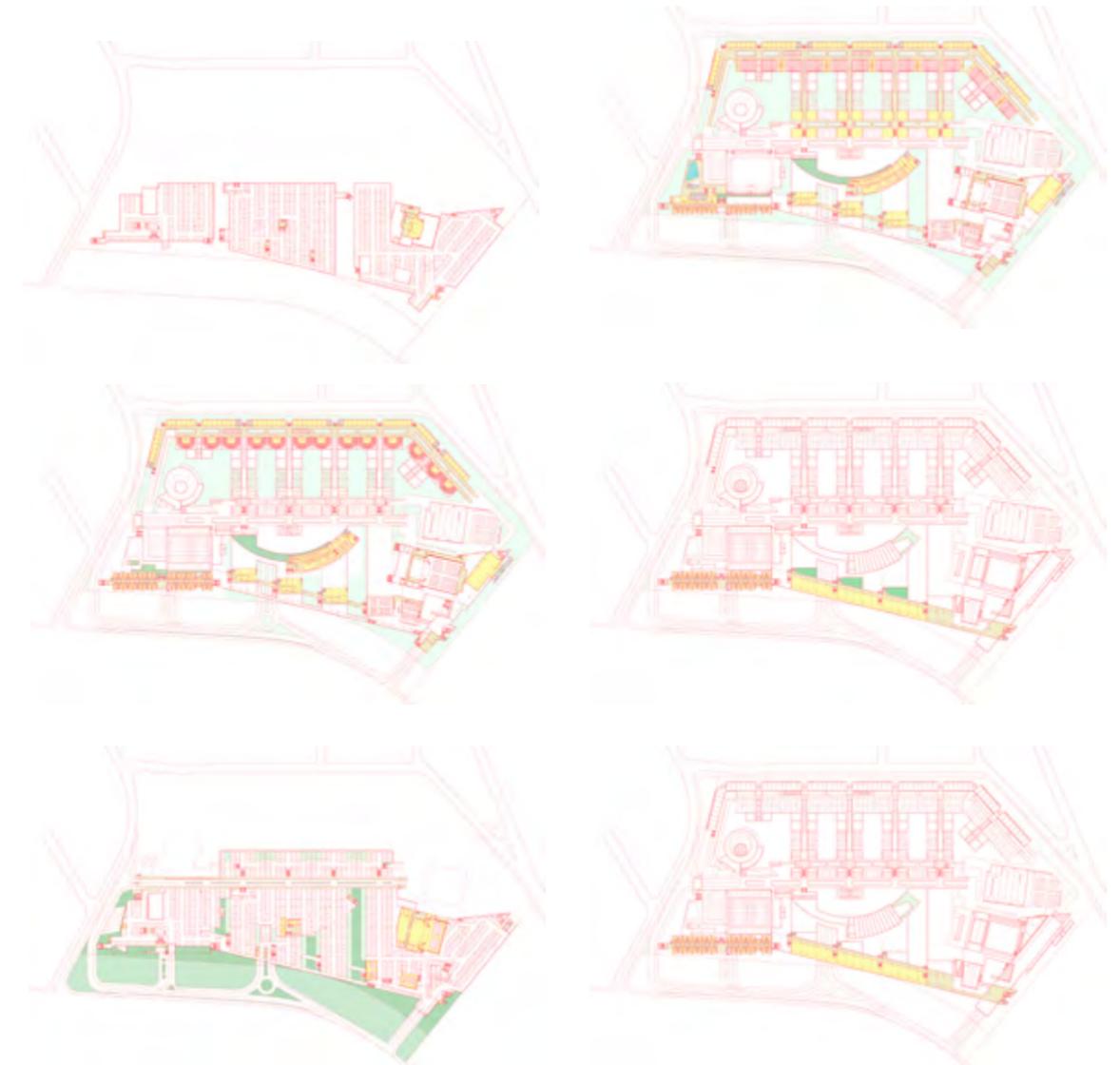
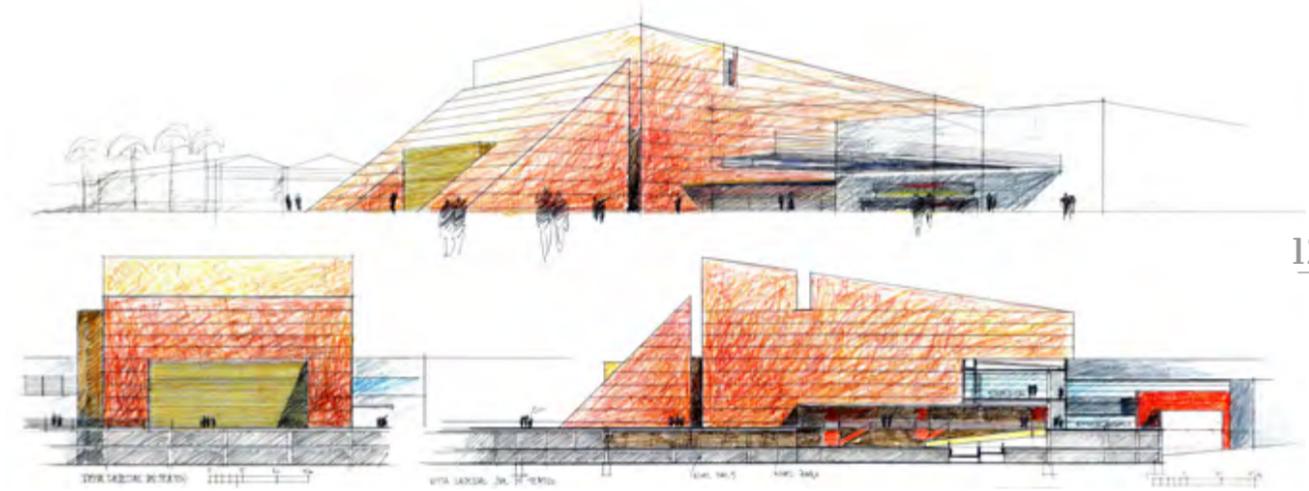


### Sistema Estrutural

A malha estrutural é formada por módulos de 9,0x9,0m, intercalados por bulevares localizados entre as salas que também são múltiplos e submúltiplos desta modulação.

Estrutura em perfis laminados de aço (vigas e pilares) com fechamento em painéis de pré-moldados de concreto, cobertura em telhas metálicas termo acústicas e pré-pintadas, pisos cerâmicos, granitos, cimento estrutural e pré-moldados de concreto.

Esta malha estrutural metálica apóia-se sobre estrutura pré-moldada de concreto que conformam os dois pavimentos de garagem. Painéis alveolares extrudados e decks metálicos completam o sistema geral





TEDESCHIANA

proprietário CBTU - METRÔBH  
Superintendência de Trens Urbanos de Belo Horizonte

construção Extra Engenharia Ltda.

área 200,00 m2

Sylvio E. de Podestá



## CBTU [METROBH]

Superintendência de Trens Urbanos de Belo Horizonte

data

2006

localização

Pátio São Gabriel  
Belo Horizonte | MG

# 16

arquiteto

Sylvio Emrich de Podestá

colaboração

Paulo Orlando Greco



## CBTU [MetrôBH]

### Edifício da máquina de lavar

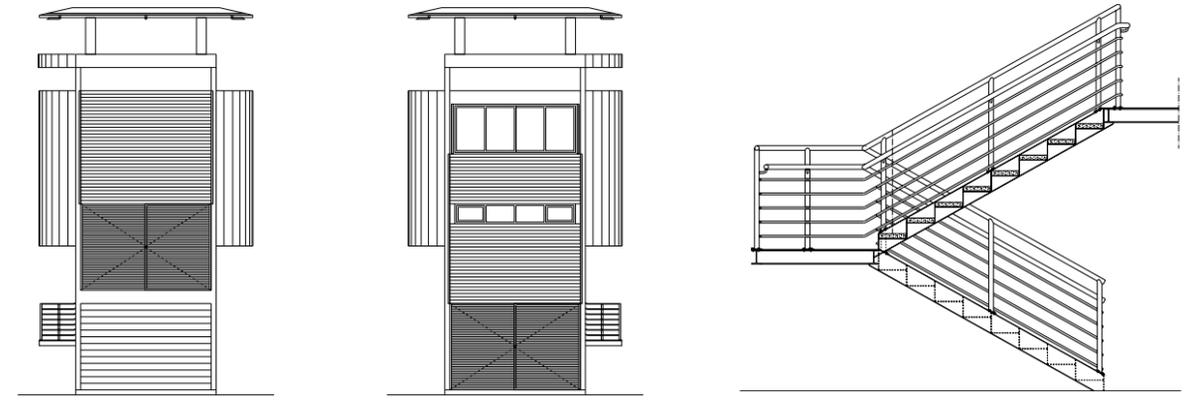
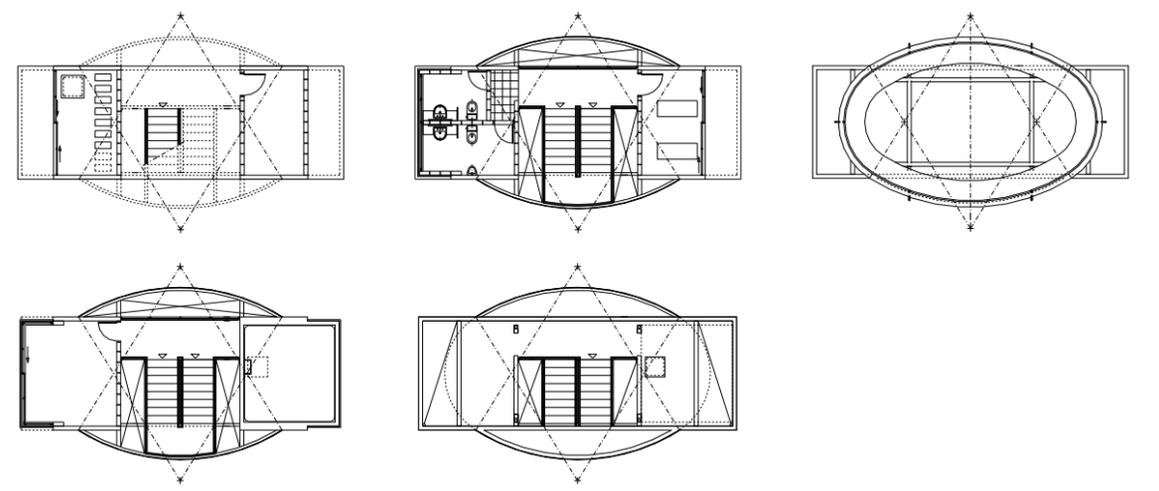
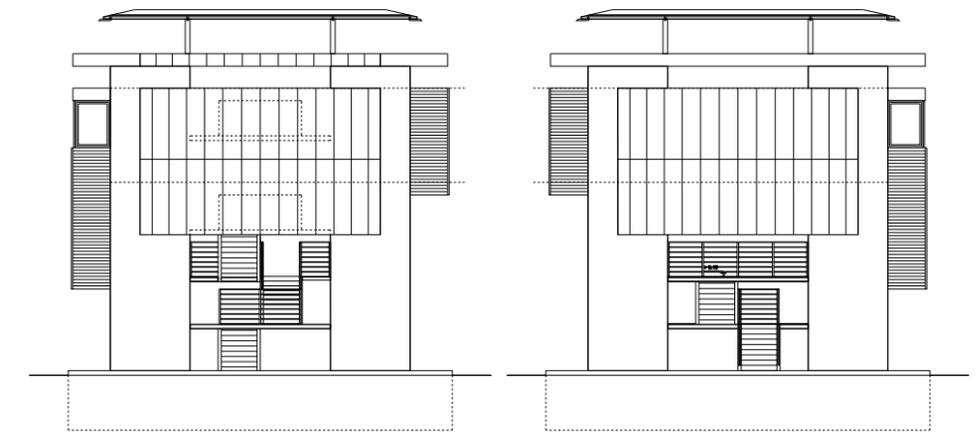
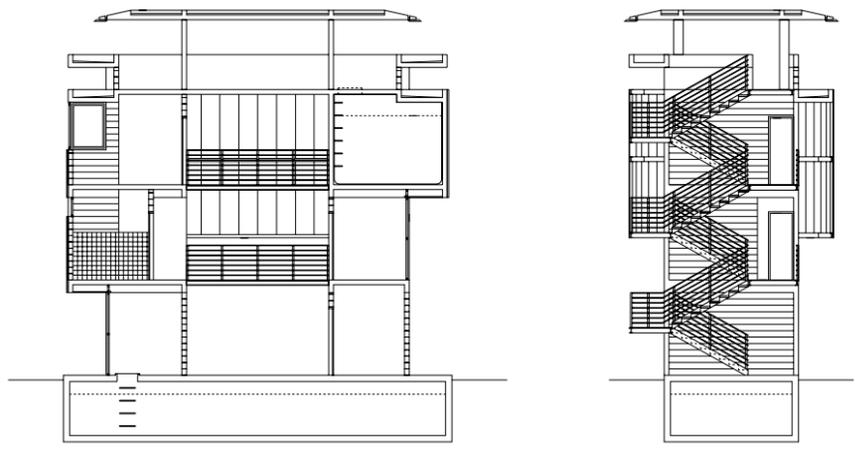
Sistemas de transportes urbanos como o metrô são visualmente percebidos nas cidades através de grandes interferências físicas, pelas suas estações aéreas e subterrâneas e pela presença constante de fluxos de pessoas em estações de integração, transferências e de distribuições de fluxos secundários.

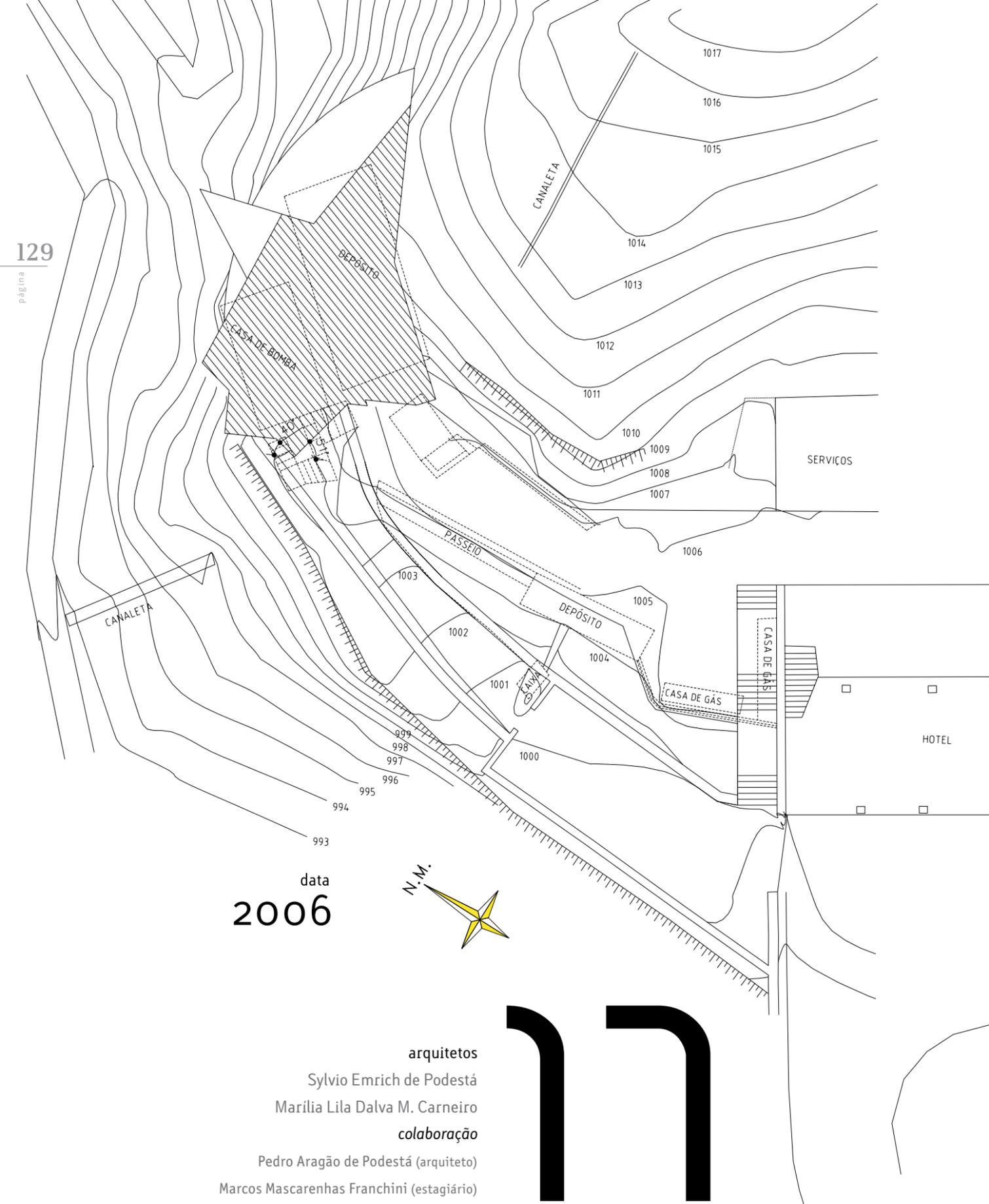
Neste imenso complexo sempre em expansão, projetamos um pequeno edifício de apoio à lavagem dos vagões do metrô.

Implantado sobre uma caixa d'água subterrânea, suas funções (bombas, compressores, depósito, controle, caixa d'água e terraço) se localizam nos quatro pisos divididos em partes iguais por uma escada de acesso protegida por lâmina cimentícia curva que liga os dois lados do conjunto. Uma cobertura plana, ovóide, sombreia a última laje e serve de proteção ao segurança que ali controla parte da vigilância do setor.

Simple e racional, este pequeno objeto, vertical, de mínima ocupação territorial, cumpre função importante no conjunto final do sistema e se apresenta orgulhosamente como parte arquitetônica deste grande complexo.



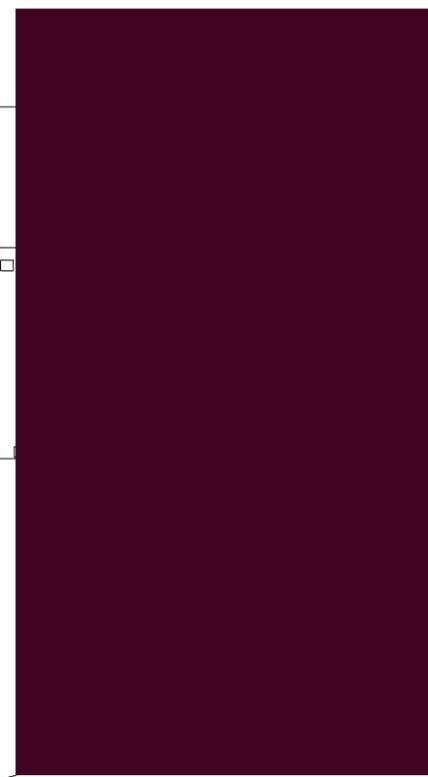




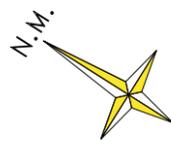
Sylvio E. de Podestá 

# Allegro piano bar

localização  
Ouro Preto | MG



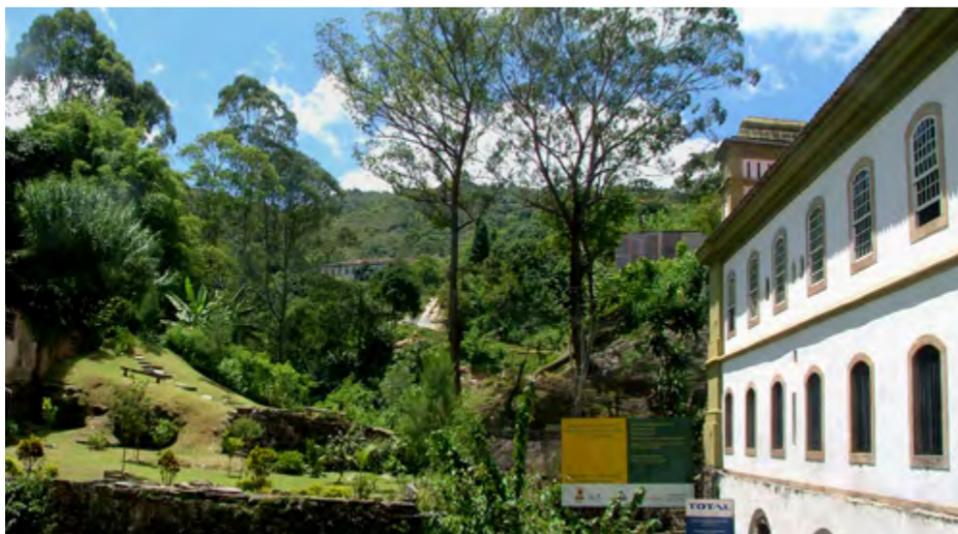
data  
**2006**



arquitetos  
Sylvio Emrich de Podestá  
Marília Lila Dalva M. Carneiro  
colaboração  
Pedro Aragão de Podestá (arquiteto)  
Marcos Mascarenhas Franchini (estagiário)



proprietários Jarbas Eustáquio Avellar e Danilo Avellar  
área do terreno 8.872,31 m<sup>2</sup>  
área 181,00 m<sup>2</sup>



## Allegro piano bar

Se somos estatística e realisticamente urbanos, desaparece a formatação básica para se inserir um objeto em uma malha urbana canonicamente falando, ou seja, não devastamos a terra, ou pelo menos não deveríamos, para que o novo possa se apresentar como o novo.

É claro que para alguns consagrados e alguns lugares oficiais, abrem-se espaços memoriais, em esplanadas oficiais, minas ou pontas de cabo branco, terras planas e altiplanas, lisinhas, para que grandes objetos tenham paz na sua solidão institucional.

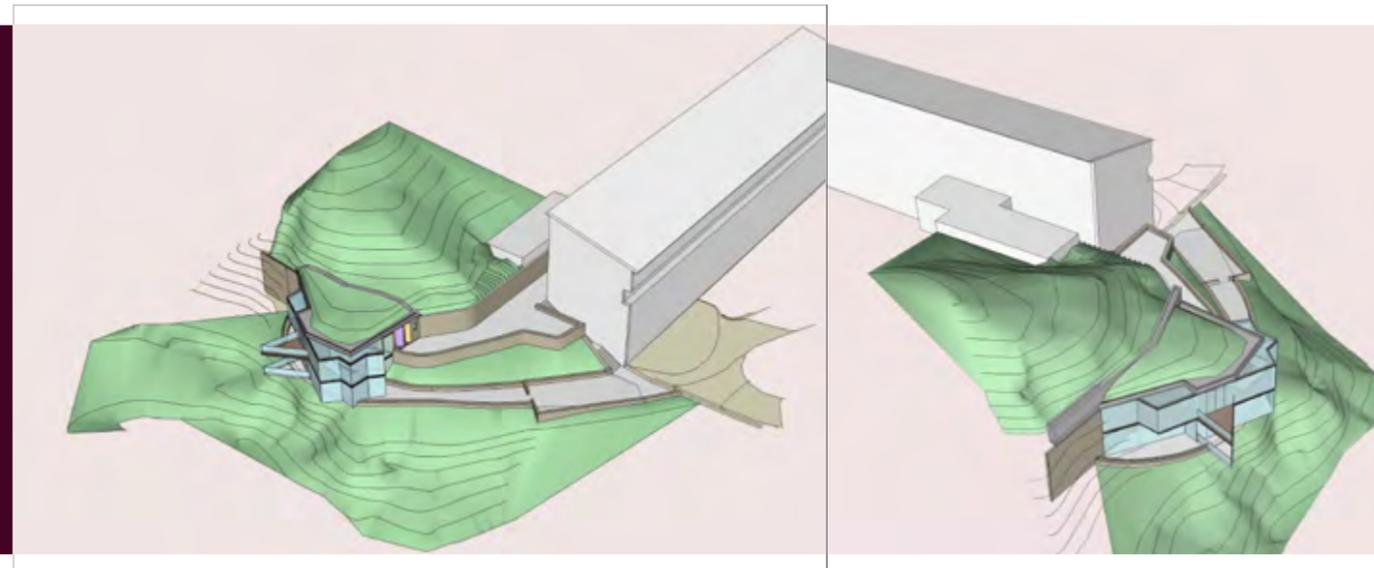
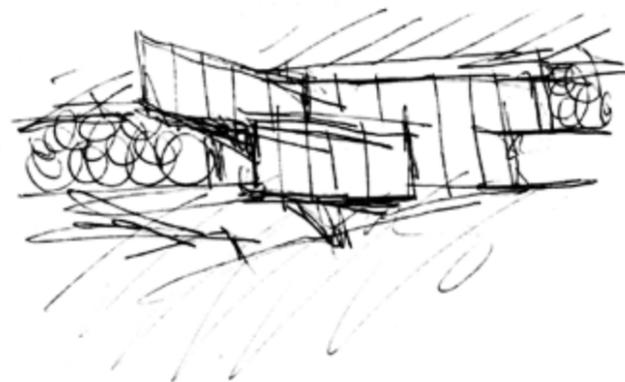
Outros, mortais, convivem com apertos, bastando ver os brises spadonicos do novo prédio paulista que miram os antigos tijolos makenzianos (citado pelo batido das horas) ou pelo enterramento politicamente "providencial" do Teatro da Orquestra de Minas que se pretendia menos silencioso, mais arquitetura e menos adega, para citar apenas dois exemplos atuais.

Essas necessárias conversas entre os diversos sujeitos já implantados num conjunto urbano, cada vez mais se amplia na sua factibilidade sugerindo também um maior envolvimento de todas as partes que compõem os conselheiros das cidades, sejam eles representantes do povo enquanto eleitores, enquanto cultura, enquanto participativos associados, ongs, etc.

Órgãos são criados para nos representarem, ambientais, patrimoniais, auditores de intervenções possíveis em substituição a juizes da chibata ou a políticos afoitos. Algumas vezes somos ouvidos, outras terraplanados.

Quando a cidade tem mais histórias do que outras, mais amplo é o discurso da previsibilidade concedida, do andar para frente com o olhar para o que passa e passou. Temos em Minas cidades assim, muitas, cheias de coisas, de vida, de hojes e de futuros presentes e Ouro Preto é uma delas.

Nela, o Allegro, pequeno objeto a ser construído entre o novo parque urbano e o Grande Hotel, juridicamente ligado a este último, foi ouvido com a pertinência devida, oportuna, sob forma de consulta, submetido à apreciação, apreciado e encaminhado com recomendações, mas de forma geral, possível, atual, de acordo com o século XXI.

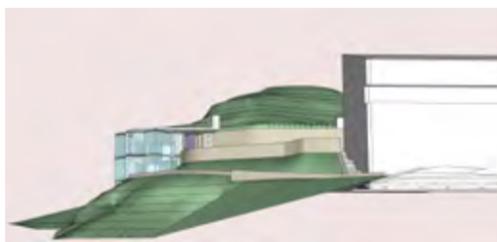


Aparentemente recolhido sob um manto verde para que sobrevivam os velhos e novos telhados, quinta e importante fachada da cidade vista por cima (como todas são, só que menos cuidadosas), se incrusta na íngreme topografia qual cristal ou pedra lapidada, em inflexões transparentes de forma a compor espaços de estar, ouvir e ver através de, por dentro, permitindo a troca entre o que está e o que é visto de maneira total. Estrutura afiada, fina, invisível; materiais quentes, pedra, madeira e gente formatam a inserção.

Um piano bar para uma cidade que se consagrou com um incrível festival de jazz, dentre outras consagrações, poderá estender este e outros sons pelos dias afora.

Quem conhece Ouro Preto, devem ser quase todos, sabe que sentar e ver de cima, de lado, lá debaixo é sempre o prazer maior. Sentar a ver o tempo passar pelas janelas ou, agora, pelos vidros do Allegro, é dar tempo ao tempo, é acrescentar à experiência turística ou local estímulos proustianos, inconfidentes e confidentes.

Allegro me.



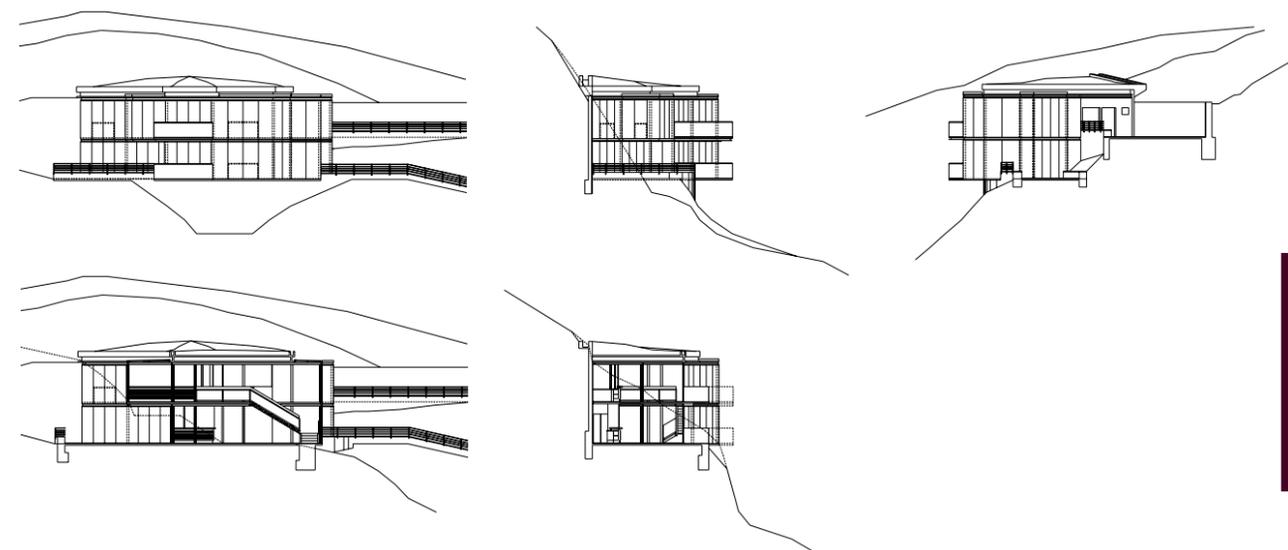
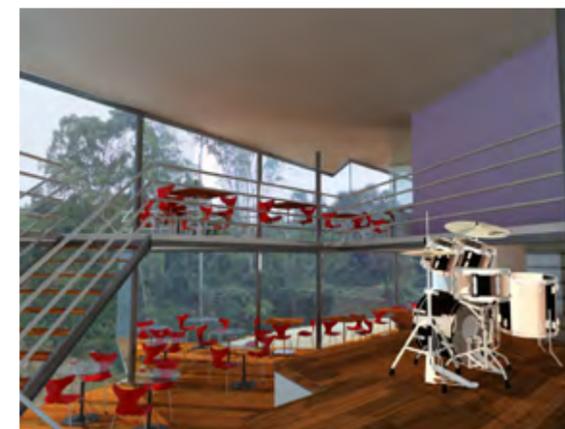
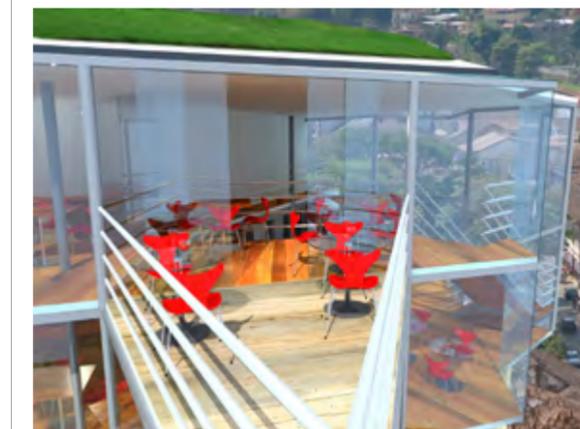
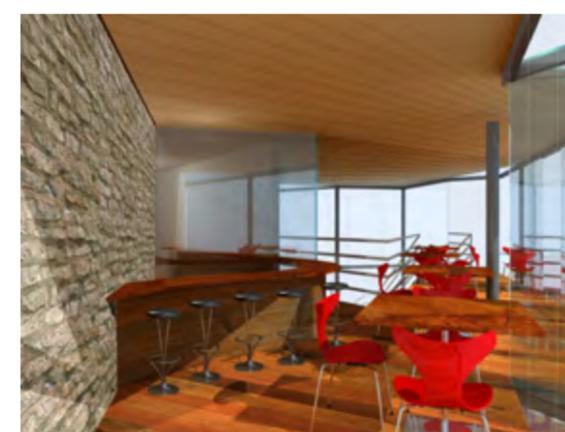
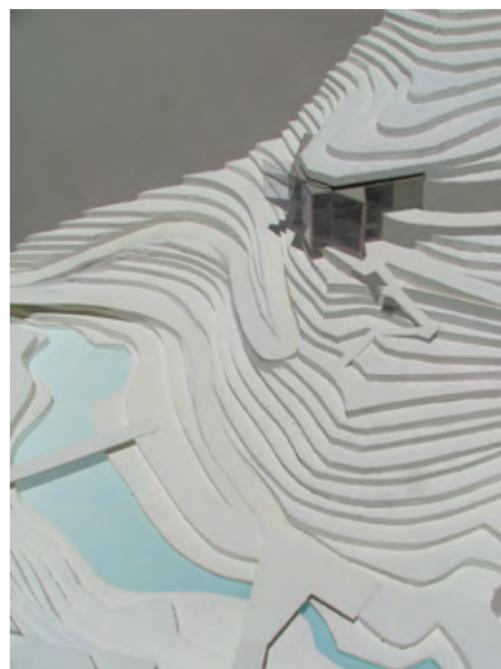
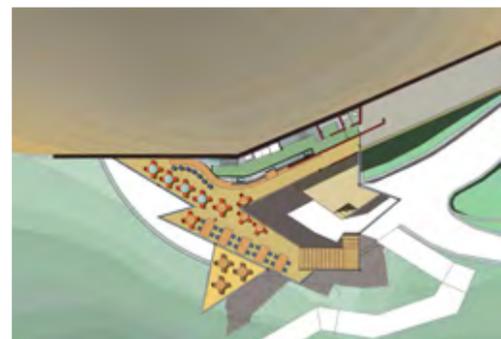
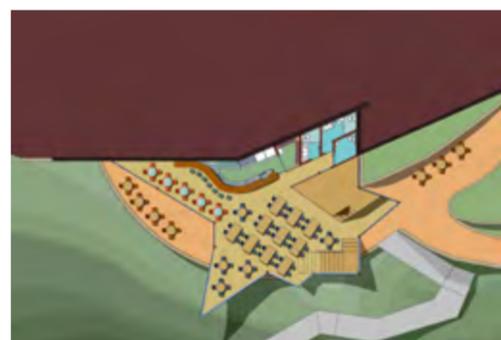
Arrimos em concreto revestidos de pedra filetada contêm a topografia recortada caracterizando o incrustamento e embasando em forma circular do pavimento térreo. A partir dele e sobre ele, perfis tubulares metálicos e perfis "I" também metálicos compõem a trama, opção conveniente para ângulos agudos e diversos e transparência procurada que se completa com fechamento em vidros laminados anti-reflexo, como fachadas cortinas, fixados por spiders metálicos ou introduzindo marcos de alumínio quando necessárias aberturas (portas e/ou janelas).

Pisos em lajes com forma tipo steel-deck, revestidos e forrados de madeira, esquentando o ambiente e eliminando o toc toc do caminhar, fornecem o travamento necessário para o pavimento nomeado mezanino e para a laje de cobertura, dupla, duplicando o cuidado com as águas do teto verde, acústica, sol que só é permitido por um período no fim da tarde, esquentando o ambiente para a noite.

Balcões de madeira ondulados, sugeridos pelos proprietários numa espécie de resgate de uns balcões curvos desenhados por Niemeyer para a recepção do Grande Hotel, fabricados, utilizados por um período e substituídos pelo atual. Sutil referência, acatada com o devido recato. Coisa para ser contada.

Os acessos, feitos a partir do pilotis do GH ou após a ladeira junta a Casa dos Contos são, a partir daí, todos acessíveis, normativos, uma novidade numa Ouro Preto que funciona acima dos 8,33%, o que constatamos sempre quando compomos o bloco carnavalesco Balanço da Cobra, cujo percurso vertical se faz da Igreja do Pilar à Praça Tiradentes. Um talude gramado receberá jardinagem em escala compatível com a proximidade das pessoas, alegrando os terraços externos resultantes dos acertos topográficos em contrapartida a imensa e bela paisagem verde do parque lindeiro.

Por ali, pisos de quartzito (casqueiros) irregulares e guarda-corpos bancos.



data  
2006

projeto inicial 1981  
 área do terreno 1.033,00 m<sup>2</sup>  
 área 380,00 m<sup>2</sup>  
 construção 1982/83  
 1a. reforma 1996  
 área 450,00 m<sup>2</sup>  
 2a. reforma 2006  
 área 650,00 m<sup>2</sup>  
 construção 2006/07



Sylvio E. de Podestá 

# Casa Sydney e Karla

# 18

arquiteto

Sylvio Emrich de Podestá

localização

Brasília | DF





## Casa Sydney e Karla

Na época do projeto inicial intitulei esta casa de uma obra pós-Brasília, fora dos cânones modernistas, dos concretões e também dos mediterrâneos e coloniosos. Discutíamos circulações, simetrias, materiais, texturas e cores.

“A cor existe” era nosso grito de guerra e a cor que lá utilizamos foi o vermelho goiaba, mistura feita in loco nos tempos que as mix machines não existiam por aqui.

Quando foi publicada no livro Sylvio E. de Podestá – CASAS em 2000 pela AP Cultural, fizemos um histórico destes primeiros momentos. Dizíamos das relações dela com o terreno/lago, como ela se abria para dentro (pátios e jardins) e sua inusitada fachada de rua praticamente cega, com um grande pórtico marcando dramaticamente o acesso principal, o piso que transpunha os limites e ia até o meio fio em cores variadas e aleatórias; das palmeiras em linha compondo com as empenas inclinadas, inspiração Kahniana.

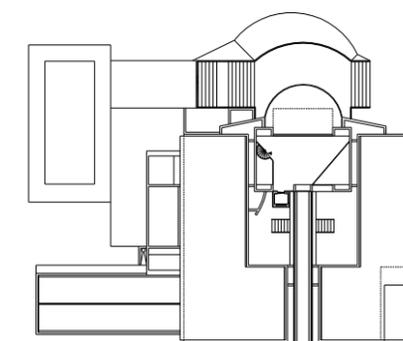
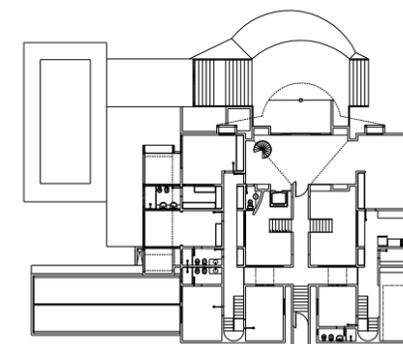
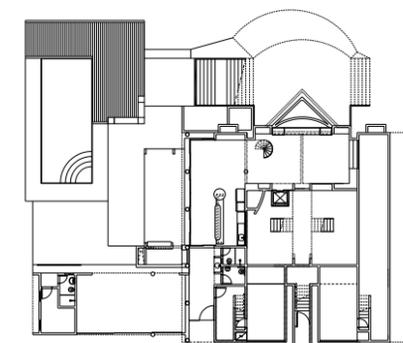
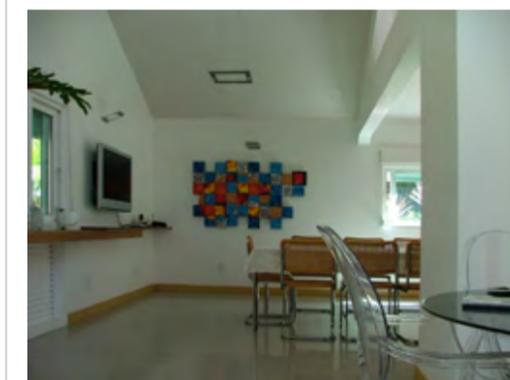
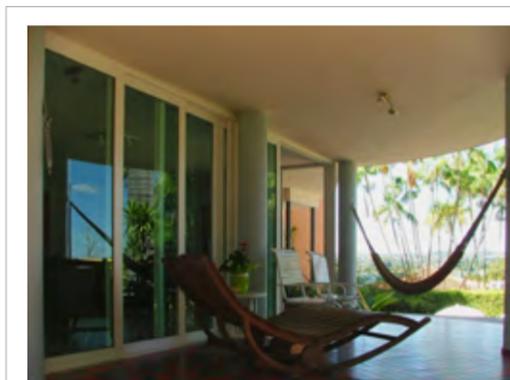
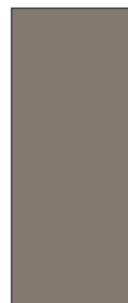
Hoje, concluída a segunda reforma/acréscimo, temos um projeto que mantém a idéia básica e incorpora

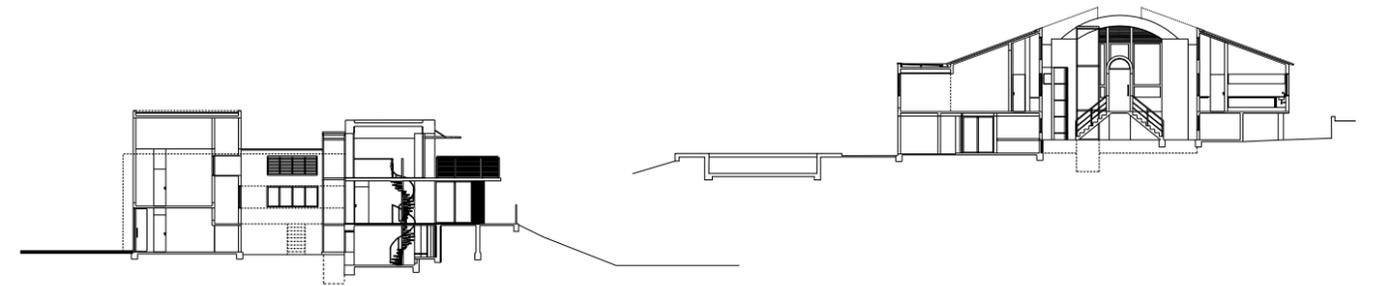
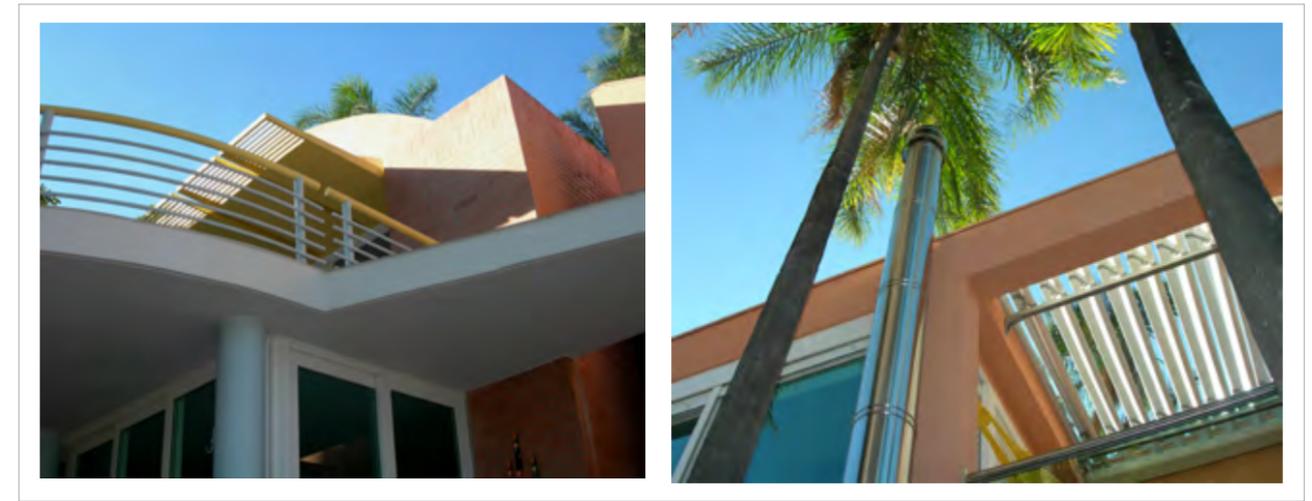
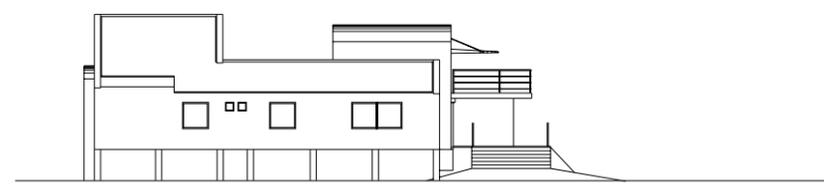
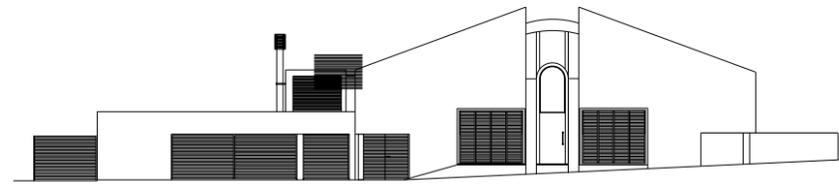
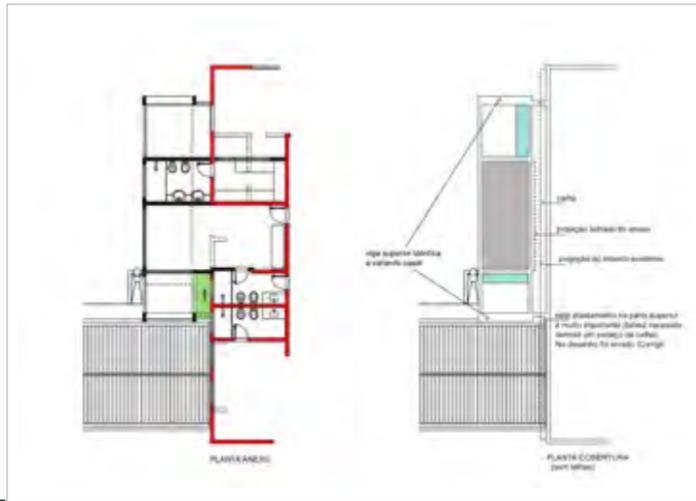
equipamentos atuais como os nominados home theater, espaço gourmet, suítes, elevador, novas varandas, bar da piscina, vestiários, etc. que se juntam aos outros anteriormente projetados. Os espaços de uso se ampliam, também garagens e serviços.

E assim a casa passa a atender aos tempos de netinhos sem esquecer os amigos. Casa é assim. Nasce com o casal, com os filhos pequenos, depois adolescentes e mais a frente, casados. Mudam e voltam trazendo a alegria da nova turma, da meninada que usa novamente a piscina um pouco esquecida, o campinho, subir e descer no elevador, dormir no quarto novo, conhecer o funcionamento das novas janelas e portas agora mais atuais e transparentes.

A cor está um pouco mais desbotada, próximo do salmão que se dá bem com o verde que está cada dia mais exuberante. O jatobá está imenso e sombreia a varanda no sol noroeste. As palmeiras continuam por lá marcantes, verticais.

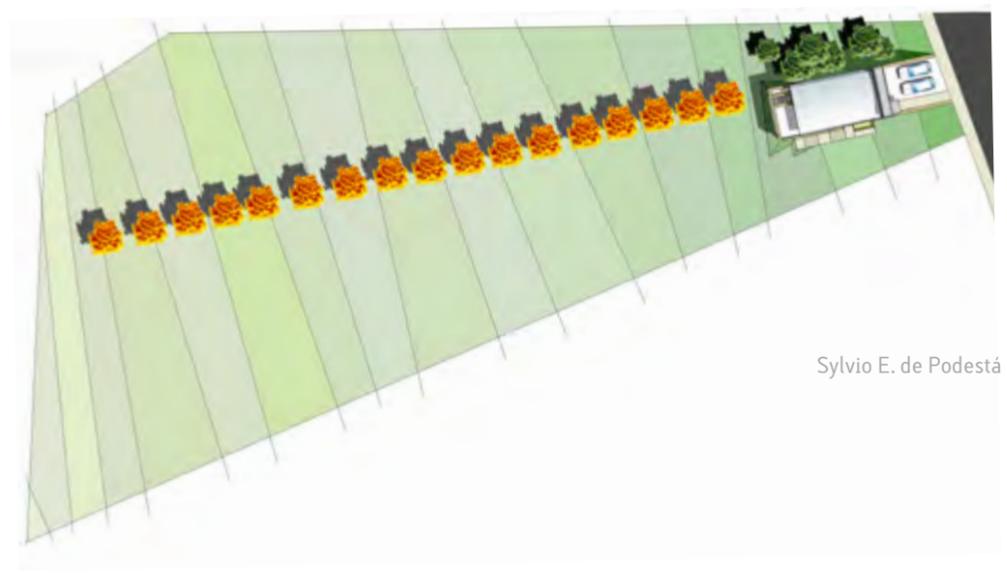
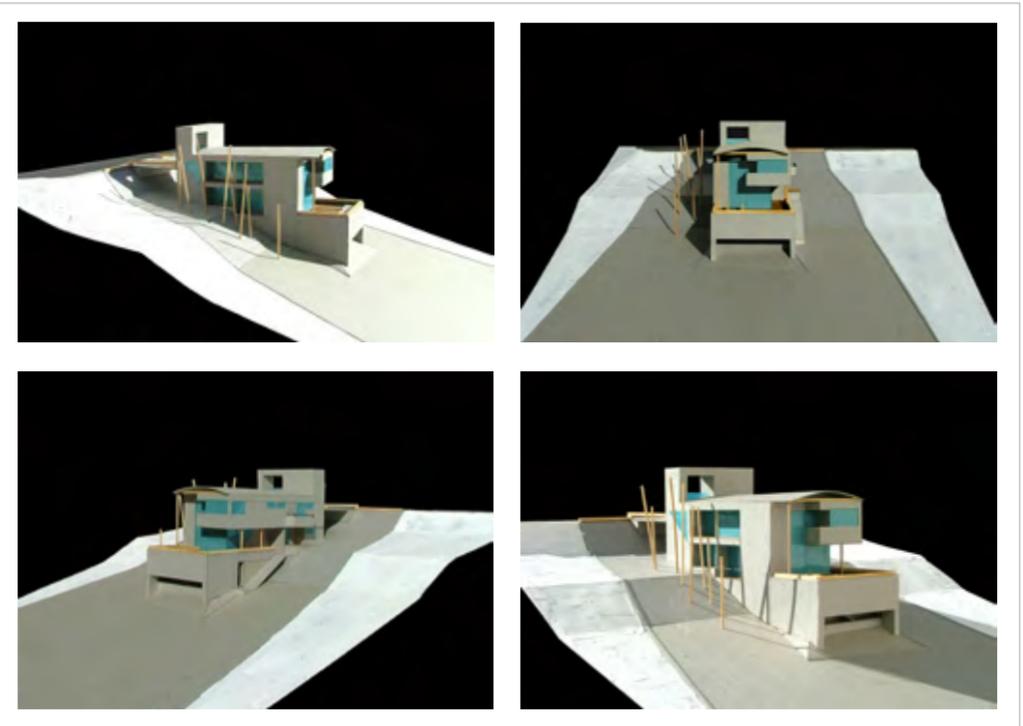
Casa com cheiro de nova.





data  
**2006**  
obra 2006/07

área do terreno 5.342,00 m<sup>2</sup> localização  
área 285,00 m<sup>2</sup> Nova Lima | MG



Sylvio E. de Podestá 



# 19

## Casa John John

arquiteto  
Sylvio Emrich de Podestá  
colaboração  
Pedro Aragão de Podestá





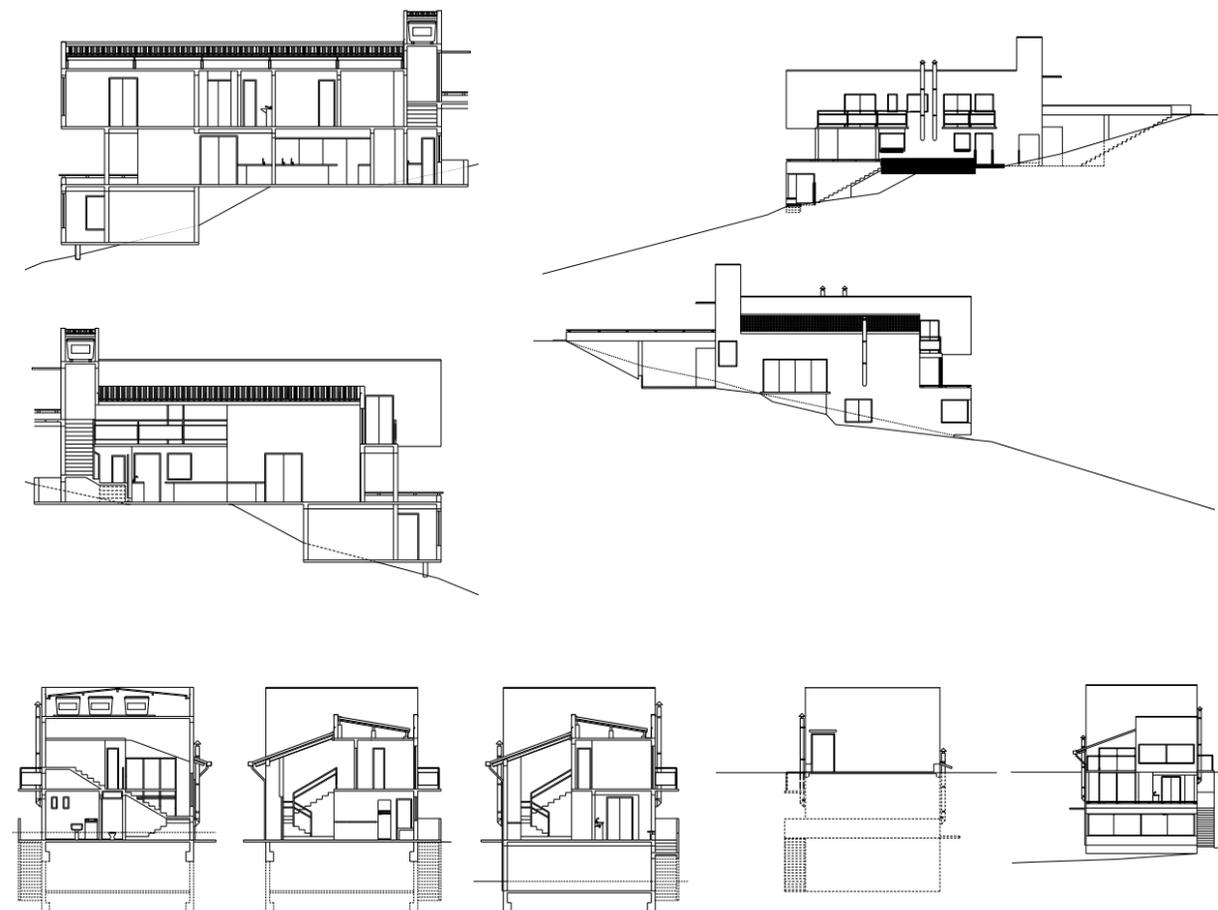
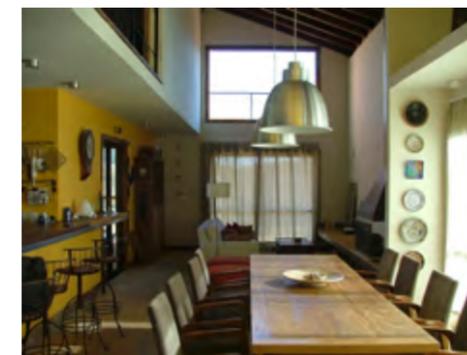
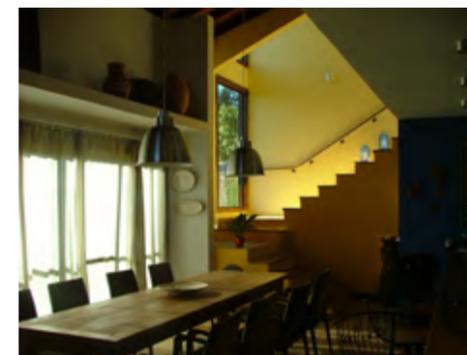
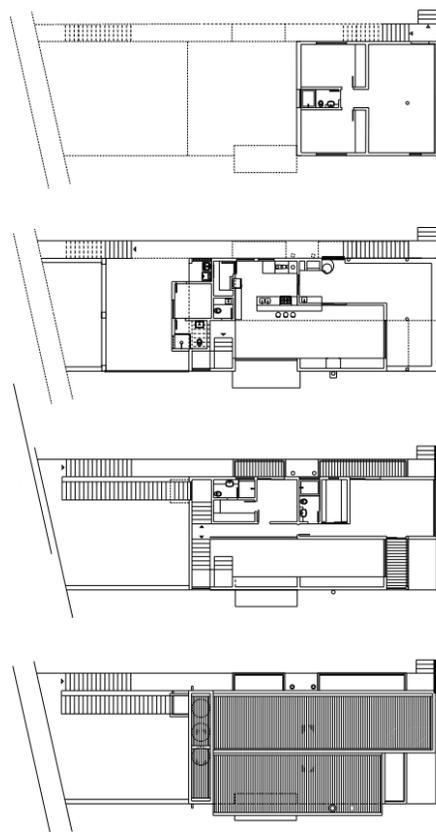
## Casa John John

Um grande terreno e inicialmente uma pequena casa de fim de semana que foi se modificando até uma ficar com o porte médio, com alguns anexos em andamento e hoje, com características de casa permanente, morada.

Cresceu, se esticou, ampliou balanços e equipamentos. Abriu quartos para visitas e se coloriu, meio Brasil, meio México. Misturou a massa rústica pintada com madeira de demolição, casqueiros no piso inferior e peroba nos quartos. Varandas e terraços, muitos, auxiliam as diversas visadas desta casa mirante, com vista para o pequeno vale, o lago da mineradora e a vizinhança plantada em terrenos montanhosos e de pouca vegetação. No auxílio, novamente a estratégia de uma longa fila de ipês amarelos marcando território (já devidamente plantados) e muito mais árvores, um mini bosque, mata e pomar, começam a mudar a lisa paisagem.

Esta casa, como no projeto, deve ir se modificando, cultivando as manias e gostos dos moradores com seus quadros e peças de arte, apetrechos de culinária, coleções que eventualmente se iluminam com o sol, ora quente ora frio, das montanhas.

Local para o vinho, reunião da família grande, das famílias que virão. Bom lugar.



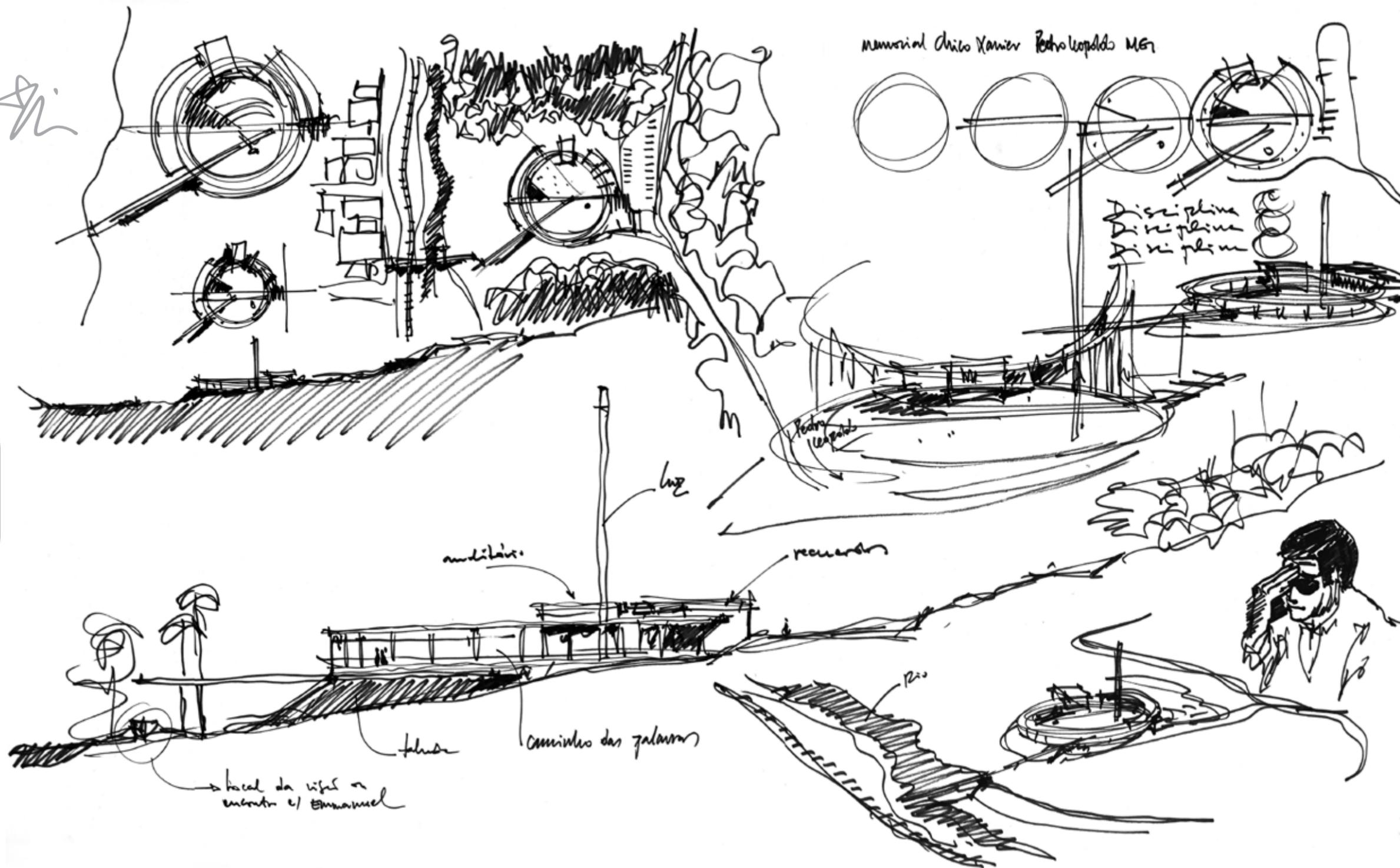
Sylvio E. de Podestá



data  
2006

20

arquiteto  
Sylvio Emrich de Podestá  
colaboração  
Eduardo Tagliaferri  
Paulo Orlando Greco  
Pedro Aragão de Podestá



cálculo estrutural	Misa Engenharia
orçamento	Plante Engenharia Ltda.
instalações	CA Engenharia e Projetos Ltda.
prevenção e combate à incêndios	Segurança Engenharia Ltda.
área do terreno	1.481,50 m <sup>2</sup>
área descoberta interna (jardins e passarelas)	2.043,00 m <sup>2</sup>

# Memorial Chico Xavier

localização Pedro Leopoldo | MG



## Memorial Chico Xavier

### Memorial Descritivo

Chico: E o senhor acha que estou em condições de aceitar o compromisso?

Emmanuel: Perfeitamente, desde que você procure respeitar os três pontos básicos para o serviço.

Chico: Qual o primeiro?

Emmanuel: Disciplina.

Chico: Qual o segundo?

Emmanuel: Disciplina.

Chico: Qual o terceiro?

Emmanuel: Disciplina.

Este foi o primeiro contato do médium com o seu guia espiritual, Emmanuel, a quem o Brasil inteiro admira e respeita. Um vasto terreno denominado Capão, junto ao marco existente que relembra este primeiro encontro com Emmanuel, foi o escolhido para erigir o Memorial Chico Xavier.

Nada mais justo e preciso quando nos reportamos à descrição feita pelo Narrador em "Mandato de Amor", página 30, União Espírita Mineira, BH, 1992:

"Nos fins de 1931, à tardinha, Chico Xavier orava sob uma árvore junto ao açude, pitoresco local na saída de Pedro Leopoldo, quando viu, à pequena distância, uma grande cruz luminosa. Pouco a pouco, dentre os raios que formava, surgiu alguém!..."

Para que pudéssemos projetar um espaço onde de forma sutil estivesse presente a paz, luz, visão privilegiada das águas do rio e do açude e, ainda, trouxesse uma forma de registro dos três pontos básicos sugeridos como forma de capacitação para o serviço social e espiritual que propunha Chico Xavier, ou seja, disciplina.



Desenhamos uma grande praça circular, circundada por uma cobertura "verde", onde fosse possível circular protegido, ter vista das águas, parar, ler e caminhar, local que denominamos Caminho das Letras.

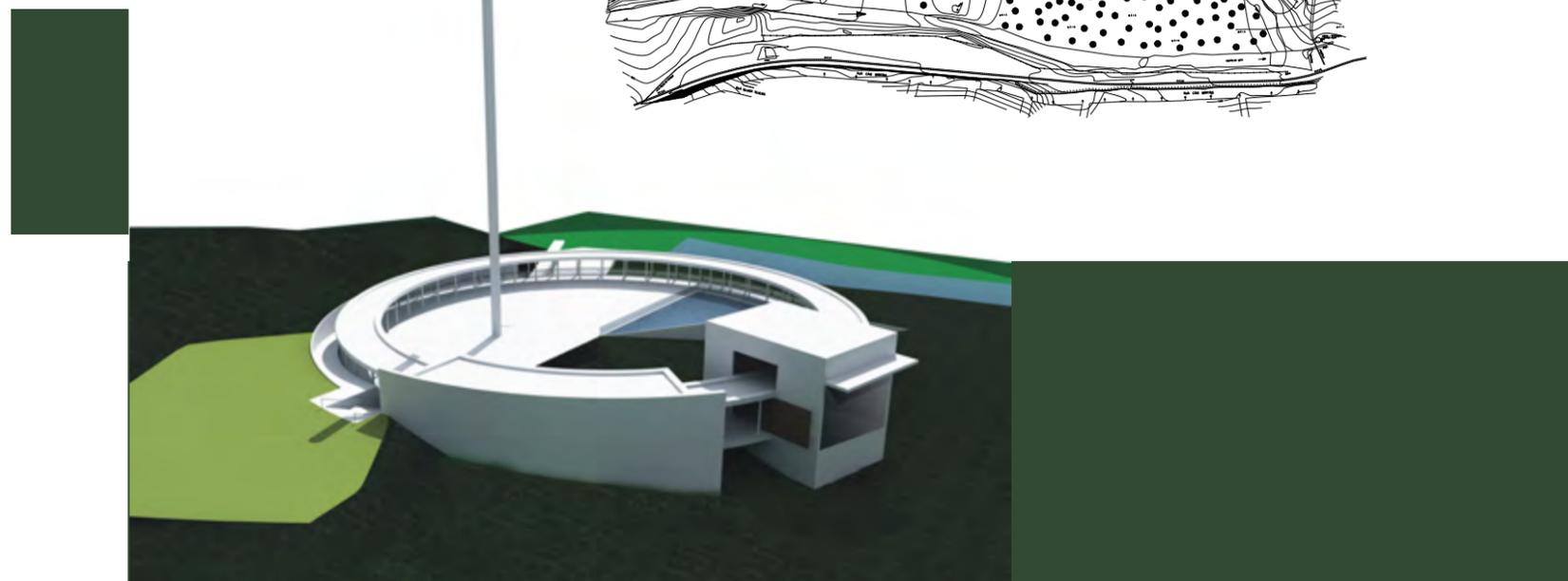
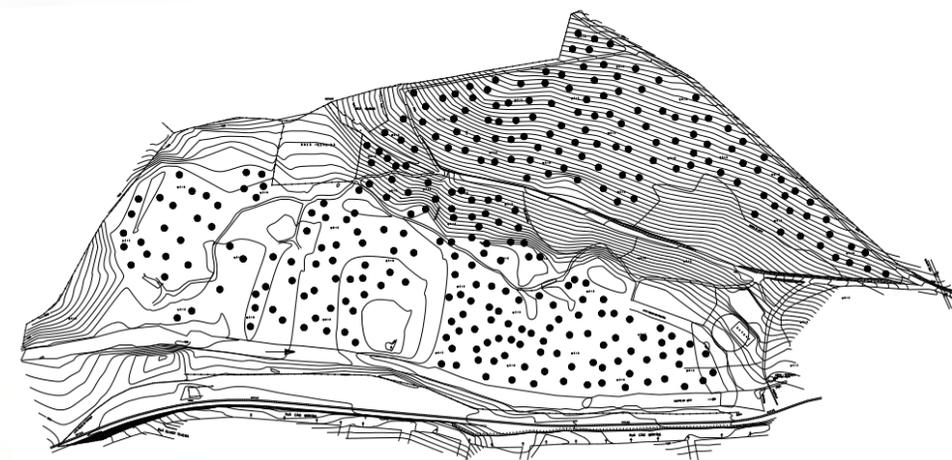
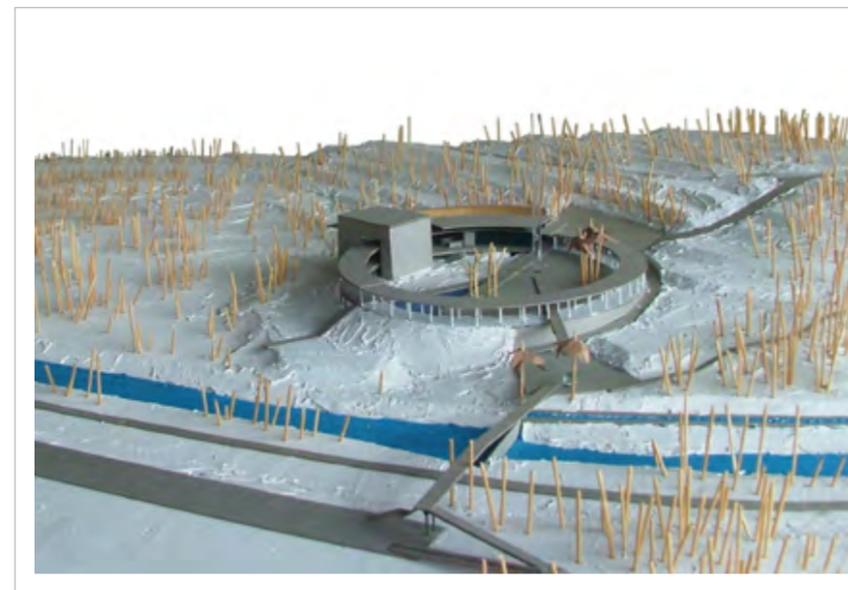
Esta grande forma curva conforma uma Praça interna, também circular e dividida em duas metades, sendo uma plana, delimitada por um caminho linear e onde podem ser proferidas palestras ao ar livre ou outras manifestações possíveis. Tem como elemento principal uma grande torre de onde saim luzes que iluminam o caminho virtual até o marco existente e também o pátio (2ª. Etapa). Simbolicamente, a Luz.

A outra metade, conformada topograficamente pelo terreno, é auditório natural e que tem como palco a continuação da passarela coberta, agora suspensa.

Outra atividade, possível aproveitando a grande parede do auditório, o uso como tela para projeções, ampliando as possibilidades da informação ou da mensagem, a ser transmitida por todas as mídias.

Junto ao acesso principal da Praça, localizamos o Espaço Chico Xavier que, sem ser museu, se presta a expor fotos, livros, textos, objetos que reportem à memória do Chico de forma permanente ou temporária em ocasiões especiais. Com luzes pontuais, o local será levemente revestido por uma suave penumbra, sugerindo paz e reflexão.

Junto a ele, uma Livraria/Biblioteca que tem a dupla função de vender livros e emprestá-los para o público que preferir ler nos espaços do Memorial. A grande quantidade de edições publicadas sobre a experiência de Chico, seu mandato mediúnico, justificam este espaço e sua forma de gestão. Apoios como banheiros e pequenos lanches darão suporte às atividades possíveis no Memorial.



Um espaço multiuso, com pequena plataforma a quiza de palco, fundo transparente e visão para a mata adjacente, é local de encontro, palestras e outras atividades afins. Com capacidade para 200 pessoas (incluindo o mezanino) confortavelmente dispostas, possibilita atividades abertas e descontraídas e também momentos de silêncio e concentração.

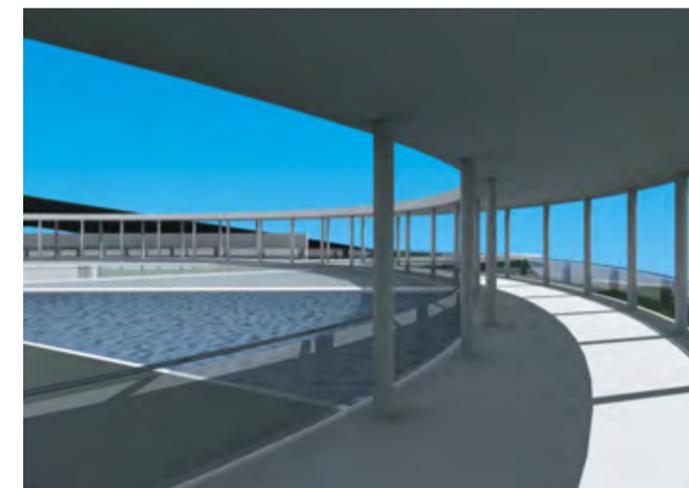
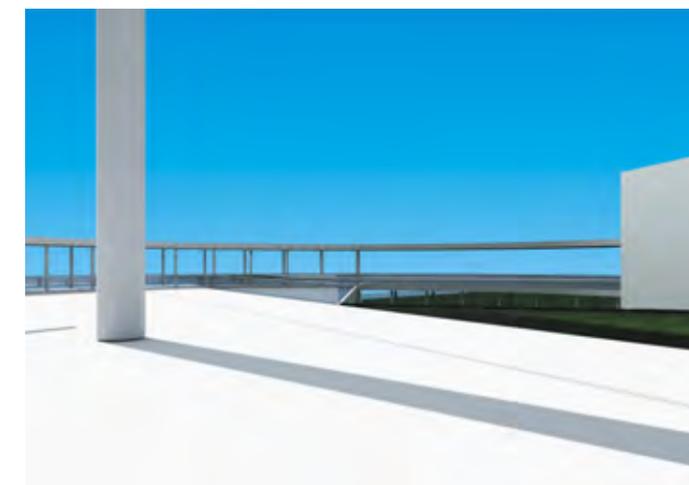
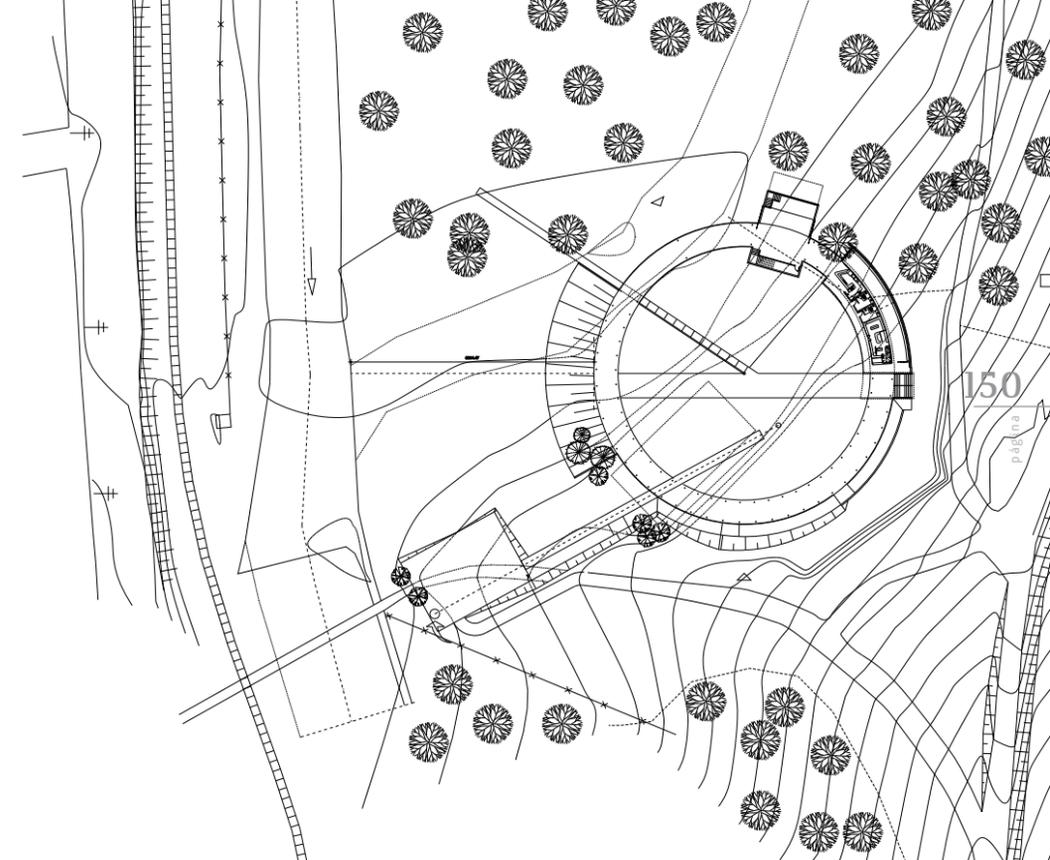
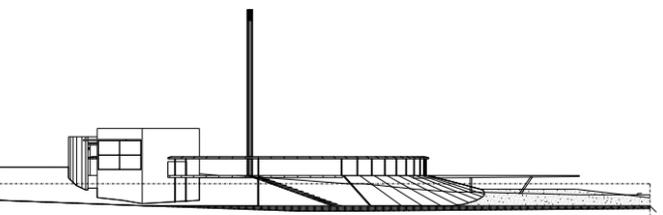
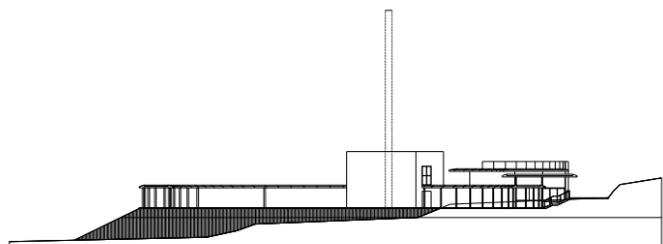
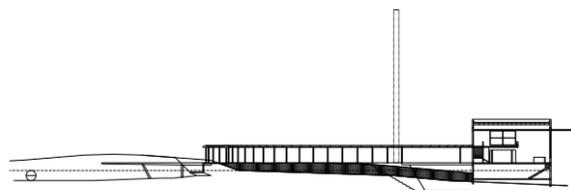
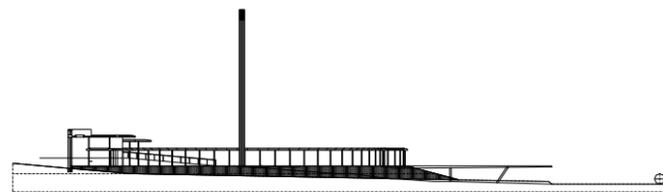
O memorial é visto por cima, por quem chega pelo caminho posterior ao rio. Ali poderá ser visto o tratamento que foi dado à cobertura que contorna toda a Praça: ela é verde, como um pequeno jardim suspenso, o que diminui, o contraste com o ambiente existente, além de propiciar uma sombra mais agradável ao Caminho das Letras.

Em paralelo e descendente, um caminho junto ao memorial nos conduz à Praça do Marco, ponto simbólico da vida de Chico Xavier, devidamente registrado por um monumento representando um livro aberto (a restaurar).

Dali, uma futura ponte por sobre as águas do rio e a linha de trem, fará a ligação com o bairro adjacente, caminho mais próximo para quem vem a pé. Essa virá em substituição à ponte existente que cumpre apenas parcialmente essa tarefa.

Esse é o Memorial que dedicamos a Chico Xavier.

Queremos que ele venha representar com dignidade a vida e memória do Chico, por isso, mas não necessariamente de forma figurativa, a disciplina está no círculo como a luz está no céu visto da praça; a vida está no rio, no açude visto do avarandado como a paz está em quem virá visitar este espaço da memória, simples como sempre profetizou Chico mas poderoso em suas formas e funções possíveis.



data

2006

localização Rio de Janeiro | RJ

Sylvio E. de Podestá



empreendedor	MCM Marcondes Consultoria e Marketing
consultoria geral	Marcus Rebuzzi
consultoria obra	Engenheiro Ricardo Wilson Martim da Costa
área do terreno	500.000,00 m2
área do museu	89.800,00 m2
área do núcleo cultural	21.500,00 m2
área núcleo de negócios, serviços e lazer (shopping center, serviços públicos e gerais, hotel e convenções)	54.000,00 m2
área supermercado	10.00,00 m2
área estacionamentos cobertos e descobertos	47.000,00 m2
área escolas	6.500,00 m2
área praças	25.000,00 m2
área total	253.800,00 m2
maquete	Aristides Lourenço



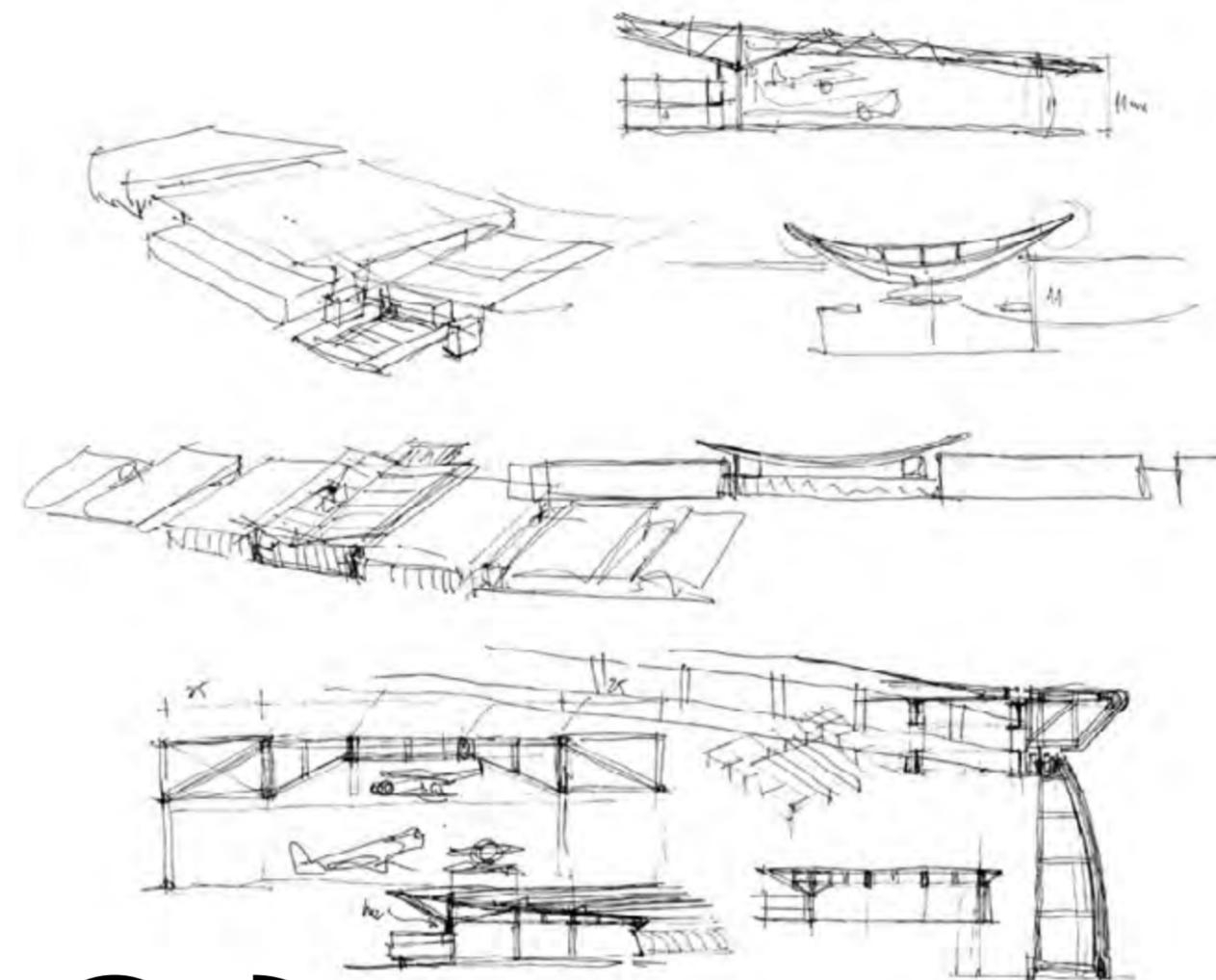
arquiteto

Sylvio Emrich de Podestá

colaboração

Paulo O. Greco

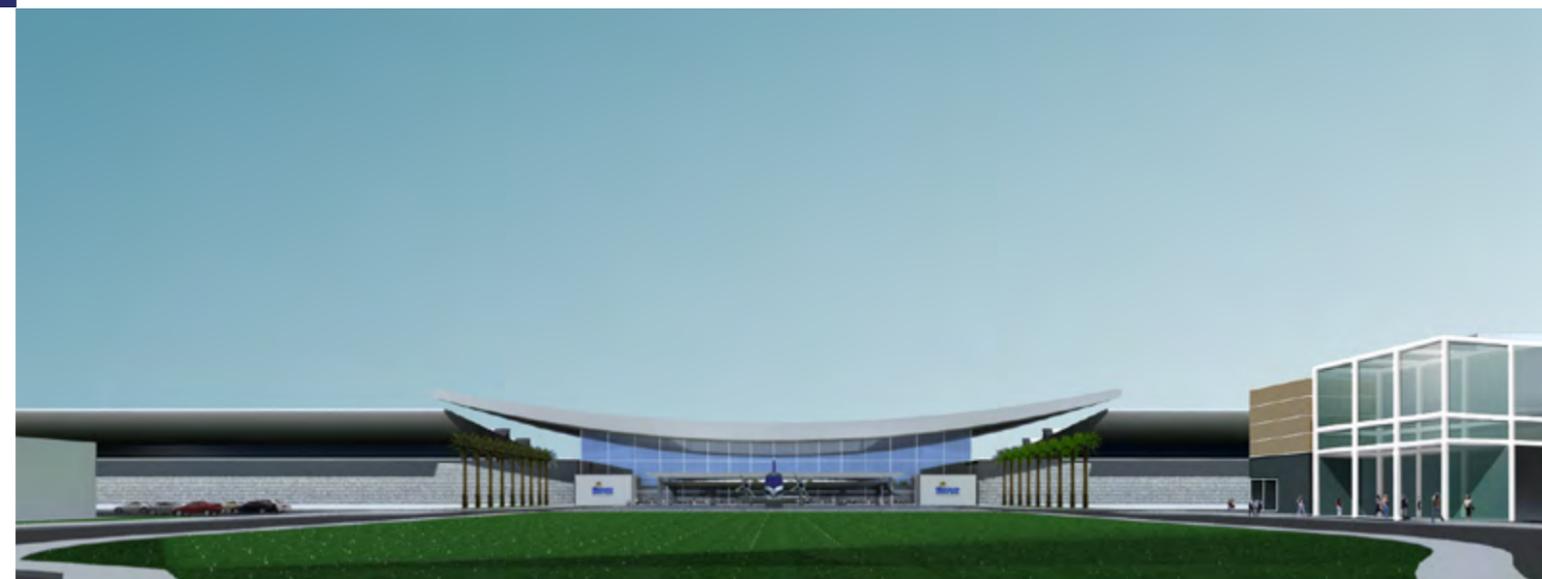
Pedro Aragão de Podestá

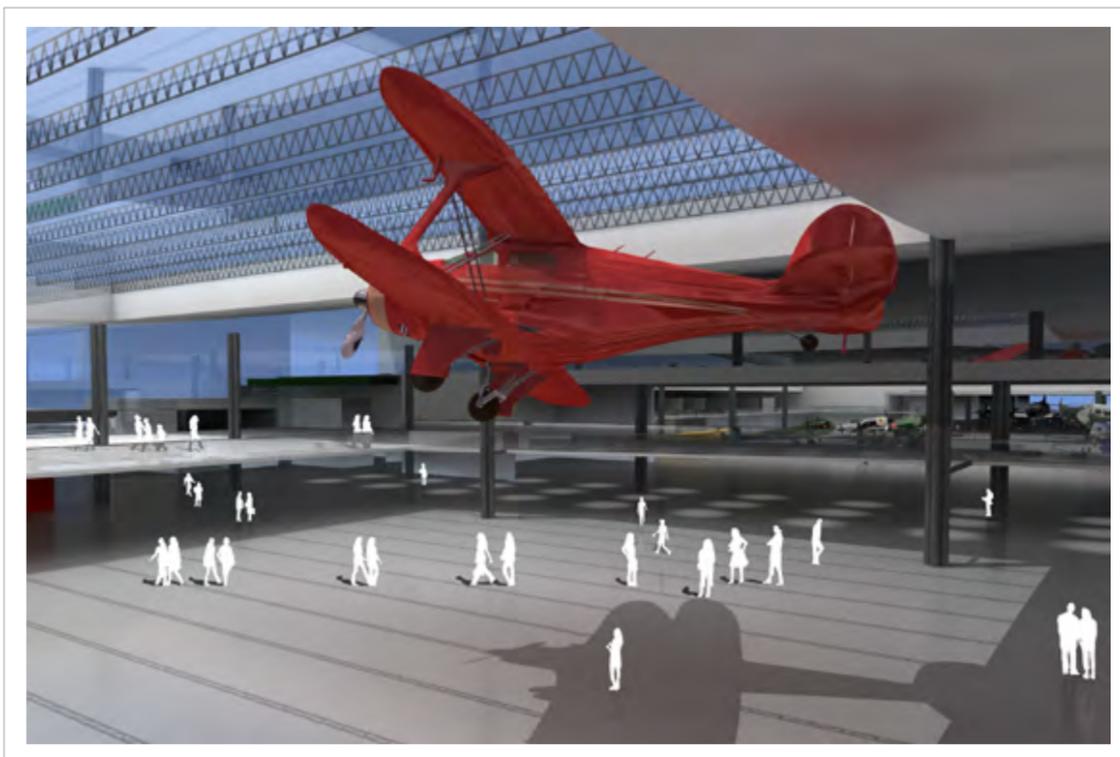


21

## Cidade do Avião

Museu Aeroespacial Santos Dumont





## CIDADE DO AVIÃO

### Museu Aeroespacial Santos Dumont

“O esboço do projeto da Cidade do Avião é uma proposta que reúne o sucesso de um ideal, transformado em realidade pelo esforço e dedicação de um punhado de oficiais da Força Aérea Brasileira, com um cuidadoso planejamento de consistências e coerências técnicas, sociais, culturais e financeiras. É também uma prova de uma grande coragem de conservar, recriar, ampliar e transformar um museu de sucesso em um empreendimento politicamente correto e avançado na concepção sócio ambiental. Mais do que isso, partindo de um ponto de referência de educação, cultura e lazer, pretende ser um pólo de desenvolvimento e atrativo investimento para a iniciativa privada”.

*Tribuna das Gerais, Agosto de 2006.*



Muitas vezes um projeto de arquitetura e seus complementares são acionados para produzir informações de caráter prospectivo, investigativo, que vai compor um elenco de dados necessários a tomada de decisões conjuntas de todas as áreas envolvidas no processo e dele dar partida ao que inicialmente, abstratamente, se propunha.

A Cidade do Avião apesar de ser apenas um estudo inicial, preliminar, produz estas informações necessárias ao seu complexo estudo de viabilidade, e para esta fabricação de dados o projeto referenciou-se num elenco de consistências: Lei de Ocupação do Solo do Rio de Janeiro e seu Plano Diretor, legislação específica sobre as limitações do espaço aéreo e legislação ambiental da área do entorno do projeto.

Prevê como fontes básicas de recursos os da iniciativa privada na construção e exploração das áreas pertinentes, utilização regulamentar dos incentivos federais, estaduais e municipais que beneficiem o projeto tanto na área museológica quanto na educacional além de outras formas como Amigos do Museu, etc.

Procura o total atendimento à legislação, normas e especificações técnicas dos organismos de controle de qualidade bem como amenizar impactos ambientais, limitando as destinações e ocupação de espaços, total gerenciamento de resíduos líquidos e sólidos. A mesma estratégia conduz a soluções para os impactos urbanos, infra-estrutura ou serviços, baseando-se na análise da oferta de infra-estrutura

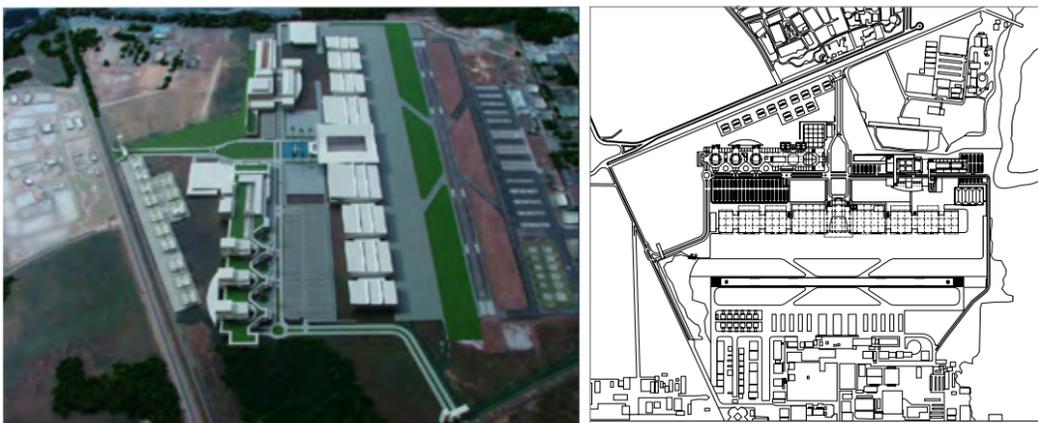
de água, energia, esgotamento sanitário, pluvial, oferta de sistema viário, rede de comunicações ou dos serviços como coleta de lixo, transportes urbanos, linhas e trajetos. E os conseqüentes impactos provenientes da freqüência do público alvo e do corpo de funcionários na teia urbana.

Ainda no urbano e de forma macro, avaliação de acesso ao empreendimento, facilitadores de trânsito (comunicação com aeroportos, estações ou terminais rodoviários e estações de metrô).

Todo este universo de legislações diversas só passam a ter sentido prático quando se faz a análise da vocação da região sob suas diversas óticas, levantamento da oferta de serviços complementares de comércio, atacado, indústrias e zonas residenciais, levantamento de segmentos concorrentes e de suporte ao empreendimento.

Estas propiciam também qualificar tipo de materiais a serem utilizados, tipo de gestão construtiva e administrativa do conjunto, seguranças necessárias, dentre outras.

A estas se agrega a avaliação da tipologia do público alvo, sua preferência e pontos fortes e fracos da área do empreendimento, tendência de consumo do público, perfil sócio econômico visando conhecer renda familiar, formação cultural, faixas etárias, população flutuante, hábitos, predileções por comércio, serviços, lazer e outros.



Comercialmente, deve-se estudar os segmentos de negócios existentes próximos ao empreendimento, valor médio das compras, potencial de gastos, opções de frequência por atividades, percentual de público frequente por dia da semana e período diurno e noturno, o potencial de novos usuários do empreendimento, forma de atraí-los.

A Arquitetura tem então esta tarefa, traduzir todas estas questões em espaços, fluxos, circulações, estacionamento, lazer, contemplação sem perder o foco que o empreendimento tem como centro atrativo o Museu Aeroespacial Santos Dumont, e a magnitude do seu mix caracteriza sua concepção técnica de cidade, a do avião que nos remete a uma forte referência de modernidade do mais ágil e melhor meio de união dos povos e de sua cultura.

Embora uma profunda pesquisa de mercado ainda seja necessária, o ambiente da Barra da Tijuca é consagradamente vocacionado a atividades de serviços, cultura e lazer.

Nesta fase, a concepção do lugar, do empreendimento, baseou-se em seis tópicos de referência:

1. A Barra da Tijuca como região natural do crescimento da cidade do Rio;
2. A credibilidade do empreendedor ao cidadão e ao investidor;
3. O Rio como pólo turístico, cultural e de lazer de conhecimento nacional e internacional;
4. O mix de atividades culturais, de serviços e de lazer resultante destes estudos como credencial para um empreendimento do porte projetado;
5. Público de variada representatividade das diversas classes sociais, faixas etárias e culturais e,

6. Oferta de atrativos permanentes e eventuais tanto para o a população do Rio de Janeiro como para o visitante ou turista nacional e internacional.

Para atingir estes objetivos, o projeto procurou criar núcleos distintos de destinação para estes variados segmentos sociais e faixas de idade, além de um grande público fixo interno, ponto fundamental para geração de emprego e renda e um público flutuante capaz de frequentar o empreendimento em todos os horários do dia e em todos os dias da semana, de forma a criar realmente o sentido comunitário misto e plural de uma verdadeira cidade.

Arquitetonicamente, uma grande asa, simétrica a pista de pouso e decolagem onde se localizam o grande hall, alas de exibição de aeronaves e equipamentos abertos em transparência para a pista e contidas no outro lado pelas salas de apoio, interatividades virtuais, biblioteca, acervos de documentos e fotografias, serviços diversos. Caminhando no sentido das extremidades das asas, mostras permanentes ou dinâmicas de instituições ligadas a aviação e afins como produtoras de equipamentos, designers e designs, Embraer e outras. Em anexo o Centro de Restauro que também é escola de formação.

Entre as possibilidades interativas a pista permitirá vôos monitorados em diversos tipos de aparelhos bem como exposições em datas comemorativas.

Escolas profissionalizantes, de arte, teatro e dança, além de galerias e salas de espetáculos compõem a parte cultural.

Equipamentos comerciais como hipermercado, shopping Center, centro de serviços, hotel e toda infra-estrutura necessária dão suporte aos componentes de mercado, financiador macro do empreendimento. Grandes praças de eventos permitem montagem de feiras e outros eventos que demandam tal estrutura.





construção	Tecna - Técnicas Associadas de Engenharia Ltda. e Plante Engenharia Ltda.(parte Administrativa)
estrutura pré-moldada de concreto	Premo Engenharia
estrutura metálica	Techneação
painéis de fechamento lateral	Perfilor
prevenção e combate a incêndio e pânico	Segurança Engenharia Ltda.
ar condicionado	Eng. Luiz Carlos do Carmo
projeto elétrico, telecomunicações, tv/som, lógica	Eng. Antonio Ulisses de Alvarenga
serralheria	Coplemig
esquadrias	Isomax
revestimento acrílico	Tecnocril
forros e paredes de gesso cartonado	Congesso
móveis	Madeirense e CMBB (refeitório)
paisagismo	Yapó Paisagismo
escultura	Jorge dos Anjos
sinalização e programação visual	Barão
fotos	Jomar Bragança
área terreno	13.551,27m2
área	11.288,67m2

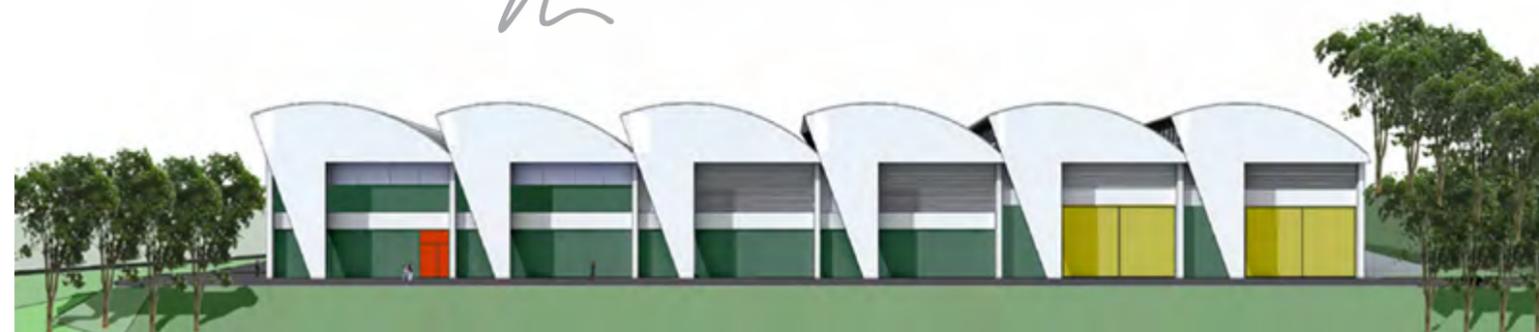


# Gráfica Rona 22

localização  
Olhos D'água  
Belo Horizonte | MG

arquiteto  
Sylvio Emrich de Podestá  
colaboração  
Pedro Aragão de Podestá

Sylvio E. de Podestá 





## Rona Editora

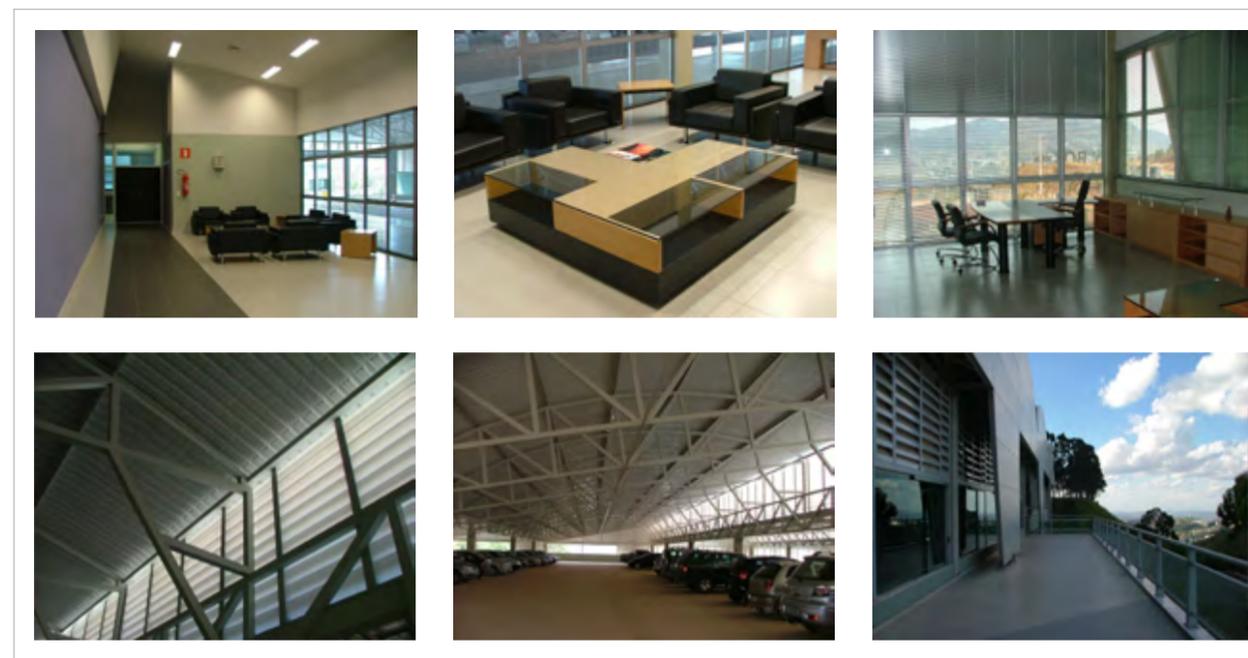
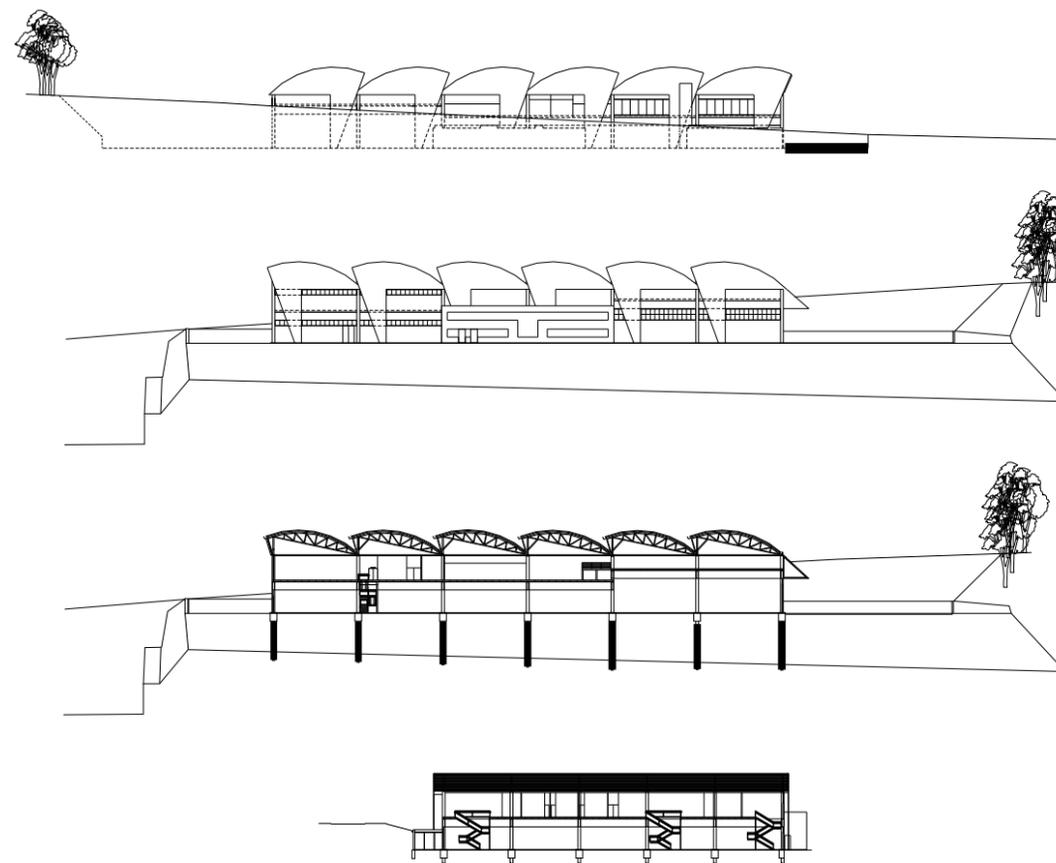
Acompanhar a trajetória da Rona desde os primeiros tempos, ainda quando fazíamos a Revista Pam-pulha, seu crescimento na segunda fase (leia-se Avenida Men de Sá) e agora, no Bairro Olhos D'água é desenhar um gráfico (sem o trocadilho óbvio) ascendente. A primeira reforma que fizemos em 1993, acrescentamos ao prédio existente uma racional estrutura pré-moldada, com sua ortogonalidade amenizada por brises metálicos curvos. Posteriormente a Rona atravessou a rua e foi se completar nos lotes disponíveis daquele outro lado, incorporando ao seu fazer fotolito e pré-impressão além de maior capacidade de expedição.

Esta divisão funcionou até o momento de se reprogramar, de projetar o crescimento e programar reservas para atender as demandas futuras. Exigiu novo espaço que atendesse a estas estratégias mas que se localizasse em área de fácil acesso, qualificada dentro das características da Rona e de seus clientes, publicitários, artistas, industriais, etc.

Todo este planejamento estava desenhado na mente do proprietário, ajustado que estava na direção contínua e no desenho futuro da sua empresa.

Procurar o local que respondesse por tantas questões foi árdua tarefa principalmente em Belo Horizonte que tem suas grandes áreas praticamente esgotadas, com suas veias se entendendo aos municípios vizinhos, provavelmente em consonância com Contagem das Abóboras e seu pentágono industrial, projetado para este apoio em priscas eras.

Finalmente, coisa de um ano de idas e vindas, o terreno localizado no Bairro Olhos D'água foi o escolhido. O olhar aguçado e a idéia formatada dos espaços, lay-outs e acabamentos pre-concebidos fizeram do projeto arquitetônico coadjuvante desta visão antecipada do proprietário. Organizamos a partir daí os acessos verticais e horizontais, cotas de níveis, algumas aberturas e uma espécie de casca metálica que fecha a estrutura de cobertura.



fotos Sylvio E. de Podestá



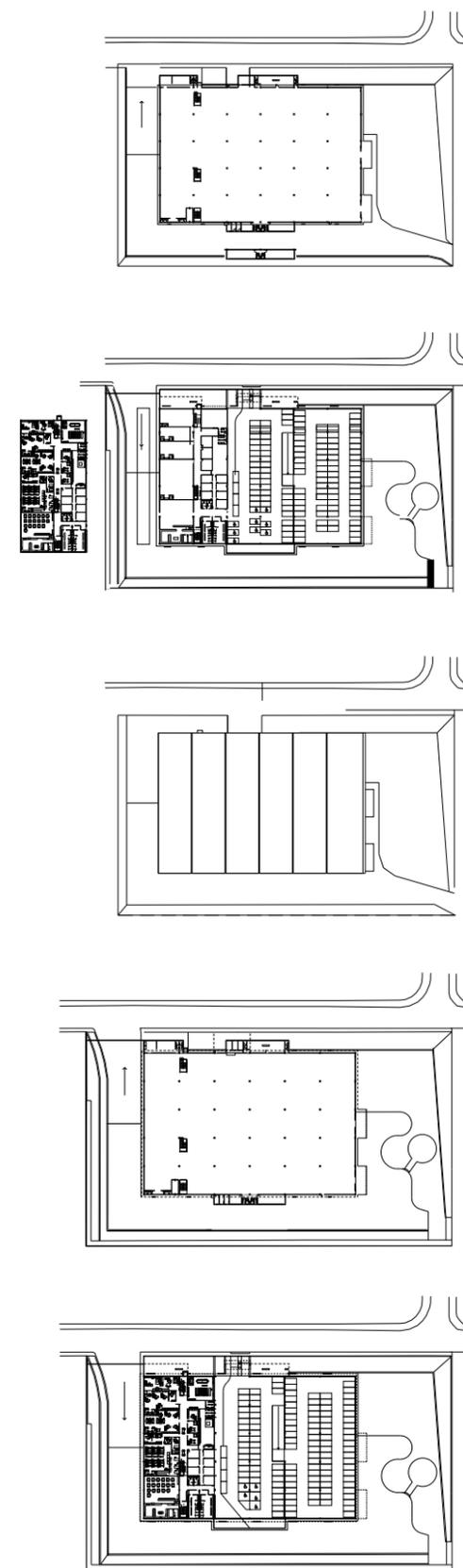
O edifício é formado por uma base pré-moldada de concreto (pilares, vigas e lajes alveolares com vãos de 12,0x15,0m) em dois níveis, sendo que o segundo recebe esta cobertura metálica, em arco, como os comuns galpões que nos acostumamos a encontrar nas áreas periféricas da cidade, mas como já havíamos utilizado na Academia do Campo Belo Country Clube (Projetos Institucionais, Sylvio E. de Podestá, AP Cultural, 2001, pags. 112 a 115), um dos apoios é levantado, dando chance a criação de sheds e conseqüentemente das ventilações e iluminações necessárias, aqui voltadas para sul/sudeste.

Desenhamos também alguns apoios internos como mesas de centro e aparadores, suportes aos mobiliários específicos que completam o mix interno.

Áreas verdes e locais para descanso, estacionamentos externos, docas e um paisagismo que com árvores de porte (ipês, aroeiras, etc.) crescem prevendo sombra e visual agradável.

O terreno está em um ponto alto do bairro e dali se avista parte da Serra do Curral. Para ali se voltaram as principais áreas da parte administrativa protegidas do sol norte.

Fotos aéreas confirmam estes dados e as internas, o bem cuidado espaço da produção, dos escritórios e oficinas e do estacionamento coberto para clientes e funcionários.





área do terreno 4001,74 m2    data 2007    localização Blumenau | SC  
 área 7.283,00 m2

Sylvio E. de Podestá 



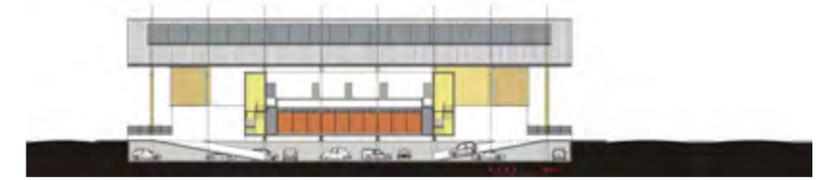
# Mercado de Blumenau

Concurso Público Nacional de Projeto

# 23

arquiteto  
 Sylvio Emrich de Podestá  
 colaboração  
 Paulo Orlando Greco (arquiteto)  
 Marcos Mascarenhas Franchinni (estagiário)





A construção do novo Mercado de Blumenau vem complementar o conjunto formado pelo Galeão e pela Vila Germânica e, um pouco mais afastado, pelo Fórum, Parque Ramiro Ruediger e Terminal Proeb.

Complementar significa entender a sua importância no conjunto que ora se forma, evitando ser o principal protagonista e mais ainda, procurando não competir com os elementos alegóricos da Vila Germânica, necessários como cenário para a grande festa da cidade, a Oktoberfest. Também não disputa com o grande porte do Galeão. Estabelece para si porte compatível com sua função coadjuvante, mas sem perder sua qualidade técnica e arquitetônica onde, elementos da compreensão regional como o uso da madeira e das energias alternativas e padrões internacionais de sustentabilidade, se mesclam na procura final de qualidade da arquitetura enquanto inserção urbana, objeto construído e aplicabilidade de soluções diversas, extrapolando estas preocupações e sugerindo antecipações de soluções que serão inevitáveis em um futuro bem próximo.

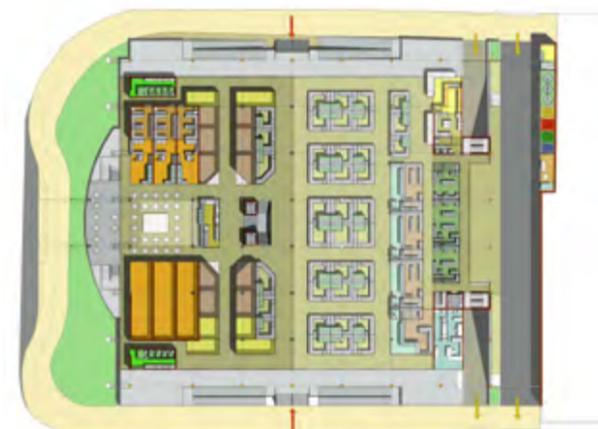
O projeto nasceu do desenho programático e estrutural, de fácil absorção, com uma lógica funcional onde circulações e praças (superior como saguão e inferior como extensão de ambientes de lazer e passível de atividades diversas) funcionam como distribuidoras de fluxos e local de permanência enquanto se elabora atividades afins e contemplativas.

A variação de temperatura anual tem no inverno faixas abaixo do conforto térmico, sendo necessário o controle entre ambientes internos e o externo. Em outras épocas, propicia a integração dos ambientes e tem ainda umidade relativa moderada e a ventilação ideal para o resfriamento, podendo ser utilizada controlada no interior e induzida na estrutura do(s) prédio(s), cruzando ou interrompendo fluxos.

O sol, principal elemento a ser regulado, sugere uma preocupação extra com a cobertura. Os ambientes internos devem estar protegidos do sol, além de possibilitar a insolação para aquecer no inverno sem os ventos frios que causam o desconforto térmico. Portanto, a cobertura recebeu cuidado especial com dupla proteção feita pelas telhas metálicas termoacústicas tipo sanduíche, seguida de um colchão de ar e forro de madeira, formando uma casca protetora que se completa externamente nas empenas laterais (brises termoacústicos).

A Rua interna lateral promove os fluxos de carga. A iluminação artificial é praticamente desnecessária durante o dia, devido à contribuição da iluminação natural, com o máximo possível de espaços iluminados sem aumento da carga de calor. Sistemas de controle reguladores de águas pluviais e/ou seu aproveitamento para situações possíveis são monitorados por caixas d'água, bombas e filtros situados no subsolo e encaminhadas à caixas superiores para serem distribuídos.

O monitoramento do lixo reciclável e do lixo orgânico em câmaras de compostagem também são componentes formadores do processo geral. O sistema de energia solar utilizado é modular, adaptável ao consumo.





## Conclusão

“Nas últimas décadas a arquitetura tem se apresentado em grande parte, em pretexto para demonstração de destreza projetual, obsessivas e fantasiosas, espetaculosas...”

Na década de 70, a Prefeitura de Blumenau instituiu leis de incentivos. Uma delas isenta o IPTU para conservação de imóvel antigo, outra, beneficia as construções recentes em estilo enxaimel que chamo jocosamente de vexamel.

Esta última deu origem a desastrosas construções de apelação inteiramente fachadista sem nenhum mérito arquitetônico que embora sirva de cenário para fotos turísticas, inibe possíveis releituras ou talvez uma interpretação contemporânea do enxaimel.

Pensamos diferente.

A arquitetura aqui deve ser contextual, de acordo com o seu ambiente, sem ser performática, sem se caracterizar como um novo international style e pertinente ao meio que está inserida. Que se destaque pela sua contemporaneidade pela correção em relação a cultura física e intelectual do lugar, referenciado e criando referências, onde o espetáculo formal é resultado de todo um conjunto de fatores técnicos e artísticos, investigativa.

Deve ser um ato, um ato arquitetônico que é autônomo mas se enriquece quando da proximidade com outras expressões, num saudável diálogo, no saudável relacionamento com o urbano que agora participa.



Sylvio E. de Podestá



data

2007

área do terreno 13.100,00 m2

área 33.780,00 m2

localização  
Brasília | DF

24

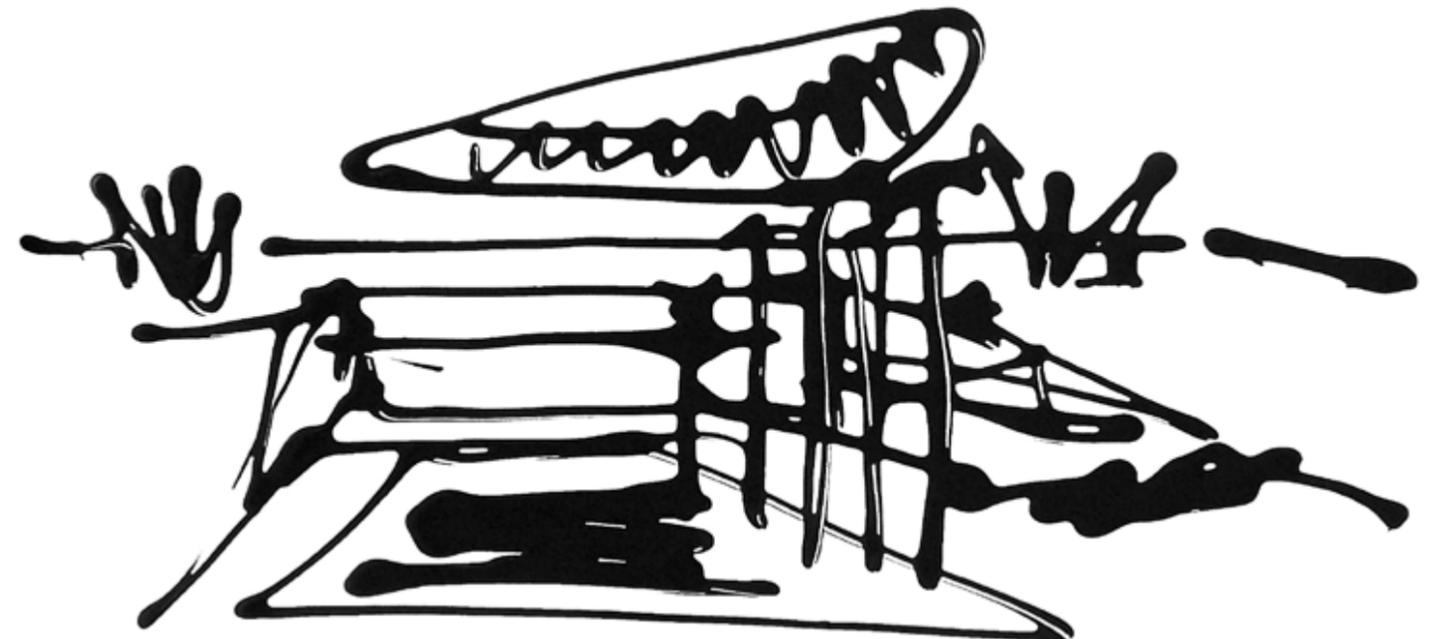


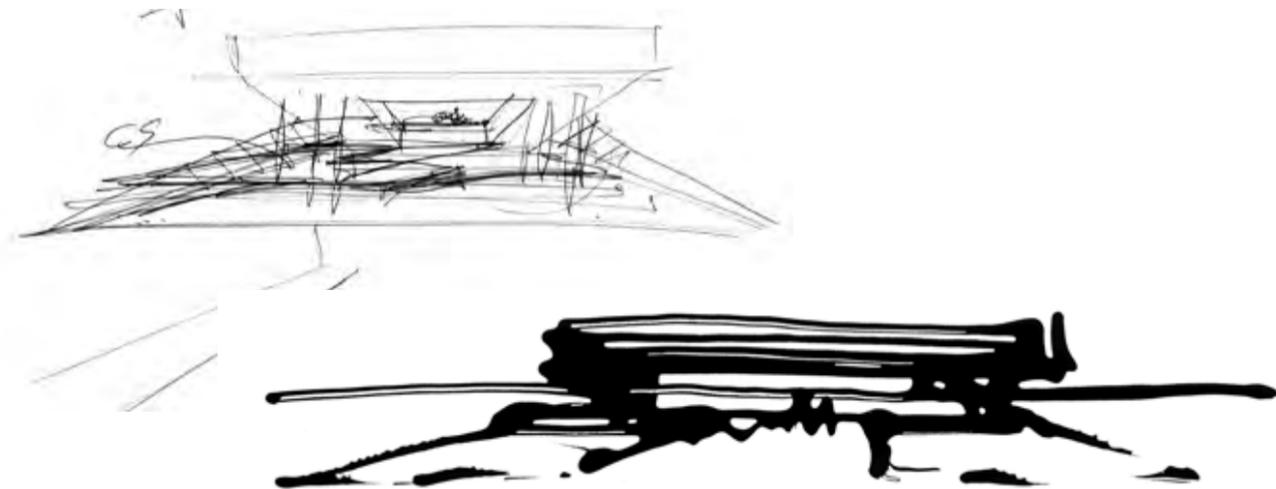
Sylvio Emrich de Podestá  
Humberto Hermeto Pedercini Marinho  
Fernando Lara  
cálculo estrutural  
Hélio Chumbinho

arquitetos

# Sede da CAPES

Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior  
Concurso Público Nacional de Projeto





## Sede da CAPES

A estratégia do projeto foi buscar um edifício que gerasse e estruturasse seu próprio espaço, da mesma forma que as ciências geram e estruturam seu próprio conhecimento.

Um edifício que resultasse principalmente do foco do programa, ou seja, a ênfase no capital humano que irá usufruir desse espaço de trabalho, encontro e aprendizado.

O resultado formal de destaque ao usuário e suas interações cotidianas é a ocorrência de um pavimento principal elevado sobre quatro conjuntos de colunas servindo de suporte e circulação vertical permitindo total flexibilidade de uso e espaços internos, além de incentivar a máxima agilidade de organização interna dentro desse pavimento (a lâmina principal toma de empréstimo algumas das qualidades excepcionais da arquitetura moderna brasileira: a sombra e a transparência no uso correto das visadas e da luz). Destaca-se no caso a absoluta ausência de paredes fixas nas áreas de uso permanente, sustentada pelas vigas superiores por onde descem os núcleos de instalações sanitárias que, junto aos tirantes propriamente ditos, localizados de acordo com a malha de 8 x 8 m, sustentam a laje de piso. Enquanto as lajes

de ferro e piso formam o enquadramento da paisagem horizontal da escala da cidade (com vistas para o congresso até o lago Paranoá), a lâmina trabalha também de forma a sombrear e proporcionar um condicionamento natural para os espaços térreos.

A estrutura em concreto, apoiada superiormente em quatro conjuntos distribuidores de circulação vertical e horizontal, proporciona espaços livres e fachadas internas e externas totalmente envidraçadas, protegidas por grandes brises que dão passagem à luz natural e vistas da paisagem macro (cidade e entorno) ou da micro, cuidadosamente tratada por paisagismo. Esse desenho ambiental e paisagístico alcança seu ápice no grande espaço central, formado por uma série de espaços “sociais” com alturas variadas, água e vegetação, caminhos e paradas, permitindo a distribuição natural do ar fresco que sobe através do seu centro aberto. Outras aberturas menores e devidamente localizadas completam um sistema natural de ventilação que pode ser controlado por aberturas programadas que ampliem estes fluxos naturais, diminuindo a dependência ao ar condicionado do edifício quando comparado com outros inteiramente fechados.



Este grande espaço central é formado por uma abertura ovóide em ambas as lajes, ampliando-se no sentido superior/inferior no intuito de contribuir para o aumento da proteção solar (grande beiral) sem impedir a vista que provoca a ocorrência do pátio interno o que, além de permitir uma melhor ventilação natural e distribuição da luz, como citado anteriormente, traz para dentro do edifício o encantado céu de Brasília.

O pátio central funciona como um hall ambiental e de interação visual e física de todos os espaços de trabalho que ali convergem trazendo para a rotina do “escritório” as variações provocadas pela vegetação e pela água, pelo sol e pela chuva, pela sombra variável ao longo do dia e das estações e pelo vento.

Mesmo com as calmarias de março quando a grande sombra produzida pela lâmina superior, cujo intervalo entre esta e a edificação térrea possibilita áreas de pressão atmosférica negativas e positivas que ampliam a qualidade do controle bioclimático de toda a edificação, criando diferenciais de pressão externa que serão explorados para impulsionar fluxos de ar de ventilação natural.

Desta maneira o edifício está constantemente sendo “lavado” em todas suas faces diminuindo a carga a ser condicionada.

Com a possibilidade de iluminação controlada (sombreada) em todos os ambientes, reflexos da insolação são drasticamente reduzidos e tem-se uma leitura completa da estrutura funcional do edifício proporcionando alto grau de transparência a nível não apenas de visadas, mas também em termos de gestão do espaço e suas funções.

Abaixo desta lâmina principal situam-se uma série de espaços de suporte a nível térreo como o auditório e a lanchonete/restaurante, cujas formas escultóricas além de criarem uma textura e uma variação no solo, em contraste com o rigor formal da lâmina elevada, funcionam ainda como um grande hall de recepção do visitante. Desta forma, além da desejada separação natural entre os espaços abertos ao público e aqueles exclusivos dos funcionários, a

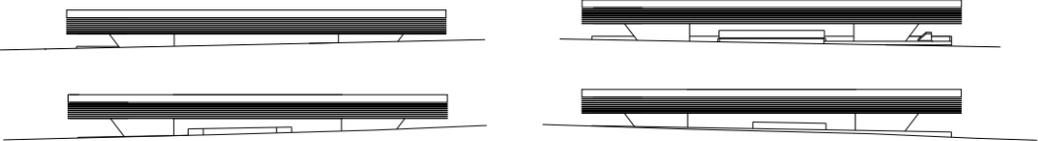
localização dos espaços de reuniões/auditório/restaurante permite o funcionamento independente desses de forma a não interferir na rotina de trabalho da CAPES mas ainda funcionando como fonte geradora de renda extra para a agência ou serem utilizados por outras autarquias e repartições federais.

Distribuímos então o programa de forma racional e funcionalmente coerente com o fisiograma procurado, ou seja, na grande lâmina superior localizamos todas as diretorias (de Programas no Exterior, de Programas no País, de Avaliação, de Conteúdo e Orientações Curriculares e de Tecnologia Educacionais), seus suportes sanitários e circulações horizontais e verticais. Entre a lâmina superior e o térreo temos o vazio/jardim/pátio central, com funções que promovem as interações dos espaços públicos com os acessos e entre os espaços funcionais quando cedidos a uso de terceiros.

Coberto por esta laje verde e inclinada, como que recompondo a superfície do terreno original, localiza-se o auditório, café/foyer, hall principal e restaurante com deck suspenso sobre o pátio/jardim a guisa de terraço. A partir daí uma seqüência de níveis descendentes moldam este espaço que se encerra em um grande espelho d’água umidificador necessário ao clima seco de Brasília.

Pelo lado oeste, fechando o pátio/praça, localizamos estrategicamente a Diretoria de Gestão (única ausente da lâmina superior) que é por excelência formada por espaços administrativos (Pessoal, Finanças, Informática e Logística, além do Administrador do Prédio) separada por dois lances de escadas (localizadas em duas das torres de circulação vertical) das diretorias acima e com a independência necessária a realização de suas funções.

Abaixo as salas de reuniões, acessadas tanto pelo hall principal até seu hall privativo de acesso a pessoas externas quanto diretamente pelos pavimentos de Diretorias através dos núcleos de circulação vertical privados. Em anexo, garagens e dois pavimentos com mais vagas necessárias.



Enquanto modulação de garagem, uma malha garante espaçamento correto entre pilares para as vagas e também para os espaços divididos ou múltiplos para as diversas funções a que se destinam.

Esta estrutura inferior se encerra na “cobertura verde” sendo contínuo apenas os vazios onde se localizam os quatro pontos de circulações verticais, formados a princípio por quatro grandes pilares de concreto interligados por vigas horizontais estabilizantes, que ultrapassam o vazio entre os pavimentos inferiores e a lâmina superior, bifurcando no sentido dos balanços laterais e formando os apoios únicos desse bloco horizontal que seguem até a laje de forro, na qual a malha pretendida se pendura todo o piso do andar. São nos vãos entre vigas onde se abrem as zenitais por onde penetram suaves luzes naturais rebatidas por planos inclinados, estrutura/calhas, vigas secundárias; e onde nascem os tirantes juntos aos quais descem as instalações sanitárias além do grande vazio central, desenhado de forma a permitir o maior ou menor acesso ao sol (borda fechada para o norte e aberta para o sul e em diagonal para leste e oeste).

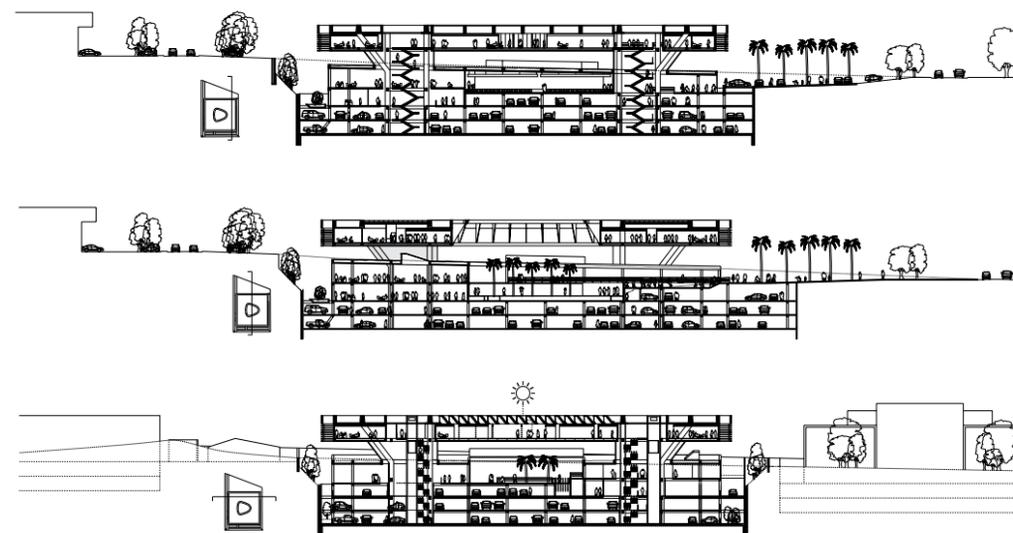
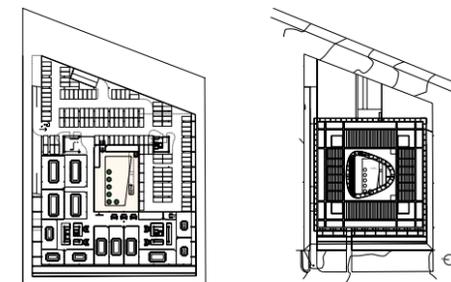
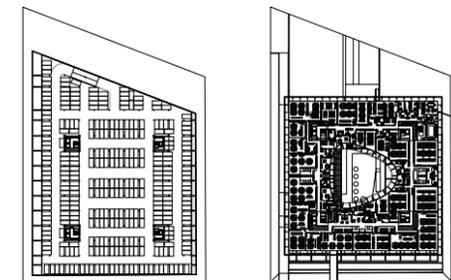
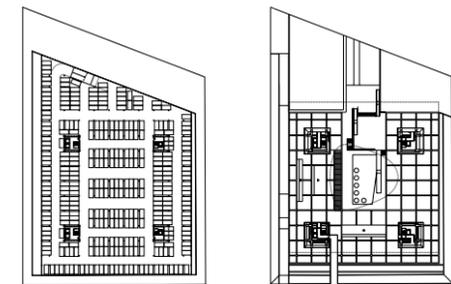
Uma estrutura de comprovada eficiência, simbólica e representativa da nossa competência na construção de objetos de caráter contemporâneo e de construção do nosso futuro enquanto objeto de engenharia e de arquitetura com leitura permanente, flexível, iconográfica e que venha a suportar futuras e novas leituras tanto de maneira funcional como programática.

No edifício como um todo o uso do concreto como material principal de estrutura das lajes e revestimento nos remete à linguagem do modernismo brasileiro

Nas áreas externas imediatamente vizinhas à lâmina sombreadora, o paisagismo juntamente com cortes e inflexões nas lajes acima dos subsolos de garagem conduzem a uma variação de níveis que protegem alguns espaços enquanto dirigem o tráfego peatonal para os acessos principais do edifício.

No caminho em direção ao edifício o visitante desce por uma rampa suave que o leva ao hall de entrada localizado logo abaixo da grande abertura central das lajes e pode livremente dirigir-se ao restaurante ou ao foyer do auditório, que pode estar ou não fechado para o público geral. Só depois de alcançar o centro da edificação e ter uma completa leitura dos espaços que o compõe é que o visitante passa pela portaria que controla o acesso ao pavimento superior ou mesmo aos subsolos de garagem e espaços secundários.

A estratégia de localizar no térreo os espaços públicos e elevar numa lâmina simples os espaços de trabalho busca humanizar as diversas funções do edifício além de conservar energia, democratizar a forma como as pessoas se comunicam e trabalham dentro de um prédio e valorizar a maneira como este prédio se relaciona com o entorno urbano e seu ambiente cultural.





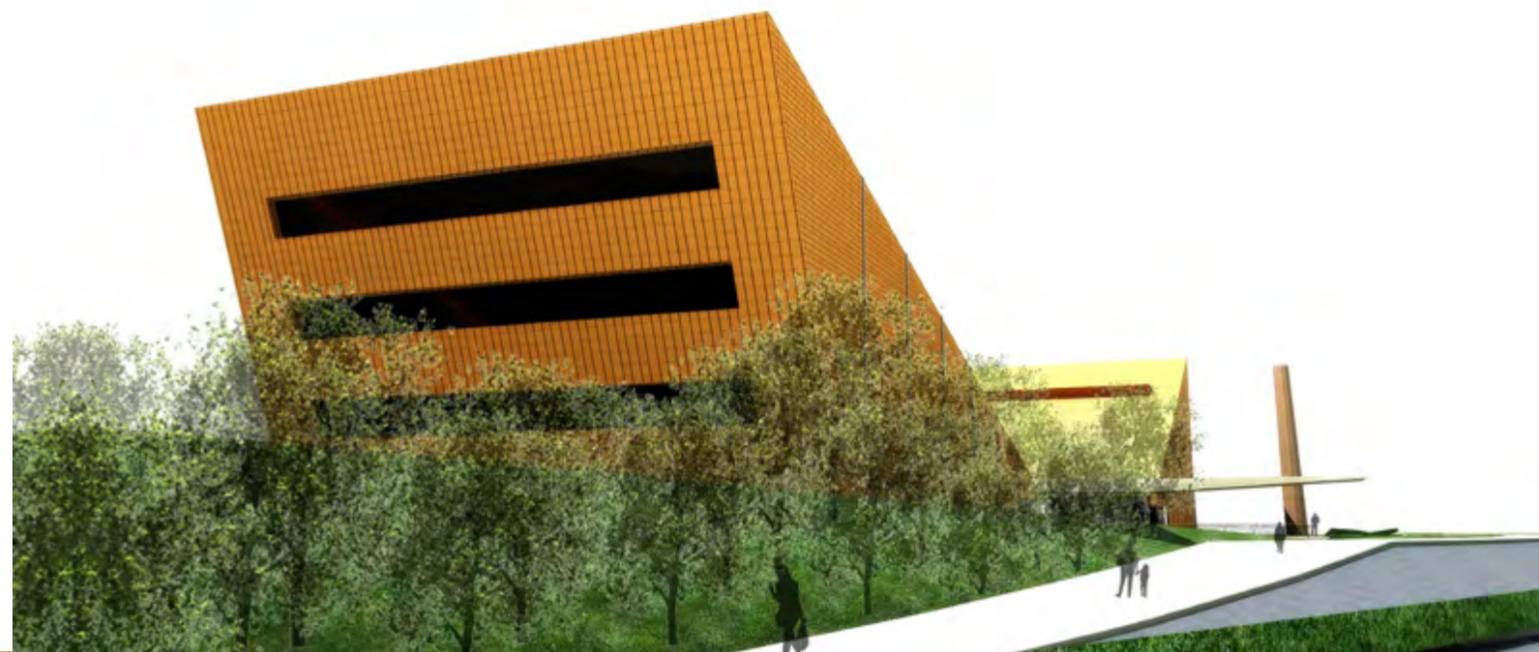
data  
**2007**

Sylvio Emrich de Podestá  
Humberto Hermeto Pedercini Marinho  
Fernando Lara  
Pedro Aragão de Podestá

arquitetos

colaboração

Renato Cipriano (*acústica*)  
Plante Engenharia (*orçamento*)  
Segurança Engenharia (*incêndio*)  
Hélio Chumbinho (*estrutural*)  
Pedro Pederneiras (*consultor de teatro*)



# Teatro de Londrina

Concurso para o teatro municipal de londrina

localização  
Londrina | PA

# 25





## Teatro de Londrina

### 3 x 2 = 5

O projeto para o Teatro Municipal de Londrina tem como base conceitual a idéia de três atos em duas escalas gerando cinco espacialidades.

#### 3

Os atos se referem às três distintas salas especificadas no programa.

O projeto aqui apresentado levou seriamente em consideração as demandas do programa de necessidades presentes no termo de referência. Entende-se que um teatro desta magnitude não merece menos do que o estado-da-arte em termos de acústica, iluminação e equipamentos. As três salas foram projetadas de forma a tirar o máximo proveito da necessária forma, obtendo-se a melhor disposição possível de palco, platéia e espaços de suporte, além das imprescindíveis acessibilidades e segurança do público.

Talvez fosse importante descrever as três salas de acordo com suas especificações técnicas: número de cadeiras, tamanho de palco, cálculos acústicos e etc.

#### 2

Entretanto, um teatro com tamanha importância para a cidade não deve ser projetado apenas de fora pra dentro ou exclusivamente de acordo com as normas para o perfeito funcionamento das salas. Do entendimento de a toda equipe de arquitetos que participou da elaboração desse, a dimensão simbólica do edifício para a cidade de Londrina e, conseqüentemente, para toda a região oeste do Paraná é de fundamental importância neste projeto. Em resposta ao desafio foi buscado desde o início a expressão formal em duas leituras: perto e longe. De perto a simplicidade da solução cria uma fácil orientação no espaço público dada a disposição das três salas principais de forma clara e direta a partir de uma praça pública comum. De longe a forma das duas salas principais dispostas frente a frente propicia uma legibilidade ainda mais clara, fazendo do complexo um ícone a ser reconhecido por todos que passam pelas imediações e certamente levando a imagem do Teatro de Londrina para além das fronteiras da cidade.

Cabe ressaltar que essa imagem clara foi resultado do refinamento da forma das duas salas principais, num processo de mão dupla entre as necessidades do programa (acústica, visibilidade, suporte, acessibilidade) e as necessidades simbólicas do complexo (legibilidade, referência urbana) sem prejuízo de um ou de mas outro pelo contrário, gerando uma dinâmica em que as duas escalas se complementam e potencializam

#### 5

O resultado do cruzamento entre as três salas e as duas escalas gera então cinco espacialidades distintas que organizam a experiência do Teatro de Londrina, a saber:

**Um:** o complexo é organizado ao redor de uma praça de entrada que se abre para a rua acessível ao público e espaço organizador dos acessos às diversas salas. Essa praça/saguão distribui-se horizontalmente para os foyers e salas dos teatros, café e praça inferior e permite uma primeira interação entre os diversos públicos. Sua ambientação é composta por transparências e vazados, vegetação e possibilidades visuais diversas, podendo interligar os dois foyers, quando abertos, tornando-os espaços únicos.

**Dois:** a direita da entrada e adjacente á praça encontra-se a sala principal com capacidade para 1200 pessoas. Esta sala maior com sua imponência e sua formalidade se coloca como espaço adequado para grandes produções de curta temporada dados o número de assentos e as dimensões do palco. Soma-se a isto a melhor infra-estrutura de fundo de palco e de equipamentos, uma sala capaz de receber em Londrina montagens de renome internacional.

**Três:** a esquerda da mesma praça e diametralmente oposta à sala maior encontra-se a sala menor com capacidade para 485 espectadores. Esta sala, cuja forma externa é simétrica (com dimensões um pouco menores) à sala maior, cria com ela o conjunto de linhas mais legível do complexo, destinado a se tornar uma marca na urbanidade de Londrina. Embora similar por fora, a sala menor é bem diversa por den-

tro com uma disposição de palco e platéia que enfatizam a flexibilidade das montagens. Talvez mais propensa a espetáculos de longa temporada, a sala menor apresenta a mesma excelência de acústica e visibilidade com a vantagem de uma estrutura de fundo de palco mais flexível (aberta, ver espacialidade cinco a seguir) e uma escala mais intimista que a grande sala em frente.

**Quatro:** talvez o espaço mais importante do complexo no que se refere a formação futura tanto de artistas quanto de público, a sala de uso múltiplo ou black box se insere ao fundo da praça de acesso como lugar da experimentação e da interatividade. Sua localização foi estrategicamente pensada para atrair a atenção de um público infreqüente que, provavelmente, seria atraído por grandes concertos e posteriormente instigado a explorar outras categorias de espetáculos. Enquanto a flexibilidade é garantida pela grelha de teto e pelo piso, pelo mezanino a passarela permite também uma total abertura piso/teto pela frente e eventualmente pelo fundo integrando-se ao grande espaço da praça inferior e ao piso levemente rebaixado contíguo ao saguão: “sinto que o palco funcionaria sob a luz do dia” - (Ming Cho Lee).

**Cinco:** Apesar de não estar listado no programa de necessidades, a arquibancada externa adjacente à sala menor se faz importante na proposta. Mais uma vez tirando proveito da forma externa para explorar a flexibilidade de uso dos equipamentos cênicos, o fundo do palco da sala menor se abre para uma arquibancada externa com capacidade equivalente a sala interna. Tal arquibancada externa permite outro nível de interação com a cidade, o que parece extremamente pertinente aos argumentos do termo de referência, ao abrir um palco bem equipado para o “lado de fora” acentuando a interatividade entre cidade e teatro, artistas e público. Além disso, a presença da arquibancada permite o uso do complexo para toda uma gama de atividades de baixo custo operacional que transforma o complexo do Teatro de Londrina em um espaço ainda mais útil para a cidade. Flexibilidade.





Estruturalmente optou-se por um processo misto, onde concreto pré-moldado ou pré-fabricado, estruturas metálicas, componentes de madeira certificada compõem o mix principal.

Uma base em concreto conforma o estacionamento subterrâneo, porões dos palcos dos dois teatros principais e platéias, evitando vibrações e outras alterações não desejadas.

A partir dessa base, incerts recebem pilares metálicos em perfis estruturais laminados. Pilares e vigas compõem o esqueleto estrutural das vedações laterais dos grandes volumes dos teatros e, também, dos conjuntos de enrijecimento da estrutura, formados pelo sistema secundário localizado entre vedações externas e internas (no grande Teatro) e pela área de serviços (no pequeno Teatro). A cobertura recebe vigas tipo verendel travadas por diagonais metálicas que se apóiam nos painéis termoacústicos de concreto.

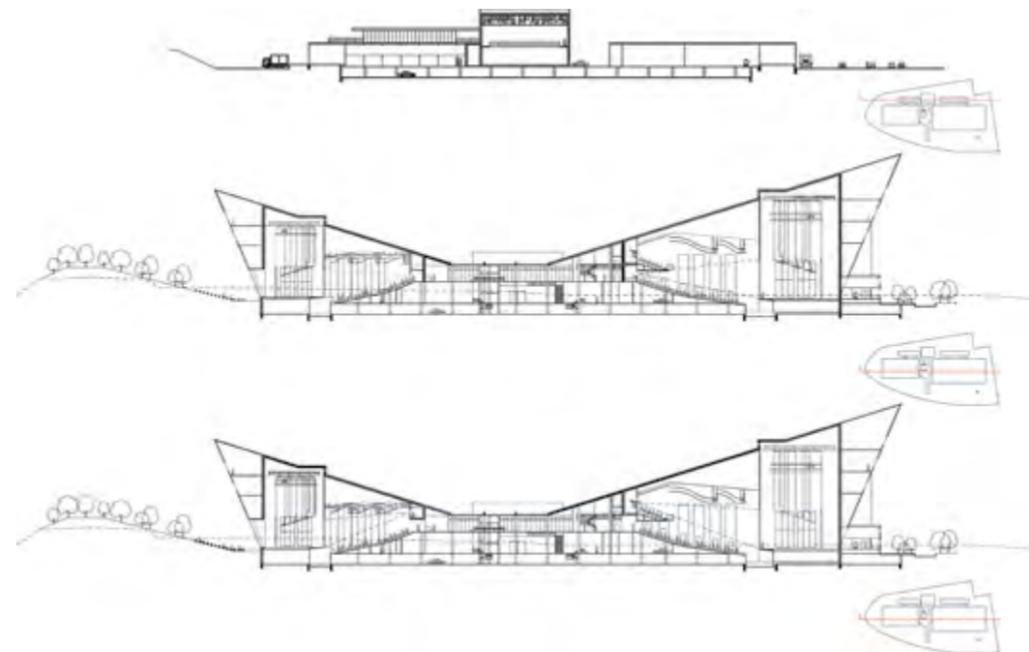
Esses painéis também utilizados nos fechamentos laterais completam o sistema macro de construção dos grandes espaços. Sistemas semelhantes e simplificados são utilizados nas oficinas e outros serviços localizados nas alas junto aos acessos de serviço e docas.

O saguão, que conforma a praça inferior, é também metálico na sua estrutura de vigas e pilares e recebe lajes estruturadas e pré-fabricadas, contrapiso e deck de madeira que têm por finalidade primeira - sem evitar seu caráter estético e doméstico - o "esquentamento" do espaço, eminentemente promotor do encontro.

Todo o complexo é aberto e monitorado. Aparentemente paradoxal mas é uma das formas de se evitar fechamentos gradeados e controles policiais. Uma central de segurança preventiva com prováveis seguranças móveis, preparados para responder informativamente sobre as atividades do local, permite acessos para o descanso e outras atividades possíveis, numa continuação efetiva da rua, promovendo sombras e equipamentos públicos necessários, além do famoso pôr do sol de Londrina.

A eliminação do impacto visual do parking frontal semelhante a shopping centers ou mesmo a onerosa construção dos indesejados deck parkings, foi possível com a pulverização destas áreas e sua locação baseado em custos e especificidades

O projeto nasceu do desenho formalmente emblemático, logomarca procurada, de fácil absorção e tem uma lógica funcional onde praças (superior como saguão e inferior como extensão de ambientes de exposição e passível de atividades diversas) funcionam como distribuidoras de fluxos e permanência enquanto se elabora atividades afins e contemplativas. Nos intervalos, a praça cria sombras ventiladas (controladas no saguão e permanentes na praça abaixo), principal regulador do conforto destas áreas de acumulação de públicos, ante-sala climática, preparatória para o acesso a ambientes condicionados por necessidade de conforto como as salas dos teatros.



A variação de temperatura anual tem no inverno faixas abaixo do conforto térmico, sendo necessário o controle entre ambientes internos e o externo. Em outras épocas, propicia a integração dos ambientes e tem ainda umidade relativa moderada e ventilação ideal para o resfriamento, podendo ser utilizada de forma controlada no interior e induzida na estrutura do(s) prédio(s), cruzando ou interrompendo fluxos.

A cobertura, recebeu cuidado especial com dupla proteção feita pelos painéis termoacústicos de concreto, seguido de um colchão de ar e novamente painéis de concreto formando uma casca protetora que se repete externamente nas empenas laterais seguidas também de colchão de ar e vedação tipo dry wall, também revestidos com elementos acústicos.

Para os edifícios complementares e de serviço, varandas, brises e vegetação compõem os elementos bloqueadores do sol quando orientados para norte ou oeste.

Estacionamentos receberam vegetação adequada de forma a fazer parte do paisagismo que tem vida própria nos períodos inoperantes, funcionando como parques abertos.

A iluminação artificial, a não ser nos espaços teatrais, levam em conta a contribuição da iluminação natural, com o máximo possível de espaços iluminados naturalmente.

Para definição do nível de ruído de fundo para os diversos ambientes previstos no projeto foi considerado o critério acústico PNC (Preferred Noise Criteria) adequando-o para as diversas atividades previstas.

No sala menor, o critério PNC20 sugere um espaço mais isolado, atendendo às normas internacionais para apresentações de orquestras sinfônicas.

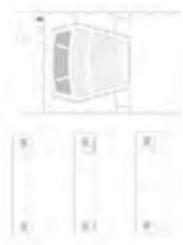
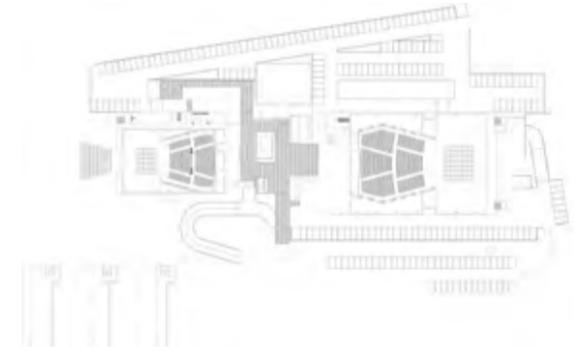
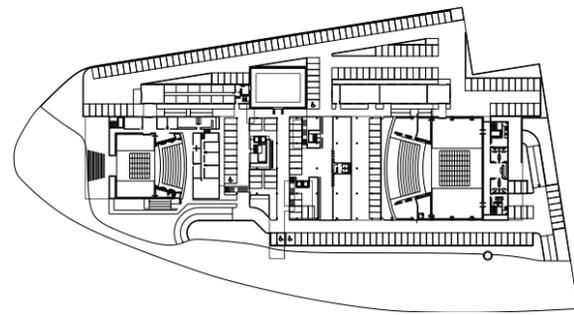
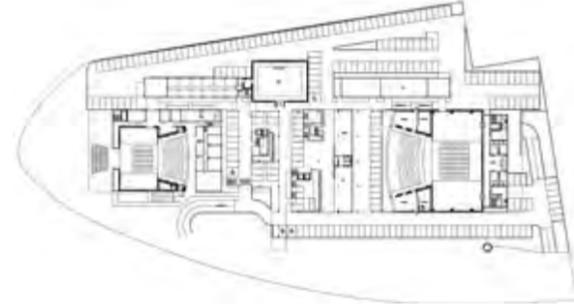
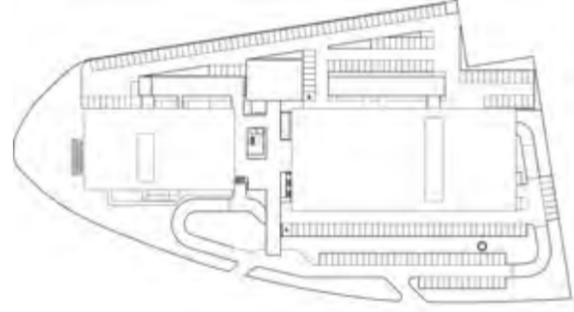
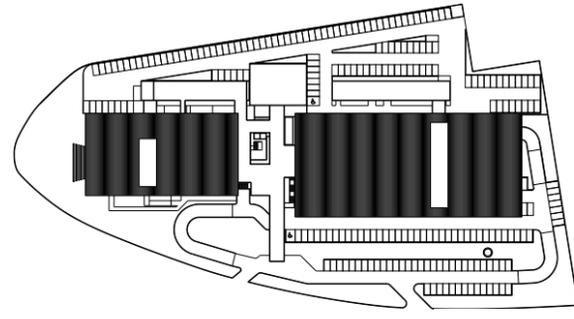
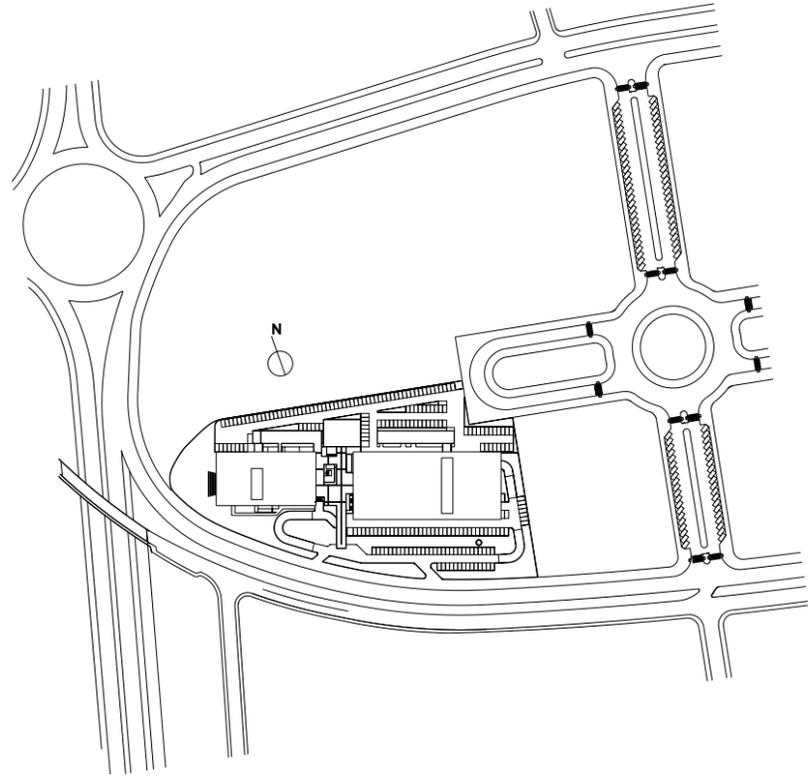
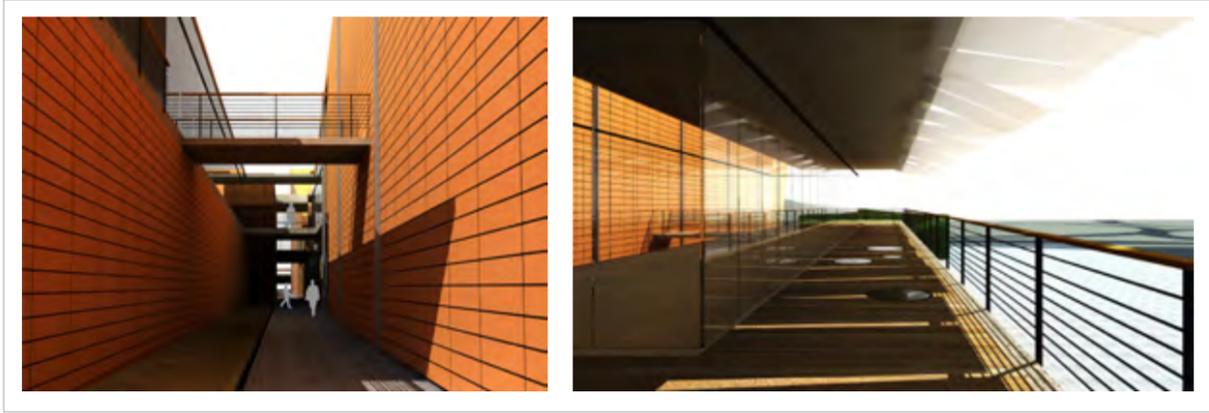
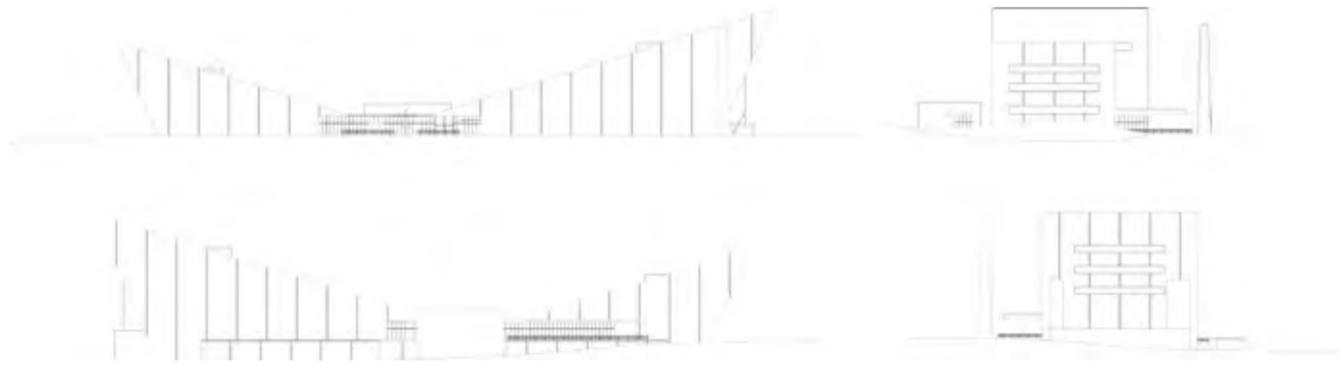
Nos demais espaços, o nível PNC25 irá atender os mais diversos tipos de performances incluindo situações de gravação ao vivo.

Previsão de instalação de painéis pivotantes na sala menor. O tempo de reverberação será ajustado através da movimentação desses painéis em seu eixo

Na sala maior a variação de reverberação será produzida pela movimentação de cortinas nas paredes laterais.

O Black Box deverá ser tratado acusticamente de forma a promover um equilíbrio da resposta de frequência e tempo (reverberação) adequadas para várias possibilidades eletro-acústicas, utilizando nas paredes laterais painéis de absorção de frequências médias e altas, combinados com painéis difusores e refletores de som.

Como parte do projeto acústico a ser desenvolvido, o sistema de sonorização de cada espaço deverá ser compatibilizado para aos diversos tipos de eventos ali previstos.

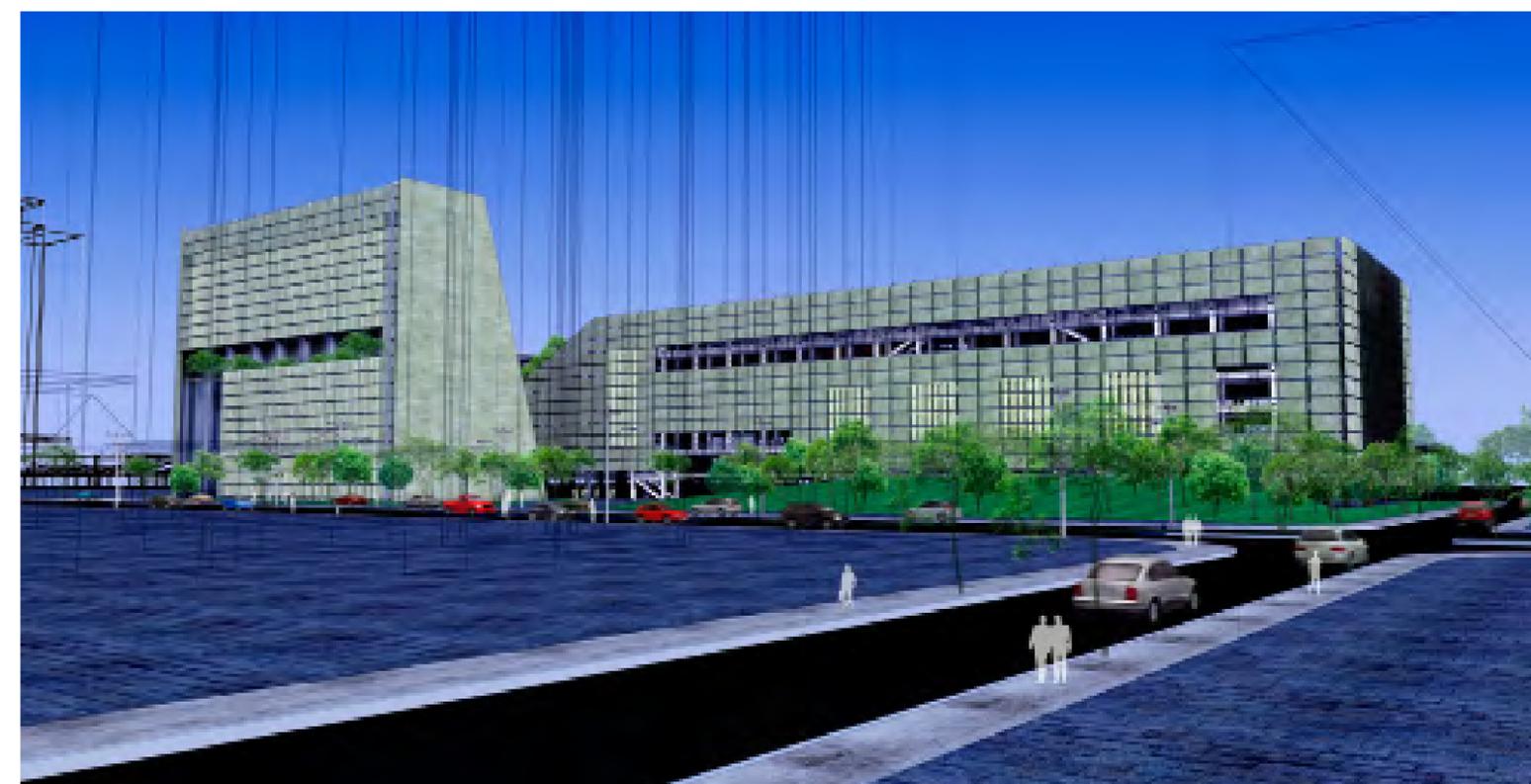
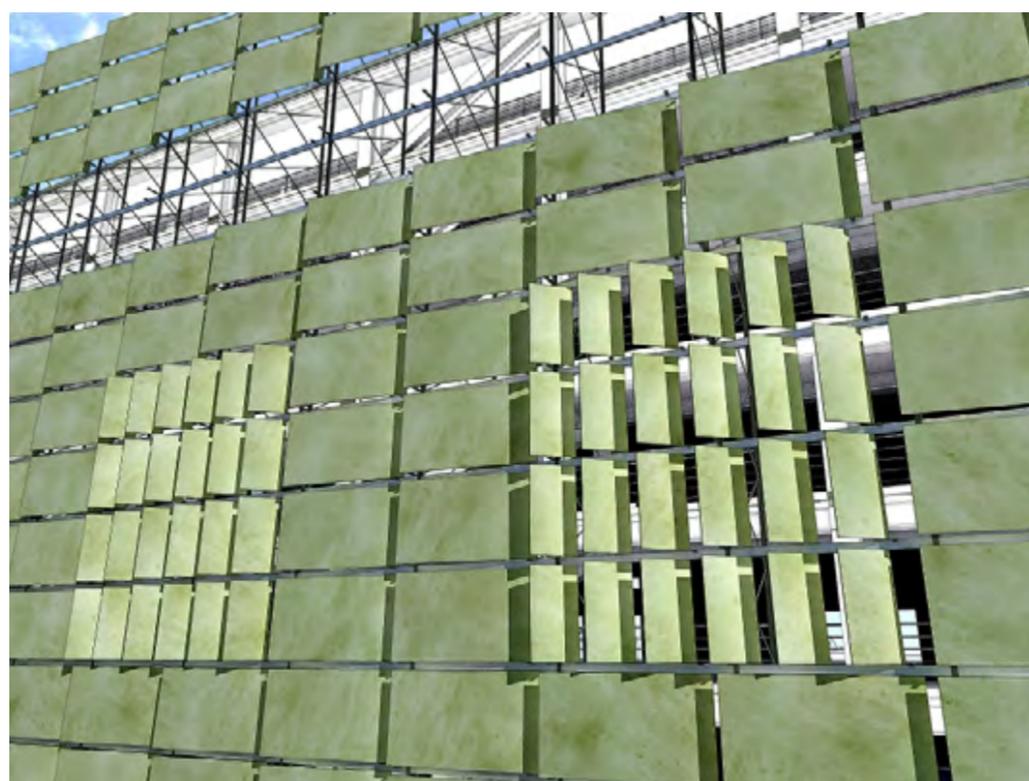


## TRT

Sede do Tribunal Regional do Trabalho  
Concurso Público Nacional de Projeto

data  
**2007**

localização  
Goiânia | GO

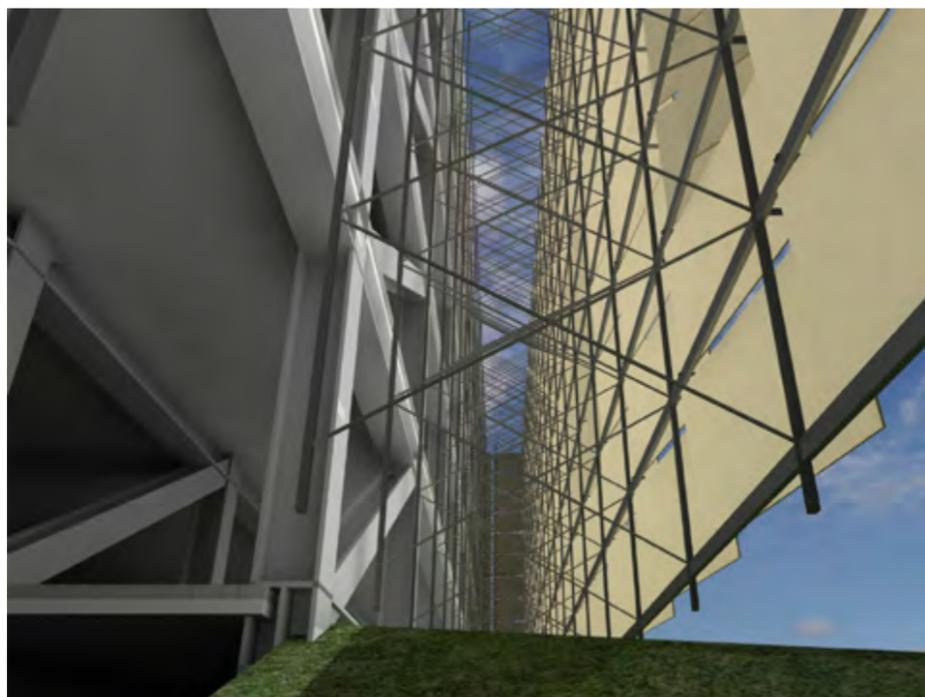


área do terreno 450,00 m<sup>2</sup>  
área do projeto 2.380,00 m<sup>2</sup>

Sylvio Emrich de Podestá  
Humberto Hermeto Pedercini Marinho  
Fernando Lara  
Igor Macedo

arquitetos

colaboração  
Hélio Chumbinho (cálculo estrutural)



## TRT -Sede do Tribunal Regional do Trabalho

Presença e sobriedade.

Quando se discute a justiça no Brasil, são muitos e quase sempre conflitantes os argumentos. Mas apesar de todas as atribuições, a instituição “poder judiciário” tem desempenhado um papel fundamental na construção das instituições democráticas, em todas as suas modalidades e instâncias. E em especial a Justiça do Trabalho se destaca pela presteza e operacionalidade, sendo reconhecida pelo seu efetivo papel de mediadora dos conflitos entre capital e trabalho. Diz a sabedoria popular que no Brasil duas varas judiciárias funcionam excepcionalmente bem: a de família e a do trabalho.

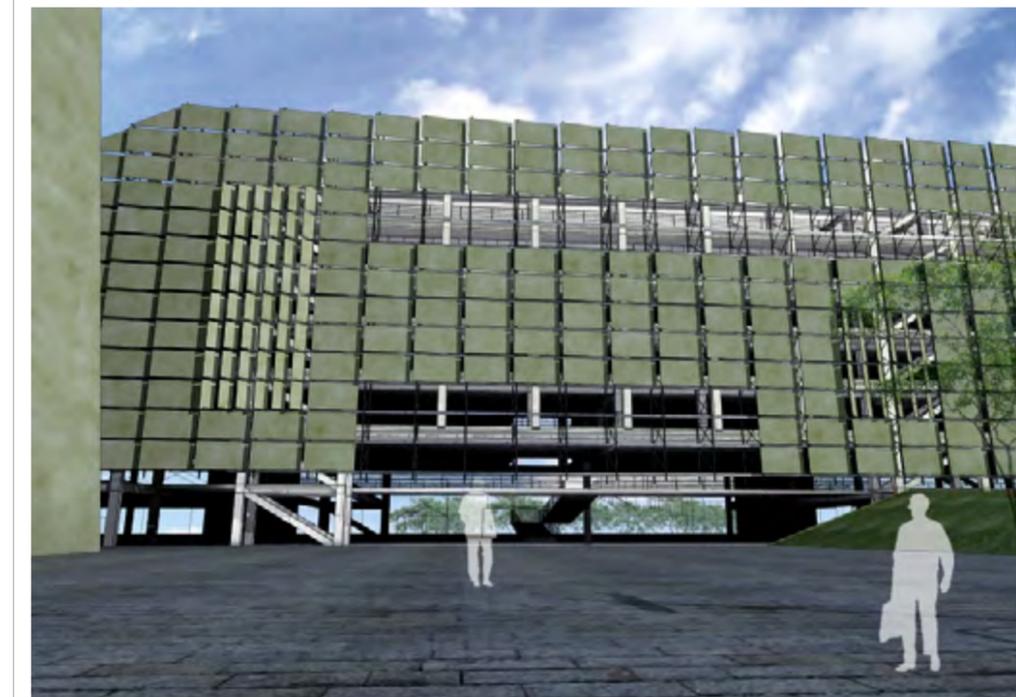
Foi com esta idéia em mente que nos debruçamos sobre o desafio de projetar o conjunto de edifícios para o TRT 18ª região. Dada a complexidade do programa e a necessidade de interromper o mínimo possível o funcionamento atual da instituição, nosso projeto se pauta por dois conceitos principais: Presença e sobriedade.

No plano simbólico, entendemos que a justiça deva sempre buscar o mais alto grau de transparência para que a aplicação lei se faça de maneira mais democrática possível, mas ao mesmo tempo num ambiente de sobriedade e respeito ao bem comum. Por isso é necessário que a Justiça se faça presente, que se coloque como referência no espaço cívico urbano.

Este respeito à coisa publica começa pela inserção adequada do edifício no entorno urbano. Nossa proposta propõe recuos generosos em relação à Av. T1 e à Rua T-29, buscando amenizar o impacto de um edifício desse porte, respeitando assim a escala da vizinhança, o que confere uma leitura da região indefectível.

Assim, uma grande barra medindo 36 x 147 x 25 metros se coloca transversalmente no meio do terreno, congregando em um só volume as (partes do programa que estão ali)... A criação de pavimentos que orientem algum tipo de ocupação foi evitada. Para garantir versatilidade à edificação foram projetados pavimentos livres.

Ao longo da barra desenvolvem-se dois generosos recuos que numa (terceira) fase serão transformados em bosques abertos ao público. As árvores neste espaço ajudam a transformar o microclima da edificação, permitindo que o ar resfriado da sombra das árvores circule pela edificação, diminuindo significativamente a necessidade de condicionamento artificial. Além disto, o volume principal elevado permite o acesso do público pelo pavimento térreo que se assim se desdobra em uma grande praça pública.



A presença prometida no conceito do projeto se alcança com uma volumetria de caráter forte e um tratamento diferenciado das superfícies externas, como um bom argumento: claro, direto, de fácil compreensão. O edifício se coloca de forma objetiva e eficiente diante das condicionantes do terreno, do programa e da construção em etapas.

Com a configuração de dois bosques nesses recuos procuramos ainda criar espaços verdes que não só gerem qualidade ambiental ao bairro, mas também reforcem o caráter público da instituição. Tal caráter público é ainda acentuado pelos grandes pórticos de entrada que além de servirem como referência simbólica do edifício, marcando sua presença, ajudam a negociar a transição entre a escala do complexo e a escala da vizinhança.

A fim de manter uma postura em alinhamento com o desenho urbano hoje encontrado, implantamos o edifício mais alto alinhado à Avenida T1. À situação hoje existente tal disposição se integra sem ser agressiva, e ainda possibilita devido ao tratamento proposto a definição de marco urbano integrado à volumetria da Avenida.

Sobre as determinantes principais de projeto (a manutenção do edifício existente e a ordem de demolição do conjunto) buscamos uma extrapolação: a construção proposta é viável sem que haja demolição inicial, viabilizando o funcionamento integral do TRT (tal qual atualmente) durante a obra.

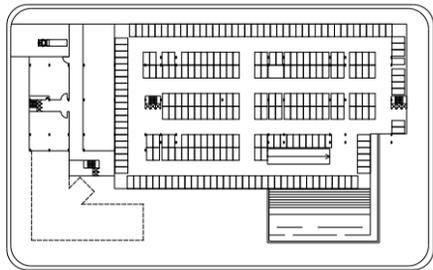
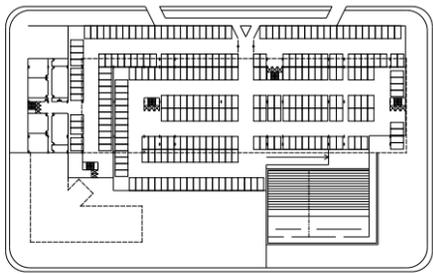
O edifício proposto se apropriará do existente (a ser mantido), mas sem que haja interrupção de serviços ou relocação temporária de pessoal e equipamento. O edifício a ser mantido foi então “embrulhado” com um revestimento mais eficiente de forma a se inserir no novo conjunto de forma harmoniosa.

Alias, o revestimento do edifício em placas de mármore estruturadas de forma independente transformam o conjunto em um marco para a cidade em termos de identidade e tecnologia de construção e inserção ambiental. As placas são intercaladas de forma a permitir ao mesmo tempo a livre circulação do ar e o controle da incidência solar, aspectos fundamentais para a construção no trópico úmido.

Nossa proposta parte então da criação de espaços ambientalmente qualificados de forma a, refletindo o caráter da instituição que abriga, ser exemplo para a cidade.

Com baixíssimo consumo de energia (pouco ou nenhum uso de ar-condicionado e boa incidência de luz natural difusa), captação de águas pluviais, qualidade da ambientação (controle de umidade, utilização dos ventos dominantes, orientação solar).

A proposta contempla também a adoção de sistemas construtivos, elementos de vedação e proteção e disposições espaciais virtuosas quanto ao desempenho energético e economia de recursos, tanto na etapa da construção quanto ao longo da vida útil do edifício.



### Estratégia de implantação, estrutura e montagem

Um edifício a ser construído em etapas de forma a permitir remanejamento das funções hoje existente no local; ocupação parcial e finalmente, demolição e remanejamento do térreo, subsolos, etc., é sempre uma operação de logística sofisticada.

A sede do TRT funciona em um complexo de edifícios inadequados e que não se interagem urbanisticamente, arquitetonicamente e com seu caótico fluxograma. Corrigir definitivamente estas questões e dotar o TRT de um edifício definitivo é a máxima deste concurso e é o edital que propõe uma construção em etapas de forma a não interromper integralmente as funções hoje precariamente ali existentes.

Sugere um formato de construção, uma ocupação inicial a partir da demolição de um bloco onde funcionam varas, oposto ao novo edifício. Esta opção levará sempre à solução de um grande bloco ortogonal à avenida e pela proximidade com a rua, esta densa ocupação nos pareceu inadequada enquanto possibilidade de integração com o bairro (escala, volumetria).

Frente a esta sugestão, imaginamos que o prédio do TRT, futura e emblemática construção para uma cidade que a cada dia se moderniza, também poderia investir numa estratégia de ocupação diferenciada, baseada em uma tecnologia de construção que envolvesse não só soluções de engenharia e arquitetura mas uma nova logística de ocupação de substituições semelhantes, cada vez mais comum em cidades que revêem seus formatos de ocupação, verticalizando-se quase sempre, com canteiros de obra tão sofisticados quanto a própria construção.



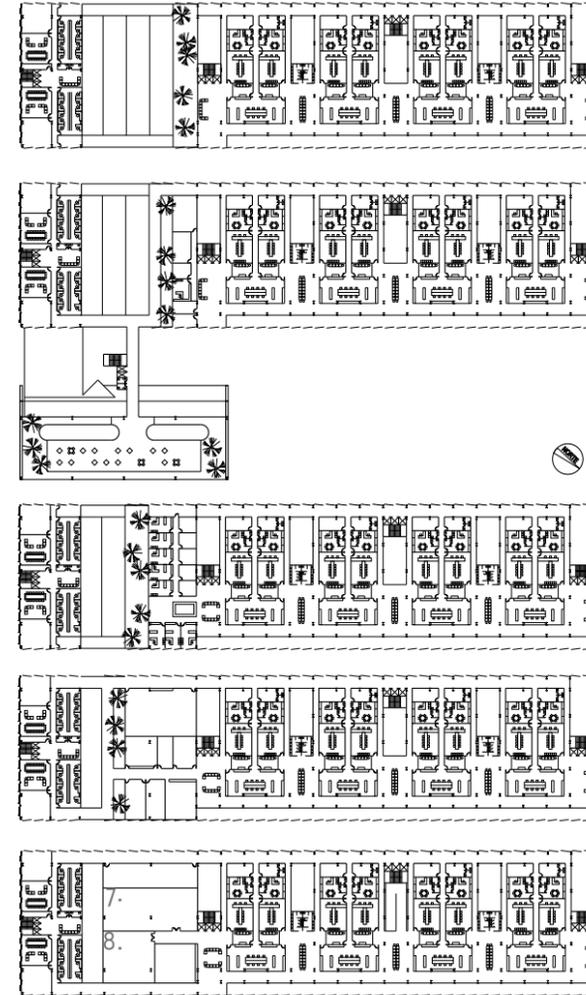
Sugerimos então a criação de uma construção sobre todas as existentes, ocorrendo sem nenhuma demolição inicial, com todo o complexo funcionando, aproveitando-se apenas dos vazios existentes entre o conjunto construído.

Para este tipo de estratégia, a estrutura sugerida compõe-se de perfis laminados metálicos, parafusados, lajes sobre armações tipo "steel deck" e paredes tipo dry wall (cimentícias ou de gesso cartonado) com tratamento acústico, como opção macro, além de shafts funcionais, coberturas multiuso (energia, água, conforto térmico) dentre outras.

O prédio segundo o termo de referência - "a demolir", hoje ocupado com as varas 7 a 13, poderia continuar funcionando ou ser remanejado para ser o escritório e almoxarifado da obra como mostra a ilustração. Observar que as ilustrações tem caráter informativo geral e não dimensional, ou seja, alguns componentes secundários foram omitidos visando a visualização genérica do processo construtivo proposto.

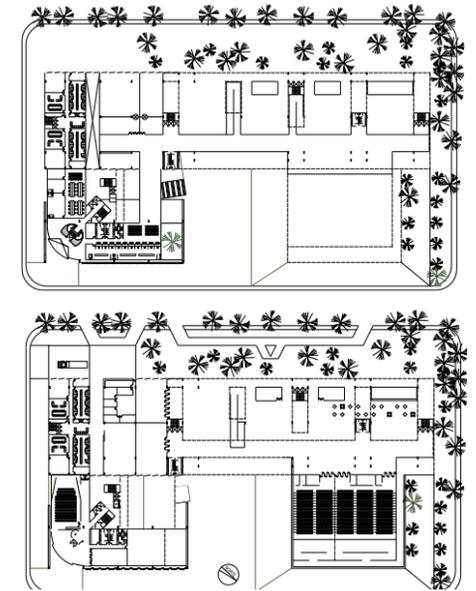
### As etapas então se desenvolveriam da seguinte forma:

1. Remanejamento do prédio das varas, com aproveitamento de suas instalações, como escritório da obra (se esta for a opção);
2. Criação de corredores de serviços entre os edifícios construídos através de tapumes e acertos de níveis;
3. Locação e perfuração de estacas rotativas ou tubulões, fundações já consagradas pelo uso em edifício até 10 andares existentes na região;
4. Concretagem das estacas e dos blocos de fundação;
5. Montagem de grua com lança até 60m;
6. Montagem dos pilares com dimensões finais acima da maior cota dos edifícios existentes;

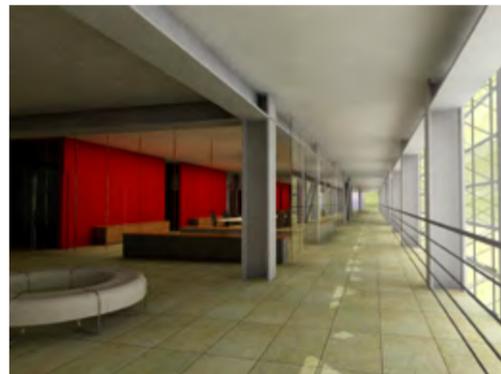


8. Montagem do primeiro nível de vigas;
7. Montagem do "crash deck" com balanços laterais por sobre apoios metálicos de forma a permitir uma construção sem que nenhum tipo de interferência física possa ocorrer no funcionamento dos edifícios existentes;
9. Montagem do segundo nível de vigas e pilares, configurando uma primeira estrutura estável capaz de vencer os vãos propostos (vigas quando estabilizadas entre si, conformam um sistema vierandel que se repetirá no andar acima, estruturando as 3 primeiras plataformas (decks/lajes);
10. Concretadas as lajes 1,2 e3, que fazem parte do sistema, estabiliza-se a estrutura, repete-se a estratégia de montagem a partir da terceira laje que funciona como um pilotis intermediário, criando-se mais dois conjuntos ou andares e cobertura onde se localizarão os equipamentos propostos de coletores solares e de águas, caixas d'água e a cobertura propriamente dita.

Instalações de circulações verticais e demais insta-



11. lações complementares,
12. Fechamentos e divisões, acabamentos diversos.
13. As etapas seguintes até a conclusão final da proposta seguirão etapas convenientes, sendo que os dois edifícios de varas podem ser demolidos para que sejam iniciadas as construções de estacionamentos, auditórios, jardins e parte do pilotis.
14. A continuação do bloco é feita com a demolição dos edifícios da presidência. Completada esta etapa já é possível a demolição de todos os outros edifícios, complementação dos espaços térreos e modificação e acréscimo do edifício existente, também com estratégia semelhante, envelopando-o e acrescentando três novos pisos, dando a ele porte compatível em relação ao grande edifício horizontal proposto, dramatizando sua perspectiva urbana.
15. O conjunto resultante é totalmente eficiente no que diz respeito a funcionalidade, e é resultado de um processo limpo e adequado de construção, sem ruídos permitindo que o TRT cumpra integralmente suas funções enquanto as obras ocorrem acima e, mais importante, presenteia a cidade com grande vazio urbano, adequadamente tratado com jardins e espaços sociais. Os acessos em todos os momentos se fazem com a eficiência devida. Os tratamentos bioclimáticos mostram sua eficiência proposta além de darem aspecto final de acordo com a imagem arquitetônica procurada pelo TRT.



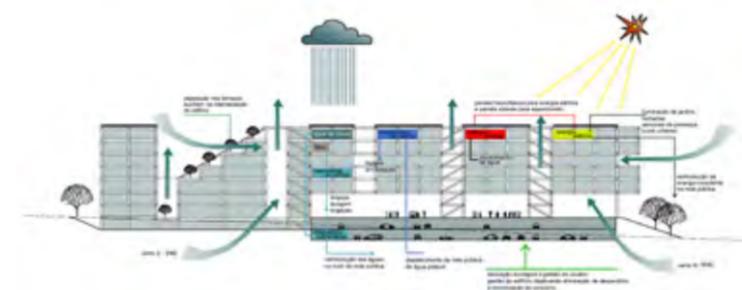
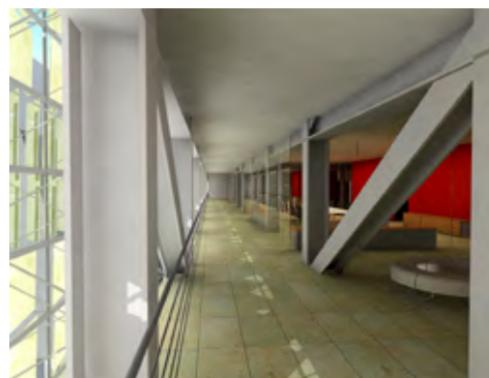
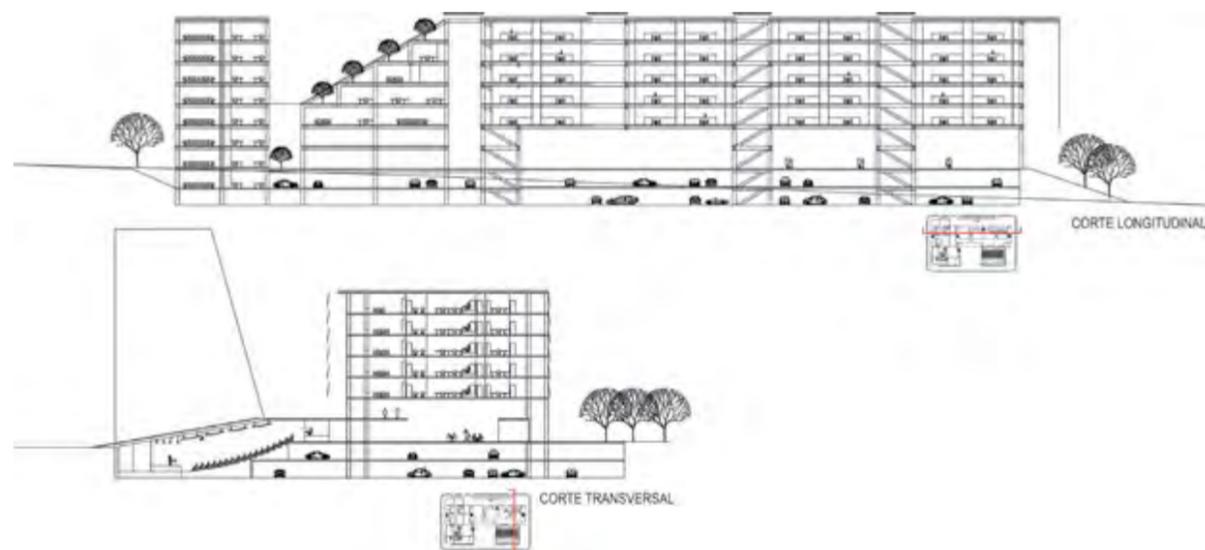
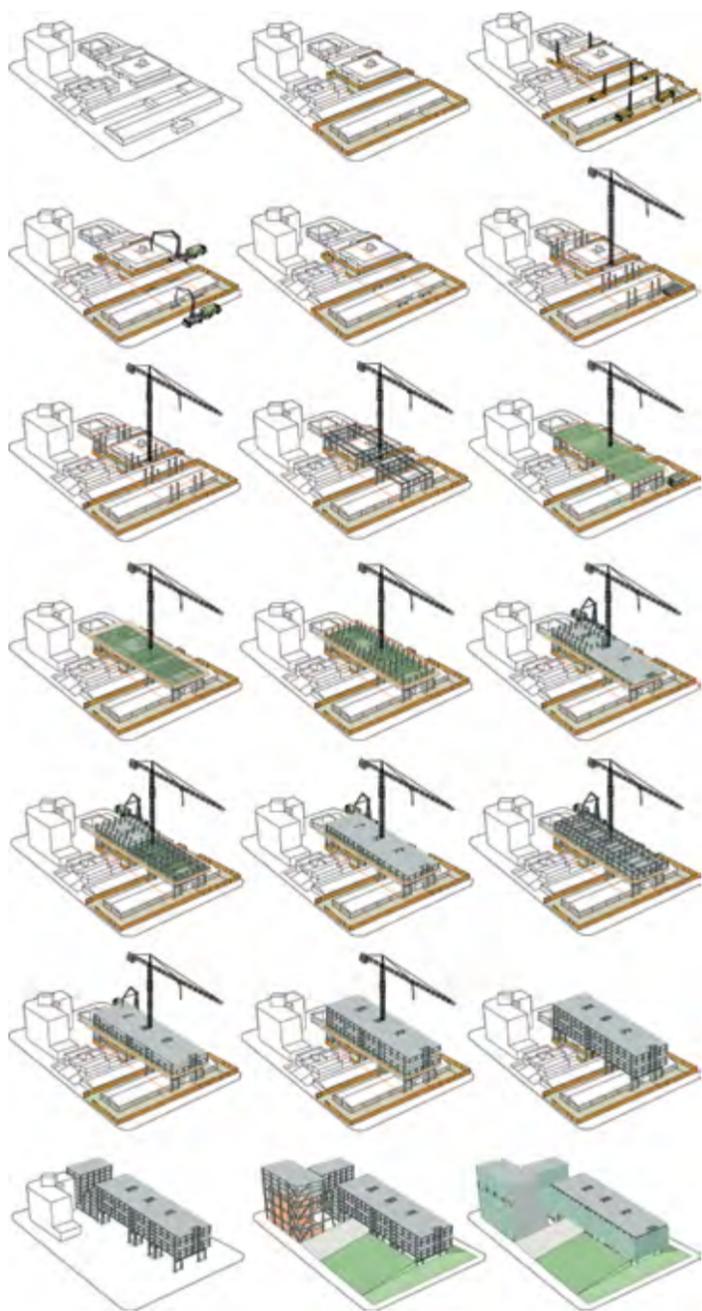
### O lugar

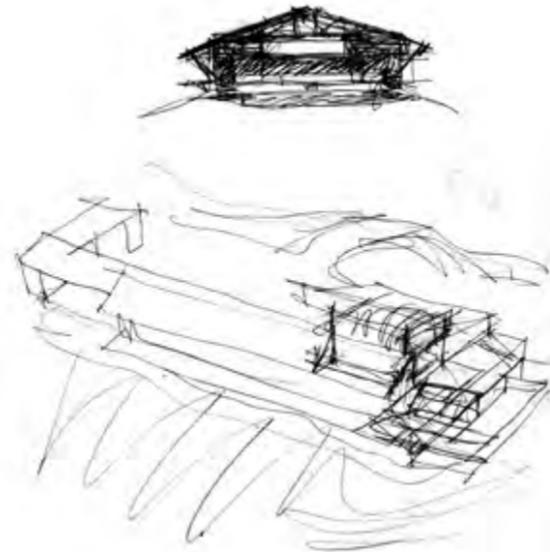
Inserir um objeto arquitetônico em uma malha urbana consolidada requer conhecimento principalmente o que diz respeito a cidade, sua história, expansão, nova legislação, mudanças e remanejamento de conceitos urbanísticos, demandas, requalificação, enfim, o que mantém a dinâmica sua dinâmica.

Goiânia é assim. Projetada e reprojeta, procura sua identidade metropolitana e para tanto carece de ícones, marcos urbanos e arquitetônicos. É claro que uma avenida como a Anhanguera (preferível Arari-boia) com seus generosos espaços vazios permitiu experimentos (ver Lerner), reacertos e se prepara para receber, quem sabe em breve, um metrô/bonde de superfície, pela grama, de forma que no caminho norte-sul e sem cometer os erros de cidades como Belo Horizonte, Porto Alegre, Recife, possa conviver com um transporte limpo, sem necessidade de um muro divisório, cicatriz urbana desnecessária.

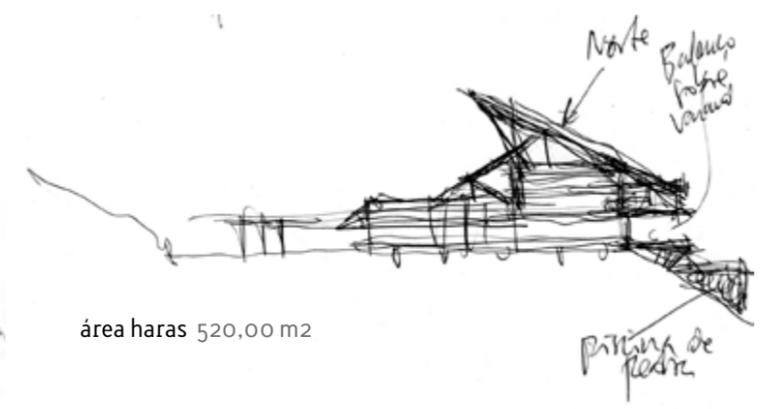
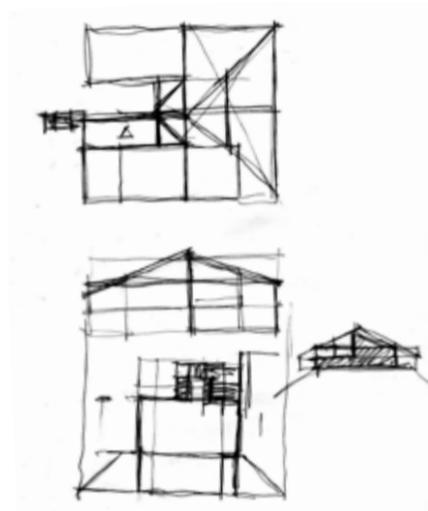
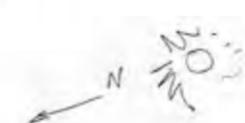
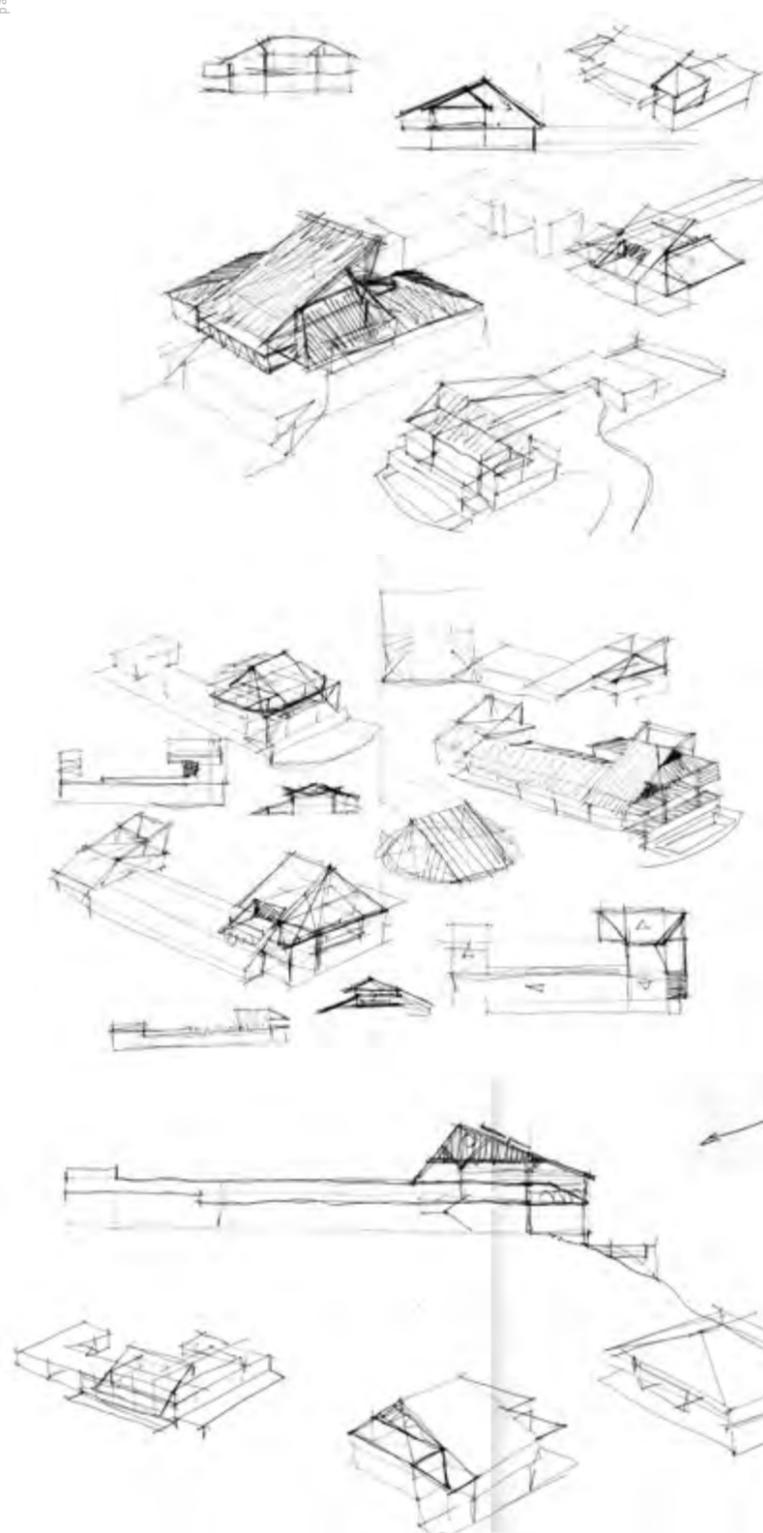
É nesta cidade jovem, onde Paulo Mendes da Rocha projetou o Serra Dourada, Jóquei Clube e a Rodoviária monumental (posteriormente corrigida), Rui Othake colocou suas curvas ainda singelas em um edifício bancário, só para citar alguns, que agora promove, em pleno Setor Bueno, a inserção de um edifício institucional que sem a pressa dos primeiros, procura cuidar das características do local, pensando em um futuro onde escala, áreas de convívio, vazios ajardinados e construído com princípios contemporâneos de sustentabilidade, induzindo assim os cuidados que daqui para frente deverão nortear seus novos espaços.

Tratado desta forma, o edifício do TRT contribuirá definitivamente como marco urbano, arquitetônico, tecnológico e principalmente pensando no cidadão que desde o princípio sabia que nesta terra de árvores tortas, terra boa, maçapê, visitada por Anhangueras e Strauss, em se plantando corretamente, tudo dá, bem.





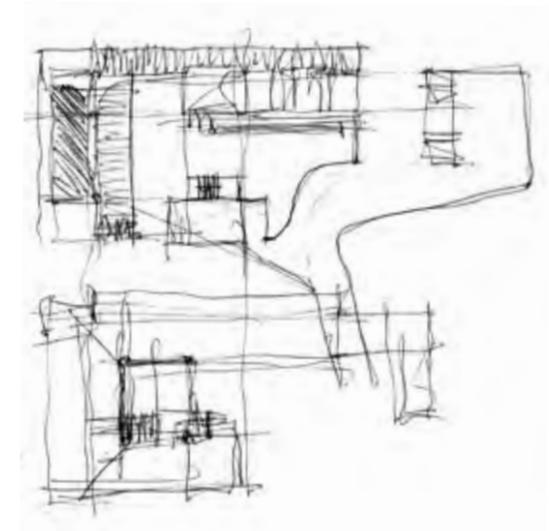
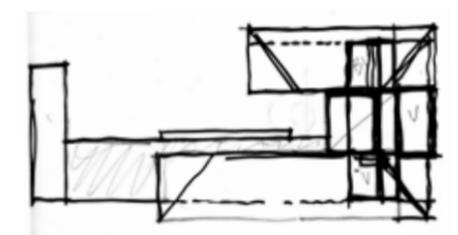
data  
**2006/08**  
 arquiteto  
 Sylvio Emrich de Podestá  
 colaboração  
 Pedro Aragão de Podestá  
 Marcos Mascarenhas Franchini (estagiário)



área haras 520,00 m2

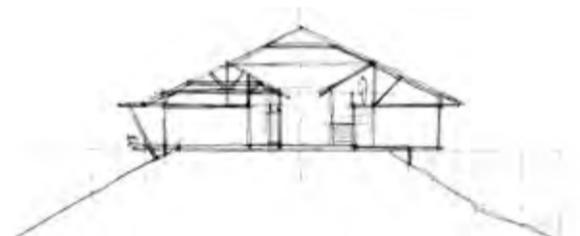


Casa Sergio, Maria  
 Alice e meninos  
 Haras SRM



localização  
 Crucilândia | MG

27





## Casa Sergio, Maria Alice e meninos

Localizado a dois quilômetros da cidade de Crucilândia, o local, uma elevação ao lado da estrada, de uma cachoeira e campo de futebol, foi o escolhido para a construção deste conjunto formado por casa do caseiro, garagem de caminhão e tratores, arenas, haras e casa principal.

Este conjunto já fazia parte do projeto de vida dos proprietários tanto que bem antes da arquitetura os platôs onde se localizariam cada elemento foram estabelecidos e implantados. Também os diversos viveiros para as galinhas, patos, cisnes, pavões, faisões tinham garantidos seu lugar. Represa, mini cachoeiras, lagos e as arenas para o desfile de mangalargas e burros. Desfiles garbosos mas também terapêuticos, utilizados pelo asilo local para estimular os internos com problemas motores e mentais.

Para a arquitetura, este processo já em andamento muitas vezes atrapalha a idéia geral de conjunto mas não aqui. Existia uma hierarquia de usos, acessos permitidos e vistas que vão formatando a subida até o ponto mais alto onde já se previa a construção da casa e claro, com as sonhadas vistas: daqui dá para ver Crucilândia; olhe o campinho lá em baixo e o rio ao lado; o barulho da cachoeira, o sol nascendo, a lua e a poeira do visitante.

Nos dois platôs que compõe o Haras, as arenas abaixo são resultados da experiência do proprietário e amigos bem como o dimensionamento correto das baias.

A arquitetura ficou encarregada do projeto final do prédio das baias e apoios e da grande varanda/camarote onde se recebem visitantes e cavaleiros além dos idosos do asilo.

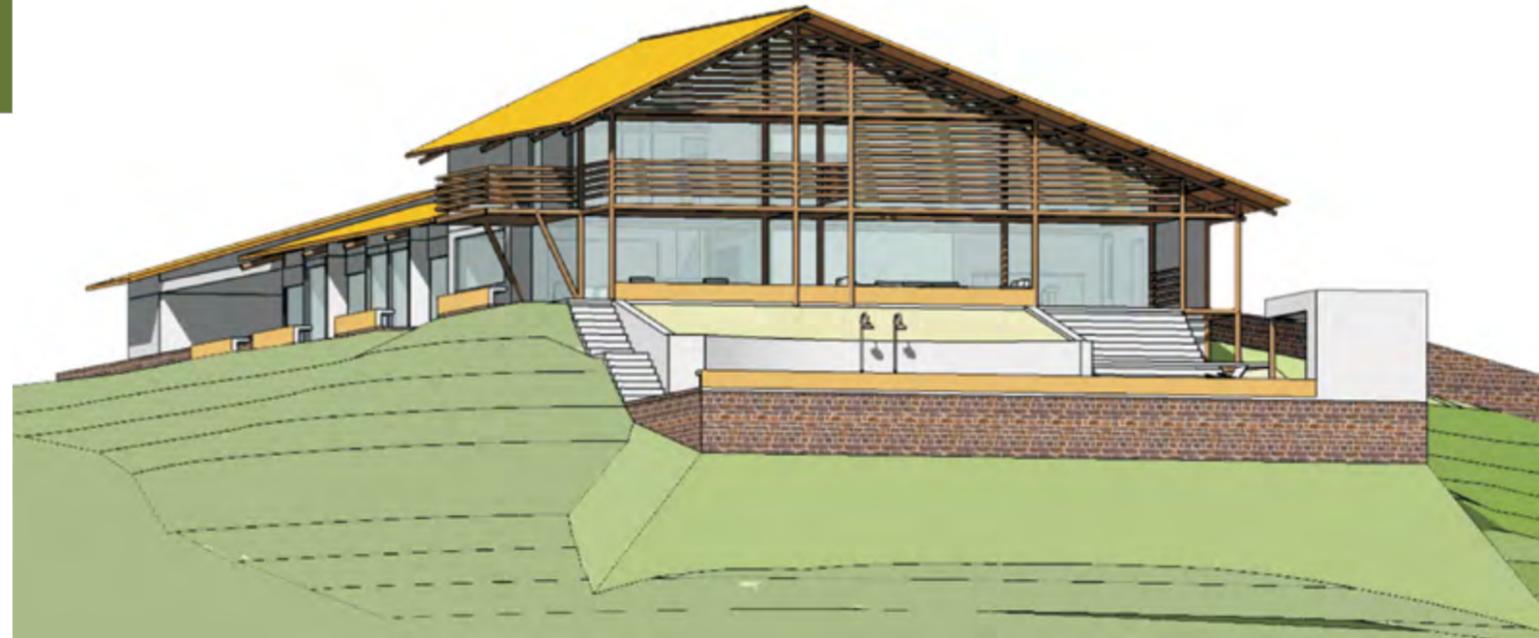
Como casa de bom mineiro, nas grandes mesas de angelim estão sempre prontos o café, biscoitos, pão de queijo, fumo de rolo e boa prosa. Ao fundo se assa a carne e por todos os cantos, placas com dizeres malandros típicos do matuto.

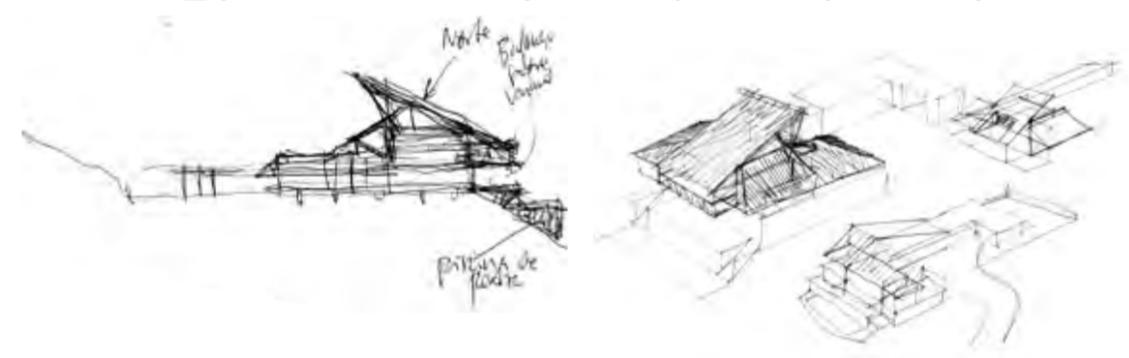
A casa, ainda em construção, é praticamente térrea no seu corpo principal. Uma suíte para o casal comanda a volumetria superior. Morro abaixo vão se ajustando vestiários, piscina/bar/deck e mais abaixo, sob a laje do bar/piscina, salão com sauna e jogos.

Construída parte de forma convencional, parte estruturada em eucaliptos roliços (como o haras), telhas e pisos cerâmicas, tudo simples e prático mas largo, alto e generoso como devem ser estas casas.

Com o tempo passando, com os jardins que já crescem por ali, com as pedras empilhadas dos muros se solidificando e com a natural cordialidade no receber dos proprietários, em pouco tempo esta paisagem modificada estará consolidada como parte do lugar.

Arquitetura e lugar, nada mais correto e aparentemente simples. Nada mais justo com estes pontos focais escolhidos para o lazer e morada.

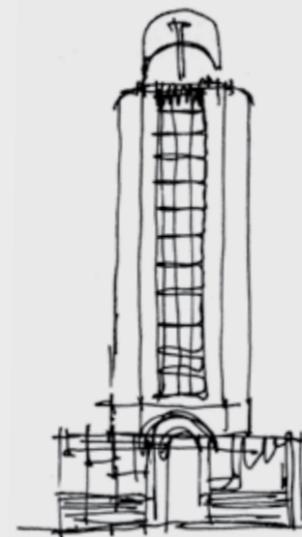






localização  
Belo Horizonte | MG

data  
1988



## Edifício Metropolitan Park



arquitetos reformulação

Sylvio Emrich de Podestá

Éolo Maia

interiores

Jô Vasconcellos

proprietário

GGC

área terreno

576,00 m<sup>2</sup>

área

4.038,00 m<sup>2</sup>

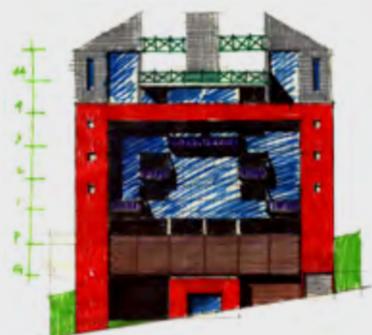
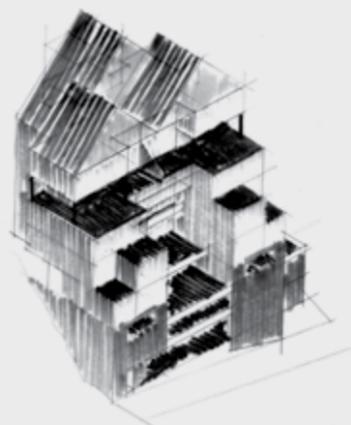
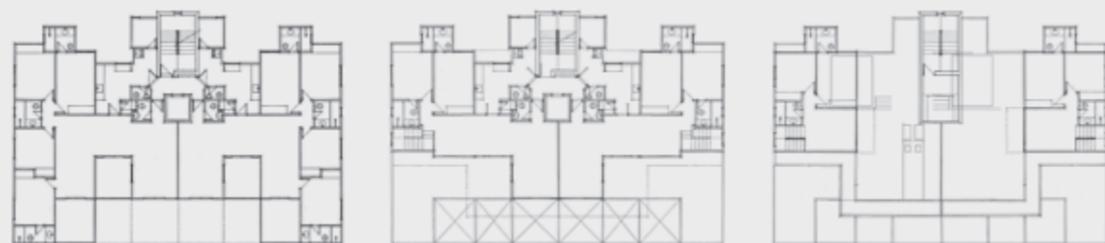
A estrutura residencial existente deveria ser modificada para receber um edifício comercial (apart hotel) com lojas e serviços além de lazer.

Modificações internas nos apartamentos tipos, agora divididos em quatro unidades, pilotis com salas de convenções, café e bar, academia, etc.

Varandas em estrutura metálica foram anexadas às fachadas, de cor vermelha, contrastam com o revestimento cerâmico texturizado azul, que se modifica suavemente de tom com a passagem do sol.

O acesso se faz por um grande átrio também em metal vermelho e vidro, ladeado por lojas afins.





data  
**1989**

arquiteto

Sylvio Emrich de Podestá

proprietário

Cogefe Engenharia Comércio e Empreendimentos

área terreno

686,00m<sup>2</sup>

área

1688,00m<sup>2</sup>

Terreno com um aclave tão acentuado que o acesso é pelo subsolo, depois garagem e pilotis (olhe o pilotis mineiro acontecendo lá no alto) e o 1º. Pavimento, apartamento, tem quintal em terreno natural.

É cordial com a calçada, criando ali um jardim anexo e com isso mantém a escala do pedestre. Grandes varandas/terraços sob o pórtico superior ampliam espaços internos e sombreiam a fachada oeste.

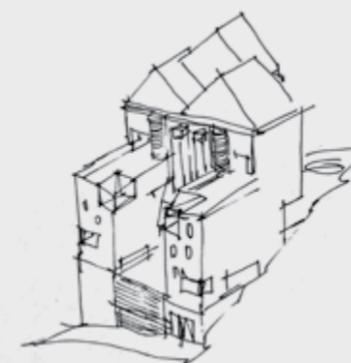
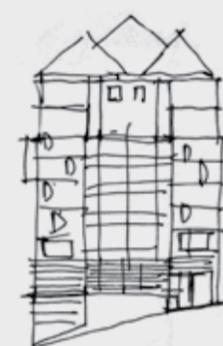
Curiosamente o revestimento de granito da fachada vai se dissolvendo nas laterais até se transformar em pastilhas cerâmicas, diminuindo custos e mantendo a qualidade.

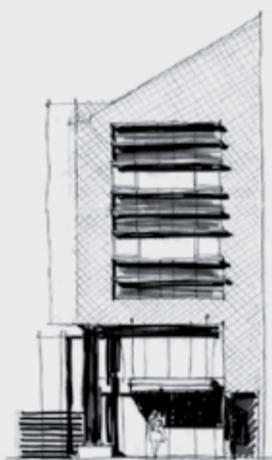


## Edifício Residencial COGEFE

localização

Belo Horizonte | MG



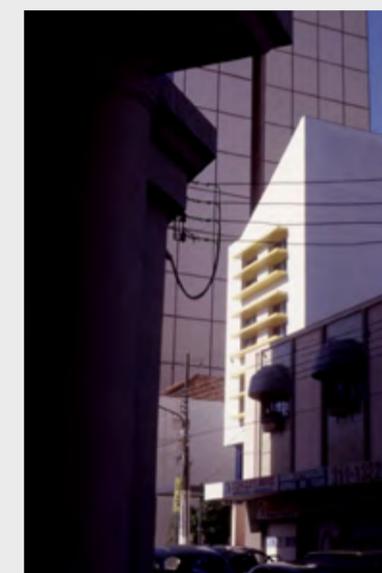
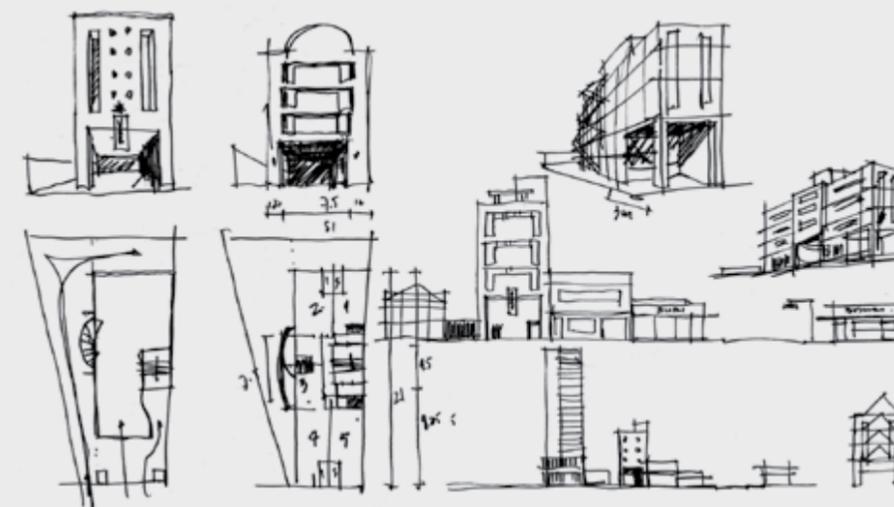
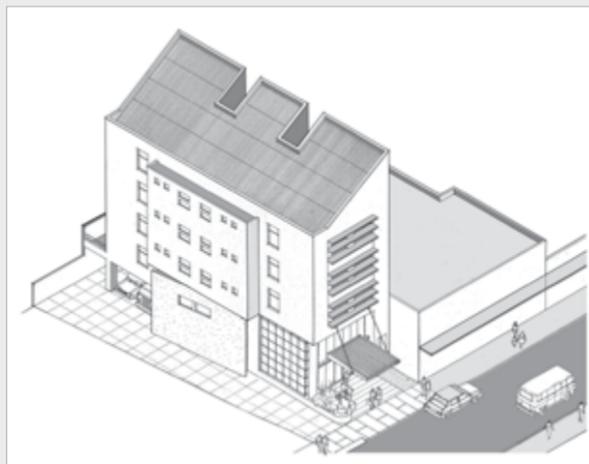


data  
1989

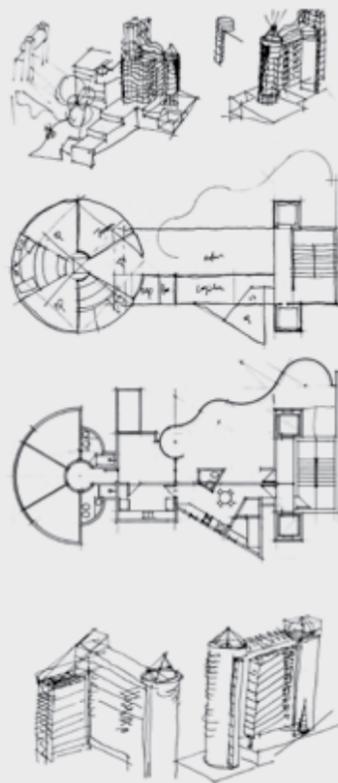
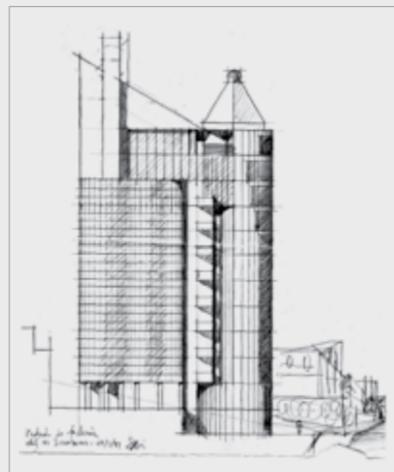
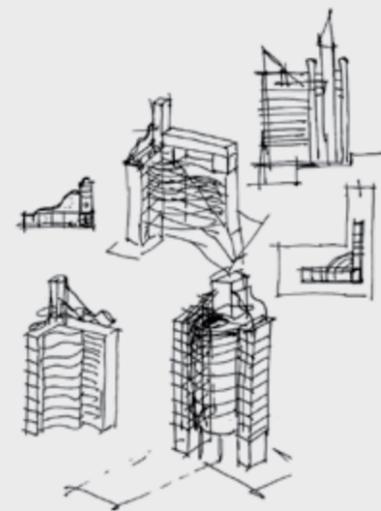
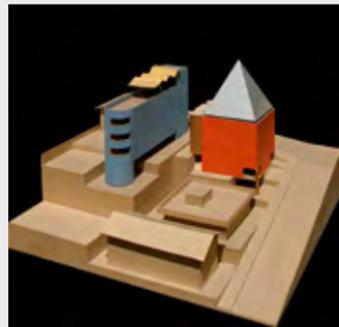
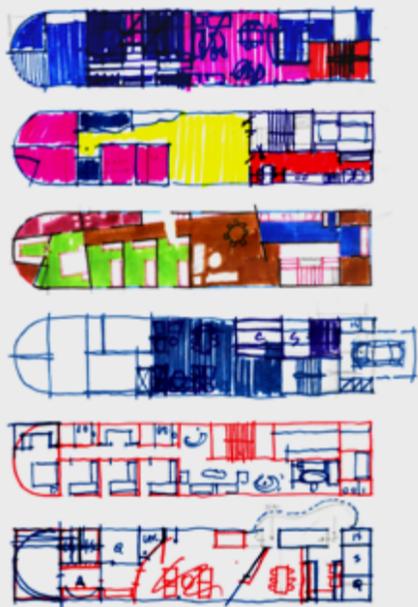
## Edifício comercial VARIG

localização  
Anápolis | GO

Localizado em conturbada rua comercial, este pequeno edifício comercial, com loja e sobreloja e andares de salas, é transparente na sua base, dando total visão as funções exercidas na loja de venda de passagens e acima, além das aberturas necessárias e protegidas por brises, tem uma asséptica volumetria revestida em cerâmicas brancas e brilhantes num claro confronto à confusão urbana. Com o sol matinal brilha como pequena jóia.

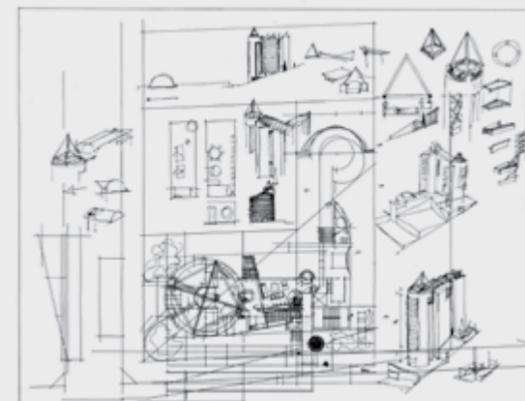
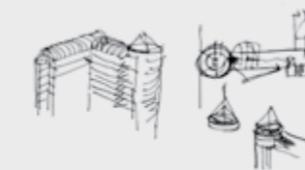
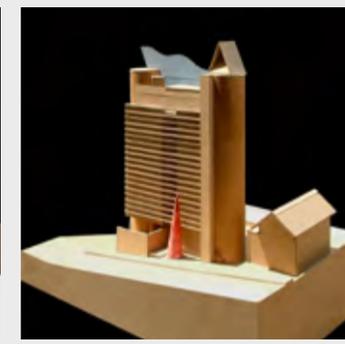
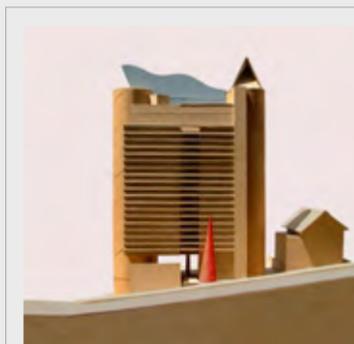
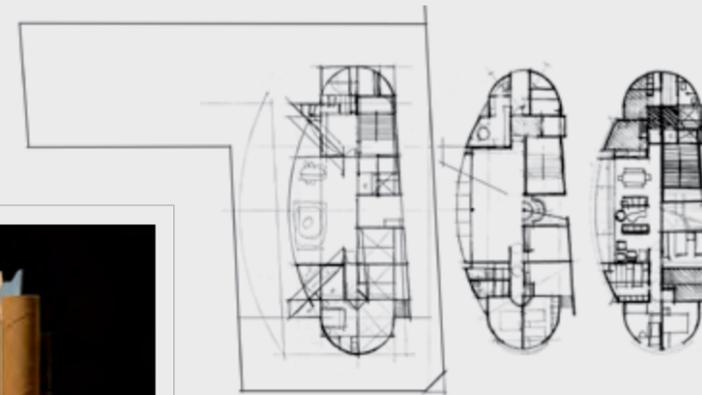
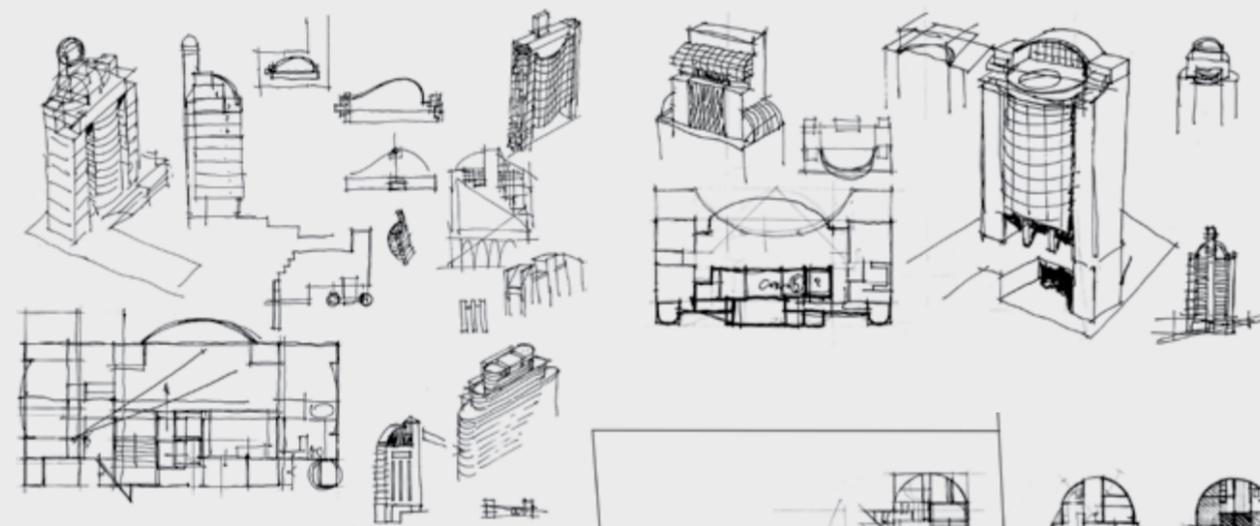


arquiteto  
Sylvio Emrich de Podestá  
proprietário  
João Amélio da Silva e filhos  
área terreno  
300,00 m<sup>2</sup>  
área  
800,58 m<sup>2</sup>



# Edifícios residenciais Invasores 7, 8 e 9

Estes três edifícios são exercícios de projeto para um mesmo terreno e procuram compreender a legislação vigente na época sem que necessariamente a transformasse em co-autora com se apregoava. Também respondia a reclamações dos arquitetos que se diziam sem trabalho, que o mercado e etc... Respondia sempre que serviço poderia não ter, mas trabalho nunca faltava, e assim produzi vários Invasores, homenagem ao competente e alegre bloco de carnaval da região. Minha homenagem.



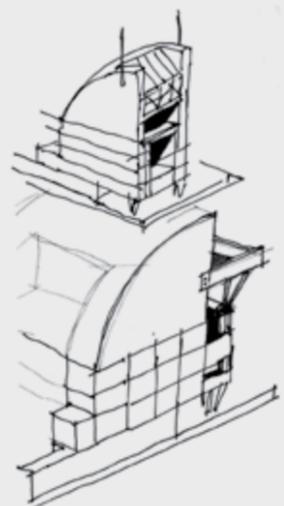
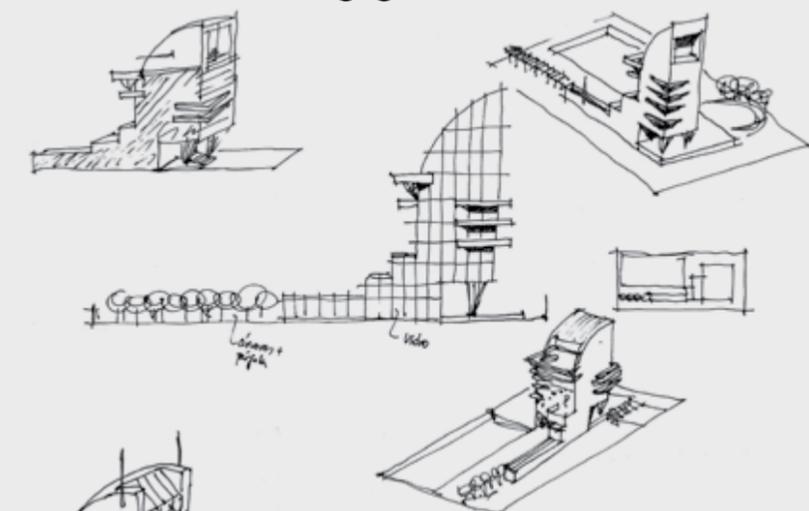
data  
1992

localização  
Belo Horizonte | MG

arquiteto  
Sylvio Emrich de Podestá  
proprietários  
Ninya de Aragão e Gaby de Aragão

área terreno  
660,00m<sup>2</sup>  
área  
diversas

data  
1992



arquiteto

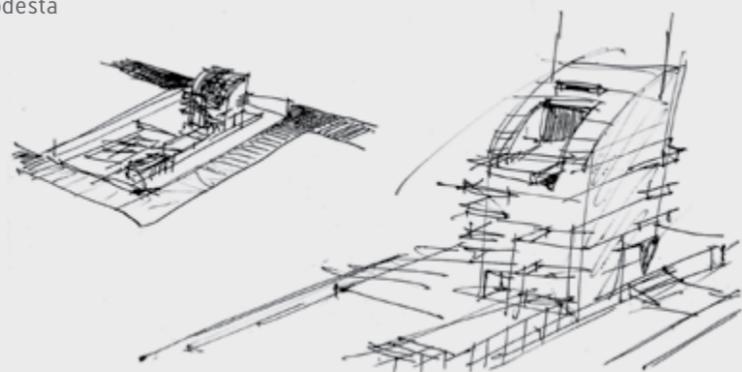
Sylvio Emrich de Podestá

proprietário

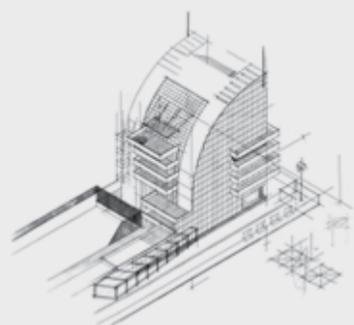
Grupo Naoum

área terreno

2.450,00 m2



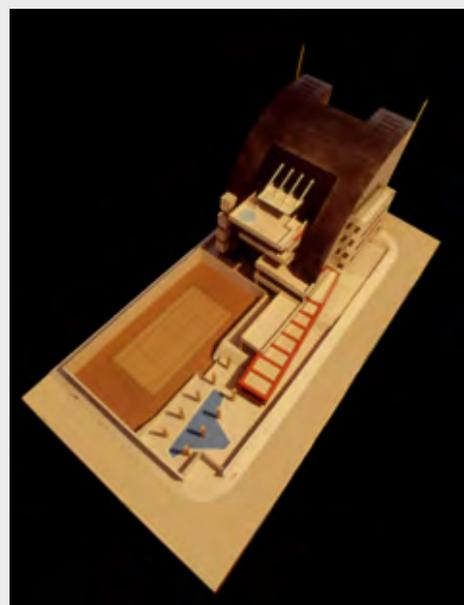
## Edifício residencial



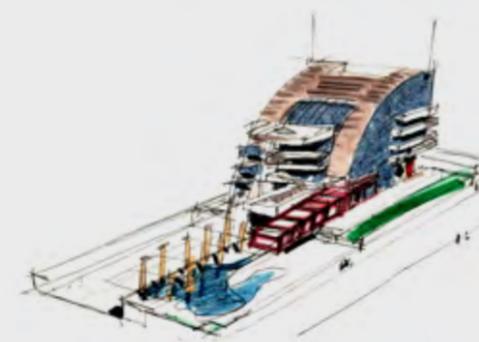
Edifício com 5 apartamentos entre 550,00 a 880,00m2 e uma grande área de lazer para congregar uma só família.

Terreno localizado em duas esquinas com frente para um bosque, por isso sua fachada leste toda envidraçada, capturando por ali o melhor sol e vista. Volumetria densa e negra (granito polido), de programa variado e individualizado, grandes terraços e uma cobertura curva que se estende desde as caixas d'água superiores e seu grande painel solar até os primeiros pavimentos, destacando volumetrias e os terraços diversos. Uma grelha vermelha plugada destaca a parte construída do lazer.

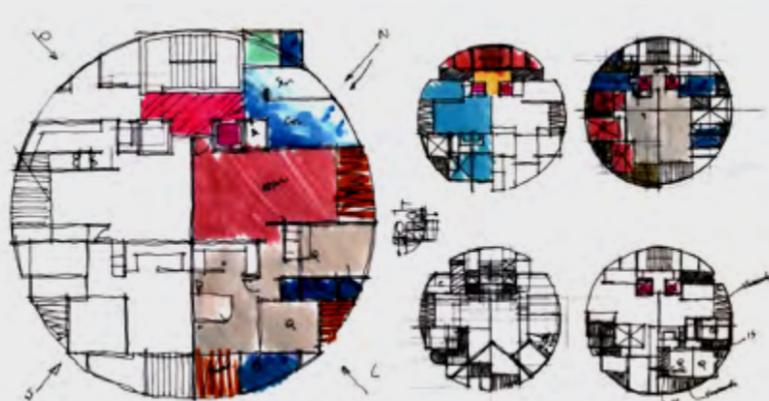
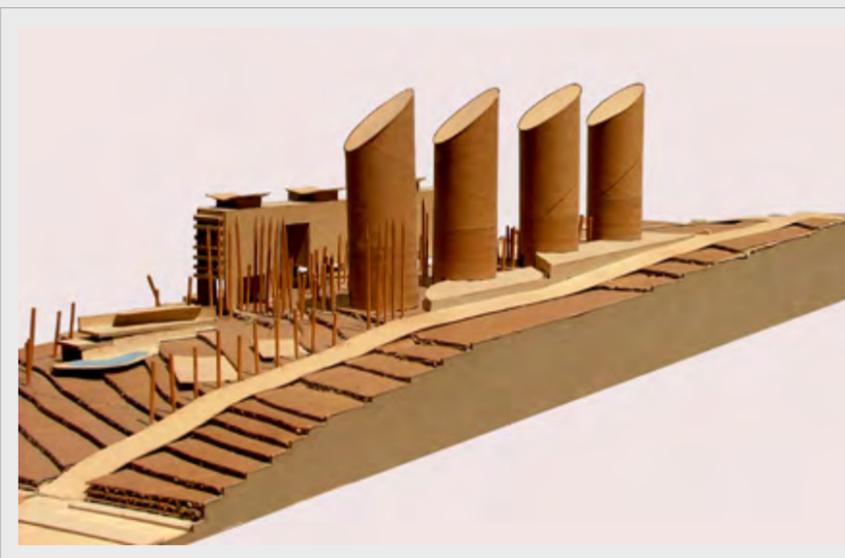
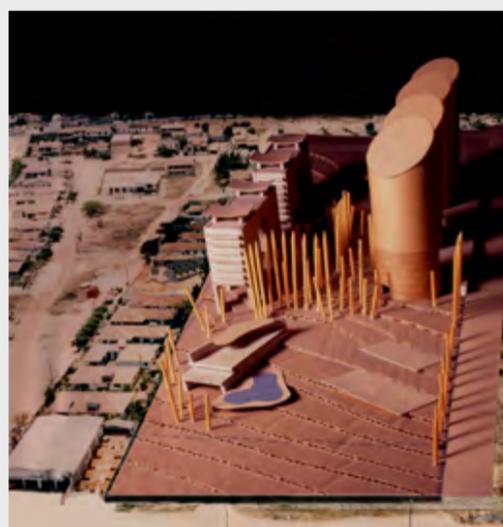
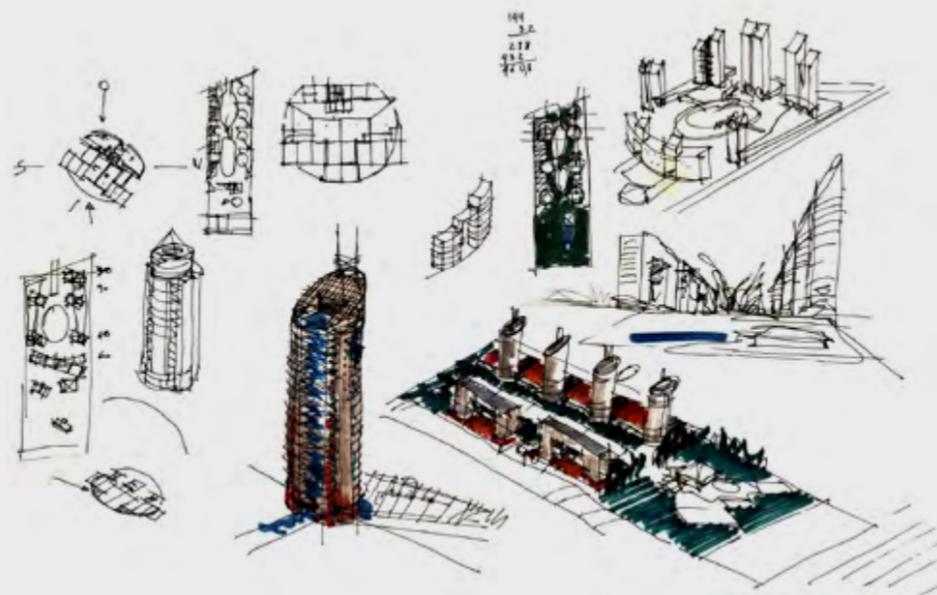
Provocativamente diferente dos edifícios cubos ou pavilhonares da arquitetura brasileira logo ali.



localização  
Anápolis | GO



# Conjunto residencial Natal

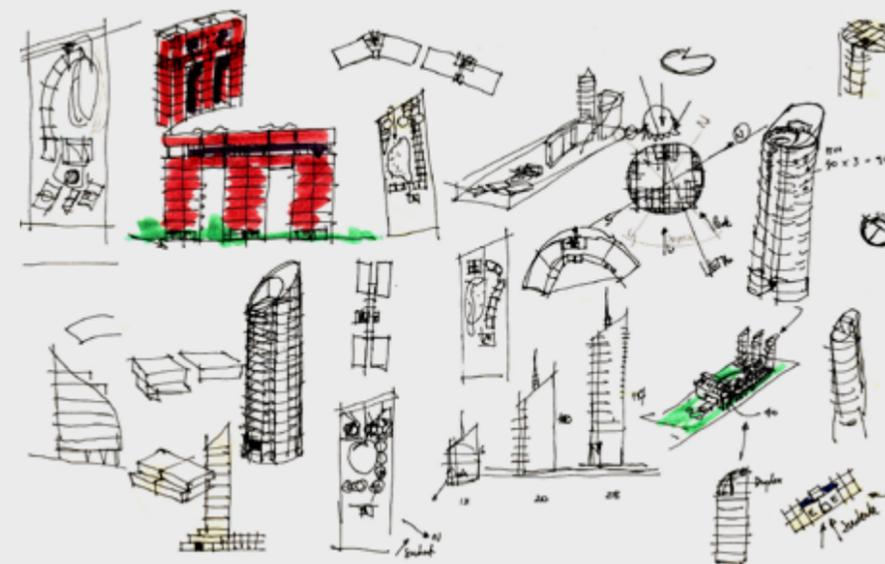


data  
1992

Estudo de viabilidade para um terreno em Natal anexo a um futuro shopping center e de frente para a rodovia de acesso a cidade.

Anteriormente uma residência de campo com grande área plantada principalmente frutíferas e de corte proibido, uma boa casa moderna e um largo programa com apartamentos de 3 e 4 quartos e a imensa infra-estrutura de lazer potencializando o local e o empreendimento.

O pomar preservado foi a base do paisagismo e por onde as volumetrias de garagem se insinuaram. Torres com três apartamentos por andar, evitando o oeste de um lado e edificios mais baixos e com 4 quartos criavam alas laterais ao bosque que conduziam a antiga casa, reformada e ampliada para o lazer.

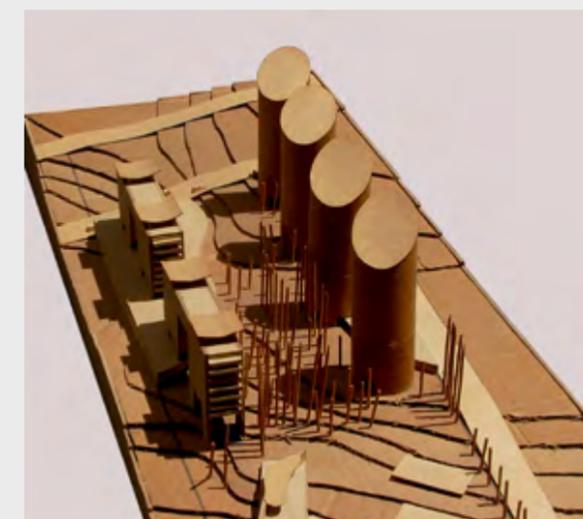
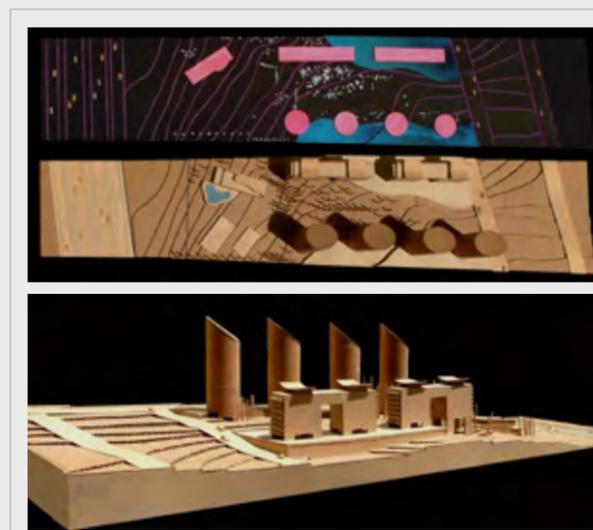


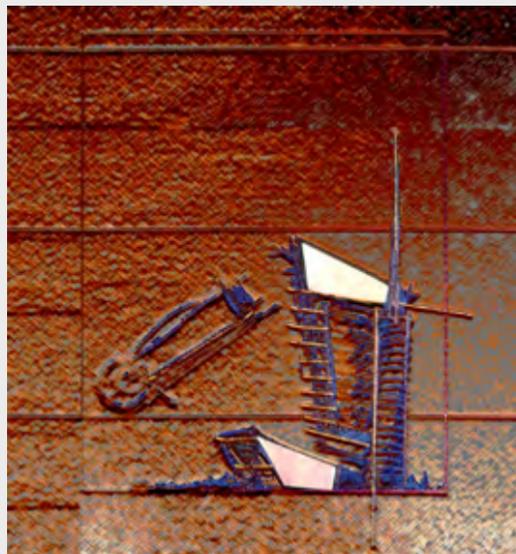
localização  
Natal | RN

arquitetos  
Sylvio Emrich de Podestá  
Júlio Araújo Teixeira

proprietário  
Mendes Júnior Edificações

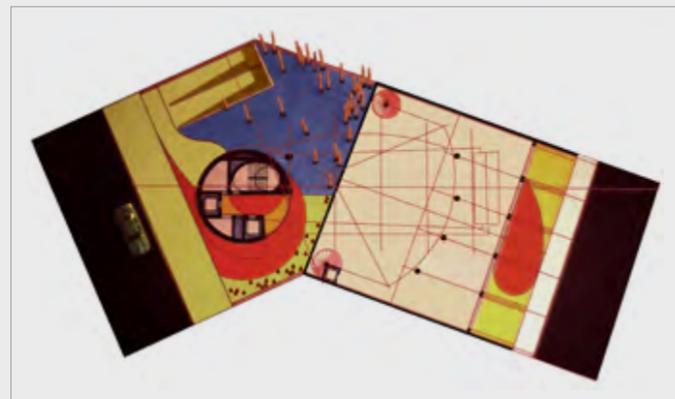
área terreno  
19.800,00 m<sup>2</sup>  
área  
31.000,00 m<sup>2</sup>





localização

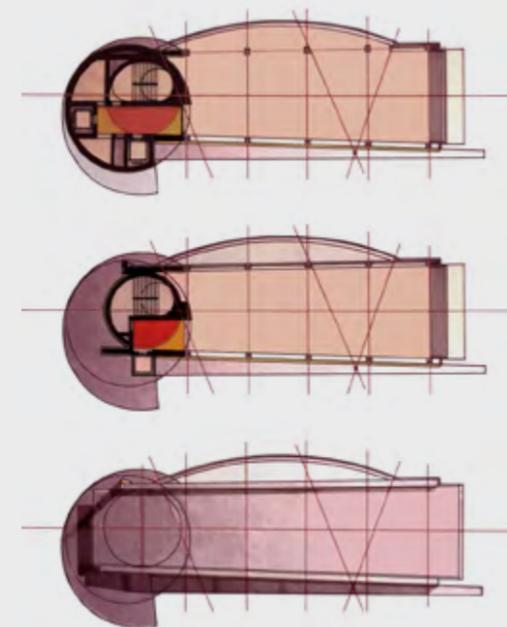
Belo Horizonte | MG



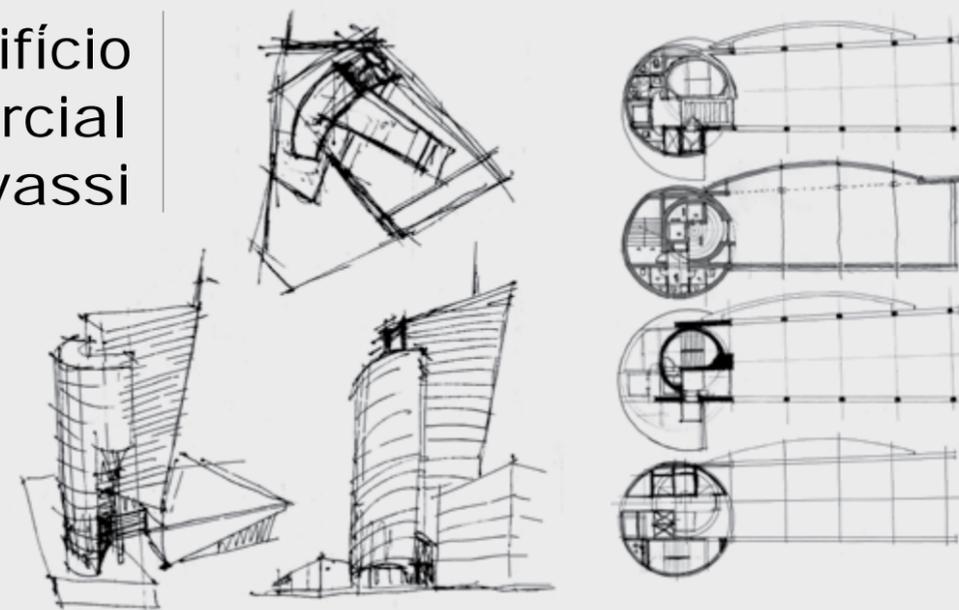
A Savassi é um mistério: não é bairro, faz parte do Bairro dos Funcionários; não é praça e é chamada de praça; tinha um cinema com fama de cineclube e antes de virar igreja, virou estacionamento; é considerado local de classe alta, de boas lojas e restaurantes mas raramente encontramos alguma construção resultado de um bom projeto. O Edifício Tenco, o recente Pátio Savassi (shopping center) são honrosas exceções.

O terreno, hoje ocupado por um shopping popular, com duas frentes, permitiu uma lado comercial (lojas) e outro, abrindo um vazio no meio da quadra de rua fechada, um respiro e acesso a torre de escritórios. Ela, com lajes apoiadas apenas no núcleo de circulações verticais e com áreas crescentes, é totalmente aberta para o lado sul/sudeste e fechada com um grande painel de inox para o sol norte/noroeste. Seu primeiro pavimento quase toca a cobertura inclinada do edifício de lojas.

Um edifício iconográfico, desenhado para ser belo.



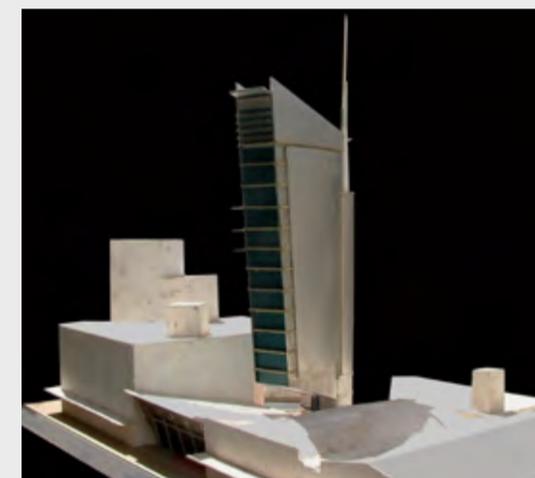
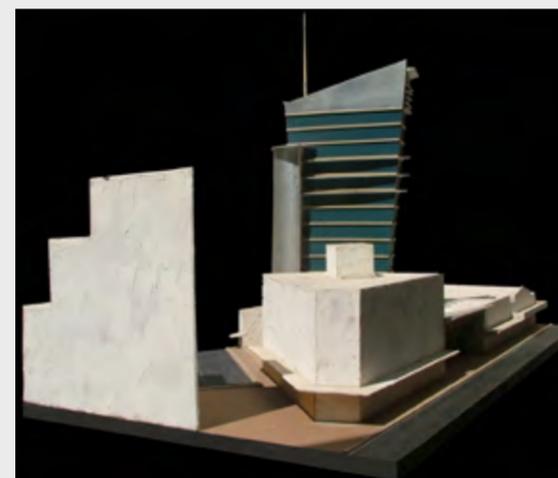
# Edifício comercial Savassi



arquitetos  
Sylvio Emrich de Podestá  
Júlio Araújo Teixeira  
proprietário  
Mendes Júnior Edificações  
área terreno  
650,00 m2



data  
1993





Este projeto participou de um concurso fechado promovido pela construtora entre quatro equipes. Como era um projeto proposto, procuramos mostrar suas amplas possibilidades de redesenho e adaptações ou de ganhos financeiros.

Circulações reduzidas no Shopping, aumento de ABL ou sobra de área computável para o edifício anexo comercial; luz natural como convém um open mall; praça de alimentação de frente para a lagoa – ponto focal do terreno – reforçando o conceito de shopping aberto; acesso de veículos pela rua posterior, ampliando a oferta de áreas comerciais pela entrada principal; apartamentos amplos e variações com acréscimos de terraços, quintais, etc., aproveitando as vigas de enrijecimento da estrutura vertical que ampliam estas ofertas e valorizam plasticamente a torre; as principais dependências ligadas visualmente à lagoa, mas que devem receber proteção contra o sol (brises horizontais); pilotis com diversas opções de lazer; em anexo, pequeno edifício comercial, com acesso direto pelo mall.

O projeto procurou atingir os objetivos comerciais com a arquitetura participando efetivamente das soluções comerciais e residenciais além de poder vir a ser o símbolo procurado pela construtora, confirmando sua posição na região.

De uma coisa temos certeza, este edifício vai fazer sombra em Paraopeba (cidade vizinha).

## Centro comercial e residencial Marialva

### arquitetos

Sylvio Emrich de Podestá

Eduardo Fernal

### colaboração

Grazziela M. Rebello

Renata M. Márquez

### data

1994

### localização

Sete Lagoas | MG

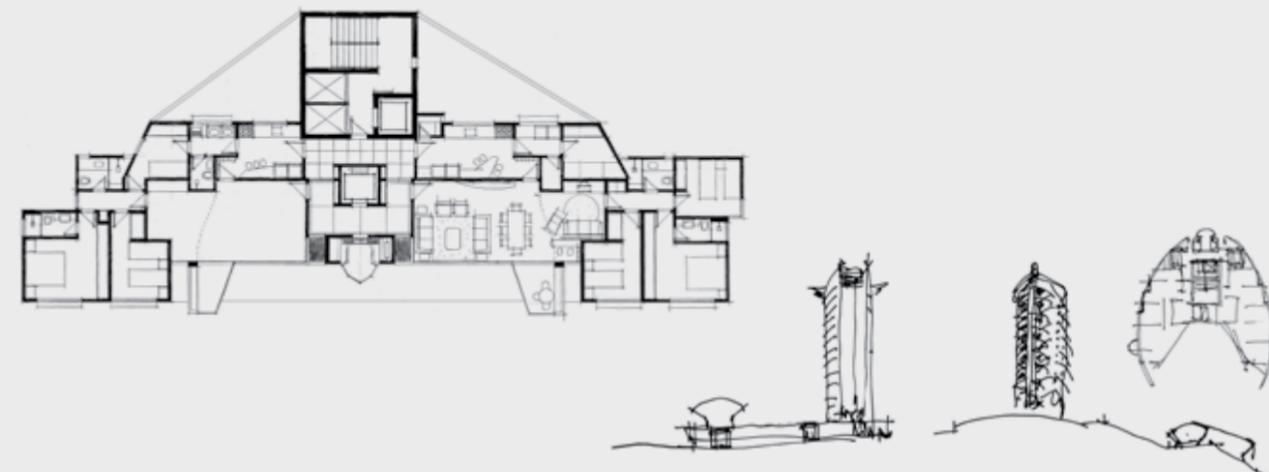
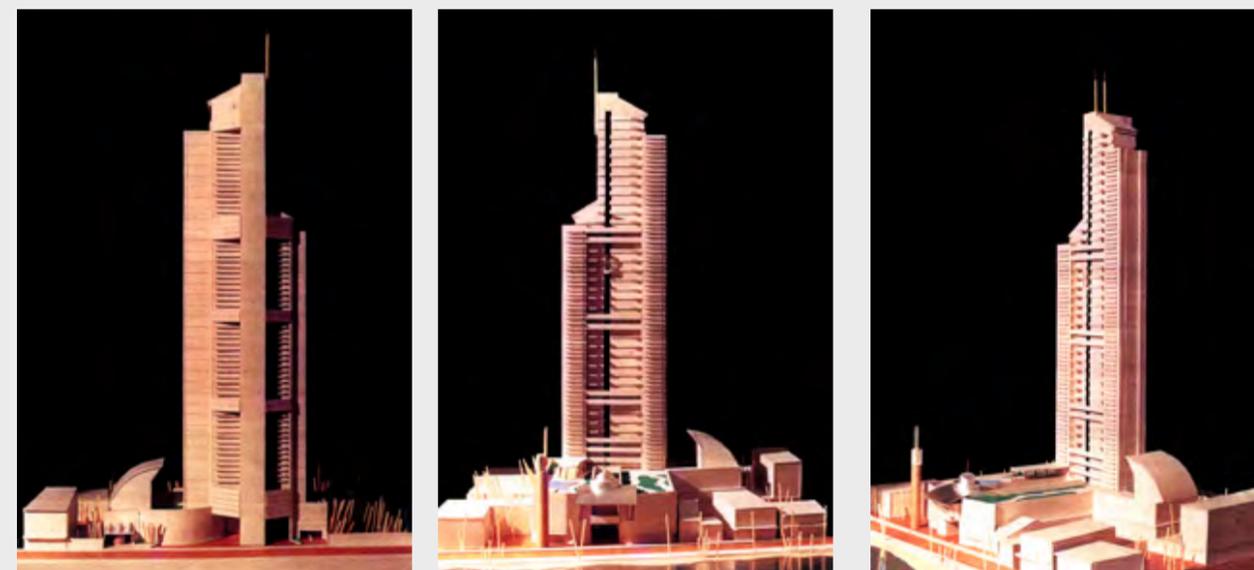
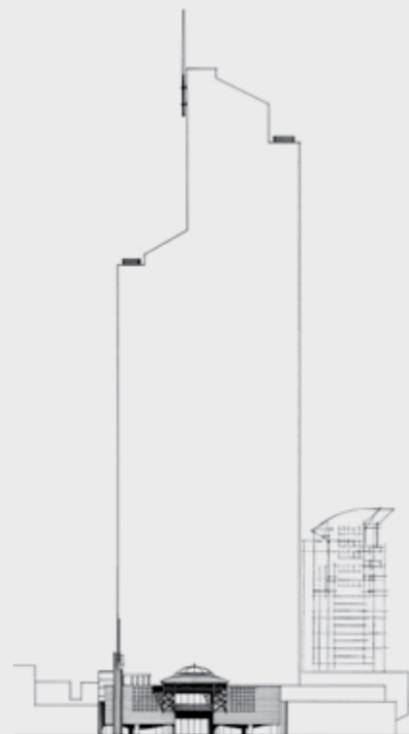
### proprietário

Marialva Empreendimentos Ltda.

### área terreno

3.469,00m<sup>2</sup>

### área



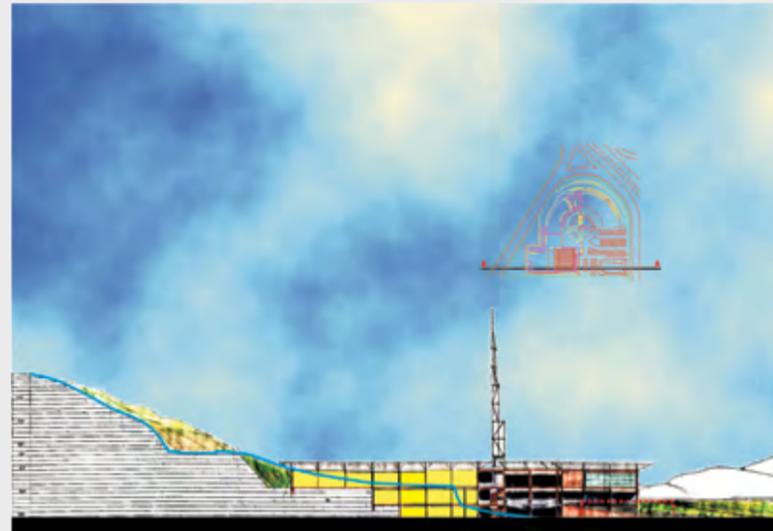


## ponto br

Trata-se de terreno com conhecido potencial comercial, localizado em região de alto poder aquisitivo, com vias de circulação regional de grande porte e anel secundário em fase de implantação.

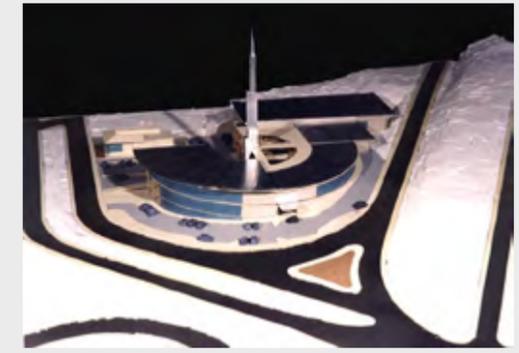
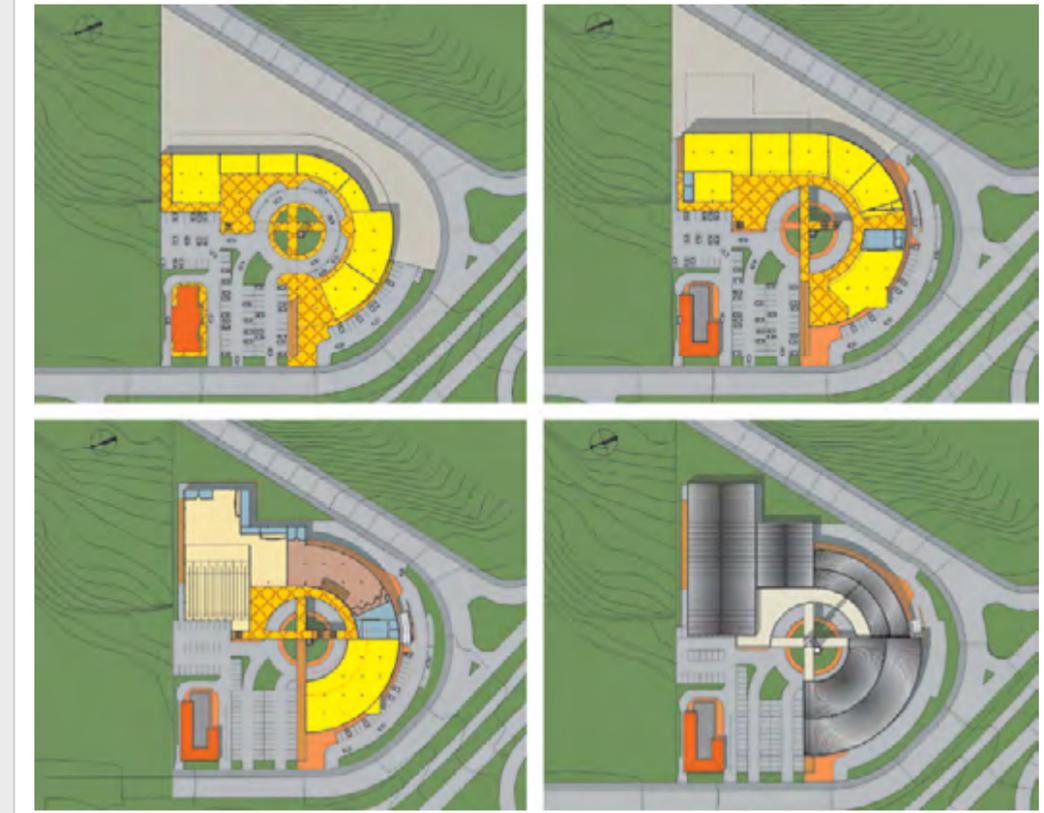
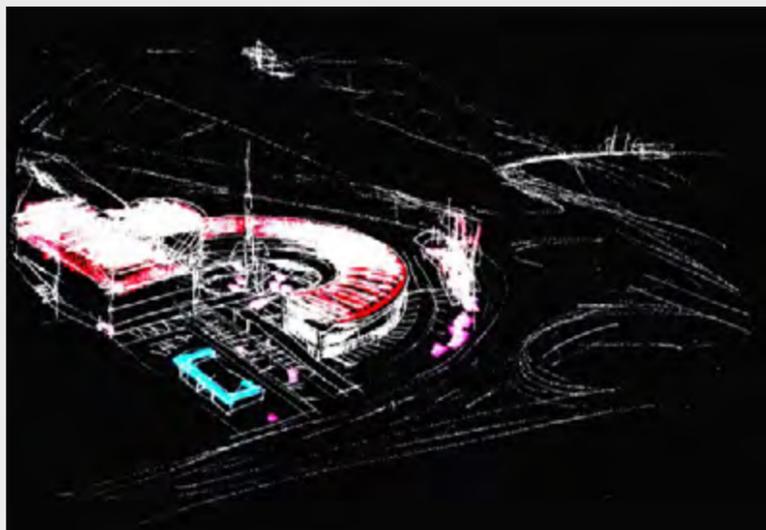
Sua proximidade com o BH Shopping, ao mesmo tempo em que o potencializava como empreendimento comercial, também requereu a elaboração de um mix diferenciado, de modo a não competir com aquele. Procurou-se oferecer uma infra-estrutura de lazer e serviços não encontrada nas adjacências, visando atingir também um universo de consumidores localizados fora de sua área de influência primária.

Foi proposto um edifício com diferencial arquitetônico compatível com o público a ser atingido: harmônico com a topografia do terreno, com forte ênfase na ambientação de seus espaços, onde o apelo visual de sua arquitetura se converte em marketing do próprio empreendimento. Um edifício formalmente elegante na sua simplicidade construtiva e identificação com a vizinhança.



data  
**1999**

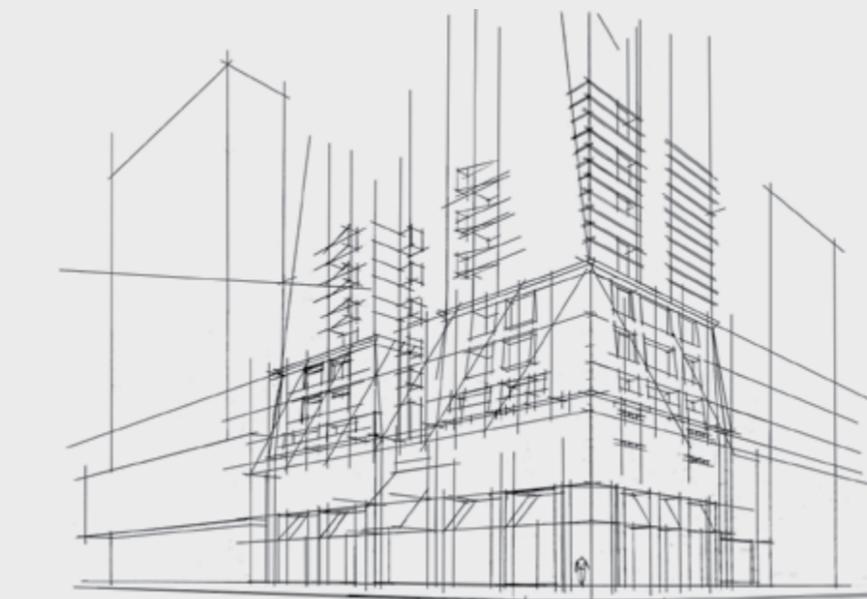
localização  
Belo Horizonte | MG



arquitetos  
Sylvio Emrich de Podestá  
Maurício Meirelles  
colaboração  
Mateus Moreira Pontes  
Flávio Lima  
Renata Rocha  
contratante  
Atrium Consultoria e Planejamento de Shopping  
área do terreno  
12.300,00 m<sup>2</sup>  
área  
17.855,00 m<sup>2</sup>

# Edifício comercial e residencial Tecplan

data  
2002

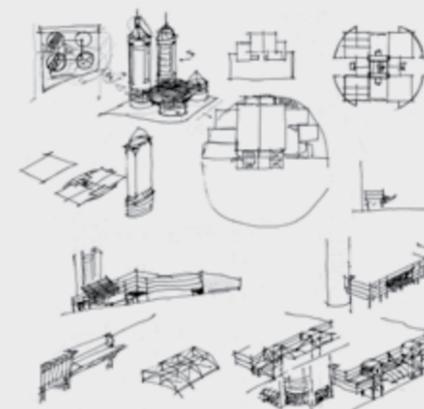


arquitetos  
Sylvio Emrich de Podestá  
Júlio Araújo Teixeira

localização  
Belo Horizonte | MG

Belo Horizonte tem na sua legislação uma anomalia: garagens acima das lojas e sobre-lojas, avançando até o alinhamento e divisas, nominadas 2º. Pavimento 1, 2º. pavimento 2 e assim sucessivamente até 10,80m e ali o Pilotis, lá no alto. Role no túmulo Corbusier.

Este projeto procura resolver esta questão incorporando estes pisos de garagens ao corpo do prédio, desenha uma torre com base, fuste e cobertura/capitel a partir do velho e conhecido partido em "H", com quatro pequenos apartamentos por andar, programa exatamente igual ao edifício vizinho que se vê na maquete. Também marca a esquina com um forte desenho como devem estas visadas em tensão.



localização  
Belo Horizonte | MG

arquitetos  
Sylvio Emrich de Podestá  
Júlio Araújo Teixeira  
área terreno  
18.000,00 m<sup>2</sup>

# Edifício comercial e residencial Tratex

data  
2002

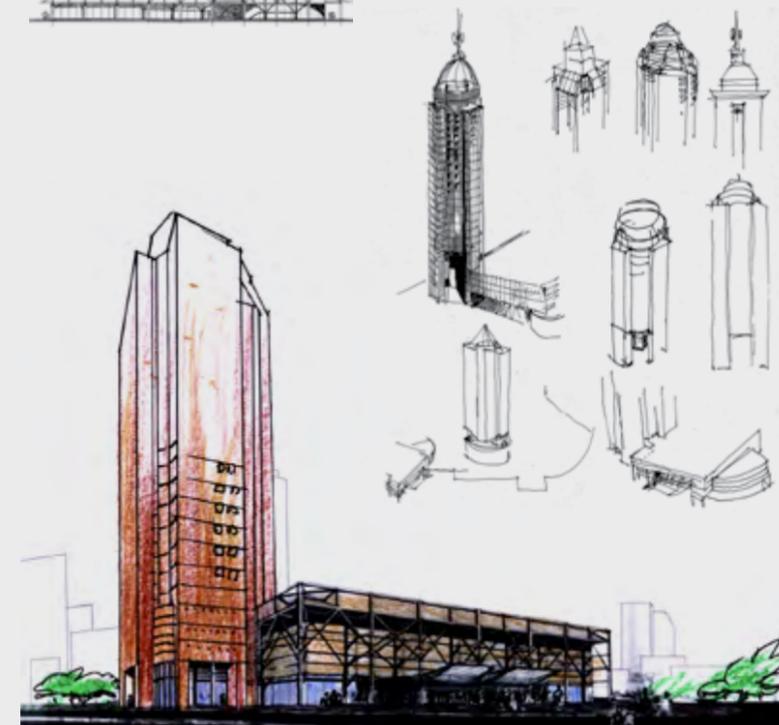


Este terreno foi durante muito tempo parte do imaginário imobiliário da cidade. Vários arquitetos fizeram ali propostas nas quais uma grande área era reservada a lojas, meio shopping center meio galeria como as antigas existentes no centro da cidade.

Estacionamentos, muitos e apartamentos também muitos. O local é uma espécie de transição entre uma conturbada avenida sanitária e novos bairros classe média alta que começavam a ser ocupados.

Tempos depois um restaurante de hambúrguês ocupou a esquina e as torres residenciais lhe fazem moldura. O mercado desviou seu olhar para outras plagas e do imaginário restaram apenas estes desenhos, quando também fomos chamados para ali intervir.

Pobre destas cidades que passam tão rápidas. Passo.



# CEPEL ginásio poliesportivo

arquiteto

Sylvio Emrich de Podestá

colaboração

Pedro Aragão de Podestá

proprietário

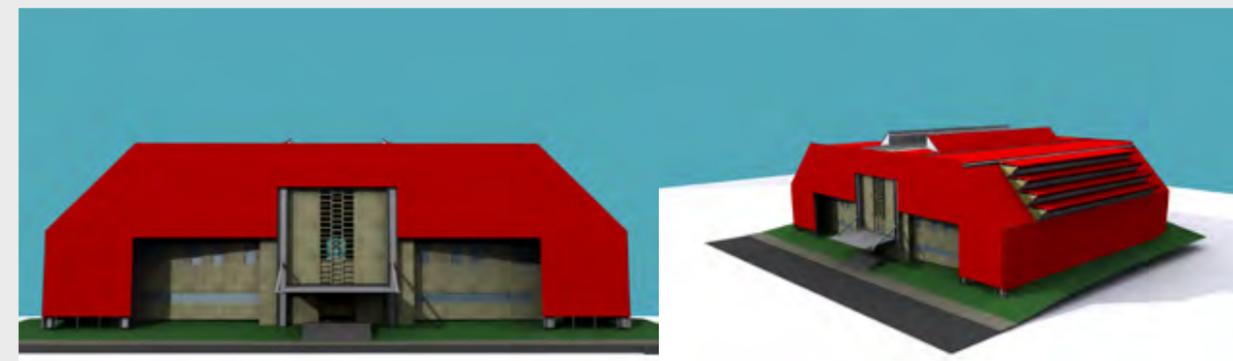
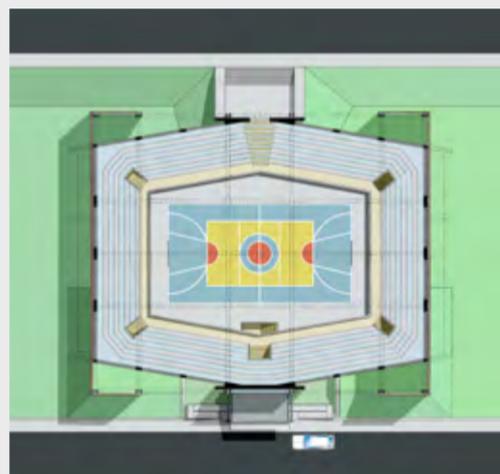
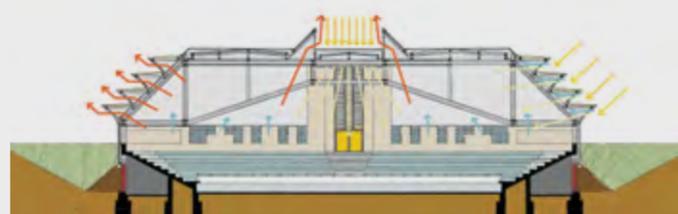
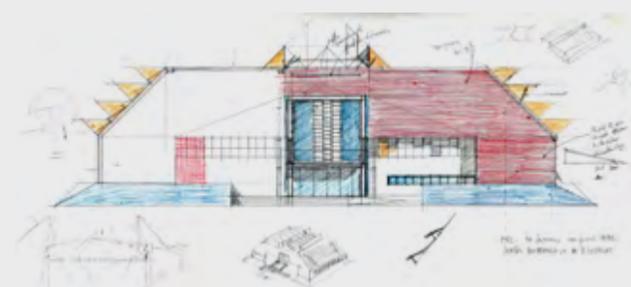
Prefeitura Municipal de Pedro Leopoldo

cálculo estrutura metálica

Techneação Engenharia Ltda.

área cobertura

1.540,00 m<sup>2</sup>



data  
**2005**

localização  
Pedro Leopoldo | MG

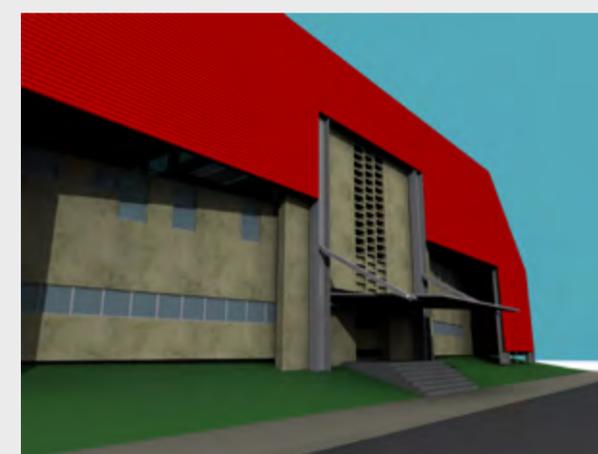
Localizado no Centro Esportivo de Pedro Leopoldo, CEPEL, este ginásio era de grande importância para a prática esportiva da cidade e, em especial, para um vencedor time de vôlei que por ali existiu. Em algum momento sua cobertura foi abaixo por motivos não conhecidos. Nossa tarefa era propor uma nova cobertura que atendesse às exigências atuais dos esportes ali praticado entre elas, a liberação de um pé direito em toda a extensão da quadra, condição importante desde o famoso saque do Bernardo, o "Jornada nas Estrelas".

Por outro lado, seu desenho característico e de acordo com o parecer dos órgãos de preservação do patrimônio fazia parte do imaginário da cidade e assim deveria ser preservado no que restou, reportando-se aos tempos onde esta imagem se fixou. Nada mais justo.

Uma grande caixa metálica estruturada em perfis "I" e "H", fechada com painéis termo-acústicos, aberturas protegidas para o uso adequado de luz e ventilação natural, acústica e a possível acessibilidade anteriormente inexistente.

As demais pendências como a reforma dos equipamentos de apoios, volta do piso flutuante da quadra e outras, foram sugeridas e serão consideradas em outra etapa.

A proposta foi aprovada e autorizada pelo arquiteto que havia projetado este ginásio.





arquitetos  
 Sylvio Emrich de Podestá  
 Mateus Moreira Ponte

colaboração  
 Pedro Aragão de Podestá  
 Gian Paolo Lorenzetti

proprietário  
 Prospectiva Engenharia

área do terreno  
 16.375,19 m<sup>2</sup>

área  
 31.375,00 m<sup>2</sup>

## Condomínio vertical Fazenda da Serra

Proposta para implantação de condomínio vertical com mix completo de moradias e lazer além de grande demanda de garagens, complementar ao Condomínio Fazenda da Serra, localizado na região da Pampulha e com grande oferta de áreas verdes.

Com baixa ocupação (máximo 20%) e a partir de sua privilegiada localização deveria ter características que o diferenciasse da oferta existente. dentre elas a privacidade, vista, lazer, áreas verdes, segurança, arquitetura e baixo custo operacional.

Finalmente concebido pelo proprietário em todos seus itens, destaque para a importância que a arquitetura teria no conjunto como abordagem diferencial até então existente no mercado imobiliário.

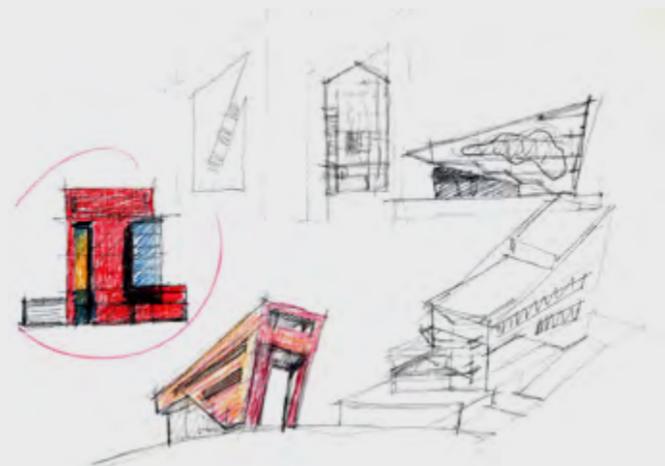
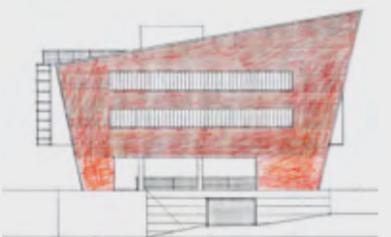
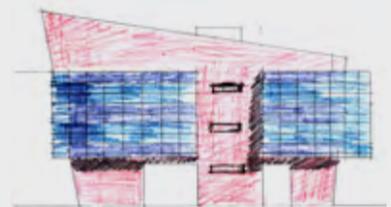
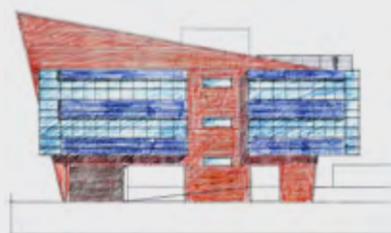


localização  
 Belo Horizonte | MG

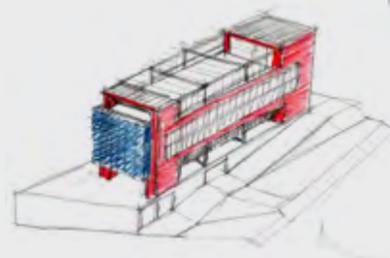
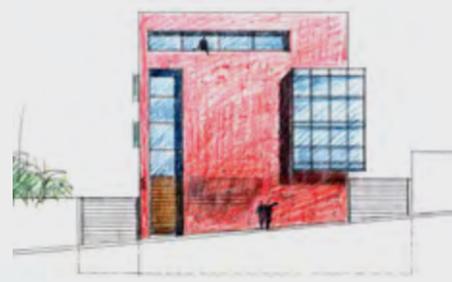


data  
 2005





## Sede Extra Engenharia



data  
**2005**

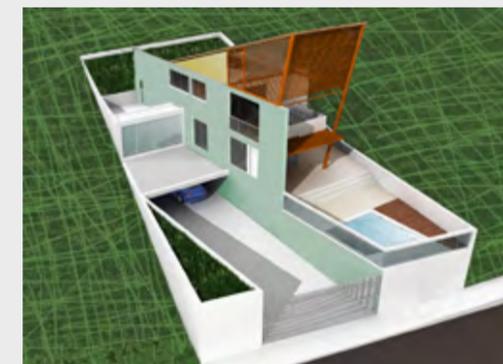
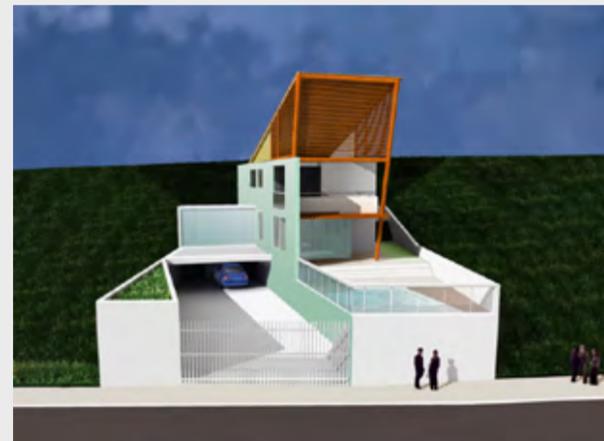
localização  
Belo Horizonte | MG



arquiteto  
Sylvio Emrich de Podestá  
área terreno  
608,00 m<sup>2</sup>  
área  
1.647,00 m<sup>2</sup>

Como toda empresa em expansão cuidar bem da operação administrativa é fundamental. Este edifício além permitir a melhora desta função também acrescentaria uma imagem contemporânea a empresa que tem seu trabalho focado em edifícios administrativos e institucionais.

Os diversos croquis ilustram a procura formal.



## Casa Paulo e Tatiana

data  
**2005**



localização  
Conceição do Mato Dentro | MG

arquiteto  
Sylvio Emrich de Podestá  
área terreno  
450,00 m<sup>2</sup>  
área  
170,00 m<sup>2</sup>



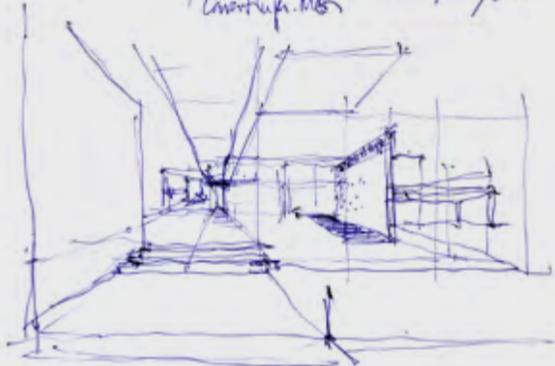
Este projeto tem um caso especial. Os proprietários namoraram o lote por tempos, e ali nos fundos do lote, lá no alto, um banquinho para perceberem vista, ventos, sol, Conceição lá embaixo e o construir sonho da casa. Ela veio desenhada em perspectivas e cheia de recomendações.

Tinha também alguns textos, poemas como o BAR, Chego sólido/Fico líquido/Fervo amor/Evaporou. Completas informações que transformei neste estudo. Parou por aí. Recebi uma escultura como tratamos como parte do trabalho e um texto de agradecimento e nunca mais encontrei estes meus clientes poetas/artistas. Ficou um meio vazio. Preciso ir a Conceição mato adentro.

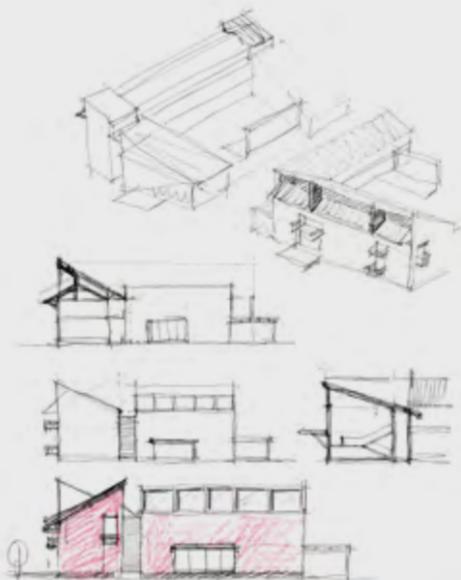




Casa Cláudio Jane - novembro/06  
Caratinga, MG



Pátio Central



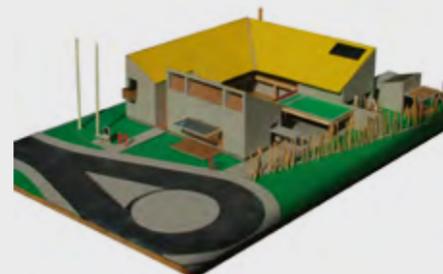
## Casa Cláudio e Jane

localização  
Caratinga | MG

Uma casa meio fazenda meio cidade. Extenso programa, interiorizada a volta de um pátio central, espelho d'água e cascata. Muitos quartos e grandes espaços para a família numerosa e amigos.

Em alguns pontos altos pé direitos, outros, transparentes e outros acolhedores. Visadas se cruzam no caminhar das varandas internas, claustro. Ali também se aproveita da sombra e da intimidade. Nas noites, como nas casas árabes, recorta-se o pedaço de céu devido, privatizado.

Alguns pontos se abrem para rua do pequeno condomínio. É hora de cumprimentar os vizinhos e sentir o vento fresco chegar.

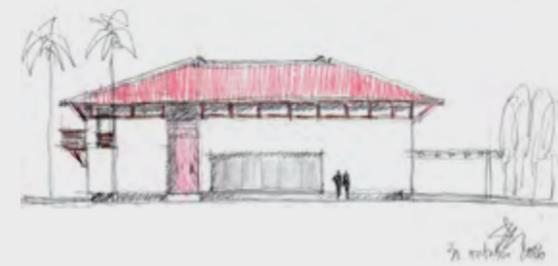
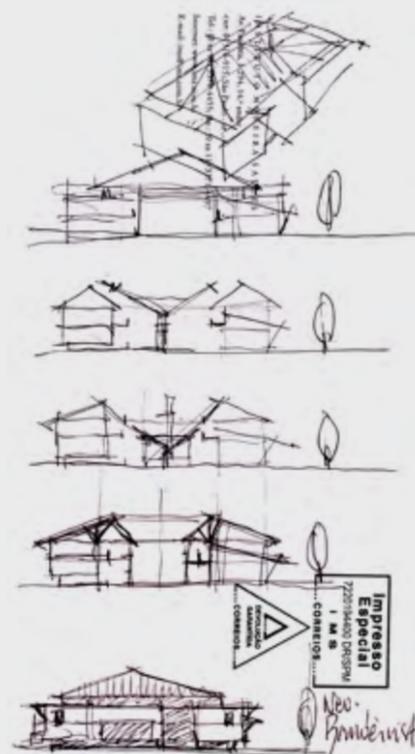


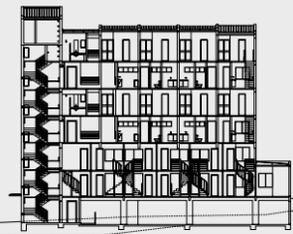
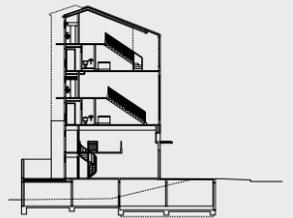
data  
2006

arquiteto  
Sylvio Emrich de Podestá

área terreno  
1.210,05 m<sup>2</sup>

área  
725,00 m<sup>2</sup>





# Edifício comercial e residencial Pium-Í

localização  
Belo Horizonte | MG



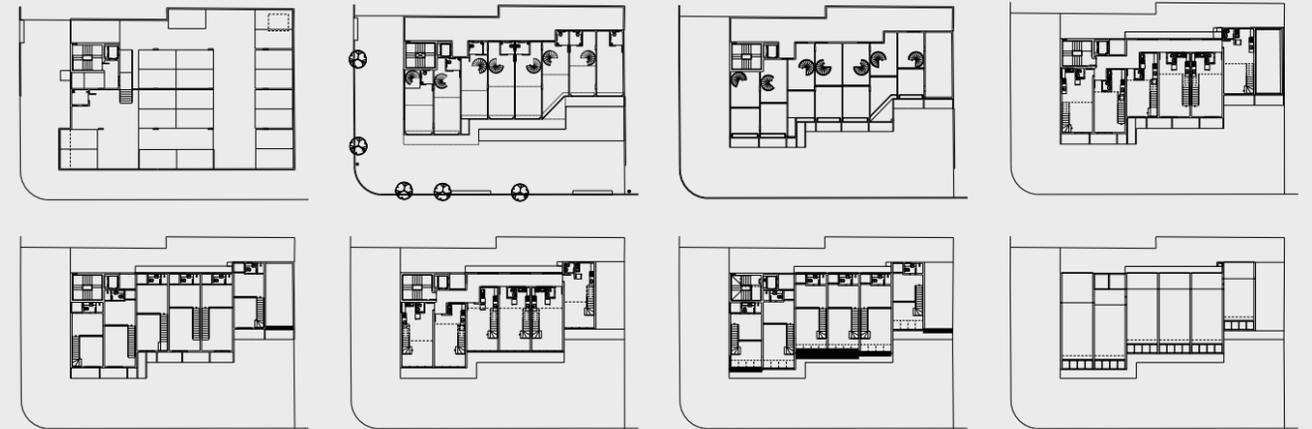
Inserção de um edifício a ser construído em terreno vizinho a uma residência com características únicas no que diz respeito a época, estilo e pretende, com sua forma de implantação responder às questões da preservação do que diz respeito a proximidade com a construção e ampliação da perspectiva do volume no sentido frente/fundos.

Orientados apenas pelos afastamento legais previstos de construção a construção em situações semelhantes diminuiríamos a possibilidade de leitura da volumetria principal da casa vizinha. De um lado prejudica a visão do observador vindo da rua principal e amplia para um fundo de construção vista que nos parece desprovida de valor arquitetônico.

Projetamos afastamentos sucessivos no sentido esquina/divisa, o que libera a volumetria realmente rica da casa e contribuem para a valorização do imóvel a ser preservado a partir desta ampliação da perspectiva urbana, deste olhar possível, seja como pedestre ou como motorista.

Em relação à vista oposta, mesmo contra o fluxo principal, a volumetria final da casa é também valorizada como objeto de destaque.

Comercialmente este largo passeio resultante potencializa o uso das pequenas lojas inferiores. Acima, dois andares duplex, hoje erroneamente chamados de lofts, com seis apartamentos de um quarto, com grande pé direito e aberturas generosas que qualificam



data  
**2006**

arquiteto  
Sylvio Emrich de Podestá

colaboração  
Paulo Orlando Greco  
Pedro Aragão de Podestá

proprietário  
Alemi Empreendimentos Imobiliários Ltda.

área terreno  
591,00 m<sup>2</sup>

área  
1563,00 m<sup>2</sup>



## Casa Weyden e Ana Paula

Casas brancas e vidros verdes.

O que levou pessoas a terem casas com tipologia tão semelhante a alguns exemplares da arquitetura modernistas de décadas atrás, com composições abstratas, planos sucessivos, cheios e vazios, transparências, retículas e eventualmente a madeira envelhecida num claro contraste com a tecnologia do vidro e a lisura da alvenaria?

O que trouxe esta tipologia à tona após a clara aversão em tempos próximos aos seus projetos e sua radical substituição por estilos neocoloniais, mediterrâneos, chalés afrancesados e enxamels alemães numa espécie de confronto leigo a tirania da arquitetura dogmática vigente?

O que faz deste retorno, agora de caráter eminentemente estético, longe da tentativa ideológica do passado recente e da procura de uma arquitetura universal, algo com características tão maciçamente aceitas, vistas e revistas em publicações locais e de toda a parte do mundo?

Penso que este conjunto imenso de projetos brancos permitem alguns momentos de sofisticação estética de imensa erudição, estruturalmente corajosas, reducionistas no uso de materiais e implantações topográficas de raras especificidades. Outros apenas copiam, vão atrás de um aparente modismo e como em qualquer época, acabam por banalizar

um momento da arquitetura, principalmente residencial, e compor a parte desafinada desta teórica orquestra.

O que posso observar ou visualizar é a imensa quantidade de exemplares implantados por todas as cidades, sejam em praias, matas ou montanhas, brancas e virgens como Mikonos vista ao longe ou mesmo uma Ville Savoy, solta em sua plenitude discursiva.

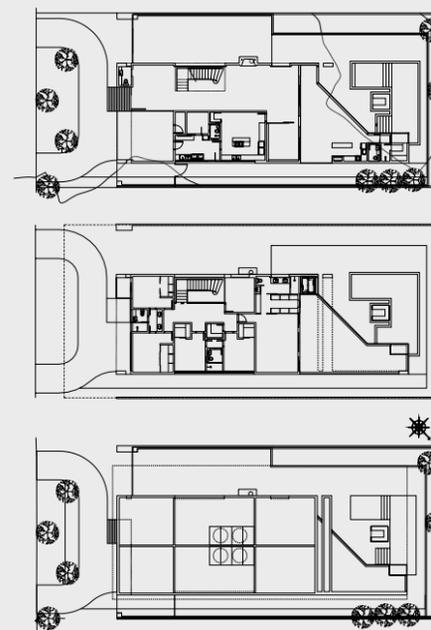
Este tipo de casa é um desafio para um arquiteto que trouxe do modernismo ensinamentos outros além do formal e a ele juntou discursos contextualistas, culturas localizadas e uma longa e permitida conversa face a face com os clientes, numa procura algo psicológica da compreensão de seus valores e querências.

O terreno tem dimensões urbanas e a casa está firmemente plantada na sua planura. Divide-se em duas alas na parte inferior com o lazer aos fundos. Acima, muitos quartos e uma grande área para o casal que sugeriu um terraço para que dali se avistasse a lagoa próxima. Pórticos, como pede esta linguagem, organizam a volumetria final. Grandes aberturas envidraçadas e brises recompõem a composição na área de serviços.

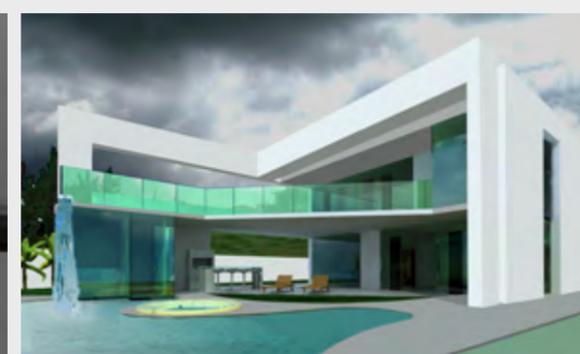
Tento fazê-la cinza. Sua alvura terá vida curta em terra de minério.



arquiteto  
Sylvio Emrich de Podestá  
colaboração  
Pedro Aragão de Podestá  
Paulo Orlando Greco  
área terreno  
720,00m<sup>2</sup>  
área  
447,00m<sup>2</sup>



localização  
Nova Lima | MG  
data  
2007





Sylvio E. de Podestá |